

OS
ESPLENDORES DA FÉ

I

OS
ESPLENDORES
DA FÉ

ACCORDO PERFEITO DA REVELAÇÃO E DA SCIENCIA,
DA FÉ E DA RAZÃO

PELO

REVERENDO MOIGNO

CONEGO DE S. DYONISIO

FUNDADOR-DIRECTOR DO JORNAL «COSMOS-OS-MUNDOS»

É preciso que Elle cresça, e quanto a mim,
que diminua!

S. JOÃO, CAP. III, v. 15.

VERSÃO PORTUGUEZA

DO

PADRE FRANCISCO MANOEL VAZ

ANTIGO MISSIONARIO D'AFRICA ORIENTAL

Com auctorisação e approvação do em.^{mo} snr. D. AMERICO

CARDEAL-BISPO DO PORTO

DA QUARTA EDIÇÃO FRANCEZA

TOMO I

A FÉ

COM TRES INDICES: 1.^o Analytico por nomes de auctores; 2.^o Analytico por ordem de materias;
3.^o Dos auctores citados e para consultar

PORTO

ANTONIO DOURADO-EDITOR

Rua dos Martyres da Liberdade, 137

1889

'DEDICATORIA aos meus caros companheiros e amigos, Pa-
dres Custodio Maria Henriques Farto, Luiz José da
Silva e Antonio José de Souza Barroso.



EMBREI-ME de vós, caros companheiros, ao
dar começo a esta versão dos *Esplendores
da Fé*.

No cofre do coração vivieis como gra-
tas recordações de um passado, todo cren-
ças, todo dedicação, todo zelo apostolico, joias de pre-
ciosissimo valor, pedras das mais limpidas aguas.

Onde poderia eu encontrar numen mais auspicio-
so, que o da amizade, ou mais efficazmente protector,
que o da vossa virtude?

Permitti pois que me abrigue á sombra bemfazeja
d'esta arvore frondosa e vicejante, em quanto durar o
transcurso d'esta viagem de penna, como procurava-
mos nos longos e calcinantes soes africanos a sombra
amiga dos habitantes da floresta, ou os fios de prata do
regatinho murmuroso que nos refrescava o sangue.

Sêde-me, pois, seguro amparo, bordão firme e con-
solação suave e indeficiente, até que deponha fatigado
o calamo na friseta da escrivaninha, e afinal console os
pulmões em inspiração longa e profunda.

Consagro-vos este modestissimo trabalho. Além
do encanto que tem a verdade para os seus amigos, ao
lerdes, encontrar-vos-heis em cada pagina na photogra-
phia dos sentimentos do Auctor, e por uma associação
de ideias facil e bem vinda, imaginareis que a despeito
das distancias, estais conversando com o traductor

ácerca das bellas cousas que fizemos, e dos esplendísimos panoramas que a Africa descerrou aos nossos olhos maravilhados, ou então que contemplamos juntos esse eterno poema, sempre velho e sempre novo, do refulgente céu austral.

Arrecadados afinal ao canto da lareira, como esses cavalleiros piedosos da meia idade, ruminando as estrophes d'essa epopeia sublime, por certo registados no immenso archivo do mundo psychologico (onde nada se deve perder, como nada se perde no mundo mechanico) revoando pelos paramos espaçosos de um ideal sem termo, podereis de onde a onde abater o vôo para tomar repouso d'esse trajecto vertiginoso e sorridente nas paginas bem pensadas do Padre Moigno.

E se até ao livro 4.^o, precedido da sua autobiographia, sympathisaveis com este investigador paciente, vasto e profundo, com este cantor das harmonias entre a Fé e a Razão, chegados ahi, redobrará vossa estima e veneração por elle, quando souberdes, que benemerito, como poucos, da religião e da sciencia, da Egreja e do seu paiz, viveu longos annos esquecido e pobre, quasi votado ao ostracismo por aquelles que mais o deveriam amar, até ao dia, em que um politico não faccioso, nem ingrato, lhe estendeu a mão, para o não deixar morrer na fetida enxerga de algum hospital.

Como vêdes, é sempre o entremez forçado no dra-

ma perpetuo d'este mundo, que os que trabalham proficuamente e com a consciencia da propria dignidade sejam esquecidos e a custo supportados, e depois — geralmente quando mortos, — carpidos como victimas das injustiças dos homens. N'este ponto o mundo não vai mais adeantado, do que ha dezenove seculos o estava, quando o Filho de Deus lançava ás faces impudentes dos politicos facciosos do seu tempo aquella vibrante apostrophe: « Vossos pais mataram os prophetas; mas vós sois conniventes nas suas obras, levantando sepulchros aos seus despojos. »

Tambem hoje é costume lastimar o desconhecimento, a dureza e a ingratição; a emenda porem é nenhuma, porque tudo aquillo é fructo precoce de um sentimento esteril e vagabundo.

Não podeis contar pois nem vós, nem os que, como vós, trabalharam na improba tarefa de civilisar a Africa pelo christianismo, com a secretaria, chamada da *justiça*, ainda mesmo que o *catholico* snr. Beirão seja lá o inquilino; ali, por via de regra, não se entra pela porta, é preciso penetrar pela trapeira, puxado por algum cabo emerito nas pugnas *edificantes* do suffragio; e fazer depois juramento da entrega de alma e corpo á seita, quando longos annos de serviços, a ella prestados, não abonem uma automatica subordinação. Esquecei, por favor, esses decretos de 21 d'agosto de 1871 e de 3 de

dezembro de 1884, onde se consignam os direitos e privilegios que a nação concedeu aos que terminassem um certo numero d'annos de serviço ecclesiastico nas possessões; se o não fizestes já, fostes uns insensatos, ficai-o sabendo; e serieis hoje uns impertinentes, se vos atrevesseis a exigir o cumprimento d'aquellas promessas; mais: commettestes o enorme delicto de não ficardes lá pelas colonias, ou ao menos de, arruinados pelos estragos do clima, não soltardes o ultimo alento na barra do Tejo, porque então a patria, agradecida n'um d'esses estremecimentos de suprema ternura e generosidade, teria mandado ao navio a tumba e quatro gatos pingados para remover os vossos restos para o alto de S. João.

E morrerieis, perdoando de certo a esses ingratos, o olvido a que vos lançavam; mas com a amargura no coração, por saberdes que o Justo Juiz é o vingador sancto das grandes injustiças.

Podeis ao menos esperar de tão *catholico* ministro, como é o actual, chamado das justiças, uma epistola consolatoria, recheiada de bellas reflexões christãs, em que, procurando suavisar a vossa dor, levante o vosso animo abatido na especulação e na esperança dos bens celestiaes, de que é pena que sua ex.^a não seja o dispensario, porque d'esses promettia elle largo jubileu.

Se frisei este ponto, meus caros companheiros, e

vos parecer que o fiz abatendo o vôo, baixando do céu da aguia para o dos passaros mais chatins e vividoiros, desculpai, que o não fiz por vós, cuja abnegação conheço, fil-o por outros presentes e futuros, que torpemente caloteados, debalde procuram um tribunal, onde possam fazer responder estes *honestissimos* engajadores.

Acceitai, meus caros, este singelo preito de muita amizade, esta affirmação publica do quanto vos prezou sempre e ainda vos preza o que é

Bragança, 15 d'abril de 1889.

Todo vosso

O TRADUCTOR,

P.º Francisco Manuel Vaz.

*Dilecto Filio FRANCISCO MARIE MOIGNO, canonico
Sancti Dionysii,*

LEO P. P. XIII

DILECTE FILI, SALUTEM ET APOSTOLICAM BENEDICTIONEM

Fieri non poterat, Dilecte Fili, quin sapientissimus physici et super naturalis ordinis auctor ita visibilium rerum scientiam ad revelatarum a se veritatum notitiam ordinaret, ut homo, quem propter se condiderat, invisibilia ipsius, per ea quæ facta sunt, intellectu conspiceret. Itaque, sicut opera Dei revelare et confiteri honorificum est; sic omnino commendandum se præbet, qui mirum hunc ordinem exponere scite et illustrare aggrediatur. Quod autem semper est utile, id plane necessarium fecit præsentis ætatis elatio; quæ vetustissimum illud *Non scribam* iterans, Deumque ab humanis ablegatura rebus, dominationem ejus spernit, majestatem blasphematur, et quæcumque naturaliter novit, aut liberaliter ab ipso accepit, in eundem impie retorquet. Id vero difficillimum et plane salebrosus facit nobile inceptum: ab eo enim, qui illud aggrediatur, postulat solidam et amplissimam non sacrarum modo, sed et physicarum rerum notitiam, ac innumerorum ferme librorum variis editorum linguis lectionem, unde hauriri potuerint tum vetera ac recentia sophismata ordini objecta, tum novi quotidie progressus naturalium disciplinarum, qui luce sua discuterent tenebras ab illis offusas. Gratulamur itaque tibi qui, opera diu naviterque impensa sive addiscendis sive tradendis philosophicis theologicisque disciplinis, sic te physicis addixisti, ut in universis earum partibus exponendis atque illustrandis publicam assequutus fueris promotoris earum laudem. Quæ sane in uno homine raro exemplo conjuncta, sicuti nequeunt apud veritatis amatores magnam non conciliare auctoritatem doctæ ac laboriosissimæ lucubrationi tuæ *de Splendoribus fidei*; sic osores illius cohibere debebunt, ne volumina tua eo supercilio excipiant, quo minus idonei et æqui disceptatoris tam variæ, gravis et arduæ materiæ. Illa certe providentia, quæ attingit a fine ad finem fortiter et disponit omnia suaviter, te perspicaci docilique ditavit ingenio, tenaci conjuncto et fideli memoriæ, per quæ et oblata perspiceres illico, et perspecta constanter retineres; patiens quoque et inexple-

bile studium tibi indidit scientiæ, quod oculis obverteret, veluti sponte, quidquid congerendum foret ad opus tam diversæ ac disparatæ naturæ contexendum; ac demum, occasione passim oblata peculiarium de rebus physicis disquisitionum, te ad eas sic pertractandas exercuit, ut easdem ad scientiæ propectum simul exigeres et ad religionis tutelam et gloriam. Et quoniam expositio et ordinatio materiæ tota vita coacervatæ complurium adhuc annorum operam postulabat juvenilem senectuti tuæ vigorem servavit mentis et corporis, qui tam diuturnum et improbum tolerare posset laborem; ita ut non immerito censi valeat, te peculiarem istius operis edendi missionem fuisse sortitum. Quod sane dum novas a nobis elicit gratulationes, spem quoque non mediocrem facit veræ solidæque utilitatis lucubrationis tuæ; cujus quidem, ipsa moles et non si verit Nos, tot curis distentos, vim et eruditionem proprio percipere obtutu; oblationem tamen acceptissimam et plane pretiosam fecerunt ipsa scripti indoles et publica commendatio. Pergrati itaque animi Nostri significationem excipe, simulque vota quæ edimus pro largo ac perenni tanti laboris fructu ejusque tibi sit auspex Apostolica Benedictio, quam paternæ Nostræ benevolentia testem tibi, Dilecte Fili, peramanter impertimus.

Datum Romæ, apud S. Petrum, die 3 julii, anno 1876.
Pontificatus Nostri anno secundo.

LEO P. P. XIII.

O precioso pergaminho vinha acompanhado da seguinte carta de cumprimentos que eu altamente aprecio: « Monse-
« nhor Mercurelli, secretario dos breves aos Principes, jul-
« gando-se feliz por ter tido ensejo de chamar a attenção do
« Santo Padre para o merito insigne da obra — *os Esplendo-*
« *res da Fé*, enviando ao illustre e celebre auctor a Carta
« Pontificia, lhe reitera suas felicitações, reconhecimento e
« suas homenagens. »

F. MOIGNO

*A nosso carissimo filho FRANCISCO MOIGNO, conego de
S. Dyonisio*

LEÃO XIII, PAPA

CARO FILHO, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

Não podia, caro filho, o sapientissimo auctor da ordem physica e sobrenatural, deixar de coadunar a sciencia das cousas visiveis com o conhecimento das verdades por elle reveladas, de tal sorte que o homem, que para si creou, fosse encaminhado por aquillo, que faz, para a concepção intellectual de suas cousas invisiveis. Eis o motivo, porque sendo muito honroso revelar e confessar as obras de Deus, se torna altamente recommendavel aquelle que emprehende sabiamente expor e fazer brilhar esta ordem admiravel de cousas. Mas, o que é sempre util, passa a volver-se de uma actualidade palpitante pelo orgulho dos tempos modernos, que repetindo aquelle velho grito de revolta: *Não servirei*, e pretendendo pôr Deus fóra das cousas humanas, despreza sua soberania, blasphema sua Magestade, revira impiamente contra elle tudo quanto conhecem naturalmente, e d'elle recebem com liberalidade. Isto porém torna muito ardua, muito difficil tua empreza, pois reclama de quem a toma a seu cuidado, uma sciencia solida e muito vasta, não só das cousas sagradas, mas tambem das cousas physicas, a leitura de innumeradas obras, escriptas em tantas linguas differentes, onde era possivel beberem-se os sophismas, tanto antigos, como modernos, que se oppõem á ordem divina, e finalmente a iniciação nos progressos quotidianos das sciencias naturaes, que por sua luz dissipam as trevas adensadas por aquelles.

Felicitemos-te pois calorosamente a ti, que depois de um trabalho porfiado e longo, consagrado a aprender e a ensinar as sciencias philosophicas e theologicas, te has entregado com um tal ardor ás sciencias physicas, que na exposição e illustração de sua universalidade, tens merecido a gloria de ser appellidado publicamente seu promotor. Estas vantagens, tão raras vezes reunidas em um só homem ao mesmo tempo que são de molde a conciliar perante os ami-

gos da verdade uma grande auctoridade a tua sabia e laboriosa producção — *Os Esplendores da Fé*, tolherão o passo a todos os que a detestam, para que não repillam teus volumes com um desdem que não pode attingir aquelle que trata habil, e proficientemente, de materias tão variadas, tão graves e difficeis.

Esta providencia que abraça tudo com força, de um extremo a outro, e que dispõe tudo com suavidade, opulentou-te com um talento penetrante e docil, junto a uma memoria tenaz e fiel, que faz com que á primeira vista comprehendas o assumpto de que se trata, e depois de comprehendido t'o conserva e retem. Ao mesmo tempo concedeu-te um amor paciente e insaciavel da sciencia, que te tem posto no encalço de tudo o que devias reunir para compor uma obra de natureza tão diversa e tão multiplicada. Emfim multiplicando debaixo de teus passos as occasiões de poderes fazer pesquisas especiaes, relativas sobretudo ás sciencias physicas, preparou-te para as tractares de tal maneira, que as puzesses ao mesmo tempo ao serviço da sciencia, e contribuissem para defeza e gloria da religião. E como a redacção e ordem da disposição de materiaes reunidos durante uma vida inteira, reclamavam ainda um trabalho de muitos annos, reservou-te para a velhice um vigor juvenil de espirito e de corpo, capaz de supportar as fadigas d'um trabalho tão longo e tão persistente, de modo que se é induzido a pensar com razão que recebeste a missão especial de dares á luz esta obra. O que ao mesmo tempo que nos move a dirigir-te de novo nossas felicitações, nos dá uma esperanza não mediocre da utilidade real e solida de tua obra, a qual, absorvido como estamos por tantos cuidados e volumosa, como ella é, não podemos apreciar pessoalmente, ficando d'est'arte inhibidos de por Nós mesmos compulsar sua força e erudição, mas que no entanto em razão

do character proprio do livro e da estima publica que o cerca, não deixa de ser para nós uma homenagem muito grata e preciosa. Recebe pois este testemunho de nossa gratidão, e tambem os votos que fazemos pelo fructo copioso e duradouro de um trabalho immenso, e, como penhor do qual, te concedemos a benção apostolica muito affectuosamente a ti, caro filho, em prova de nossa paternal benevolencia.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, a 3 de julho de 1879, segundo anno de nosso pontificado.

LEÃO P. P. XIII.

PROLOGO



TITULO d'esta obra impoz-se espontanea e invencivelmente a meu espirito, como a expressão fiel do pensamento e do fim do meu trabalho! Mas um prelado eminente, modelo admiravel de sabedoria e de modestia, encontrou-o pretencioso.

Estes escrúpulos traziam-me tanto mais inquieto e descontente, quanto que já não era tempo de recuar. Estou plenamente tranquillo hoje que meu titulo cahiu dos augustos labios de Leão XIII. No mez de maio ultimo, Sua Santidade não vacillou em dizer aos nobres peregrinos allemães que o circumdavam: « Em verdade, de vossas palavras e de vossa presença n'este lugar, resalta como um *esplendor da fé*, que enche nosso espirito de alegria e nossos inimigos de espanto! »

Obrigado, Santissimo Padre, obrigado.

O pensamento de que um dia havia de publicar os *Esplendores da Fé*, remonta ao anno de 1831, e nunca mais me abandonou. Em todos os meus estudos ia fazendo reserva de dados e documentos destinados a meu futuro ensaio de conciliação da Revelação e da Sciencia, da Fé e da Razão. Só em 1855 é que me foi permittido dar um esboço de meu plano em modestas conferencias, de que fui encarregado, durante a quaresma, na igreja de S. Sulpicio.

Depois de trinta annos empregados em adquirir o cabedal de sciencia necessario, e em reunir os materiaes do edificio que tinha a construir, podia esperar que o levantaria em tres ou quatro annos; onze porém já lá vão, e acabo apenas de concluir.

O primeiro volume consagrei-o á Fé.

O segundo e o terceiro ao accordo da Revelação e da Sciencia: é sem duvida a parte principal de minha obra, aquella que tinha por missão especial e directa levar a bom fim.

O quarto ao accordo da Fé e da Razão.

Fiz o que pude; mas não fiz quanto desejava ter feito, o que teria devido fazer, e temo ter ficado aquem da tarefa que me impuz. Um trabalho de tanto folego, a firmeza do passo, a unidade de composição e de redacção, não estarão acima das forças humanas? Claudiquei algumas vezes, talvez muitas!

Esta confissão humilha-me, mas não me desalenta. Será sempre certo que o grão de trigo deve morrer para produzir o centuplo, que só *diminuindo* é que Jesus Christo e sua igreja *crecem*. Quanto a mim, julgo-me feliz por ser um servo inutil do Evangelho.

Por outra parte anima-me a consideração de que o fundo de minha obra ha de supprir as imperfeições da forma, e que, como colleção unica de factos preciosos, como conjuncto de provas victoriosas da divindade de nossa fé catholica, apostolica, romana, meus *Esplendores* hão de satisfazer plenamente o leitor.

Sem fazer a minima concessão, sem me apoiar na hypothese, sem nunca pactuar com systemas humanos, parece-me ter demonstrado até á evidencia, que em todos os innumeraveis pontos de contacto, a Revelação e a Sciencia, a Fé e a Razão estão de perfeito accordo.

A minha demonstração é antes excessiva, do que incompleta: é possivel que eu seja criticado pela ter levado tão longe, ou por ter entrado em tantos pormenores.

Mas note-se, que se entrei n'elles, a culpa é dos inimigos da Revelação, que a isso me compelliram. E, se alguém se der ao trabalho de confrontar minhas soluções com as dos apologistas que me precederam, um facto altamente significativo será posto em relevo, a saber: que os progressos das sciencias humanas tem sido tão lentos, que foi preciso chegarmos ao seculo XIX

para que plenamente se visse o nada das objecções minuciosas da falsa sciencia ou da meia sciencia.

José de Maistre, esse escriptor de olhar inspirado e prophético, em suas *Memorias e Correspondencias*, evocava de longe aquelle, que, sondando o mais profundo das sciencias, saberia elevar-se até ao ponto central, onde tocam a Deus, e unil-as á theologia. « Esperai, diz, que a affinidade natural da sciencia e da religião as reuna na cabeça de um homem de juizo: este homem será famoso e porá fim ao desencadeiar do seculo XVIII (á incredulidade e á Revolução). »

Eu não sou um homem de juizo; mas sabio e theologo, aspirei a ser seu precursor, reconhecendo-me indigno de lhe desapertar as correias dos sapatos.

A conciliação da Fé e da Razão é mais importante ainda, do que a conciliação da Revelação e da Sciencia, porque a Sciencia é filha e serva da Razão. Meu quarto volume exigia portanto uma attenção particular, vi-me obrigado por consequencia a lançar mão dos grandes meios para lhe assegurar o successo. Vai precedido de uma auto-biographia, em que enumero meus titulos e as provas de minha competencia. Exalto-me? é sem vaidade, e no interesse da grande causa que pleiteio. Demais para melhor grangear o terreno, para affastar da Razão a menor sombra de perplexidade, de novo estabeleço por um resumo muito breve dos tres primeiros volumes, o accordo perfeito da Fé e da Sciencia.

Ouso esperar d'este quarto volume, completo em toda a extensão da palavra, a purificação das vontades, o esclarecimento das intelligencias, a vigorisação dos corações, sobre os quaes nutro a esperança de algumas conversões. E tanto mais, que envidei todos os meus esforços para ser apenas o echo simples e verdadeiro, quanto um echo da nossa especie o póde ser, da lei immaculada do Senhor, que converte as almas, do testemunho fiel do Senhor, que dá a sabedoria aos mais pequenos.

Se pois n'este largo transcurso me escapou algum erro, eu o condemno desde já.

Se a interpretação que dei aos textos scientificos da sagrada Escriptura é temeraria, arriscada ou contraria á dos santos Padres e da tradição, eu a desconfesso.

Se dei a certos factos revelados um alcance que não tem, retracto-me.

Creio, e com a graça de Deus acreditarei sempre tudo o que crê a sancta Egreja catholica, apostolica, romana, no seio da qual quero viver como filho respeitador, submisso e devotado.

Além da fé, ha tambem a caridade! Se na qualificação e refutação dos erros, aconteceu servir-me de expressões muito vivas ou muito duras, peço que m'as perdoem. Aborreço o erro porque é essencialmente homicida, mas sou cheio de affeição e de ternura compassiva para com as intelligencias transviadas. Lamem-

to-os de todo o meu coração, e daria de boa vontade meu sangue para os esclarecer e salvar.

Já que o soberano Pontífice Pio IX, de sancta e illustre memoria, se dignou mandar-me dizer pela penna de um illustre cardeal, que me estimava muito; já que em um breve apostolico, a gloria a mais pura e a maior ventura de toda a minha vida, Sua Santidade tem levado sua bondade ao excesso de me felicitar por meus successos scientificos, pelo nome que me tem grangeado em França e no estrangeiro, e mais ainda por minha religião, integridade e submissão á Cadeira de S. Pedro: seja-me permittido, para supprir minha fraqueza e insufficiencia, arrecadar meus *Esplendores* á sombra protectora da recommendação que o immortal Pontífice em sua Encyclica de 21 de março de 1853, fazia nos seguintes termos a todos os cardeaes, arcebispos e bispos de França (App. ao tomo 1.º pag. 73):

« Não desprezeis cousa alguma para empenhar os homens eminentes pelo talento e a sã doutrina a que publiquem escriptos proprios para esclarecer os espiritos, e dissipar as trevas dos erros que se propagam. Forcejando por affastar dos fieis confiados á vossa sollicitude o veneno mortifero dos maus livros e dos maus jornaes, dignai-vos tambem, nós vol-o pedimos com instancia, favorecer com toda a vossa benevolencia e predilecção os homens que, animados do espirito catholico, versados nas letras e nas sciencias, consagram

suas vigalias a escrever e a publicar livros e jornaes : para que a doutrina catholica seja propagada e defendida, para que os veneraveis direitos d'esta sancta sé e seus ensinamentos tenham toda a sua força ; para que os sentimentos e opiniões contrarias a esta Santa Sé e a sua auctoridade, desappareçam ; para que a obscuridade dos erros seja banida, e as intelligencias sejam esclarecidas com a doce luz da verdade. »

Toda a minha confiança está ali. Se, apesar do meu nada, for auxiliado por meus pais no episcopado, bem como uma cidade forte, o meu livro celebrará suas victorias.

Gloria a Deus ! Paz aos homens de boa vontade !

Que vosso nome, ó Senhor, seja sanctificado ! que vosso reino chegue enfim ! que vossa vontade seja feita sobre a terra, como no céo !

E' preciso que Elle, Jesus Christo, cresça ! e que eu diminua !

S. Diniz, dia de Natal de 1878.

FRANCISCO MARIA-JOSÉ MOIGNO.

OS
ESPLENDORES DA FÉ

TOMO PRIMEIRO

A FÉ

OS ESPLENDORES DA FÉ


LIVRO PRIMEIRO

DA FÉ

Capitulo I. O symbolo da Fé, dogmas, moral, preces. — Cap. II. A Fé é necessaria. — Cap. III. — A Fé é rara. — Cap. IV. Causas geraes e communs da raridade da Fé: o espirito pagão. — Cap. V. Causas geraes e communs da perda da Fé: o espirito revolucionario. — Cap. VI. Causas individuaes da perda da Fé. — Cap. VII. A Fé é o complemento indispensavel e glorioso da razão. — Cap. VIII. A Fé não se impõe pelo raciocinio, nem pela discussão.

CAPITULO PRIMEIRO

O symbolo da fé, dogmas, moral e preces

O DAR principio a esta obra devo falar da fé dogmatica e moral. A primeira cousa a fazer será demonstrar que esta fé é absolutamente necessaria, e que ah! ella é bastante rara. Ora vogaria no vacuo, e não seria comprehendido, se não definisse desde já claramente a Fé, que tenho a peito fazer brilhar.

Definil-a-hei pois n'este primeiro capitulo.

Peço a todos, sem exceptuar aquelles mesmos que não crêem, que leiam attentamente o começo e re-

leiam ainda com mais attenção o final d'este exposto elementar da fé.

Ouso convidal-os a que recitem com simplicidade as breves orações, em que se resume o exercicio da vida christã. Será uma excellente preparação para a difficil e longa campanha, que teremos de fazer de companhia.

As orações fundamentaes da fé christã são divinas, e dictadas por um amor immenso da humanidade. A que sobretudo sahiu dos labios do Salvador dos homens respira ao mesmo tempo uma simplicidade e uma elevação infinitas. Quem não consentirá, por pouco que feche os ouvidos ao ruido das más paixões, em dizer a Deus com toda a sinceridade de sua alma: Santificado seja o vosso nome? O nome de Deus é o mais bello, o mais glorioso, o mais doce dos nomes!

Venha a nós o vosso reino! o reino de Deus é o reino da bondade, da justiça, da ventura!

Seja feita a vossa vontade! a vontade de Deus é a vontade sancta, perfeita e benevolente até ao excesso. Ora basta que a alma se abra plenamente a estes sentimentos tão naturaes, para que immediatamente se reconcilie com Deus, pura e sancta tambem ella, de todo preparada para ceder ás influencias vivificantes da fé.

Que coração humano, se der tregoa ao mal, se não sentirá feliz de poder dizer: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pobres peccadores, agora e na hora da nossa morte? Pois quando deixar falar este grito de piedade e de esperanza, terá fé!

Orai pois, caros leitores, orai, e minha obra produzirá em vós os fructos de benção que espero.

Esta synthese do dogma e da moral catholica é ingrata ao paladar da intelligencia, e rude ao ouvido, mas não podia preteril-a. Minha obra é um acto de obediencia a uma inspiração não humana, mas sobrenatural! Nada espero de mim, mas de Deus, que é mi-

nha luz e minha força! E Deus auctorisa-me a dizer a meus irmãos muito amados com o anjo do Apocalypse: Tomae este livro, devorai-o; será a principio amargo a vossas entranhas, mas bem depressa se vos tornará doce como o favo de mel: *Accipe librum et devora illum: et faciet amaricari ventrem tuum, sed in ore tuo erit dulce tanquam mel.*

I. Deus existe e é Um. Deus é o Ser necessario. O que é, puro espirito, eterno, immenso, omnipotente, infinitamente perfeito, bom, justo e sancto; por quem e em quem tudo subsiste, tudo se move, tudo vive; que está em toda a parte, que vê tudo, que conhece tudo, até os mais secretos pensamentos dos espiritos, até os mais occultos movimentos dos corações.

II. Ha em Deus tres pessoas realmente distinctas: a primeira, o Pai; a segunda, o Filho; a terceira, o Espirito Santo. O Filho é gerado do Pai; o Espirito Santo procede do Pai e do Filho. O Pae é Deus, o Filho é Deus, o Espirito Santo é Deus. E não são tres Deuses, mas um só Deus em tres pessoas, em uma mesma natureza ou essencia divina: E' o mysterio da SS. Trindade.

III. Deus creou o céu, a terra e tudo o que o céu e a terra encerram; tudo creou do nada por sua pura vontade. E' o mysterio da Creação. Deus creou os anjos, espiritos puros e livres. Uns, os maus anjos, os demonios, abusando de sua liberdade, revoltaram-se contra Deus, por orgulho, e soffrem no inferno o castigo da sua revolta. Outros, os santos anjos, fieis a Deus, adoram-n'ó, amam-n'ó, servem-n'ó na eterna ventura dos céos. Deus creou o homem, espirito e corpo, intelligente e livre, com aquelle mesmo destino de o co-

nhecer, de o amar, de o servir, de merecer a bemaventurança sobrenatural da eternidade.

IV. Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher, foram collocados no paraizo terrestre. Passado um tempo de prova, fixo por Deus, deviam sem soffrer a morte entrar de posse da felicidade sobrenatural dos céos. Elles porém desobedeceram e comeram do fructo prohibido. Decahidos então da vida da graça e da justiça original, tornaram-se propensos ad mal... Expulsos do paraizo terrestre, condemnados á fadiga, ao soffrimento e á morte, ficaram debaixo do poder do demonio, que os incitara á desobediencia. Este castigo e suas funestas consequencias, a ignorancia, a concupiscencia, a privação da graça sanctificante, alcançaram a posteridade toda inteira de Adão e Eva. Todos nós nascemos culpados, e excluidos da bemaventurança sobrenatural dos céos: E' o Dogma e o Mysterio do Pecado Original.

V. Deus apiedou-se do genero humano. Para nos restituir nossos direitos á celestial herança, para nos livrar da escravidão do peccado e do demonio, a segunda pessoa da SS. Trindade, o Filho de Deus, dignou-se fazer-se homem, tomando corpo e alma semelhantes aos nossos. Esta união intima em uma só pessoa, da divindade e da humanidade é um profundo mysterio. O mysterio da Incarnação.

VI. O Filho de Deus feito homem teve por mãe a bemaventurada Maria, da tribu de Judá, da familia de David, immaculada em sua conceição e sempre virgem. Concebido do Espirito Sancto pela virtude omnipotente do Altissimo, nasceu em a noite de 25 de dezembro, chamada a Noite do Natal. Teve por abrigo um estabulo, e por berço um presepio. Oito dias depois de

seu nascimento foi circumcidado e puzeram-lhe o nome de Jesus, que significa Salvador. Viveu sobre a terra em pobreza, na humildade e na practica das mais sublimes virtudes.

Depois de trinta annos de um retiro profundo, co-meçou sua vida publica, e exerceu durante tres annos seu apostolado, ensinando as verdades evangelicas, provando sua divindade por um grande numero de milagres, realisando em sua pessoa todas as prophecias, pelas quaes Deus o tinha annuciado aos homens.

VII. E' morto voluntariamente sobre a cruz por nós e por nossa salvação, no dia de sexta-feira sancta. Homem, soffreu; Deus, sellou seus padecimentos com um merito infinito. Por sua paixão e morte resgatou-nos da eterna condemnação: E' o mysterio da Redempção.

Resuscitou ao terceiro dia depois da sua morte, no sancto dia de Paschoa. Subiu ao céo quarenta dias depois da sua resurreição. Dez dias depois de sua Ascensão, no dia de Pentecostes manda o seu Espirito Sancto sobre os apóstolos. Ha de vir segunda vez no fim dos tempos a julgar os vivos e os mortos.

VIII. Jesus Christo fundou a sua Igreja, sociedade de fieis, que, unidos em uma mesma fé, sob o governo dos pastores legitimos, professam e praticam sua religião sancta. Não ha mais do que uma Igreja de instituição divina, a Igreja catholica, apostolica, romana, cujo chefe supremo é o Papa ou o soberano Pontifice romano, successor de S. Pedro, vigario de Jesus Christo, Bispo dos bispos, pastor tanto das ovelhas como dos cordeiros, centro da unidade, encarregado de defender do erro seus irmãos na fé e de os confirmar na verdade. Aquelle que não escuta a Igreja, que não obedece aos Bispos, e especialmente ao Summo Pontifice,

não escuta a Jesus Christo, e bandeia-se voluntariamente com os pagãos e os peccadores.

Fóra da Egreja, se não se pertence ao corpo da Egreja, ou pelo menos á Alma da Egreja pela boa fé, pela conformidade de vida com as luzes da rasão, pela observancia das leis conhecidas de Deus, não é possível salvar-se.

A Egreja, em sentido mais lato, comprehende não só os fieis que estão sobre a terra, mas tambem as almas do purgatorio e os sanctos do céo. Nós participamos dos meritos dos sanctos e das almas justas; podemos suffragar as almas do purgatorio por nossas preces, boas obras e indulgencias: n'isto é que consiste a communhão dos Sanctos.

As verdades que acabamos de enunciar estão contidas no symbolo dos apóstolos: o credo.

Devem crer-se de fé sincera, não sob a palavra dos homens que as annunciam, mas porque foram reveladas pelo proprio Deus e nos são ensinadas pela Egreja infallivel.

IX. Para se salvar, é mister não só crer firmemente todas estas verdades, mas ainda viver christãmente, observar os mandamentos de Deus e da Egreja, fugir do peccado e praticar a virtude.

Os mandamentos de Deus são em numero de dez.

1 Amar a Deus, adoral-o a elle só, amar ao proximo como a si mesmo por amor de Deus.

2 Honrar o sancto nome de Deus, não o profanar por juramentos ou blasphemias.

3 Sanctificar o domingo, e abster-se de toda a obra servil.

4 Honrar seu pae, sua mãe e todos os seus superiores espirituaes e temporaes.

5 Não matar o proximo, não lhe fazer mal, não

ter vontade de lh'o fazer, não dar maus exemplos, não ter odio, não se vingar, perdoar a seus inimigos.

6 Defender-se de toda a impureza, e abster-se de tudo quanto possa encaminhar para ella.

7 Não tomar, nem reter os bens d'outrem, não lhe causar damno algum.

8 Não levantar falso testemunho, não dizer mentiras, não fazer juizos temerarios, abster-se da maledicencia e da calunnia.

9 Affastar o simples desejo de acções condemnadas pelo sexto mandamento, e não se demorar em nenhum pensamento deshonesto.

10 Não desejar injustamente os bens de outro.

Os mandamentos principaes da Igreja são em numero de seis.

1 Sanctificar as festas de obrigação.

2 Assistir á santa Missa domingos e festas.

3 Confessar seus peccados ao menos uma vez no anno.

4 Commungar cada anno na egreja parochial, pela Paschoa.

5 Jejuar as quatro temporas, as vigalias de certas festividades, e toda a quaresma.

6 Abster-se de alimentos gordos nas sextas-feiras e sabbados e em outros dias prohibidos, a não se estar dispensado.

X. Para observar os mandamentos de Deus e da Igreja, temos absolutamente necessidade da graça ou do soccorro sobrenatural de Deus, devemos pedir-lh'a muitas vezes por humildes e ferventes supplicas, em nome e pelos meritos de Jesus Christo. A mais excellente das orações é o *Padre Nosso*, que Jesus Christo nos ensinou.

E' justo e grandemente proveitoso ter uma devoção e uma confiança particular na sanctissima Virgem.

que exerce junto de seu divino Filho uma omnipotencia supplicante: a mais bella oração que a Igreja lhe dirige é a *Ave-Maria*. E' tambem muito util honrar e invocar os anjos e os sanctos do paraizo, porque são os amigos de Deus, e muito nos podem ajudar por sua intercessão.

XI. Jesus Christo instituiu os sacramentos, signaes sensiveis e fontes invisiveis da graça invisivel, pela qual somos participantes dos meritos de sua paixão e morte. Os sacramentos são sete: o Baptismo, a Confirmação, a Eucharistia, a Penitencia, a Extrema-Unção, a Ordem e o Matrimonio.

1 *O Baptismo*, o primeiro dos sacramentos, o mais necessario para a salvação, apaga o peccado original e todos os peccados que se tiverem commettido antes de o receber. Communica a nossas almas a vida da graça, e faz-nos filhos de Deus e da Igreja. Todos podem baptizar, mas o leigo não deve fazel-o senão em caso de necessidade absoluta. Para baptizar, deita-se agua natural sobre a cabeça, de modo que seja corrente, dizendo: *N. (Pedro, Francisco, etc., o pronome christão da creança) eu te baptizo em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto. Amen.*

2 *A Confirmação* volve-nos christãos perfeitos, dando-nos com o Espirito Santo uma torça particular para confessar corajosamente nossa fé, e resistir aos inimigos de nossa salvação. Seu ministro é o Bispo ou o Padre especialmente auctorizado.

3 *A Eucharistia* é o mais augusto dos sacramentos, porque Jesus Christo ahi está real e substancialmente presente, seu corpo, seu sangue, sua alma, sua divindade. Na Sancta Missa, no momento, em que o Padre pronuncia sobre o pão e o vinho as palavras da consagração: *Este é o meu corpo etc., Este é o meu sangue etc.*, o pão é mudado ou transsubstanciado, torna-se o corpo

de Nosso Senhor Jesus Christo; o vinho é mudado em seu sangue: do pão e do vinho não restam mais do que as apparencias; Jesus Christo está presente em cada uma das especies. Assim, quando o Santissimo Sacramento está exposto ou encerrado no tabernaculo, é a Jesus Christo realmente presente que adoramos; e quando commungamos, é a Jesus Christo que recebemos para alimento espiritual de nossas almas. Não é nem sua imagem, nem sua figura, como o crucifixo, mas o proprio Jesus Christo, Deus e homem, Filho unico de Deus, nascido da Virgem Maria, que morreu por nós na cruz, que resuscitou, e que subiu ao céo. Sua presença na santa Hostia, miraculosa e invisivel, é tão real como no céo. Para commungar dignamente, santamente, é preciso não ter a consciencia manchada por algum peccado mortal; se se fosse peccador, commetter-se-hia um sacrilegio, comeria-se, beber-se-hia, na energica expressão de S. Paulo, seu proprio juizo e condemnação. Para commungar é mister tambem estar em jejum natural, a não ser que se receba a santa communhão como viatico. A santa Missa, na qual se opera o grande milagre que torna Jesus Christo presente debaixo das especies do pão e do vinho, é um sacrificio, em que Jesus Christo, pelo ministerio do sacerdote, continuando de modo não sangrento a immolação da cruz, se offerece por nós a Deus como victima.

4 *O Sacramento da Penitencia* foi estabelecido para remittir os peccados, commettidos depois do baptismo. Para obter o perdão dos peccados por este sacramento é mister confessal-os todos, pelo menos os mortaes, a um sacerdote que tenha do respectivo prelado a approvação e jurisdicção necessarias; ter d'elles sincero arrependimento, estar firmemente resolvido a não os commetter jámais, a fugir das occasiões proximas de novas quedas, a reparar a injuria feita a Deus, o mal causado ao proximo, emfim a cumprir a penitencia, por

elles imposta. Se faltar uma só d'estas disposições, aquelle que recebesse a absolvição, constituir-se-hia réo de um novo peccado grave, e commetteria um sacrilegio.

5 *A Extrema-Unção* foi instituida para allivio espirital e corporal dos enfermos; restitue ao corpo a saude, ou ajuda-nos a bem morrer.

6 *A Ordem* confere o poder de exercer as funcções sacerdotaes ou ecclesiasticas, e as graças para digna e sanctamente o fazer.

7 *O Sacramento do Matrimonio* forma e legitima a união dos esposos; dá áquelles que o recebem em boas disposições, as graças de que necessitam para viver em sancta affeição e para educar seus filhos christãmente.

Tres dos sacramentos, o Baptismo, a Confirmação e a Ordem imprimem n'alma character, i é, um signal espirital indelevel, que impede que se recebam outra vez.

XII. Ha para o homem duas vidas e duas mortes, a vida e a morte naturaes, e a vida e a morte sobrenaturaes. A vida natural consiste na união d'alma com o corpo; a morte natural na separação d'alma e do corpo. A vida sobrenatural consiste na união d'alma com Deus pela graça sanctificante; a morte sobrenatural é a separação d'alma com Deus pelo peccado mortal, i é, por uma transgressão grave de sua lei.

A vida d'alma é incomparavelmente mais preciosa, que a do corpo; a morte espirital é incomparavelmente mais terrivel que a morte natural. Jesus Christo disse: « De que serve ao homem ganhar o universo, se vem a perder sua alma! »

XIII. Os quatro novissimos do homem são: a morte, o juizo, o céu ou o inferno. E' certa a morte, mas o momento d'ella é incerto. D'este momento supremo de-

pende nossa felicidade, ou nossa desgraça eterna. A' morte segue-se o juizo particular, no qual Deus pede a cada um conta exacta e rigorosa de sua fé e de suas obras. O resultado d'este juizo é o paraizo ou o inferno, consoante o homem no instante da morte foi achado em estado de graça ou de peccado mortal.

No entanto as almas dos justos, que na morte não tiverem ainda satisfeito á divina justiça, vão para o purgatorio, logar de tormentos temporarios, e de expiação completa.

No fim dos tempos, depois da resurreição geral, virá o juizo derradeiro, onde serão manifestas as virtudes dos justos e os crimes dos maus. Estes irão para o logar dos supplicios; os justos subirão ao céo com Jesus Christo. A bemaventurança do céo e os tormentos do inferno serão eternos, não terão fim.

XIV. As principaes virtudes do christão são : a Fé, a Esperança e a Caridade.

1 A Fé é uma virtude pela qual crêmos firmemente as verdades que Deus revelou, porque nol-as revelou, e a Igreja nol-as propõe como objecto de crença.

2 A Esperança é uma virtude pela qual aguardamos com firme confiança na bondade de Deus, pelos meritos de Jesus Christo, a vida eterna e as graças para a conseguir.

3. A Caridade é uma virtude pela qual amamos a Deus sobre todas as cousas, por ser quem é, como nosso ultimo fim; e ao proximo como a nós mesmos por amor de Deus.

O christão é obrigado a fazer actos de fé, de esperança e de caridade, muitas vezes na vida, e em perigo de morte.

XV. Os sete vicios ou peccados capitaes, fontes de todos os outros peccados, são: 1 o Orgulho; 2 a Avareza;

3 a Luxuria; 4 a Inveja; 5 a Gula; 6 a Ira; 7 a Perguiça.

As virtudes oppostas a estes vicios, e fontes de todas as outras virtudes, são: 1 a Humildade; 2 o Desinteresse; 3 a Pureza e a Castidade; 4, a Caridade; 5 a Temperança; 6 a Paciencia; 7 a Diligencia ou o Amor do trabalho.

XVI. A observancia de toda a lei reduz-se ao cumprimento d'estes dous preceitos: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças. Amarás ao proximo como a ti mesmo.

O amor de Deus e do proximo traduzem-se em obras. Jesus Christo disse: Aquelle que me ama, observa meus mandamentos.

As regras da caridade christã são em numero de cinco:

Não faças aos outros o que não queres que te façam.

2 Faze aos outros o que queres que te façam.

3 Ama ao proximo como a ti mesmo.

4 Ama teus inimigos; faze bem aos que te aborrecem; ora por aquelles que te perseguem e te calumniam.

6 Forceja por amar a teu proximo, como Jesus Christo te amou a ti.

As obras de caridade, ou de misericordia são corporaes ou espirituaes. As primeiras, em numero de sete, são:

1 Visitar os enfermos; 2 Dar de comer a quem tem fome; 3 Dar de beber a quem tem sêde; 4 Vestir os que não tem vestido; 5 Dar hospitalidade aos que não tem abrigo; 6 Visitar e alliviar os presos; Sepultar os mortos.

As segundas, tambem em numero de sete, são: 1

Ensinar os ignorantes; 2 Dar conselhos aos que d'elles tem necessidade; 3 Esclarecer os que estão em erro; 4 Perdoar as injurias; 5 Consolar o que está triste; 6 Supportar os defeitos do proximo; 7 Orar a Deus por seus irmãos vivos e defunctos.

XVII. A Religião de Jesus Christo reúne-se toda inteira n'estas duas bellas palavras, trazidas do céo pelos anjos:

Gloria a Deus! Paz aos homens!

XVIII. Orações essenciaes dos christãos.

Signal da Cruz

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.
Amen.

Doxologia

Gloria ao Pai, ao Filho, e ao Espirito Sancto, agora e sempre, por todos os seculos dos seculos. Amen.

Oração Dominical

Padre Nosso que estais no céo; sanctificado seja o vosso nome; que vosso reino chegue; que vossa vontade seja feita sobre a terra, como no céo. Dai-nos hoje nosso pão quotidiano; perdoai-nos nossas offensas, como nós perdoamos aos que nos offenderam; não nos deixeis succumbir na tentação; e livrai-nos de todo o mal. Amen.

Saudação angelica

Deus vos salve, Maria, cheia de graça, o Senhor, é comvosco, bemdita sois entre todas as mulheres, e bemdito é Jesus, fructo de vosso ventre.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pobres peccadores, agora e na hora da nossa morte. Assim seja.

Symbolo dos Apostolos

Creio em Deus Padre Todo-poderoso, Creador do céo e da terra; e em Jesus Christo, seu unico Filho, Nosso Senhor; o qual foi concebido do Espirito Santo, nasceu da Virgem Maria, soffreu sob Poncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos; ao terceiro dia resuscitou dos mortos; subiu aos céos; está sentado á direita de Deus Padre Todopoderoso, d'onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espirito Santo; na Sancta Igreja Catholica; na communhão dos Sanctos; na remissão dos peccados; na resurreição da carne; e na vida eterna. Amen.

Confissão geral

Confesso a Deus Todopoderoso, á bemaventurada Virgem Maria, a S. Miguel Archanjo, a S. João Baptista, aos sanctos apostolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Sanctos, e a vós, meu padre, que eu pequei muito por pensamentos, palavras e obras: por minha culpa, por minha culpa, por minha grande culpa. Por isso peço á bemaventurada Virgem Maria, a S. Miguel Archanjo, a S. João Baptista, aos Sanctos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Sanctos, e a vós, meu padre, que rogueis por mim a Deus Nosso Senhor.

Que o Senhor Omnipotente tenha piedade de nós, nos perdôe nossos peccados, e nos conduza á vida eterna. Assim seja.

Acto de Fé

Meu Deus, creio firmemente tudo o que crê e ensina a sancta Igreja catholica, apostolica, romana;

creio-o, ó meu Deus, porque vós lh'o revelastes, e porque sois a mesma verdade, que não pode enganar-se, nem enganar.

Acto de Esperança

Meu Deus, espero com firme confiança que me haveis de dar pelos meritos de Nosso Senhor Jesus Christo vossa graça n'esta vida e a gloria eterna na outra.

Acto de Caridade

Meu Deus, amo-vos com todo o meu coração e sobre todas as cousas, porque sois infinitamente bom e infinitamente amavel; amo ao proximo como a mim mesmo por amor de vós.

Acto de Contricção

Meu Deus, tenho verdadeira dôr de vos ter offendido, porque sois infinitamente bom, e porque o peccado vos desagrada. Faço um proposito firme, mediante vossa sancta graça, de não mais o commetter e de fazer penitencia. Assim seja.

Apresso-me, ao terminar, a pôr em relevo, que este exposto, tão simples e tão grave, é por si só um dos mais brilhantes esplendores da fé.

Estes mysterios tão superiores á razão humana, de que a mais elevada intelligencia, a mais viva imaginação não podiam ter de si mesmas ideia alguma: o Ser divino, simples e ao mesmo tempo infinito e immenso! a Trindade de pessoas na unidade de natureza! uma só e mesma pessoa Deus e homem junctamente! o corpo, o sangue, a alma, a divindade de Jesus Christo realmente presentes debaixo das apparencias do pão e do vinho! a substancia do pão e do vinho mudada em substancia do corpo e sangue de Jesus Christo etc. etc.!

Estes mysterios tão profundos e impenetraveis tem sido cridos, e são-no vai em dezenove seculos por muitos dos mais bellos genios que tem visto o mundo. A fé dos grandes homens dos seculos os mais esclarecidos da historia era a fé do carvoeiro: Esplendor, Esplendor!

Estes preceitos tão austeros, estas leis tão sinceras, estes conselhos tão superiores ás forças da natureza, tem sido recebidos, observados, practicados ha dezenove seculos por uma multidão innumeravel de almas generosas, por vezes sanctas até ao heroismo! E ainda hoje, que a relaxação dos costumes é tão profunda e universal, milhões de christãos levam com gosto e altivez esse jugo tão pesado: Esplendor, Esplendor!

Essas preces tão candidas são repetidas ha dezenove seculos pelos labios os mais eloquentes, os mais puros, os mais doces da humanidade! Ainda hoje sahem pressurosas e ardentes de milhões e milhares de corações amantes e de boccas piedosas: Esplendor, Esplendor!

Finalmente, esta fé catholica tão formidavel em seus mysterios, tão sublime em seus dogmas, tão austera em sua moral, tão heroica em suas virtudes, conquistou o mundo a despeito dos esforços conjurados da força brutal, das paixões desencadeiadas, do vicio triumphante, da philosophia e da sciencia orgulhosas, e ainda hoje enche os ambitos da terra! Está de pé, absolutamente una, quando em redor d'ella tudo se esbarronda, e se divide ao infinito: Esplendor, Esplendor!

CAPITULO.II

A fé é necessaria

O que crer n'elle, e fôr baptizado, será salvo! Mas o que não crer n'elle será condemnado! S. Marcos Cap. xvi.

O que não crê no Filho Unico de Deus está julgado! Não verá a vida! A colera de Deus repousa sobre elle! S. João Cap. iii.

Quem pronunciou, falando de si mesmo, esta sentença formal?

Jesus Christo!

A quem alludiu João Evangelista, quando formulava este terrivel decreto?

A Jesus Christo!

João, o apostolo amado, annunciou n'estes termos sublimes a aparição de Jesus Christo no mundo:

« E' o Verbo, Filho de Deus; era em Deus antes de todo o começo, e é Deus.

« Tudo foi feito por elle, e nada do que foi feito, o foi sem elle.

« Os homens tem d'elle a vida e a intelligencia.

« E' a verdadeira luz que illumina a todo o homem que vem a este mundo.

« Fez-se carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade! »

O divino Precursor saudava-o assim:

« Vindo depois de mim, elle existiu antes de mim!

« E' o Filho unico de Deus, vivo no seio de seu Pai.

« Não sou digno de lhe desapertar os cordões das suas sandalias.

« E' o Cordeiro de Deus, que ha de tirar os peccados do mundo.

« Eu não o conhecia, quando confundido na multidão de peccadores, veio ás margens do Jordão pedir-me o baptismo da penitencia.

Mas aquelle que me enviou a baptizar na agua, disse-me: Aquelle sobre quem vires descer o Espirito e ficar, baptizará no Espirito. Eu vi o Espirito descer do céo sob a forma de uma pomba e pousar sobre elle; ouvi uma voz do céo que exclamava: Tu és meu Filho muito amado, em quem puz minhas complacencias, e eu dei-lhe este testemunho de que é o Filho de Deus! »

Jesus Christo era a mesma bondade. Sua voz não retinha rumorosa sobre a praça publica. « Não acabava de quebrar a cana a meio partida. Não extinguiu o tição que fumegava ainda. »

Cordeiro de Deus, exhortava-nos a aprender d'elle a sermos doces e humildes de coração.

Intitulava-se nosso pai, nosso irmão, nosso amigo, e o esposo de nossas almas.

Retratou-se-nos debaixo das tocantes parabolos do pai do filho prodigo, do bom Samaritano, do senhor da vinha, generoso ao excesso.

Escondeu-se, para nos inspirar uma confiança sem limites, debaixo dos symbolos os mais attrahentes. Eu sou a agua viva e pura, que extingue para sempre a sede; um pão delicioso, que torna immortaes aquelles que d'elle se nutrem; uma porta sempre aberta para dar entrada a pastos abundantes; um caminho estreito, mas seguro, que conduz á consecução da felicidade; uma vide generosa, que communica a todos os ramos a vida e a fecundidade; uma luz doce e brilhante, aquelle que a segue não se extraviará.

Muitas vezes exclamava: Devo ser baptizado em um baptismo de sangue; quanto me tarda que seja deramado até á ultima gotta este sangue, cujo ésto me

devora! Identificando-se com cada homem, dizia-lhes: Em verdade, em verdade, vos digo, o que fizerdes ao minimo dos meus, a mim o fizestes.

Aquelle que o fere, fere a pupilla de meus olhos.

Sua vida toda inteira não foi mais que um longo acto de amor de Deus e dos homens. Duas palavras resumem toda a sua historia: passou fazendo o bem, i é, amando os homens. Cada um de seus passos era assigalado por um novo beneficio, por um milagre de amor. Aqui era um paralytico, a quem mandava que andasse; ali, um cego, ao qual restituia a luz; acolá um surdo que fazia ouvir; ora um mudo, a quem dava a fala; um leproso que curava; alguns pães que multiplicava para matar a fome a milhares de pessoas; umas vezes o filho do principe da Synagoga que evocava das portas do tumulto; outras a filha de Jairo, ou o filho da viuva de Naim, ou então Lazaro que resuscitava; a Samaritana era por elle instruida e convertida; Zacheu chamado á fé e sanctificado; Maria Magdalena emfim sentia á sua voz o coração aberto ao arrependimento e á virtude etc. etc..

Rescendia de seu ser divino uma virtude que curava todos os males.

Tudo n'elle respirava tanta doçura e bondade, que as creanças apertavam-no com suas caricias, e a multidão, suspensa de seus labios, seguia-o ás profundezas do deserto, esquecida de suas mais instantes necessidades.

Ao mesmo tempo a magestade de sua pessoa, serena e calma, inspirava o respeito e um sancto temor.

Quando contra elle se acendia mais vivo o furor de seus inimigos, detinha-os com um simples olhar, escapava-se-lhes das mãos frouxas e immoveis, e ia-se.

O soffrimento physico ou moral não podia total-o senão na hora voluntariamente fixa por elle em seu amor infinito por Deus seu Pai, e pelos homens seus irmãos.

Porque nos amou, é que elle quiz:
nascer em um estabulo que fez ritinir com seus
vagidos dolorosos;

passar trinta annos no obscuro labor de uma pobre
officina;

foi alvo durante toda a sua vida publica das priva-
ções, das perseguições, e dos ultrajes de um grande
numero de adversarios implacaveis;

no jardim de Gethsemani sua alma possuiu-se de
tristeza mortal; entrou em espantosa agonia, o sangue
sahiu-lhe dos vasos e inundou a terra.

Foi atraído por um discipulo ingrato e sacrilego
que o entregou nas mãos de seus inimigos abraçando-o;
seu div.no rosto foi ferido com bofetadas e coberto de
escarros.

Seu corpo foi despedaçado a golpes, sua cabeça
coroadada de espinhos, teve por sceptro uma cana, por
manto real um pedaço de purpura; preferiram-lhe um
sedicioso homicida. Foi condemnado á morte. Caminhou
para o Calvario carregado com o brutal instrumento de
seu supplicio, exausto de forças, arrastado por solda-
dos deshumanos. Sem soltar uma queixa estendeu-se
sobre o altar do sacrificio. Levantado entre o céu e a
terra, suspenso de suas chagas abertas, ouviu as blas-
phemias dos sabios e dos grandes que o insultavam,
do povo desvairado que o cobria de maldições. Sua al-
ma, saturada de amargura, não pôde obter de seu Pai
celestial a consolação que lhe pedia. Expirou nas mais
horriveis dores, dando um grande grito!

Ao recolher seu ultimo suspiro, o céu obscureceu-se,
a terra tremeu até aos fundamentos, os roc hedos fen-
deram-se, o véo do Templo despedaçou-se, o centurião
e seus guardas, batendo no peito, exclamaram: Era
verdadeiramente o Filho de Deus.

Resuscitado, appareceu a seus discipulos para lhes.

dizer : Sou eu realmente ! Não temais ! Trago-vos a paz ! dou-vos a paz !

E quando subiu ao céo, e se furtava a suas vistas, abençoava-os ainda e inundava-lhes o coração de uma sancta alegria. Foi elle que disse :

Deus amou o mundo de tal sorte, que deu por elle seu unico Filho, afim de que todos aquelles que crêem n'elle, não pereçam, mas entrem na posse da vida eterna. Aquelle que cré n'elle não será condemnado ; mas aquelle que não cré n'elle, como no Filho unico de Deus, está julgado e condemnado.

E o divino precursor, o maior e o mais santo dos filhos dos homens, a todos dizia :

Aquelle que cré em Jesus, Filho de Deus, terá a vida eterna ! Aquelle que não cré em Jesus, Filho de Deus, não verá a vida ; a colera de Deus está sobre elle !

Que trovão ! Esses homens que não crêem em Jesus Christo, e que vivem tranquillos do passado, contentes do presente, descuidosos do futuro, estão julgados ! Não verão a vida ! A colera de Deus está sobre elles ! Jesus Christo dizia tambem a Martha, irmã de Lazaro :

Eu sou a Resurreição e a Vida ! Aquelle que cré em mim, ainda quando haja morto, viverá ! E todo aquelle que vive e cré em mim não morrerá nunca !

E Martha exclamava : *Eu creio que sois o Christo, Filho de Deus vivo, vindo a este mundo para o salvar.*

A fé é necessaria ! Toda a religião christã vai ter a esta temivel alternativa : Aquelle que cré e foi baptizado, será salvo ! Aquelle que não cré, será condemnado.

Nossos symbolos christãos começam por esta declaração formal :

Todo o homem que quer salvar-se deve guardar a fé catholica, porque se a não guarda inteira e inviolavel, perecerá infallivelmente para a Eternidade ! E concluem assim : *Eis a fé catholica, aquelle que não cré n'ella fiel e firmemente não póde salvar-se !*

A fé em Deus é absolutamente necessaria, porque sem ella, dizia S. Paulo, é impossivel agradar-lhe. O primeiro passo a dar para aquelle que quer aproximar-se de Deus é crer que existe, e que recompensa os que o procuram.

A fé é o unico laço que une o homem a Deus, a terra ao céu.

A fé em Jesus Christo é absolutamente necessaria, porque só em Jesus Christo está a salvação, e não ha outro nome senão o de Jesus, no qual os homens possam ser salvos.

A fé é absolutamente necessaria nos individuos. Póde-se ter aberto o coração a paixões culpaveis; póde-se ter desconhecido as leis da religião natural ou revelada; póde-se ter calcado por muito tempo aos pés os mandamentos de Deus, de sua sancta Egreja; se a fé subsiste ou renasce, a porta fica ainda aberta ao arrependimento! E quando o ministro do perdão vier visitar-nos sobre o leito de morte, poderá tranquilisar-nos, clamando a Deus com voz supplicante: Não vos recordeis, Senhor, de suas iniquidades! Esquecei a embriaguez, em que o precipitou tantas vezes o fermento dos maus desejos; porque, embora tenha peccado, e peccado muito, não negou o Pai, o Filho e o Espirito Sancto! Elle creu; crê ainda; arrependeu-se; tudo está salvo!

Sem a fé, a terra não é mais do que um exilio, uma prisão, mas um degredo perpetuo, começado no tempo e que se continuará pela eternidade, sem um raio de esperança para seus infelizes habitantes!

« Puzeste trevas, dizia a Deus o propheta-rei (psalmo ciii, v. 20) e foi feita a noite; n'ella transitam todos as alimarias da selva. Os cachorros dos leões rugem em busca da preza, e para pedirem a Deus o seu sustento. Sahiu o sol, e recolheram-se; e metter-se-hão em seus covis! Sahirá o homem á sua obra: e aos seus trabalhos até á noite. »

Ora se o homem não tem fé, se não pode fitar o céo com um olhar de esperança e de amor; em que se differença sua sorte da do bruto? Não será mais infeliz do que elle, pois que mais do que elle tem a conscincia de seus males? Quando, ah! ao despontar do dia vejo cruzar essas largas ruas da capital em um mau dia de inverno por uma atarefada multidão de homens, de mulheres, de mancebos, de donzellas que vão buscar aos quatro cantos do horizonte o pão que tanto lhes custa a grangear, e que recolhendo-me dentro de mim mesmo sou forçado a reconhecer que um grande numero tem já perdido a fé; que para esses infelizes, que para essas infelizes, por consequencia, não ha já victima a offerer por seus peccados, meu coração sente-se oppresso de uma angustia mortal e as lagrimas assomam aos olhos! Indigno-me então contra esses milhares de falsos apostolos que passam conspirando contra o Salvador dos homens, para apagar seu nome da terra dos vivos, e fechar-lhe todo o accesso ao coração da humanidade.

Impios, solidarios, livres pensadores, escriptores indecentes e vaidosos, filiados nas sociedades secretas, que fazeis cada dia do vosso pobre irmão Abel? Sua fé perdida, ainda mais que seu sangue, clama ao céo vingança contra vós. Elevara-o Deus ao fastigio das honras, creara-o quasi igual aos anjos; tinha-o cumulado de beneficios e de gloria; mas seduzido por vós, não mais tem querido comprehender seus altos destinos, rebaixou-se ao nivel das creaturas irracionaes, fez-se semelhante ao bruto. Ah! que bem disse de vós aquelle que foi a sanctidade e bondade personificada: « Quanto áquelle que scandaliza um d'estes pequenos que crêem em mim, melhor fôra que lhe prendessem ao pescoço a mó de um moinho, e que o mergulhassem no profundo do mar! »

A fé é absolutamente necessaria aos povos e ás

nações. Ah! não me falleis dos povos sem Deus, sem Jesus Christo! Não os chameis felizes, dizia David. Póde bem ser que seus filhos sejam como plantações novas, repletas de exuberantes seivas; que suas donzellas caminhem em sua belleza semelhantes a altares ambulantes, dourados, de ornatos esplendidos; que seus thezouros trasbordem de cheios; que suas manadas sejam de pasmosa fecundidade, que saiam apertando-se de seus estabulos; que seu armentio seja nedio e formoso; que suas casas não tenham fendas, e os muros de suas cidades brechas, que nenhum grito de miseria se ouça em suas praças: mas não é isso a felicidade! Feliz é só o povo, onde Deus é o Senhor amado e bemdito!

Para povos pastores que rompessem com Jesus Christo e voltassem aos erros do paganismo, ainda poderia haver seus resquicios de felicidade; quanto porém seria formidavel, se se volvesse apostata, a sorte de um povo esclarecido, civilisado, condemnado ás exigencias inexoraveis da industria e dos progressos modernos! A miseria e a dissolução tomariam proporções assustadoras; em breve seria, para me servir da linguagem de Jesus Christo, a abominação na desolação. Os flagellos de toda a especie attingiriam proporções como o mundo nunca viu. E se Deus em seu amor pelos escolhidos não abreviasse esses dias de infortunio universal, a humanidade inteira pereceria physica e moralmente.

Eis porque antes que a fé haja desaparecido inteiramente da terra deve soar a ultima hora do mundo. O sol cobrir-se-ha de trevas, a lua não dará a sua luz, as estrellas tomarão movimentos estranhos; o Filho do homem apparecerá sobre as nuvens, coroadado de poder e de gloria; os anjos congregarão dos quatro ventos do horizonte o exercito glorioso de seus eleitos, que entrarão com elle na vida eterna; em quanto que a turba impura e sacrilega dos impios e dos peccadores é arastada vertiginosamente para os abysmos do inferno.

Mas lá surge a escola audaciosa do positivismo e da moral independente que ousa aspirar e fazer da razão e da sciencia a fonte não só de toda a verdade, mas de toda a sanctidade e de toda a ventura!

E' uma lei da natureza, diz ella, que a sciencia e o aperfeiçoamento material e moral do homem marchem indefinitamente unidos! » Aperfeiçoamento material? Será até certo ponto, até um certo limite, porque o progresso material exaggerado e emancipado do elemento religioso, conduzirá fatalmente á barbarie; nós vimos de o dizer. Pois não vemos já o pauperismo crescer a olhos vistos! *Aperfeiçoamento moral?* esse não, mil vezes não. A sciencia sem a fê, sem a graça, é impotente, regra geral para fazer um homem de bem!

Acrescenta ainda: « a sciencia e a dominação da natureza, conquistadas pelo trabalho fatigante dos pensadores, ou pela virtude occulta que de improviso se lhes infunde, vão sempre associadas de modo indissolvel com as virtudes domesticas e civis. e com todos os demais factores, de que resulta a felicidade das nações! »

Fallar asssim é desconhecer por completo a natureza e as paixões do coração humano. Os escriptores do seculo de Augusto, Lucrecio, Cicero, Seneca, Plinio, etc. ainda hoje nos espantam pela elevação de seus sentimentos. Ora S. Paulo, em sua Epistola aos romanos, tece a historia dos philosophos d'este grande seculo. E' uma testemunha ocular e digna de toda a confiança. Em logar de virtudes, que vicios tão abominaveis! Além d'isso as sciencias serão sempre, bom ou mau grado, o apanagio de uma pequenissima minoria. As massas não serão nunca sabias. Se a sciencia desse a virtude, a virtude seria a partilha de um numero limitadissimo. E a experiencia de todos os dias não nos está mostrando que a sciencia e o vicio nem sempre se excluem? « Uma feliz disposição d'alma pó-

de tornar doce e justo aquelle que vive na ignorancia; mas as mais das vezes a parte animal e selvagem do homem, excitada e atormentada pela violencia das cousas, a que não sabe oppor compensações, sacode o freio da consciencia, e revolta-se contra o dever.»

Que simplicidade tão ridicula a d'esta pretensão incrível, que sem as sciencias phisicas e naturaes somos conduzidos frequentemente á revolta contra a sociedade; que pelo contrario o conhecimento das sciencias póde só de per si encadear os instinctos selvagens do homem! Mas eis ahi vai o cumulo da cegueira:

« Não é possível suppor que um homem (a não ser que esteja louco) queira scientemente fazer o que lhe é prejudicial directa ou indirectamente, perturbando o desenvolvimento da Associação a que pertence! » Chegado a este ponto, o positivismo é uma louca utopia, que suppõe a ignorancia absoluta do homem e da historia, que se recusa até a considerar voluntariamente a face do mundo contemporaneo. Se ha facto mais claro que a luz do dia, é que o homem embora instruido, e sabio, é livre e fatalmente suicida, homicida e fraticida. Que! esses homens tão fortes de sua sciencia, ignorarão essa famosa sentença de Ovidio que é o grande segredo das velleidades humanas: *Video meliora, proboque, deteriora sequor*, eu creio e approvo o que é melhor, mas faço o que é peor! Ou um grito de dor do grande S. Paulo: *Non enim quod volo bonum hoc facio, sed quod nolo malum hoc ago*, eu não faço o bem que queria fazer, mas faço o mal que não quero.

« E' portanto nas leis da natureza, e não em outra parte, que é mister buscar as regras capazes de tornar o homem melhor e mais feliz. Talvez que até mesmo a vontade humana seja menos tentada a subtrahir-se-lhes quando souber que as leis não lhe foram impostas por um Arbitro livre (Deus); mas que traduzem as condi-

ções indeclináveis de nosso pleno desenvolvimento, de nosso aperfeiçoamento mais rapido!»

Pensamento balofo! sonho insensato! cegueira homicida! Eu amo, eu admiro a sciencia, faço-a minha tanto ou mais que vós a fazeis vossa, vós que tanto a gabais! Mas por favor deixai-me minha fé, e o meu Christo. A historia passada e futura da humanidade consubstancia-se toda a inteira n'estas duas linhas de S. Paulo: *Onde Jesus Christo não reina, onde Jesus Christo não reinar, os delictos abundam ou abundarão, e com elles a morte! Onde Jesus Christo reina, onde Jesus Christo hade reinar, a graça será victoriosa, e pela graça a justiça e a vida n'este mundo e na Eternidade!*

São vanissimos e muito culpados os apóstolos da moral independente!

Ouvi seu retrato e sua historia, traçada com mão de mestre por um dos mais bellos genios e dos maiores corações da humanidade, Sancto Agostinho: «Existem e hão de existir philosophos, atarefados em persuadir os homens a que vivam bem. mas a que não sejam christãos; dissertando sobre as virtudes e os vicios com uma subtiliza quintessenciada e rumorosa; dividindo, dissecando, definindo, amontoando uns sobre outros os raciocinios os mais desfiados, peçando livros, fazendo retinir bem alto, ao som de trombeta, a sabedoria que n'elles transborda, apressados em dizer a seus contemporaneos: se quereis viver contentes, segui-nos, entrai para a nossa seita! Ah! sim; entram no aprisco não pela porta, como o bom pastor, mas pela trapeira como o lobo devorante! Querem perder, degollar, e matar!»

Como estes, vós, seus successores, *perdereis, degollareis e matareis.*

Convidais-nos loucamente «para a epoca, em que, graças á sciencia, a preponderancia do homem sobre as cousas, a segurança da vida, a rectidão, a bondade,

o amor hão de reinar sobre a terra» Expressis a esperança fementida «de que então nossas iras cessarão, de que seremos felizes e altivos de todos esses bens nascidos da sciencia livre e unica», de que enfim escreveremos comvosco: «A Sciencia Livre e Unica é Poder e Virtude.» ¹

Illusão! Illusão! Vossa idade de ouro não virá nunca! A idade da miseria livre e unica será cada vez mais a idade de ferro! Desdenhosa ou inimiga da Religião, como a quereis, a sciencia será, bom ou mau grado, desdenhosa e inimiga da Humanidade.

A fé é absolutamente necessaria.

Ah! que desespero, se a falsa sciencia conseguisse abafar completamente a voz d'aquelle que disse: Vinde a mim vós, os que succumbis debaixo do peso do trabalho e do soffrimento, e eu vos allivarei!

Resumamos:

Uma personagem historica e sancta, modelo incomparavel de austeridade, que traz por vestuario um pedaço de pelle de camello, por cinto uma correia, por alimento um pouco de mel silvestre e alguns gafanhotos, mostra, indigita a todos um homem mais novo, do que elle d'alguns mezes, e exclama: E' necessario que elle cresça, e quanto a mim, que diminua! Aquelle que não crê n'elle como no Filho unico de Deus não será salvo!

O mais sancto, o mais doce dos filhos dos homens, diz-se Filho de Deus, igual a Deus; consente em ser adorado como tal, declara que o que não crê n'elle, Filho unico de Deus, está já julgado, condemnado! E a fé n'elle e o amor d'elle tem enchido os ambitos da terra. Esplendor! Esplendor!

¹ Estas asserções tão extranhas estão contidas em um discurso pronunciado este anno na abertura dos cursos na Universidade de Turin.

CAPITULO III

A Fé é rara

Virá tempo, em que os homens não supportarão mais a sã doutrina, mas espicados por desejos insensatos e um prurido d'ouvidos, procurarão mestres a seu geito e fugirão da verdade para se voltarem para as fabulas. (Epistola segunda de S. Paulo a Timotheo cap. iv, vv. 3 e 4).

A fé é rara, muito rara. Não nos illudamos, avisham-se os tempos desgraçados, de que o divino Mestre falou: *Quando o Filho do homem vier, credes vós que encontraráá fé na terra?*

A atmosphera que respiramos n'esta grande capital, que se respira na maior parte das cidades de nossas provincias, que se começa desgraçadamente a respirar nos campos de muitos de nossos departamentos, é uma atmosphera não só de indiferença religiosa, mas de morte espiritual, mas de incredulidade, senão pensada, pelo menos habitual, cuja funesta influencia sentimos todos mais ou menos.

A fé practica é rara, muito rara, como o prova o abandono quasi geral dos sacramentos, sobre tudo da parte dos homens. Os homens! que são não obstante os irmãos mais velhos de Jesus Christo, que foram os primeiros que se assentaram á meza eucharistica na pessoa dos Apostolos.

Terão elles, como Esaú, vendido seu direito de primogenitura? Terão resolvido deixar a suas companheiras e a seus filhos as bençãos de Deus e do céo? resignar-se-hão voluntariamente á maldição e ao inferno?

A fé theorica é rara, muito rara, como o provam, no maior numero a maneira de pensar inteiramente opposto ao Evangelho, maximas absolutamente contrarias aos ensinamentos de Jesus Christo. Onde achar hoje crença firme, adhesão franca ás verdades que Deus nos revelou por Jesus Christo, e que sua sancta Igreja nos ensina?

A fé, n'uma palavra, debaixo de todas as formas é rara, tão rara. que eu pergunto involuntariamente se existe ainda fóra do pequeno numero dos eleitos.

Exclui do numero dos crentes aquelles que fazem profissão aberta de incredulidade e de odio contra a Igreja de Jesus Christo.

Exclui tambem aquelles que ousam ainda dizer-se religiosos, mas que se defendem de ser christãos.

Exclui aquelles que não crêem nos mysterios, nos dogmas, nos milagres do Evangelho; que vão dizendo bem alto que a fé humilha muito a razão, que é boa talvez para as mulheres, para as creanças, para o povo, mas de que elles não tem necessidade nenhuma, porque as luzes de sua intelligencia e os instinctos de sua alma, lhes bastam plenamente para bem se conduzirem.

Exclui aquelles que não pertencem ao christianismo senão pelo baptismo e pela primeira communhão, de que já se não lembram; que durante a vida vem uma vez por festa ao templo, e para provarem por sua attitude incrível que ignoram que a igreja é um logar de oração.

Exclui aquelles, cuja alma é sensual e agitada pela duvida, que semelhantes a nuvens sem agua, de que falla o apostolo S. Judas, são agitadas ao grado dos ventos de todos os erros e paixões.

Exclui aquelles que crêem machinalmente sem saber o que crêem, cuja instrucção religiosa se traduz por uma ignorancia profunda, e o zelo religioso por uma indifferença absoluta.

Que ficará depois de tantas exclusões? Quando, o Filho do homem voltar á terra, crêdes que encontrará fé?

Os crentes fieis são como esses destroços que a tempestade e o naufragio arremessam esparsos sobre a superficie immensa do oceano.

Apparent rari nantes in gurgite vasto!

Interrogai ao acaso sobre a fé não um homem rustico e sem educação, mas um d'esses abios, um d'esses doutos que são o encanto e a gloria de nossas sociedades modernas!

Conhece porventura elle os primeiros rudimentos d'essa religião, que seus paes honraram com suas virtudes? Para se instruir n'ella, precisaria consagrar-lhe um tempo precioso que deve a occupações incomparavelmente mais importantes!...

Mas qual é sua religião, qual é seu culto? Se o ouvirdes, e elle se dignar responder-vos, o que diz gelar-vos-ha de espanto. Julgar-vos-hieis transportados aos tempos de Athenas e de Roma. Eu adoro, dir-vos-ha, o Ente Supremo, Creador e conservador do universo, mas que tranquillo na habitação de sua gloria, fecha os olhos sobre as acções de suas creaturas, muito pouco dignas de fixar seus olhares. Eis seus dogmas! Crê, como vedes, no Deus illusorio, que ousam chamar o Deus das pessoas do bom tom!

Forcejo por não fazer aos outros o que não quereiria que me fizessem. Na busca e prosequimento de meus interesses, respeito tanto quanto posso os interesses dos outros!

Eis toda a sua moral!

E depois d'isto está perfeitamente satisfeito consigo mesmo, porque se crê e se diz homem de bem! Se entrasse no templo, iria direito ao altar, de frente er-

guida, e exclamaria: «Obrigado, meu Deus, porque não sou como o resto dos homens, ladrão, injusto, egoista, adultero, mas sim bom pae, bom esposo, bom cidadão». E seria com desdem do publicano que prostrado por terra batesse no peito, e pedisse a Deus que lhe perdoasse por ser grande peccador. Muito pouco se lhe daria de sahir do templo fulminado pelo odio que Deus vota ao orgulhoso, em quanto que o publicano entraria justificado em sua humilde habitação.

O pharizeu homem de bem, eis o typo caracteristico do decimo nono seculo.

A fé é rara, muito rara! Mas sua raridade é um argumento a mais de sua origem divina: porque é o cumprimento palpavel das predicções de Jésus Christo, e tambem dos prophetas e dos apóstolos.

E' a historia sempre viva, contada por Isaias, d'esses filhos, que se nutrem, se engordam, se exaltam, e que acabam sempre por trahir e desprezar sua mãe.

E' a imagem d'essa vinha de todas as edades. Houve o cuidado de a murar com uma sebe tutelar, de a limpar dos calhaus que lhe obstruiam o solo; de lhe edificar ao centro uma torre para a guardar e um lagar para lhe espremer os cachos; de a cultivar com amor, de a grangear com habilidade, e em vez da vindima que se esperava, apenas produziu espinhos e abrolhos.

S. Paulo já previra os tempos, em que os homens não haviam de supportar a sã doutrina; em que, impellidos por desejos insensatos, por um prurido de ouvidos, se ligariam a mestres de sua eleição, fugiriam da verdade para se voltarem para as fabulas.

Jesus Christo disse: Quando eu vier, julgais que encontrarei ainda fé?... Nos dias de incredulidade geral, que hão de preceder o fim do mundo, se Deus, em attenção a seus escolhidos, não abreviasse o tempo da provação, toda a fé naufragaria!

A fé é rara, muito rara, nós confessamol-o ge-

mendo, mas não estamos d'accordo com nossos adversarios, que seja d'or'avante impossivel, e que fuja espavorida deante da sciencia, como a ave nocturna deante da luz.

Ainda ha bem pouco, um escriptor celebre, membro da Academia franceza, e senador, morto, e como ah!, escrevia a um joven catholico liberal uma carta, da qual extrahimos estas linhas que nos tem entristecido profundamente, e contra as quaes protestamos com toda a energia de nossa alma:

« Queixem-se, ou não! a fé foi-se, a sciencia, digam o que quizerem, arruina-a! Não é possivel a espiritos vigorosos e sensatos, lidos na historia, armados da critica, estudiosos das sciencias naturaes, não é possivel, digo, crer nos velhos contos, e nas velhas biblias. N'esta crise, não ha senão uma cousa a fazer para não apodrecer na decadencia: passar depressa, e marchar firme para uma ordem de ideias razoaveis, provaveis, encadeiadas, que dê convicções á falta de crenças, e que, deixando de resto a todos os credos circundantes toda a liberdade, e esperança, prepare nos espiritos novos e robustos um ponto de apoio para o futuro. Assim se creará lentamente uma moral e uma justiça em bases novas, não menos solidas, do que ao presente, mais solidas, direi mesmo, porque não entrará n'ellas nenhum dos temores pueris da infancia. »

A fé é rara; esvai-se cada dia mais e mais! E' verdadeiro, absolutamente verdadeiro; acabamos de o estabelecer. Diremos breve com franqueza porque desaparece.

Mas o que é falso, absolutamente falso — prova-o-hemos á evidencia — é que a sciencia tenha morto e mate necessariamente a fé; é que já o dissemos assaz, a *moral independente* que não passa de uma vã palavra, se a separarmos da religião natural, possa

fornecer uma tabua de salvação, um ponto de apoio para o futuro.

Quando tivermos estabelecido que o homem se torna cada dia menos serio, mais creança, mais mau filho, *mais agaiatado*, perdoem-nos a expressão, comprehender-se-*ha* então melhor, quanto é ridicula a louca pretensão de que um meio de moralisar é desembaraçal-o de temores pueris.

O que mata a fé, o que infallivelmente ha de matar a sciencia, a moral, a civilisação, e nos fará recuar torçosamente á barbarie, é o materialismo e a litteratura d'esta escola, de que o nosso pseudo-propheta é um dos apóstolos os mais ardentes. E não estamos nós vendo já a sciencia franceza consideravelmente enfraquecida? Vedes acaso no seio de nossos mathematicos, de nossos physicos, de nossos botanistas etc., da segunda geração, levantar-se um d'esses vultos que se impõe e promettem deixar escola? As mathematicas vão-se, a physica vai-se, a botanica está morta, etc.; é o que ouvimos repetir todos os dias em roda de nós.

Interrogai os grandes e velhos mestres, se não temem pela sciencia, tanto ou mais, que pela fé, a fatal invasão do positivismo, o excesso de audacia de nossos pretendidos espiritos vigorosos e sensatos, armados de uma vã critica, estudiosos não das leis, mas dos factos da natureza, que fazem da sciencia um templo sem Deus, um corpo sem alma, um chaos de phenomenos sem causas e sem fim.

O estudo das sciencias tem-me levado apoz de si a vida! E minha fé é tão viva, como nos dias calmos de minha juventude bretã. Estou nos casos de demonstrar até á evidencia que não ha na sciencia a mais avançada nenhum facto, nenhuma theoria verdadeira em opposição com a fé christã e catholica.

Pelo contrario, sinto cada dia melhor, que a fé, que não é em realidade — vou bem depressa proval-o

— senão o telescópio de minha razão e de meu coração, amplifica em proporção enorme os horizontes e as aspirações da sciencia.

Torno a encontrar em mim vivos como nunca os sentimentos que eu exprimia n'estes termos, ha vinte e cinco annos, na primeira edição de meu *Tratado de telegraphia electrica* :

« Estava em setembro de 1845 sobre a ponte de Londres, centro e ponto culminante da civilização material a mais adeantada que houve jámais. Minha imaginação deixava-se impressionar vivamente pelo espectáculo, unico no mundo, de centenas de barcos a vapor, que sulcavam com excessiva velocidade as aguas do grande rio! de tantas locomotivas que abalavam mugindo para devorar o espaço! d'esses fios metallicos invadidos pelo raio, arrojando para todos os pontos do horizonte despachos promptos como o relâmpago! d'esses mil respiradoiros, mais elevados que os obeliscos do velho mundo, e que vomitavam sobre a cidade immensas ondas de espesso fumo!

« Minha intelligencia porém era mais do que nunca esclarecida pelas doces luzes da fé.

Meu coração vibrava como nunca em accorde das inspirações consoladoras e eminentemente humanitarias da religião christã.

Mas eu comprehendia então, melhor do que o não tinha comprehendido até então, esse ensino celeste: Gloria a Deus; paz aos homens de boa vontade! Só o reino de Deus pode trazer sobre a terra o reino da justiça e da felicidade! A verdadeira liberdade é só o apannagio dos filhos de Deus e dos irmãos de Jesus Christo!

Eis ahi os traços do sentimento que me dominava.

Mais talvez pela invenção da telegraphia electrica, do que pelo vapor, o homem volveu-se gigante. Ora as sanctas Escripturas referem-nos que já o fôra em outros tempos. Sim, outr'ora houve uma raça de gigantes

e sua historia tão lamentável poderá, se não nos precarmos, tornar-se a nossa historia. Os filhos de Deus acharam bellas as filhas dos homens; um amor insensato depravou-lhes de repente o coração, e obscureceu-lhes a razão. O espirito chegou tristemente a identificar-se com a carne. Esta união insensata e criminosa produziu os gigantes.

E de feito, quando o genio do homem concentra toda a sua actividade, toda a sua energia sobre a materia, quando d'alguma sorte a anima com seu sopro de vida divina, torna-se como um gigante! Mas é então, que na embriaguez de seu triumpho, elle se crê Deus; não mais ergue seus olhos ao céo, concentra suas vistas em si mesmo; incarna-se cada vez na materia, cuja massa acaba d'alguma sorte pelo absorver. Depressa principia uma revolução espantosa; a materia tornada rainha, agrilhoa e subjuga este rei! Escravizado, embrutecido pelos sentidos, o espirito perde todo o seu fogo sagrado; a sciencia extingue-se; a industria desfallece; e a barbarie começa!

E' triste dizel-o, mas é o resumo fatidico da historia da humanidade. Logo que o Anjo da luz estende suas niveas azas e adeja sobre uma nova região, para lhe trazer com a fé o presente da civilisação, o anjo das trevas surge por sua vez do abysmo, para vir minar o solo, que deverá, cedo ou tarde, entreabrir-se para engulir uma nação corrompida.

A fé é rara, mas só em limites traçados d'antemão, de sorte que sua raridade não seja, como dissemos, uma objecção contra sua divindade.

E' ha com effeito uma Igreja, onde a fé é ainda sã e viva, em condições que são para ella um verdadeiro esplendor! Uma Igreja, onde o numero d'aquelles que crêem com fé sincera e practica é relativamente muito avultado. E' a Igreja catholica apostolica romana.

Jesus Christo, seu divino fundador, dando-lhe por

chefe o chefe do apostolado, disse: Tu és Pedro, e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E disse tambem: Eu roguei por ti, ó Pedro, afim de que tua fé se não extinga. Terás horas de desfallecimento, mas reerguer-te-has promptamente, e convertido, confirmarás teus irmãos na fé. Finalmente, separando-se para subir ao céu de Pedro e de seus companheiros de apostolado, disseram-lhes: Ide, ensinai todas as nações, baptizai-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Ensinai-lhes a observar todos os mandamentos que vos dei, e eis que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos. Pedro e os apóstolos partiram, baptizaram, ensinaram, e aprenderam a guardar os mandamentos, a Igreja catholica encheu e ainda enche hoje os ambitos da terra.

Por toda a parte ella é uma em a fé, uma em seus dogmas, uma em sua moral, uma na disciplina, uma na lithurgia. Splendor, esplendor!

Os catholicos que crêem, que oram, que communham sobre toda a superficie do globo, não tem cessado de constituir uma multidão imponente.

Os agitadores do livre pensamento na grande Babilonia dos tempos modernos, tinham organizado para Sexta-Feira Sancta, 26 março de 1869, uma manifestação impia. Dera-se o sancto e a senha para uma reunião ao ar livre, onde se comeriam carnes prohibidas. Era o echo, a imitação popular e brutal de uma comedia aristocratica, representada no anno precedente em casa do grande escriptor, que queria que a sciencia matasse para sempre a fé. Apesar do apello ruidoso e de sensação, feito pelos jornaes, orgãos da moral independente, o numero dos convivas d'estas monstruosas agapes, attingiu apenas a cifra de oitocentos; a maior parte pareciam compromettidos de se encontrarem em presença uns dos outros; algumas representantes do sexo menor

que ahi se tinham deixado arrastar, ousavam a custo levantar os olhos, e por pouco não acabou o banquete em rixa violenta.

Pois no sancto dia de Paschoa, 28 de março de 1869, ás 8 horas da manhã, a velha e vasta basilica de Notre Dame de Paris via ajoelhados em seu amplo seio tres a quatro mil homens, o mais puro da sociedade honesta, laboriosa e util! Os braços cruzados sobre o peito, a frontê pensativa, inclinada para a terra, o coração ardente de amor, adeantaram-se todos para a meza sancta; todos receberam a hostia divina, exclamando do fundo de suas almas: Vós sois meu Senhor e meu Deus! E lagrimas de contentamento corriam de seus olhos, e as antigas abobadas retiniam com o som do canticó sagrado: Oh! como é doce e grato a irmãos habitarem junctos debaixo dos olhos e no coração de Deus: *Quam bonum, et quam jucundum, habitare fratres in unum!*

Este mesmo espectáculo, grandioso a um tempo e tocante, se offerencia á mesma hora em todas as cathedraes catholicas do mundo inteiro.

E á mesma hora tambem, todas as egrejas catholicas echoavam com os canticos de alegria das piedosas companheiras dos homens, que por sua parte vinham receber o pão que faz os fortes, e o vinho que faz os puros! Esplendor, esplendor!

Mais eis aqui um espectáculo mais grandioso ainda, e que por si só será d'ora em diante um dos mais magnificos esplendores da fé catholica.

A 11 d'abril de 1819, no dia solemne de paschoa, na pequena capella de Santa Anna dos capinteiros, o joven conde Mastai, ordenado de presbytero na vespera, celebrava sua primeira missa, em presença d'alguns parentes, de alguns amigos, dos orphãosinhos de *Tata Giovanni*, objecto de seus cuidados, que lhes vinham pagar um titulo de amor n'este dia fazendo-lhe cortejo de honra. Simples presbytero em Roma durante quatro

annos, o padre Mastai não se poupou a nenhuma das fadigas do sancto ministerio da prégação e das obras de uma activa caridade. Nomeado em 1823 auditor de Mons. Mazei, delegado e vigario apostolico no Chili, teve de supportar amarguras muito graves durante quatro annos, causadas pelas difficuldades que encontrava juncto de um governo mal constituido. De volta a Roma em 1827, e sagrado bispo de Spoleto, governou cinco annos, e evangelizou como apostolo esta vasta diocese, multiplicando por toda a parte as obras de misericordia, adornando as egrejas excessivamente pobres, restituindo ao culto todo o seu esplendor,

Delegado extraordinario do summo pontifice Gregorio xvi n'essa mesma provincia de Spoleto, por occasião da violenta explosão do carbonarismo italiano, fez prodigios de força, e de doçura, desarmou por uma eloquencia paternal e persuasiva os bandos de revoltosos, antes que, penetrando nas cidades, puzessem tudo a fogo e sangue, e reparou como por encanto (tanto suas liberalidades foram grandes) os males que a revolução tinha causado. Este procedimento heroico fello nomear, em 1832, cardeal bispo de Imola, e n'este novo theatro mostrou-se mais activo do que nunca. Restaurou sua cathedral, o palacio archiepiscopal e um grande numero de egrejas; abriu uma casa de exercicios espirituaes ou de retiro annual para os seus padres; fundou uns apoz outros, um seminario para os novos levitas, um instituto para dar aos filhos dos pobres alimento, instrucção, e educação, uma officina para os orphãosinhos, duas escholas para meninos, um albergue nocturno para vagabundos, um asylo para as magdalenas arrependidas etc. etc. Introduziu em Italia a obra admiravel da propagação da fé, levantou as missões, restabeleceu as visitas diocesanas, reorganizou as prégações do advento e da quaresma etc. etc. Nada illudia a sua vigilancia extraordinaria; e os obstaculos, que lhe

surgiam de toda a parte, não foram capazes de abalar um instante sua constancia invencivel.

Uma comprehensão do bem tão alta e tão larga, um coração tão grande e tão bom, um character tão nobre e tão affavel, tinham-lhe conquistado os respeitos e as affeições de todos. Na morte de Gregorio xvi, o cardeal Mastai foi chamado a succeder-lhe. Nunca houve pontificado nem tão longo, nem mais glorioso e fe-cundo.

Tres grandes hierarchias ecclesiasticas, estabelecidas na Inglaterra, na Hollanda, na America, precursoras da volta de innumeraveis ovelhas ao aprisco do bom Pastor. Cento e nove bispados, novamente erectos no universo; trinta e duas delegações apostolicas, confiadas aos piedosos missionarios da Propaganda; um avultadissimo numero de missões entre os povos infieis ou nas diversas regiões do Oriente, fundadas ou restabelecidas; sete concordatas concluidas com diversos governos da Europa. Dogma da Immaculada Conceição definido; condemnação de todos os erros da heresia, do racionalismo, do tradicionalismo, do liberalismo, de novo intimada ao mundo christão em condicções de rigor e solemnidade extraordinarias; canonização de um grande numero de sanctos com circumstancias particulares que revelam uma inspiração realmente divina; uma comprehensão sobrenatural das necessidades imperiosas do mundo moderno, restauração de grande numero de templos; criação de uma nova multidão de estabelecimentos de instrucção, educação e caridade; ardor novo, communicado á typographia catholica e ao estudo das lettras e das sciencias; meios offerecidos aos artistas mais abalisados de consagrar á Religião as obras preciosas de sua arte; direitos da Santa Sé mantidos com uma energia indomavel contra todas as paixões e odios conjurados; uma immensidade de males alliviados, de dores consoladas etc. etc.: eis o resumo

fiel dos vinte e quatro annos memoraveis do soberano Pontificado de Pio IX.¹

Reune as qualidades do corpo em perfeita harmonia com as qualidades eminentes do espirito e do coração. Toda a sua pessoa respira uma magestade attraente, sem altivez alguma; seu rosto é nobre e cheio de bondade, seu olhar limpido e sereno, seus labios abertos e sorrindo-se, sua palavra viva e graciosa, sua voz sonora e repassada de harmonia. Caminha cercado de uma atmosphaera de affabilidade e de bondade. Sua vida tambem é uma vida de justo. Levanta-se ás seis horas da manhã, veste-se, faz uma larga visita ao SS. Sacramento, celebra depois o Santo Sacrificio, e ouve outra missa, dita por um de seus capellães. Dá audiencia ao cardeal secretario para os negocios de Estado; ao mordomo do sacro palacio para os negocios de casa, lê as numerosas cartas que lhe dirigem, dá a seu secretario particular as indicações necessarias para responder. Ao mesmo tempo toma apenas uma simples chavena de café, temperado com chocolate e um copo d'agua. Das dez horas ás duas dá audiencias officiaes; ás duas horas janta tão frugalmente, que toda a despeza é apenas de cinco francos, ou um escudo romano. A's tres horas entra para a carruagem; e chegado que é ás portas da cidade, desce, e dá a pé um pequeno passeio, cumprimentando os mais humildes, dirigindo a palavra ás creanças, e abençoando os velhos, etc. Volta das cinco para as seis horas, e dá recepção algumas vezes até ás dez. Pio IX reza então o breviario, faz uma oração fervorosa e demorada, e em seguida recolhe-se ao quarto que já foi novo, sem mobilia e sem lume,

¹ Isto devia ter sido escripto em 1870, pois, que Pio IX foi elevado á cadeira de S. Pedro em 1849. Depois de 1870 ainda viveu oito annos

dorme o somno do justo, como do justo, é a vida que vive.

Esta digressão era necessaria, porque a sanctidade de vida e a fecundidade da administração de Pio IX, que eu não teria occasião de consignar em outra parte, são um dos esplendores da fé. Provam que Deus está sempre com a sua Igreja, que vigia constantemente sobre ella, e que á medida que os tempos se tornam cada vez mais difficeis, toma tambem maior cuidado de lhe escolher chefes segundo o seu coração, que dêem o exemplo de todas as virtudes. Pio VI, Pio VII, Leão XII, Pio VIII, Gregorio XVI, Pio IX, que nobre e gloriosa successão de sanctos! Estês pormenores darão maior realce ao facto maravilhoso que vou contar.

O quinquagesimo anno do sacerdocio de Pio IX começava a 10 d'abril proximo passado, o piedoso Pontifice devia celebrar no dia seguinte seu Jubileu d'ouro, a divina providencia tinha destinado que esta festa toda intima fosse o signal de uma manifestação extraordinaria, sem precedentes nos annos da Igreja. O pensamento de organizar em honra de Pio IX um glorioso triumpho, surgiu como por encanto de todos os lados, na Europa, na America, na Asia, na Africa, e nas ilhas as mais longinquas. Como a centelha das santas Escripturas que em um abrir e fechar de olhos devasta um immenso çarçal, este pensamento encheu repentinamente a terra. Abrem-se por toda a parte subscrições, e por toda a parte são cobertas de nomes figurativos de todas as classes sociaes.

Os vapores e os caminhos de ferro trazem a cada instante novas offertas. Os telegraphos electricos não tem descanso para transmittirem os cumprimentos calorosos de todos os soberanos, dos reis da Belgica, da Prussia, da Baviera, da Grecia, da rainha de Inglaterra, dos imperadores de França, d'Austria, da Russia, do governo provisorio de Hespanha etc. etc. Os legumes, os

fructos, as flores, os tecidos, os paramentos, as obras de arte, as bolsas, as caixas de joias, vão-se amontoando sem cessar nas salas do Vaticano; avaliara-se em mais de doze milhões o valor dos objectos, offerecidos á admiração entusiasta de romanos e estrangeiros. Perto de cem mil peregrinos acudiram pressurosos a Roma, e puderam ver cruzar em todos os sentidos os grupos de mancebos, a esperança da Italia, as procissões de meninas, e os bandos de pacificos habitantes dos campos.

A 11 d'abril de 1869, ás 8 horas e meia, Pio ix sobe ao altar da Confissão de S. Pedro, em presença dos cardeaes e dos embaixadores, rodeado de oitenta mil christãos fervorosos, commovidos até ás lagrimas e orando com toda a effusão de suas almas. A' mesma hora milhões de catholicos, dispersos pela face da terra, formando apenas um só coração e uma só alma, recebiam a Santa Communhão em acção de graças, e abençoavam o venerando ancião Pio ix. Em Paris, em Bordeus, em Lyão, em Marselha, em Veneza, na Austria, o entusiasmo das populações não foi menor do que em Roma. ¹

Ha tres annos um jornal livre pensador, que conta quarenta mil assignantes e dois milhões de leitores, abriu com grande alarde subscrição para uma estatua de Voltaire, e apenas pôde ajuntar trinta mil francos! Em 1869, um jornal detestado, porque é aberta e resolutamente christão e catholico, abre por sua vez uma subscrição para o Jubileu de Pio ix, e dentro de algumas semanas sobe á cifra relativamente enorme de

¹ Este quadro, esbucado pelo A., pode, com differença de datas e de pessoas, applicar-se ao Soberano Pontifice actualmente reinante, Leão XIII, que viu do alto do Vaticano o mundo emocionado e igualmente liberal e dadiozo no seu quinquagesimo anniversario de ordenação sacerdotal.

trezentos mil francos! O Pontifice Rei venceu pois e humilhou o Rei Voltaire! Esplendor, esplendor!

Não faltaram os gritos de indignação e de despeito: «Dar tanto ouro a Pio IX, exclamava um escriptor descortez e rancoroso, quando tantos pobres tem falta do necessario. Levantar uma collecta de trezentos mil francos á hora, em que um pobre pai de familias morrendo de fome, se acaba de precipitar no Sena. Que escandaloso! Ah! quem será capaz de me dizer o que Jesus Christo pensa de tantas liberalidades!»

O que Jesus Christo pensa! eu vol-o digo, pensa que vos tornastes o echo insensato e infeliz de Judas Iscariote. Ignoraes porventura esta tocante historia? Jesus nas vesperas de sua paixão (e quem sabe se Pio IX não estará nas vesperas do seu martyrio! ¹) tinha aceitado hospitalidade dos piedosos habitantes de Bethania. Maria Madaglena levanta-se, toma nas mãos um vaso de um perfume precioso de grande preço, derrama-o sobre a cabeça e os pés do divino Salvador, que em seguida limpa com os seus longos cabellos: a casa fica toda embalsamada d'este aroma delicioso. Magdalena, como os fieis de Pio IX, dera sem se importar com Judas, que exclamou indignado: «Para que uma perda tão inconsiderada; o perfume valia pelo menos trezentos dinheiros; estes trezentos dinheiros teriam saciado a fome a muitos pobres.» O Evangelho acrescenta: Não era que Judas se inquietasse muito dos pobres, mas era avaro o ladrão. Lamentava que os trezentos dinhei-

¹ Se não é uma prophecia, parece-o. A 20 de setembro de 1870 as tropas piemontezas entravam pela brecha da porta Pia na capital dos Estados da Egreja, n'essa cidade, que é pelas bellas artes, pelas recordações historicas e sobretudo pela crença religiosa a capital do mundo catholico, que outro tanto é dizer do mundo civilisado.

ros tivessem escapado á sua cupidez. Jesus indignando-se por sua vez, elogiou a Magdalena por seu acto generoso e devoto, e pronunciou estas palavras, simples e profundas, que não poderemos assaz meditar: « Por que molestais esta sancta mulher? Ella acaba de praticar uma boa acção, de que os meus lhe serão sempre agradecidos. Vós tendes sempre pobres comvosco, e a mim nem sempre me tereis!» Sim, pobres não faltam, são, não diremos, uma das grandes necessidades, mas uma das mais desesperadoras realidades do mundo! E é um factó lamentavel! o pauperismo toma sempre maiores proporções á medida que Jesus Christo reina menos nas almas, á medida que a fé em Jesus Christo se torna mais rara. Digamol-o até, com a certeza de não sermos desmentidos, no dia em que a fé tiver desaparecido, o pauperismo inundará e devorará o mundo. Quereis, senão extinguir, pelo menos conjurar o pauperismo? dai a Jesus Christo. Elle é o amigo, o advogado, a salvação do pobre! Quer que, sob pena d'anathema, se dêem alimentos áquelle que tem fome, refrescos áquelle que tem sede, vestidos aos que estão nus, liberdade aos captivos, saúde aos enfermos, consolações aos afflictos. Pois não vêdes surgir incessantemente do seio da Egreja de Jesus Christo, gerações de bemfeitores da humanidade, que dispendem em favor dos pobres tudo quanto possuem, espirito, coração, fortuna, forças, vida? Um obolo dado a Jesus Christo ou por Jesus Christo ao soberano Pontifice, seu vigario e representante sobre a terra, centuplicará em proveito dos pobres. Poderei sem exaggero elevar a milhões o que vai produzir para os pobres o ardor magnifico, imprimido á vida catholica pela ovação miraculosa do Jubileu d'ouro.

Uma das censuras mais acres e envenenadas, que o escriptor, de que fallo, ousou fazer a Pio IX, foi o ter canonizado José Labre. Collocar sobre os altares os farrapos e a falta de aceio do illustre mendigo não é

nada menos a seus olhos, do que um attentado contra a humanidade! A intelligencia escravizada pelos sentidos é incapaz de comprehender os pensamentos de Deus. Pobre homem! quando Pio ix canonizava José Labre, obedecia evidentemente a um impulso do alto. Via tomar proporções enormes a esse colosso no meio de uma sociedade sem fé, e queria a todo o preço santificar o pobre glorificando-o! Porque o pobre impio, desesperado e enraivecido, é para a sociedade um inimigo implacavel. Ah! o que deveria provocar vossa colera, se amasseis sinceramente a humanidade, é essa prodigalidade satanica dos homens da moda, nos transportes de seus vergonhosos caprichos e paixões. Quem poderá contar as sommas enormes que arremessam ao vicio debaixo de todas as formas, ao orgulho da vida, ao luxo, á gala, ao jogo e á luxuria etc. etc.? Quem avaliará as fortunas engolidas nos salões das cortezãs, nas coxias dos theatros, nas orgias de impuras collações? O vicio chama o vicio, a paixão gera a paixão, e o vicio e a paixão, vós os glorificais, vós os animais, inspirais, e sopraes em todas as almas.

Todas as vossas coleras são para a caridade christã, para a esmola catholica, que são tambem contagiosas, mas de um contagio sancto e beneficente.

A fé é rara, mas sua raridade é prova de sua divindade.

Esplendor, esplendor!

CAPITULO IV

Causas communs ou geraes da perda da fé

O espirito pagão

A causa fatal da perda da fé na proporção espantosa que temos lamentado, e amargamente deploramos é a invasão das ideias pagãs e revolucionarias.

O espirito pagão retomou o seu imperio no decimo quinto seculo, na epocha da Renascença, e continúa seus estragos pelo ensino litterario, que por elle tem sido inspirado e dominado sem cessar.

O espirito revolucionario, esse fez sua irrupção em 1789 pela declaração dos direitos do homem, e vai-se desencadeando mais e mais em cada dia.

D'esta dupla invasão das ideias pagãs e revolucionarias resulta que o mundo está como sepultado n'uma atmospherá viciada profundamente, e ao mesmo tempo violentamente agitada pelo sensualismo que trasborda de todos os lados, pela independencia de espirito e de liberdade que transporta todas as almas.

No seio de una tal atmospherá, a fé não tem perdido sómente seus dois elementos essenciaes — o sentimento e o habito do sobrenatural, o respeito e o amor da auctoridade — é além d'isso de tal sorte sacudida, discutida, insultada e atanzada, que todos os dias se enfraquece e perde mais.

A alma humana, no decimo nono seculo, é como um solo ingrato e excessivamente movediço, agitado á superficie por ventos impetuosos. O bom grão do Evan-

gelho, a fé, mal pode germinar, quando muito dá uma plantula franzina e molle. Se de onde a onde adrega a lançar profundas raizes para se tornar uma arvore, em um dado momento, o furacão desencadeia-se com tal violencia, que a arvore abençoada é cruelmente desarraigada e feita pedaços.

N'estes dias que vão correndo, os fieis crentes são como Daniel no fosso dos leões, ou os Meninos na fornalha ardente. Para os preservar dos dentes mortiferos dos leões, ou do ardor das chamas devorantes, é mister a intervenção miraculosa de Deus, ou de seu anjo.

Tractarei immediatamente do espirito pagão e dos obstaculos innumeraveis que a fé encontra no modo actual de ensino e de educação, tomando por guia um escriptor, cujas convicções ardentes e coragem apostolica admiro sinceramente. O paganismo no ensino é de feito o verme roedor das sociedades modernas; e se seu livro ¹ tem levantado tantas iras, se tem atrahido tantos desdens, motejos e doestos, é porque poz no abcesso profundo e occulto um dedo inspirado, ferro agudo, bõ-tão de fogo, que fez soltar gritos violentos, mas que, se não se obstinassem em o pôr de parte, teria podido curar um mal immenso.

Eu não me illudo, este capitulo é o mais delicado e o mais difficil de minha obra. Porque tenho de falar uma lingua desconhecida, ou pelo menos completamente esquecida, a lingua do sobrenatural.

O sobrenatural, como o ar para a ave, e a agua para o peixe, é um meio excellente por si mesmo, abençoado pelos seres que vivem em seu seio, mas detestado e maldito por aquelles que a natureza ou o habito organisaram para outros n'eios.

¹ O Verme Roedor das Sociedades Modernas ou o Paganismo na Educação por Mous. Gaume — In-8.º de vii -- 414 pag. Paris, Gaume freres, 1851, 4 fr. 50.

Eis o segredo da repulsão pela fé, que vai medrando todos os dias; eis também, digamol-o de passagem, o que deve volver-nos tolerante para com as pessoas, ainda quando detestemos suas doutrinas.

Quando um órgão não tem sido nunca, ou já não é excitado desde muito tempo para cá pelo agente natural de seu funcionamento, atrophia-se ou paralyza. Os peixes e os crustaceos, que vivem nas ribeiras subterraneas das cavernas gigantes do Kentucky, onde a luz nunca penetrou, assim como as aves aquaticas, nutridas nas entranhas profundas e temerosas das salinas da Polonia, são cegas; seu olho, abandonado a si mesmo, ficou no estado rudimentar.

Da mesma maneira, para aquelles, que a desgraça do nascimento, suas relações sociaes, o ardor das paixões, a especialidade de seus estudos, ou a multiplicidade dos negocios, trouxe a um mundo, onde a luz da fé não pode influenciar-los, a percepção do sobrenatural torna-se-lhes como intangivel.

O homem animalizado, diz o grande Apostolo, *não percebe o que é do espirito de Deus; é isto loucura para elle; não pode comprehendel-o, porque lhe seria necessario julgar pelo espirito e elle tornou-se carne*. O olho de sua intelligencia, senão está de todo cego, é como o olho enfermigo que a luz offende, fatiga e deslumbra.

Os homens esclarecidos que, no dominio das sciencias e das artes, julgariam que os insultaveis, se lhes falasseis de jantar sem cosinheiro, de relógio sem relógioiro, de quadro sem pintor, de estatua sem esculptor, de poema sem poeta, de livro sem auctor, sem compositor, nem impressor, engoliram como agua a enormidade do universo sem Deus, das maravilhas da organização sem um mechanico supremo, dos phenomenos e leis do movimento e da vida sem um primeiro motor, sem o sopro creador, sem legislador soberano. Desde que lhes saiaes do pequeno mundo onde se confinaram, o sys-

tema absurdo dos effeitos sem causa é o unico que sua razão aceita; collocam-se sobre o terreno do impossivel, e sobre este terreno é a falsidade a que tem razão, e o verdadeiro não tem nenhuma.

Tudo o que ha para nós de mais simples, natural, absolutamente certo, essencialmente necessario, a existencia de Deus, dos bons e dos maus espiritos, de nossa alma immortal, da vida futura, da eternidade ditosa ou infeliz, etc., tudo isso é para elles inintelligivel ou ridiculo: é o mesmo que fallar a um cego de nascimento da luz e das cores, a um surdo da origem e causa dos sons e da melodia. Se tivessem ao menos a modestia do cego e do surdo! estes não despresam, não lastimam seus irmãos mais felizes, que vêem e que ouvem; não, reconhecem-lhes o direito de prantear sua sorte.

Para dar uma ideia da influencia dos meios, do habito e da educação, sobre nossos juizos e ideias, permitta-se-me que recorra a um exemplo que nos vai reconduzir á invasão do espirito pagão.

Fenelon estava de tal sorte identificado com as bellezas classicas de Athenas, que não hesitou em formular em suas cartas sobre a eloquencia este juizo verdadeiramente estranho: « Os inventores da architectura que se chama gothica imaginaram sem duvida avantajar-se aos architectos da Grecia. Em um edificio grego tudo é simples, tudo é sujeito a medida, tudo regulado pelo uso, dictado pela verdadeira razão. »

Pelo contrario, a architectura gothica levanta sobre pilares muito delgados uma abobada immensa, que sobe até aos céos; tudo é recortado como em cartão, tudo perfurado, tudo no ar. Não será natural crer que os primeiros architectos gothicos se hajam lisongeados de exceder por seus requintes a simplicidade grega?... Lucano devia tambem julgar que era maior que Virgilio! Seneca podia imaginar que brilhava muito mais que Sophocles! E o Tasso que deixava para traz a Ho-

mero e Virgilio!» De modo que os auctores gigantes d'esses magnificos monumentos, que em nosso seculo sem fé excitam uma admiração unanime e entusiasta, aos olhos do espirituoso auctor do *Telemaco*, livro christão, entrajado, ah! em formas totalmente pagãs, estavam para os architectos da mythologia como Lucano para Virgilio, Seneca para Sophocles, e Tasso para Homero! Vejamos porém.

A religião christã vencera o paganismo, a força bruta, o sophisma e a heresia; emfim conquistou o mundo!

No meio do embrutecimento o mais vergonhoso dos espiritos e dos caracteres, no seio de um imperio governado por eunuchos, e invadido pelos barbaros, os Padres da Egreja, Athanasio, Ambrosio, Agostinho foram os echos eloquentes e escutados da doutrina a mais pura, da moral a mais sublime. Seu genio é o unico que fica de pé no meio da decadencia universal. Ostentam-se como reedificadores em meio das ruinas. E' que elles são de facto os architectos do grande edificio religioso e político do porvir. O imperio romano esbarrou-se; a Europa civilisou-se pelo Evangelho.

Resta porém desarreigar um ultimo fundo de selvageria e de rudeza; já no entanto a sociedade é christã na linguagem, nas instituições, nas leis, nas artes. O impulso fôra dado aos espiritos, ás intelligencias e ás imaginações. As paixões são ainda vivas e bruscas; os velhos fermentos do paganismo não estão de todo extirpados, levedam ainda no sanctuario da Egreja, no corpo do clero, cujos costumes não são sempre edificantes; mas a fé domina tudo, e por ella o escandalo é notavelmente enfraquecido. Cada qual tem presente aquella palavra do divino Mestre, que soffreu um Judas entre os seus discipulos: Fazei o que vos dizem, e não façais o que fazem.

Rei do mundo durante perto de mil annos, o chris-

tianismo, para exprimir seus pensamentos mais simples, mais doces, mais elevados e profundos, teve de crear uma lingua sua.

Já não é o culto absoluto da forma, indispensavel ao paganismo para occultar a crueza e inopia do fundo; a forma longe d'isso retrahе-se quanto possivel, para não trazer ao segundo plano a magestosa belleza do fundo.

Uma pleiade de genios, S. Leão Magno, S. Gregorio Magno, Santo Anselmo, Beda o Veneravel, Lanfranc de Cantorbery, S. Bernardo, S. Francisco d'Assis, S. Boaventura, S. Thomaz d'Aquino popularisam a expressão perfeita das ideias e dos sentimentos christãos.

Os cantos dos bardos, as trovas, os romances de cavallaria, as poesias de Dante e de Petrarcha, abrem á imaginação e á litteratura horizontes novos.

Desde os primeiros seculos da edade media, o mundo christão apresentava-se já com suas obras primas d'arte, mas no começo do xi seculo, ostenta-se como se fôra arrebatado por um entusiasmo divino. Uma rivalidade sublime se estabelece entre todos os povos, para ver-se qual d'elles ha de levantar mais bellos monumentos.

Nunca os romanos fizeram correr, para edificar seus gigantescos, mas pesados edificios, seus aqueductos, circos, amphitheatros, rios de ouro, tão abundantes, como os que nossos piedosos antepassados fizeram correr para elevar suas cathedraes e ornal-as. Tres seculos apenas tem passado, e a Europa ostenta-se aos olhares deslumbrados resplandecente de obras incomparaveis de architectura, de esculptura, de pintura, de cinzeladura. Grandes nomes desconhecidos lançam nos ares naves, torres, flechas gothicas de proporções gigantescas, mas perfeitamente harmoniosas. Escultores, animados do sopro divino da inspiração, recortam em

rendas myriades d'agulhas, cuja ponta esguia parece arrojarse ao céu a supplica, e fazem brotar da pedra, do marmore, povos inteiros de estatuas admiraveis pela magestade da attitude, pela naturalidade das roupagens, pela sublime expressão das cabeças falantes. A palheta dos pintores, de Cimabué, de Fra Angelico, de Pisani, de Giotto, de Bellini, de Hemmelinck, de Alberto Durer, de Vanucci, etc., traça magistralmente a maravilhosa epopeia do christianismo, e leva a uma perfeição incomparavel a expressão das physionomias.

Os mosaistas transformam os pavimentos, as abobadas, e as frestas de nossos templos em canteiros esmaltados de flores e em desenhos de todos os matizes; os pintores sobre vidro contam os acontecimentos do Evangelho em traços de luz e de fogo, tocantes e inimitaveis. Os cinzeladores, os ourives, os joalheiros, os bordadores, rivalisam em ardor e exito, de sorte que a igreja a mais humilde, o mais pobre mosteiro tambem possuem o seu thezouro de objectos de arte. O Occidente converte-se em um immenso museu, museu casto e moral de obras primas, inspiradas por arte sobrehumana.

Filha docil da fé, e tomando ponto de partida das verdades, que aprendeu n'esta escola infallivel, a razão forcejava por descobrir os conceitos intimos d'aquella, punha em relevo sua riqueza e variedade infinita, pedias applicações fecundas em resultados proficuos. Estreitamente unidas, as sciencias formavam uma familia perfeitamente subordinada. A theologia era a mãe e a rainha; as outras sciencias suas filhas e suas subditas. A mãe imperava e imprimia a direcção; as filhas trabalhavam cada uma dentro de sua esphera para o bem commum.

D'ahi essas syntheses grandiosas que fazem das obras de Santo Agostinho, de Santo Anselmo, d'Al-

berto o Grande, de Alexandre de Halles, de Santo Izydoro, e sobretudo de S. Thomaz d'Aquino, vastas auras, que illuminam com sua luz as questões as mais abstractas da ordem religiosa, politica, civil e domestica. Herdeiras da philosophia dos Padres da Egreja, apoiadas em crenças inabalaveis, unidas e firmes em principios certos, as sciencias do raciocinio attingem, graças a trabalhos seculares, uma grandeza e extensão, que depois não mais tem igualado. A philosophia era então um pharol luminoso, que esclarecia em esplendidos raios todas as questões relativas a Deus, ao homem e á sociedade. Restava apenas sondar os mysterios do mundo material e vivo, mas já despontavam no horizonte os fundadores da chymica, da physica, da astronomia e da physiologia modernas, Rogerio Bacon, Raymundo Lulle, Paracelso, Gutttemberg, etc. O genio do homem conquistara já então a bussola, a polvora, a imprensa, etc.

Em resumo, a meia idade, ou antes, porque é seu verdadeiro nome, a Edade da Fé, tão menosprezada, tão calumniada possuia a verdadeira grandeza. De balde se buscaria no mundo inteiro um rei maior, do que Carlos Magno, ou mais perfeito, do que S. Luiz; genio mais profundo e universal, do que S. Thomaz d'Aquino; escriptor mais deslumbrante, orador mais eloquente, do que S. Bernardo; monumentos mais vivificados do espirito christão, do que nossas velhas cathedraes; decorações mais interessantes, melhor inspiradas, mais instructivas, do que as vidraças de nossas basilicas; maior ardor generoso e verdadeira coragem, do que nos cruzados; maior intrepidez cavalleiresca, do que nas ordens militares e hospitaleiras; maior abnegação e amor do povo, do que nos frades mendicantes; maior caridade sublime, do que nos religiosos votados á redempção dos captivos. Não, nunca se viram tão grandes creações e tantos grandes homens, pela simples razão

de não ter havido jámais tão grande numero de sanctos de virtudes heroicas.

O paganismo está de todo vencido, e como banido da terra. Realisara-se, quanto é possivel n'este mundo, o reino de Deus, o reino de Jesus Christo, que dirigia, governava e orientava sua Egreja. A Europa inteira mostra-se para com ella cheia de submissão e de abandono filial em sua fé, nos costumes publicos e privados, nas instituições, na philosophia, nas artes, na linguaagem, etc. E' realmente o campo do Pai de familia perfeitamente expurgado, fundamente trabalhado, vivamente adubado, e sementado com um cuidado extremo. Tudo parece auspiciar uma colheita abundante.

Ah! poucos annos decorrem, e essas brilhantes esperanças ameaçam desvanecer-se. Confiados demais, os guardas do campo, adormecem; e o inimigo vem, e semeia o joio a mãos cheias. A principio nada appareceu, mas quando as hastes cresceram, e as espigas se formaram, o trigo patenteou-se invadido pela má herva. As sentinellas aterradas, correram ao Pai de familia, e gritaram-lhe de longe: Não semeastes o vosso campo de bom grão? sem duvida. D'onde vem pois que a zizania superabunda? E' obra do inimigo, do espirito pagão, que esperava pacientemente a hora, em que poderia tomar a desforra.

Em 1453, expulsos de Constantinopla, que acaba de cahir debaixo dos golpes de Mahomet II, muitos gregos lettrados vêm para Florença, trazendo como bagagem obras de philosophia, de eloquencia, poesia, e arte pagã, da qual são admiradores entusiastas, e clamam: Barbaro, instrue-te! A Europa estava por esse tempo trabalhada pelo espirito de revolta, consequencia do grande scisma do Occidente; um echo immenso respondeu á voz seductora dos novos apóstolos. Decorridos alguns annos apenas, já se não fala d'outra cousa, senão dos escriptores e artistas de Roma e de

Athenas, das obras do seculo d'Augusto e de Pericles. Uma acclamação numerosa sauda em altos gritos o que se chama a Renascença, e que de facto era a volta fatal ao paganismo.

Conhece-se a arvore pelos fructos, julgemos pelos fructos a arvore da Renascença, vejamos rapidamente o que produziu no dominio da litteratura, das artes, da philosophia, das sciencias, do ensino, da religião. Mas demos a palavra a um escriptor distincto, o snr. Michiels, que se vai tornar o echo auctorizado de um asombro, que não poderíamos bastantemente deplorar (*Revista contemporanea*, fasciculo de janeiro de 1853, p. 632). Para o homem que reflecte é um spectaculo curioso ver a civilização greco-romana, ferida de morte e sepultada pelo christianismo, sahir lentamente do seu tumulo, cheia de rancor, e sedenta de vingança, cahir por sua vez sobre seu inimigo, arpoal-o, combatel-o sem descanso, leval-o adeante de si com a ponta da espada na garganta, e precipital-o emfim no pégo do protestantismo, do philosophismo, do voltairianismo, e emfim da Revolução. Que singular contraste de fortuna! que bizarro effeito da grande lei das compensações, que se depara por toda a parte! Não é menos curiosa ver a França empregar primeiro o ferro, o fogo, a roda e a forca para comprimir dentro de si a reforma, e acceital-a depois vestida de habitos emprestados, e deixar os philosophos, os antiquarios, os poetas, os moralistas, os forrageadores de contos, os dramaturgos entornar nos espiritos a duvida, o amor da licença, o sensualismo, e os principios anti-christãos dos pensadores gregos. Ter assim as maiores attenções por seu adversario, partilhar com elle a agua e o fogo, a meza e a cama, porque tomou outro nome, porque vestiu outro habito! Eis o que se chama mostrar discernimento! E o que deve parecer mais extraordinario ainda, é que o clero, senhor de todo o ensino, lhe abrisse

as portas, lhe offerecesse um assento junto do seu lar, e entregasse as chaves do aposento! Seria possível esperar que os proprios chefes da religião a entregassem sem defeza ao polytheismo e ao scepticismo disfarçados?»

Desde que se começou a estudar e a commentar as obras litterarias dos antigos, adoptaram-lhes os principios, deixaram penetrar-se de seu espirito, e uma revolução immensa se effectuou nas ideias. O bello e o maravilhoso dos Livros Sanctos foram para sempre condemnados; o genio moderno metteu-se a reboque da esthetica pagã, e d'ahi uma litteratura que degrada o talento, abatendo-o ao papel de copista fatalmente incorrecto. ¹

O movimento pagão torna-se immenso, e leva tudo comsigo. A mythologia pagã invade as letras, e sobe aos proscenios. Escancara aos olhos de todos, faz retinir aos ouvidos, insinua nas almas, quadros, principios e sentimentos inteiramente carnaes. Os mestres da antiguidade vem a ser os reguladores, os arbitros supremos dos costumes e do gosto. « Cicero, exclama Erasmo, um dos corypheus da Renascença, por sua divina eloquencia e sua sanctidade (a sanctidade de Cicero!) volve-me melhor.» O fanatismo pagão apodera-se dos espiritos: a litteratura é pagã, a poesia é pagã, a mesma lingua é pagã.

As artes por sua vez soffrem uma orientação mais pagã ainda. O pincel dos pintores inspira-se nas divindades e fabulas do paganismo. Os deuses e deusas do Olympo, em um estado de nudez completo, ornam as galerias e os museus publicos ou secretos dos palacios

¹ Que outra pôde ser, de feito, em um poeta christão a inspiração que o arrasta a pedir a vida de seu protector, de seu Mecenas, ao Genro de Ceres? Lamartine é muito menos pagão, motivo porque seu lyrismo o arrebatava tanto acima do de J. B. Rousseau.

dos grandes. As Venus, as Nymphas, as Graças apparecem a cada canto. Até a sanctidade dos templos do verdadeiro Deus é ultrajada. Os anjos são genios nús; os sanctos, as sanctas, as virtudes são homens e mulheres que para lá tiram. Que mole de carne, por exemplo, não é um celebre quadro do juizo derradeiro de Miguel Angelo! Não se diria ao vel-o que os gigantes sobrepondo o Pelion ao Ossa, paravam espantados deante da colera de Jupiter tonante! Entrai no sanctuario por excellencia da arte pagã da Renascença, o palacio Pitti em Florença, formado de doze salões, consagrados cada um a uma divindade pagã, que se destaca no tecto com seus attributos impuros. Que perfeição inimitavel nos assumptos profanos! A regularidade das proporções, o natural das attitudes, a expressão das physionomias, a verdade e a riqueza do colorido, a belleza das fórmãs, a delicadeza dos sentimentos, nada, absolutamente nada deixa a desejar. Mas nos assumptos religiosos que doloroso contraste! O pintor traçou-os á sua imagem, ou antes á imagem de seus modelos pagãos. Os sanctos, as sanctas, os anjos, os martyres tem um ar de familia com Apollo, Jupiter, os heroes e heroínas da antiguidade. Por toda a parte a inspiração pagã, por toda a parte a carne, que pondo-se em relevo impudentemente, faz baixar os olhos á innocencia, e córar a virtude. A partir do Perugino, ou dos primeiros annos da renascença, não ha um quadro que ore, que faça vibrar as cordas do coração em harmonia com os sentimentos christãos, que brade: *Sursum corda!*

A esculptura á sua parte reproduz os deuses e as deusas em bronze, marmore, pedra, barro, gesso. Jupiter, Apollo, Venus, as Graças, as Nymphas, os Satyros ostentam-se ovantes sobre as praças das cidades, decoram as frontarias, povoam os passeios publicos, embelezam os parques e os jardins; encontram um pedestal até no seio do lar domestico, etc., etc. A gravura leva

as lampas á pintura e á esculptura. Multiplica ao infinito as apotheoses da sensualidade e do vicio.

Vê-se portanto na litteratura e nas artes uma revolução completa; a resurreição universal dos costumes dissolutos, a glorificação da carne. Ora qual é o inimigo mais implacavel da fé? a carne. É sempre pelo triumpho da carne que o homem chega á incredulidade. O impio diz em seu coração depravado, antes de o dizer em sua rasão desvairada: não ha Deus. A carne é excessivamente fraca, suas inspirações são mortas. Suas obras, disse o grande Apostolo, são fatalmente os concubitos, a immundicie, a impudicia, a luxuria, os crimes, as dissensões, as coleras, o homicidio. E S. Pedro acrescenta: Os que seguem a carne, tornam-se em animaes sem rasão, orgulhosos de si mesmos, desprezadores da auctoridade, audaciosos e reveis. Quando é que Deus, arrependendo-se de ter creado o homem, resolveu destruil-o? Quando o homem se fez carne! Quem poderá enumerar a multidão immensa de almas, que o transbordar do espirito pagão arrancou e arranca todos os dias á fé christã e catholica!

O Pontifice para sempre celebre, que se tornou o protector das letras idolatras, que não vacillou um instante em dar cinco mil francos, quantia então enorme, pelo manuscripto dos primeiros livros de Tacito, que festejou enthusiasmicamente a descoberta de algumas estatuas da antiguidade, que mereceu que se dêsse ao seculo da Renascença o nome de seculo de Leão x ou de Medicis, que consentia dissessem os poetas do seu tempo que era soberano Pontifice por decreto dos deuses immortaes, viveu o bastante para vêr as espantosas consequencias de sua fatal leviandade, e para ouvir a terrivel reprimenda que o pio e sabio cardeal Pallavicini não temeu dirigir-lhe: «Faltaste a vosso dever, negligenciando o estudo das letras christãs. Aggravastes vossa falta, entregando-vos com paixão ao culto fri-

volo da antiguidade. Agora soffreis o justo castigo d'essa dupla falta, cujas consequencias desastrosas cahiram sobre a propria Igreja.»

É impossivel negal-o, a Renascença foi a mãe da pretendida Reforma protestante. Os reformadores, Luther, Zwinglio, Calvino, Melanchton, Henrique VIII, eram não theologos ou philosophos, mas litteratos, ou, como se dizia então, humanistas apaixonados pelos auctores pagãos, adoradores da carne, insurgidos contra as leis muito severas para elles da disciplina religiosa, da abstinencia, da continencia, do celibato, da sanctidade matrimonial. Erasmo, tão garrulo e tão bisbilhoiteiro, ia repetindo por toda a parte e em todos os tons:

«A Renascença é o ovo, a Reforma é a ave que d'elle sahiu.» Zwinglio disse:

«As novas luzes que se tem diffundido depois da renascença das letras debilitam a credulidade do povo, abrindo-lhe os olhos sobre uma immensidade de superstições, e impedem-no de adoptar cegamente o que lhe ensinam os padres.»

O corajoso syndico da faculdade de theologia de Paris, 1526, Beda, dizia alto e bom som:

«É pelos litteratos, inimigos jurados da idade media, e ufanos de seu patriarcha (Erasmo) que a heresia se espalha. Porque tem uma certa tintura de bellas letras, julgam-se capazes de discorrer ácerca de todas as sciencias sagradas. Graças a semelhante tactica, o mal alastra-se, e torna-se tanto mais miseravel, que os medicos chamados a assistir-lhe, isto é, os mestres da religião são apodados de theologastras por esses humanistas, que os desprezam, como homens completamente ignorantes do que ensinam. O alvo, a que miram estes grécizantes, é a passarem por verdadeiros mestres na sciencia sagrada. Nós, dizem, estudamos as Escripturas e os textos originaes... nós lêmos as obras dos antigos doutores... Eis os titulos que se decretam os humanis-

tas... ao mesmo tempo vão qualificando os douctores da Escola de reles, de sebentos, de ignaros em artigos de bellas lettras, e por isso mesmo de inimigos das luzes.»

Emfim um historiador protestante, Buhle, escreveu: «Esta revolução memoravel que Martinho Lutero, Philippe Melanchton e seus amigos ou sectarios começaram em 1517, foi gravitada pelo aperfeiçoamento da philosophia, consequencia da Renascença das lettras.» E accrescentava; «Semeai humanistas e colhereis protestantes.» Não ha historiador sincero que não diga com um escriptor moderno, o sr. Alloury: «para atear um incendio, o facho da reforma teve de acender-se ao facho da Renascença.»

Eis pois qual foi a primeira façanha do espirito pagão resuscitado. Arrancou á fé christã, por entre ondas de sangue e de tormentos de fogo, a metade da Europa, a Allemanha, a Inglaterra, a Hollanda, a Suissa, a Dinamarca, a Suecia e a Noruega.

Eu digo á fé christã, e não só á fé catholica, porque o veneno da reforma, o dogma funesto da infallibilidade das santas Escripturas, deixadas fóra de toda a auctoridade, á interpretação individual, é uma peçonha mortal que extingue a fé á raiz. As nações protestantes são nações christãs, mais christãs até do que a nossa França, da qual se póde dizer que o não é: os reis da Prussia e de Inglaterra, o presidente dos Estados Unidos, hoje ainda convidam seus povos, em nome de Jesus Christo, a preces publicas, a jejuns geraes, o que não se toleraria ao supremo magistrado francez. Mas se estas nações são christãs, a immensa maioria dos individuos não o é.

O socinianismo, i é, a negação da divindade de Jesus Christo e de todos os mysterios da religião christã, tem com effeito invadido tudo. Exaltando a fé a ponto de querer que justifique suas obras, acabaram realmente

com ella. O que affirmamos aqui é a expressão de uma convicção sincera, resultado de uma longa domiciliação na Allemanha e na Inglaterra, e de relações intimas com os homens, os mais esclarecidos, d'estes dois grandes paizes.

Tomemos cautela. As nações que tem suas virtudes e seus vicios, teem egualmente suas recompensas e seus castigos, tal qual como os individuos. A apostasia como nação de nossa cara França poderá trazer catastrophes, que serão talvez poupadas á Inglaterra, á Allemanha e America.

Os reformadores estavam adultos, quando a vertigem da Renascença os salteou; o espirito pagão não tinha ainda corrompido na fonte as noveis gerações, e portanto, esses milhões d'almas, roubados á fé, não podiam ser senão o começo das grandes dores.

É o ensino que fórma as gerações. O mancebo fica em geral como quando deixou os bancos da aula: *Adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit, non recedet ab ea.* Um poeta pagão disse:

Quo semel imbuta fuerit, recens, testa diu servabit odorem.

a terra ainda molle conserva por muito tempo o odor do perfume, de que foi a principio impregnada. O que o proverbio francez traduz muito cruamente: *todos puxam para aquillo, em que foram creados.*¹ Os sabios de todos os tempos concordam em que a educação é a que faz o homem, a sociedade civil e religiosa. *Non parum, sed totum est quâ quisque disciplina imbuatur á puero,* disse um dos grandes mestres da arte das artes, a arte de formar os espiritos e os corações: *Ars artium regimen ani-*

¹ La caque sent toujours le hareng. O que á letra diz : a canastra cheira sempre ao arenque.

marum. As doutrinas e as regras, de que cada um foi imbuído na sua juventude, não são pouca cousa, são tudo. Os judeus, apesar de terem a convicção intima da abolição de sua lei, não se convertem, porque sugam com o leite o veneno do erro, porque as extravagancias do Talmud se identificam desde a infancia com elles.

Os musulmanos e os tartaros não se convertem, porque não tem senão um livro, o Corão. Os hereges e os scismaticos gregos ficam afferrados obstinadamente a suas superstições e crenças insustentaveis, porque a martellagem de uma educação exclusiva lhes tem, para assim dizer, repuxado na cabeça as falsas opiniões de seus pais.

O evangelho disse ha desoito seculos: *Os filhos das trevas são mais prudentes em seus negocios, que os filhos da luz*. Escutai com effeito como um altivo e fogoso republicano, Chazal, sustentava contra um chefe de instrução a accusação de ensino monarchico: « *Recolhe-se o que se semeia*; se soffrerdes que semeie realeza, realeza recolhereis. *A instrução faz tudo*. E' por ella que se supporta hoje o despotismo nas ilhas da Grecia, onde se adora a egualdade.

Nós mesmos, se erguemos as fronte acurvadas á servidão da monarchia, é porque a feliz incuria dos reis nos foi deixando formar nas escolas de Sparta, d'Athenas e de Roma. Jovens, lidamos frequentemente com Lycurgo, Solon, os dois Brutos, e aprendemos a admirar-os! Homens, não podemos deixar de os imitar! Não tenhamos a estupidez dos reis!

Tudo será republicano em a nossa republica! Puniremos os traidores que lhe votarem seu odio, e exigiremos ainda que lhe professem amor. O ultimo suspiro do homem livre deve ser para seu paiz. Não é possivel obtel-o, senão obtendo seu primeiro sentimento. Instituidores, vós o fareis nascer, ou arrancar-vos-hemos o deposito sagrado da patria! Nós o arrancaríamos ao

proprio pai, se urdisse para ella o opprobrio e o supplicio da escravidão.»

Os monges do Occidente tinham piedosamente recolhido e multiplicado pela calligraphia as obras primas da litteratura, da poesia, da historia, e da philosophia antigas. Mas estas obras entravam pouquissimo no ensino. Aguardava-se que as intelligencias estivessem bem maduras, os corações bem formados, os costumes garantidos, para as pôr nas mãos das novas gerações.

«Pois não seria a suprema crueldade, diziam então todos os mestres da juventude, arremessar á arena da litteratura pagã, no meio de tantos inimigos conjurados, pobres creanças que não sãc capazes de se defenderem a si mesmas?»

Durante o periodo inteiro da meia idade, os livros classicos foram exclusivamente christãos. A opinião geral e invariavel era: que a litteratura pagã não convinha de modo algum ao genio da religião de Jesus Christo; que era indispensavel estudar a que nascia naturalmente do christianismo, que vinha a ser sua expressão fiel e a que traduzia seu espirito; que o unico meio de formar gerações christãs era vazal-as em um molde inteiramente christão. O successo quanto ao mais tinha, como vimos, coroado tantos esforços intelligentes e generosos.

Mas alguns annos são decorridos desde a renascença das lettras, e no ensino já se não vê outra cousa senão os auctores pagãos de Roma e de Athenas. Para longe os classicos christãos! A historia dos deuses do Olympo, as Fabulas de Phedro e de Esopo. Quinto Curcio, Ovidio, Virgilio, Homero, Xenophonte, Demosthenes, Cicero, serão d'ora em diante os mestres da juventude catholica.

«E será sempre, diz um outro protestante, o snr. de Gasparin, um dos assombros do futuro, que uma sociedade christã tenha cahido em votar os sete ou oito

bellos annos da infancia e da juventude ao estudo exclusivo dos auctores profanos.»

Eis como o molde christão foi despedaçado e substituido pelo molde pagão, na litteratura, nas sciencias e nas artes.

Quanto aos oraculos da tradição catholica cerravam-lhes brutalmente os ouvidos.

De S. João Chrysostomo: «Não vedes quanto é criminoso o costume, que tendes, de dar por primeiros livros á juventude as historias d'esses heroes antigos, que se lhes ensina a admirar, apezar de terem sido dominados de todas as paixões? Recolhemos os fructos de semelhante educação que tende a povoar a sociedade de homens arrebatados, sem freio e sem costumes, habituidos, como estão, a revoltear-se na lama.» (*In Epist. ad Eph.*, t. ix, p. 183) De S. Basilio: «A leitura dos auctores profanos é sempre perigosa, prêga o moralismo, e ensina a admirar os homens virtuosos sómente em palavras (T. 1, p. 246) De S. Jeronymo: Não leais nem os philosophos, nem os oradores, nem os poetas pagãos. Não vos detenhais no estudo de suas obras.

E' um crime beber ao mesmo tempo no calix de Jesus Christo e no calix do demonio (*Epist. ad Eustoch.*)

«Eu não podia desfazer-me da bibliotheca que arranjara em Roma com um cuidado extremo e infinito. Gastava as noites a lêr Cicero, a saborear Plauto... dos prophetas não fazia caso... Ouvi a voz do soberano Juiz... Tu és ciceroniano, e não christão .. onde está o thezouro, está o teu coração... Jurei que se conservasse meus livros pagãos, fosse olhado como apostata...»

De Santo Agostinho: «Desgraçada de ti, torrente do costume! Pois não é a Fabula que nos mostra um Jupiter tonante e adultero?... A ficção faz que os crimes não sejam crimes, e que practicando eguaes infamias, se esteja em caminho não de imitar homens pre-

versos, mas deuses immortaes .. Foi assim que eu bebi o vinho do erro e do vicio que me offereciam mestres ebrios!... Foi assim que aprendi a deplorar Dido, que se deu a morte por ter amado muito!... Que aplaudia aquelle que melhor tinha representado a colera e a dôr de uma deusa imaginaria!... E' espantoso que todas estas verdades me tenham afastado de vós, ó meu Deus; que o estylo e os pensamentos das divinas Escripturas me hajam parecido indignos de serem comparados á magestade de Cicero?!...» (*No livro v de suas Confissões e em suas Cartas.*)

E n'outra parte: «Instruir creanças com livros pagãos, não é só ensinar-lhes inutilidades, é roubal-as a Deus e entregal-as ao demonio. Será porém assim que convém educar a juventude? Serão esses modelos que devem offerecer-se-lhes? Procedendo assim, não são nem aves, nem animaes, nem mesmo sangue humano, o que offereceis; mas o que é muito mais abominavel, é a innocencia da juventude a que immolaes nos altares de Satanaz.» (*Epist. ad Nectarium.*)

Cerravam-se os ouvidos á tradição da Igreja toda inteira, resumida n'estes termos das Constituições apostolicas, echos fieis do espirito puramente christão: «Abstende-vos de todos os livros dos gentios; que tendes vós com essas leis estranhas e com esses falsos prophetas? Essas leituras tem feito perder a fé aos espiritos levianos... Abstende-vos pois absolutamente de todas essas obras profanas e satanicas.» Ao que S. Jernonymo acrescentava: «A philosophia, a poesia, a rethorica pagãs são o manjar dos demonios.» (*Liv. I c. IV.*)

A litteratura antiga que as edades da fé permitiam estudar, quando já não era perigosa, e no unico intento de pôr os despojos do Egypto ao serviço e ornamento do sanctuario, veio a tornar-se como o leite, com que as novas gerações hauriram o veneno do paganismo.

Quando os medonhos estragos do protestantismo abriram os olhos sobre tantos perigos, quem não teria esperado ver uma reacção profunda: quem não teria pensado, que ao menos as ordens docentes, suscitadas por Deus para combater corpo a corpo o monstro da revolta dos espiritos e dos corações, e preservar de seus golpes as gerações novas, sentiriam a necessidade absoluta de romper violentamente com o passado, de estancar para sempre as fontes impuras do paganismo, e de dar, tanto na instrucção, como na educação, uma larga parte ao elemento christão? Ah! nada d'isso se fez. Temos deante dos olhos o catalogo dos livros classicos, adoptados por mestres venerados na abertura de seus collegios modelos, fielmente guardados por elles no dia fatal de sua dispersão em 1764; retomados por elles no dia fausto de sua restauração, e verificamos com dôr, que á excepção do Novo Testamento grego, e de algumas homilias de S. João Chrysostomo, assignadas á classe segunda, todos os livros, lidos para ensino, são exclusivamente pagãos! Fallece-me o animo para desvelar o funesto alcance d'esta dolorosa cegueira, e suas consequencias tão deploraveis. Que falem dois jesuitas tão piedosos, como sabios. Um, o Padre Poisevin, assistiu ao nascimento da Reforma e da Companhia de Jesus, seu implacavel adversario; o outro, o Padre Grou, morto em 1803, viu fechar o celebre collegio de Luiz o Grande, e o theatro no qual o joven Voltaire, desempenhando o papel de Bruto, na tragedia do Padre Porée, seu illustre mestre, exclamava: « Meu filho já não existe, Roma está livre, vamos dar graças aos deuses! »

O primeiro, no meio de uma preocupação universal, não trepidou em fazer ouvir este serio e profundo aviso: « Qual pensais que é a causa terrivel, que precipita as almas no pégo de seus appetites, nas impudicias, nas usuras, nas blasphemias, no atheismo, senão a

de que desde a juventude, nas proprias escolas, que são o viveiro dos estados, se ensina tudo, excepto a piedade, se explica tudo, excepto os auctores christãos, ou, se ainda se fala n'ellas de religião por alto, tudo isso se encontra envolvido com as cousas as mais impuras e as mais lascivas, verdadeiras perdas d'almas. De que serve, pergunto, deitar em um largo tunnel um copo de vinho puro, delicioso, bem fabricado, e deitar ao mesmo tempo torrentes de vinagre e de vinho estragado... Por outras palavras, o que significa um pouco de cathecismo por semana com o ensino quotidiano das impurezas e das impiedades pagãs? Se quereis salvar a republica, ponde já, sem demora, o machado á raiz das arvores. Bani das escolas os auctores pagãos, que soccolor de ensinar a vossos filhos a lingua latina, lhes ensina a lingua do inferno... Depressa esquecem o pouco latim que aprenderam; mas o que não esquecem são os factos e as maximas impuras que tem aprendido de cór; estas recordações ficam-lhe de tal sorte impressas, que em toda a sua vida antes querem ouvir cousas vãs e até deshonestas do que as uteis e honestas.. » (*Ragionamento...* p. 2.)

O segundo é mais explicito ainda porque o luar dos fachos incendiarios da Revolução lhe tinha saltado aos olhos: « A nossa educação é toda pagã! Não se dá para leitura dos jovens nos collegios e no recinto da familia senão poetas, oradores e historiadores profanos; incute-se-lhes uma alta ideia d'esses escriptores; apresentam-se-lhes como os perfeitos modelos na arte de escrever, como genios privilegiados, como nossos mestres. Afim de lhes facilitar a sua intelligencia, entra-se muito adeante nos pormenores das genealogias e aventuras dos deuses e dos heroes da fabula. Transportam-nos a Athenas, ou á antiga Roma. Põem-nos ao facto dos costumes, uso e religião dos antigos povos; iniciam-nos assim em todos os mysterios, em todos os absurdos do paganismo; tudo.

com effeito, é objecto de uma infinidade de commentarios que os sabios tem composto para cada auctor. Este systema de estudos debilita nos jovens o espirito de piedade. Eu não sei nem poderia explicar que miscellanea confusa se fórma em seus cerebros das verdades do christianismo e dos absurdos da fabula; dos verdadeiros milagres de nossa religião, e das maravilhas ridiculas, contadas pelos poetas; e sobretudo da moral do Evangelho e da moral toda humana, toda sensual dos pagãos. Nós não damos bastante attenção ás impressões que recolhe o cerebro tenro das creanças. Do que eu não duvido, é de que a leitura dos antigos não tenha contribuido para formar esse grande numero de incredulos desde a renascença das lettras (já em 1623, o padre Mersume contava cincoenta mil atheus só em Paris.) Ora isto não teria acontecido, se a juventude não tivesse sido prevenida de servil admiração pelos grandes nomes de Aristoteles, de Platão e outros. Esta educação habitua os jovens a nutrir-se de ficções e de mentiras agradaveis. D'ahi o prurido ardente pelas representações theatraes, pelos poetas, pelas aventuras, pelos romances, por tudo aquillo que agrada aos sentidos, á imaginação e ás paixões. D'ahi a leviandade, a frivolidade, a aversão pelos estudos sérios, a falta de bom senso e de solida philosophia. E' ainda nos collegios que os jovens tomam o gosto a obras apaixonadas, obscenas, perigosas a todos os respeitõs para os costumes; porque taes são a maior parte dos antigos poetas.» (Moral de S. Agostinho). Eu bem sei que um escriptor, homem de Estado, o snr. Thiers, cuja voz é tão universalmente escutada e admirada, não receou dizer, por certo que no enthusiasmo de um movimento oratorio:

«Não só palavras que se ensinam aos jovens, ensinam-se-lhes o grego e o latim, são *nobres e sublimes cousas*, é a historia da humanidade debaixo de imagens

simples, grandes, indeleveis... A instrução secundaria forma o que se chamam as classes de uma nação, e se as classes esclarecidas não são a nação inteira, *caracterizam-na*. Seus vícios, suas qualidades, suas inclinações, boas ou más, são depressa as da nação toda inteira, *fazem o proprio povo pelo contagio de suas ideias e de seus sentimentos*... A antiguidade é o que ha de mais bello no mundo. Deixemos a infancia na antiguidade como n'um asylo calmo, pacifico, sereno, destinado a conservar-a fresca e pura.»

Mas o que são estas phrases ocas, pallido reflexo da arte declamatoria pagã, em comparação d'estes acentos de magoas sublimes, escapos a grande alma de Napoleão I, depurada e esclarecida pelo fogo do infortunio, acalmada pelo frio do exilio:

«Pensemos um momento, exclama, sim, pensemos um momento na extrema loucura d'aquelles que pretendem elevar-nos! Deveriam seguramente envidar todos os esforços para affastar de nossos espiritos a ideia do paganismo, da idolatria; porque se alguma cousa pode enfraquecer o sentimento da fé, é certamente um commercio continuo com os absurdos da estupidez pagã. E no entanto, o que fazem esses sabios preceptores? Transportam-nos ao meio dos gregos, dos romanos, e das innumeraveis divindades de sua absurda mythologia! E o que me aconteceu em minha infancia, e eu sei o effeito que isso produziu em meu espirito. Era precisamente no momento, em que teria sido necessario nutrir-me nos sentimentos da fé, quando esses sentimentos eram ainda poderosos, que esses imbecis me encheram a cabeça de todas as tolices da antiguidade, e descarregaram um golpe terrivel nas convicções da minha infancia. de sorte que a duvida entrou em meu espirito na idade, em que apenas despontava a minha razão.

Sim, tal foi a minha desgraça, quando não era ainda senão uma creança!» (*Memorial*).

Que eloquente e rude lição! É preciso que não tenha sido escutada!

A causa fatal da perda da fé influencia agora como nunca, e seus estragos perpetuam-se em uma proporção ascendente, cujo pensamento só por si gela de espanto. «Quando vejo, diz o sr. Bastial, em seu livro sobre o socialismo e o bacharelato, a sociedade actual vasar os jovens por dezenas de milhar no molde de Bruto e dos Gracchos, para os lançar em seguida, incapazes de todo o trabalho util, na imprensa e na rua, espanto-me de que resista a esta prova, porque o ensino classico não tem sómente a imprudencia de nos mergulhar na vida grega, e romana, habitua-nos a apaixonar-nos por ella, a consideral-a como o bello ideal da humanidade, typo sublime, collocado muito alto para as almas dos modernos, mas que devemos forcejar por imitar, sem jámais pretender attingil-o.» E no entretanto: «O que é esse patriotismo, o lado bello do mundo antigo? o odio do estrangeiro, destruir toda a civilisação, suffocar todo o progresso, levar de um canto do mundo ao outro o facho incendiario e a espada, encadeiar as mulheres e os velhos aos carros dos triumphadores. E é para semelhantes atrocidades, que estava reservado o marmore dos estatuarios e os cantos dos poetas. Quantas vezes nossos corações juvenis não palpitarão de admiração a um tal espectáculo! Assim é que nossos professores, padres veneraveis, cheios de solitudine e de caridade, nos preparavam para a vida christã!»

Mas os factos são mais eloquentes que os discursos. Para julgar definitivamente, irrevogavelmente, o ensino classico, tal como o clero e a universidade o comprehendem, basta pensar que engendrou a philosophia do decimo oitavo seculo, o voltaireanismo.

A Mons. o Bispo de Langres, que do alto da tribuna da Assembleia nacional, accusava a universidade de ter educado a geração socialista de 1848, o sr. Cremieux

replicava por um terrível argumento *ad hominem*: «Fostes vós, o clero e os jesuitas, que educastes a geração da philosophia incredula do decimo oitavo seculo, e a geração revolucionaria de 1793. » Um dos corypheus de 93 disse: « A Revolução reconhece a Voltaire e a Rousseau por seus pais... Mas Voltaire e Rousseau são filhos da Renascença... A praça fôra tomada pelo paganismo! Os jesuitas foram apenas repetidores... os velhos professores foram as nações pagãs... » Rousseau ía dizendo por toda a parte que a leitura de Plutarcho o tinha feito o que era... Voltaire, Diderot, d'Alembert, Mably, Raynal, todos os encyclopedistas, quasi todos educandos ah! dos jesuitas, são evidentemente almas ebrias do paganismo, vazias de espirito christão... Todos prestaram uma solemne homenagem á Renascença... « A idade media, disse d'Alembert, cria inutil procurar modelos de poesia nas obras dos gregos e dos romanos; tomava pela verdadeira philosophia dos antigos uma tradição barbara que a desfigurava... Emfim a luz veio de todas as partes... Devora-se sem distincção quanto os antigos nos deixaram em todos os generos; traduzem-se, commentam-se, e por uma especie de reconhecimento põem-se a adoral-os! » A adoração do mundo pagão, eis com effeito toda a philosophia do decimo oitavo seculo! Seus adeptos, sem excepção, são pagãos nas ideias, pagãos na vida, pagãos nos costumes, pagãos na morte.

Todas as suas doutrinas sobre Deus, sobre o mundo, sobre a alma, sobre a moral, sobre a virtude, sobre as penas, sobre a sociedade, sobre a forma dos governos, são echos descarados do paganismo; não ha sobre tão grandes e graves questões extravagancia pagã, que não tenham renovado. «Nossos verdadeiros modelos, dizia Helvecius, tem sido Hercules, Castor, Ceres, Baccho, Romulo, Socrates, Scipião, Aristides, Timolião... Por isso tambem nossos estudos são cem vezes mais hones-

tos, que os dos christãos, que se teriam nutrido de sanctos, aos quaes teriam dado como patronos vis monges, Domingos, Antonio etc., etc.»

Calculai o numero immenso de almas, que a philosophia do decimo oitavo seculo desvairou, homens, que, ainda hoje, consideram Voltaire por mestre, rei e Deus, e dizei se fui exaggerado, affirmando que a primeira das grandes causas da perda actual da fé fôra a invasão do espirito do paganismo no seculo da Renascença.

E o que será, quando á incredulidade da philosophia vierem junctar-se os furores da Revolução franceza, sua terrivel filha, um parto tão desordeiro da Renascença ?

« Quem ousaria negar, dizia o celebre publicista christão Donoso Cortez, que nós somos os filhos da Renascença antes de sermos os filhos da Revolução ? »

« A Revolução não foi outra cousa do que a effecção dos estudos do collegio .. Personifica-se em Bruto, o heroe da tragedia do Padre Porée, o heroe tambem da tragedia de Voltaire. Estava já feita na educação ! Conciliara-se com muita antecendencia a admiração pelas instituições de Lycurgo e pelos tyrannidas das Panatheneas. » Assim se exprimia, Ch. Nodier, e acrescentava: « E' um testemunho este que a philosophia do decimo oitavo seculo não tem podido regatear aos Jesuitas, á Sorbonna, e á Universidade... O collegio é que produziu a Revolução com todos os males, de que é o manancial. » (*Lembranças.*)

Uma tal filiação é affirmada por todos os apóstolos, e por todos os echos d'este grande drama. Dupuy: « Eu era republicano antes da Revolução, em consequencia dos meus estudos... » Fourcroy: « Os collegios foram o berço da Revolução. As escholas publicas eram as fontes, onde a juventude ia beber o fel e o odio contra os governos, que não fossem republicanos! » Andrieux: « A influencia dos livros que serviam para

a nossa educação, a admiração por essa bella litteratura grega e latina, exaltou o enthusiasmo, tudo precipitou na exaggeração!... » Michelet: « A imitação fe-
roz dos republicanos da antiguidade era o ponto de vista que dominava durante a Revolução. » Chazal já citado: « A incuria dos reis deixou-nos formar nas es-
cholas de Sparta e de Athenas. » Schlegel: « A influen-
cia do *Telemaco* foi consideravel... Encerra todos os principios do dia... Renascença!... Erudição grega e romana!... Espirito do seculo!... Mais cidadãos de Roma e de Athenas, do que homens do seu tempo e christãos! » Enfim concluamos com um celebre conspirador de nossos dias: « A educação publica é toda republicana! E' uma declamação perpetua contra a monarchia, o panegyrico incessante da democracia. »

Esta filiação fatal é ainda accusada pelos factos. Que queriam todos os corypheus da Revolução? Saint Just: « oxalá estivessemos todos de posse da felicidade de Sparta e de Athenas, e todos os cidadãos trouxessem debaixo do fato o punhal de Bruto! » Carrier: « que toda a juventude tenha os olhos postos no brazeiro de Scevola, na morte de Cicero e na espada de Catão! » Rabaud Saint-Etienne: « que, á semelhança dos cretenses e dos spartiatas, o estado se apodere do homem desde o berço, e até antes de nascer! » A secção dos Tresentos: « que se consagre um templo á liberdade, que se lhe erija um altar, onde se acenda um fogo perpetuo, alimentado por vestaes! » A Convenção em massa: « oxalá que as nossas communas não contassem senão Brutos e Publicolas. »

Realmente, a Revolução toda inteira não é mais do que o retinir lugubre e fatalmente entusiasta da linguagem, dos costumes, dos factos da antiguidade, cujo ensino classico não deixara de nutrir até á saciedade o espirito da juventude.

Athenienses de Metz, Brutos Franc-Condadezes,

etc., etc.; festas todas pagãs, sacerdotes da Natureza; decemviros, triumviros, consules, proconsules; triumphos romanos; altar da Rasão; apotheoses etc.; deuses, genios, vestuarios, banquetes, cursos, luctas, jogos olympicos, etc., etc.; por toda a parte, e sempre o paganismo!

Basta, é demais, eis a arvore bem julgada e condemnada por seus fructos amargos. Foi uma tormenta espantosa que desarreigou a fé de todas as almas. Quando abonçou, e muito embora os excessos abrissem os olhos aos mais cegos, a incredulidade reinou muito tempo ainda como soberana. Só passados dez ou quinze annos é que se viram algumas pessoas das classes elevadas e instruidas reconciliar-se abertamente com a fé, e voltar ás praticas essenciaes da vida christã.

O clero e a universidade reentraram na obra de ensino e de educação da juventude; mas, ah! sem terem em conta alguma as licções da experiencia, sem nada mudarem a seus programmas e aos livros classicos, sem dar um logar mais amplo e honroso ao elemento christão, deixando ao elemento pagão um dominio de alguma sorte exclusivo.

Para tornar patentes a todos os olhos os resultados d'esta nova campanha, não menos fatal que a primeira; para pôr em todo o relevo a extensão dos males causados pela quadrupla influencia successiva da Renascença, do Protestantismo, do Voltaireanismo, da Revolução, seja-nos permittido traçar rapidamente a historia da philosophia moderna, ou das sciencias de especulação, cujo fim especial é a indagação das verdades intellectuaes, e mostrar a que espantoso cahos de doutrinas contradictorias tem fatalmente levado as theorias anti-christãs. E note-se bem, os desvarios do coração são incomparavelmente menos desastrosos, que os do espirito; a depravação dos costumes é tambem sem comparação muito menos fatal, que a perversão das intelligencias, ou o que eu chamaria, a perda universal

do bom senso, do senso commum. A immoralidade é sem duvida um grande mal, mas este mal não é absolutamente incuravel. Se a intelligencia não fechar os olhos á verdade, aos primeiros principios, o desgosto nascerá bem depressa do abuso, os remorsos acabarão cedo ou tarde por fazer sentir seu aguilhão, e o regresso á virtude é questão de tempo. Mas quando a razão está desvairada; quando a intelligencia desencaminhada perdeu o senso da verdade, quando as bases da certeza foram abaladas, quando, em meio das asserções as mais oppostas, se torna moralmente impossível discernir o verdadeiro do falso, quando sobretudo a crença quasi universal é que o verdadeiro e o falso não tem nada de absoluto, que são apenas phenomenos da pessoa, do lugar e do tempo; como será possível que se opere a conversão sem um grande milagre? Assim, quando tivermos demonstrado que á hora, em que estamos, não ha em philosophia nenhum fundo commum de verdade, nenhum principio, sobre o qual todos os espiritos estejam perfeitamente d'accordo, comprehender-se-ha que a fé se foi, e que se vai cada vez mais.

A primeira condição da fé não tem duvida que é que a alma esteja de posse da Verdade.

Vejamos pois o que é a philosophia actualmente, e dêmos primeiro a palavra a um auctor protestante, o snr. Matter, inspector geral da universidade, muito ao corrente por consequencia do ensino philosophico, para denunciar-nos com grande imparcialidade a origem da emancipação e dos desvarios da razão moderna.

« Quando os gregos expulsos de Constantinopla, aportaram á Italia, a Europa possuia uma rethorica, uma logica, uma philosophia, uma theologia, n'uma palavra a sciencia do mundo . . . Por toda a parte a mesma fé, por toda a parte o mesmo pontifice pai dos fieis. A situação moral e politica era semelhante, em todos os corações reinavam os mesmos votos. O christia-

nismo fundara e civilisara todos os imperios... O clero tinha creado, e dirigia todas as escolas, quasi todas as instituições eram obra sua... A Europa seguia tão bem governada pela religião, que acima dos codigos estavam os decretos do direito canonico, que regulavam ao mesmo tempo o estado e a familia... Esta ordem de cousas repousava sobre um fundamento sagrado, sobre leis divinas e por consequencia eternas. Os refugiados de Bysancio vieram agital-a até aos fundamentos, despedaçar o porto da religião e da philosophia, da politica e da moral christã, operar uma dupla emancipação, substituindo á auctoridade a discussão, o progresso á immortalidade.»

O snr. Cousin, menos suspeito ainda do que o snr. Matter, disse quasi nos mesmos termos: « De qualquer maneira que se queira julgar o incidente memoravel que modificou poderosamente, no xv seculo, a forma da arte e da litteratura na Europa, não pode negar-se que o mesmo incidente não tenha tido tambem uma enorme influencia sobre a philosophia... Quando a Grecia philosophica appareceu na Europa, no xv século, julgai que impressão produziriam os diversos systemas, que acarretaram uma tão completa independencia dos philosophos da edade media; esta impressão deveu ser uma especie de encanto e de fascinação... A Grecia não inspirou sómente a Europa, inebriou-a... Depois de ter servido a Egreja na edade media, a philosophia no xv e no xvi seculos, jurou pela palavra dos philosophos antigos. Ainda era, se vos apraz, auctoridade; mas que differença! Não era possivel passar brusca-mente da escolastica para a philosophia moderna, acabar de vez com toda a auctoridade; saltar da escravidão absoluta para a liberdade absoluta! » Que singela e cruel confissão! A philosophia moderna é a negação de toda a auctoridade divina e humana! Mais ousados que os mestres, os discipulos tiraram as legitimas con-

sequencias dos falsos principios: « O christianismo já não existe! precisamos d'uma religião! quem a fará? a razão, que, vencendo o christianismo, trouxe cousa melhor! é a ella que compete substituir o que destruiu. » (*Liberdade de pensar*. Jan. 1851).

A Renascença foi portanto a mãe legitima da philosophia moderna. Desde o seu alvor, os dois grandes systemas philosophicos da antiguidade, o idealismo de Platão e o empirismo de Aristoteles, reinaram nas eschololas e o espirito pagão fez tantas e tão rapidas conquistas, que menos de um seculo depois ter-se-hia podido gravar sobre a fronte de quasi todos os philosophos de nome: *officina de todos os absurdos*. E' com effeito a reaparição do phenomeno, affirmado por Cicero: *Nihil tam absurdi quod non dicatur ab aliquo philosopho*, nada ha tão absurdo que não tenha sido ensinado por algum philosopho.

Desde o começo do decimo setimo seculo, Descartes, alumno do ensino pagão, espirito independente, innovador ousado, deu por unica auctoridade á philosophia a da razão individual, o direito que ella tem de examinar, de julgar toda a especie de doutrina, era de facto convidar os philosophos a fazerem de protestantes em philosophia, como Luthero tinha convidado os christãos a fazerem-se philosophos em religião. E'-me de todo impossivel indicar a grandes traços as etapas successivas, percorridas pela razão em delirio, antes de ir abysmar-se no scepticismo absoluto, que é toda a philosophia de nossos dias. « A historia da philosophia moderna, diz Ancillon, escriptor distincto e ministro protestante, que a conhecia bem, não apresenta senão um verdadeiro cahos. As noções, os principios, os systemas succedem-se, combatem-se uns aos outros, sem que se saiba o ponto de partida e o alvo de todos estes movimentos, o verdadeiro objectivo de todas estas construcções tão ousadas como pouco solidas. Ella é

absolutamente incapaz e impotente para descobrir a verdade, e omnipotente para engendrar o erro. »

Locke procurou na sensação a unica origem de todas as ideias.

Condillac inventou o homem estatua... os escriptores do decimo oitavo seculo, Maillet, d'Holbach, Helvetius, Lametrie reconstituiram a babel monstruosa de todos os absurdos e de todas as torpezas do materialismo antigo para chegar á divinisação do dogma de Epicuro: a verdade é uma chymera; o prazer a unica lei, o supremo dever... Cabanis inventou que os nervos são o principio do pensamento, a causa da ideia, que o homem é por consequencia uma machina calorifica, chymica ou electrica! Destutt de Tracy elevou á altura de uma doutrina metaphysica o materialismo de Cabanis; Volney elaborou com elle o catecismo da moral publica e privada. « Conservar-se é a grande lei da natureza humana. O bem é tudo o que tende á conservação do organismo humano; o mal tudo o que tende a deterioral-o e a destruil-o... O bem supremo é a vida, a saude; o mal supremo, o soffrimento e a morte.»

Em nossos dias, alguns espiritos generosos, Royer-Collard, Cousin, Jouffroy, emprehenderam uma campanha contra o novo epicurismo e restaurar o espiritualismo; mas, ah! privados das luzes da fé, arremessaram-se perdidamente no ecletismo e no pantheismo, erros menos grosseiros sem duvida, porem não menos desastrosos, porque levam direito ao scepticismo ou á negação practica de toda a certeza: « A verdade completa, tal como deve ser, para satisfazer a todas as necessidades da razão e da humanidade está ainda para se encontrar... »

Nenhum systema philosophico, nenhuma religião, nem o proprio christianismo, é a expressão adequada e completa d'ella...

E' necessario pedir a cada systema, a cada reli-

gião, o que tem de verdadeiro, para formar de todas estas verdades esparsas um symbolo completo... A nós é que toca forjar as doutrinas que devem presidir a nossa vida moral, religiosa, politica, litteraria, já que nossos pais não nol-as transmittiram senão gastas ou estereis.

A principio admittia-se a religião christã a tractar de igual para igual com a philosophia, a partilhar com ella o imperio do homem, dando á segunda a soberania do espirito, á primeira a direcção do coração... Faziam da religião e da philosophia duas irmãs, « nascidas no mesmo dia, em que Deus poz a religião no coração do homem, e a philosophia em seu espirito, e que devem viver ao lado uma da outra. »

Mas bem depressa os logicos do paganismo tiraram a mascara, e affirmaram brutalmente « que a religião não passa de um principio de obscurantismo e de corrupção; que só a philosophia é soberana. »

« Edade de imaginação, edade religiosa, edade da razão, edade philosophica... O movimento intellectual começa pela religião e acaba pela philosophia. » (*Vacherot*). « Vou já provar que o catecismo embrutece a infancia! em seguida provarei que a corrompe. » (O sr. Jacques na *Liberdade de pensar*).

Apoz o eclecticismo vieram successivamente o *pantheismo utilitario* de Saint-Simon, e dos saint-simonianos: « Deus é tudo o que é... Todas as instituições devem ter hoje por fim o melhoramento physico, intellectual e moral da classe a mais numerosa e a mais pobre... a sanctificação dos prazeres sensuaes, a glorificação da industria, a reabilitação da carne. »

A escola positivista de Augusto Comte, que ousou escrever no frontispicio de seu templo: « Reorganisar sem Deus, nem rei e pelo culto systematico da humanidade. » O christianismo eterno e universal dos livres pensadores, que não consente que se creia na realidade

do ser metaphysico, chamado Deus, nem na realidade do ser historico, chamado Christo... E enfim o septicismo elevado a theoria: « O pensamento, verdadeiramente livre, professa que o espirito humano nunca está seguro de possuir a verdade. » (*O Tempo*, dezembro de 1869).

Na Inglaterra, na Allemanha e em todos os paizes entregues ao livre exame, a philosophia pagã conduziu a abyssos mais fundos ainda. Hobbes: Tudo o que não pode exprimir-se pelas mathematicas, não tem realidade... Não ha pensamento algum que não seja originado das sensações... Não ha outros moveis da vontade além das sensações do prazer e da dôr. Hume: As noções fundamentaes de causa, de liberdade, de virtude, de principio dos seres ou de Deus creador, não passam, como conhecimentos objectivos, de hypotheses, de ideias facticias, desprovidas de todo o fundamento na intelligencia humana. Berkeley: O mundo material não é mais do que um phenomeno, só existem os espiritos. Spinosa: A substancia é uma; as substancias finitas não são distinctas da substancia infinita. Kant: Nada se pode concluir da certeza subjectiva para a certeza objectiva. Nossas ideias d'alma, do universo, de Deus, não tem nenhuma certeza objectiva, ou não tem realidade fóra de nós. Fichte: Onde estaria aquelle, que quizesse vêr no mundo exterior alguma cousa independente do eu, e que tenha poder sobre o eu? Hegel: A ideia produz a alma, a sociedade e o proprio Deus; a ideia é alternativamente espirito subjectivo, espirito objectivo, espirito absoluto. Ella gera a alma, objecto da psychologia, a sociedade, objecto da moral, Deus, objecto da religião. Goethe: espirito eminentemente pagão, deplorava amargamente a revolução moral que substituiu uma Virgem pallida e anemica á Venus antiga, e a magra imagem de um crucificado rasgado por quatro prégos ao Apollo de Belvedere; pro-

ximo da morte, mandava collocar junto de seu leito uma cabeça colossal de Jupiter, e dirigia-lhe sua oração da manhã; chegara ao estado de vêr com olhos eguaes a verdade e o erro, a aceitar todas as ideias e todas as crenças, á excepção todavia do christianismo, que elle confessava detestar pelo menos tanto como o *tabaco e os percevejos*. Pantheismo vago, indifferença geral, odio instinctivo do christianismo era toda a sua philosophia e ah! é a philosophia da maior parte dos homens de letras da epocha actual. Feuerbach, enfim, deduziu do ensino pagão suas ultimas consequencias:

« Só os ignorantes e os espiritos superficiaes é que podem dirigir á antiguidade a censura de materialismo... O espiritualismo christão é no fundo mais material... Todas as falsas ideias que correm mundo, em facto de moral e de esthetica, vieram do christianismo... A sciencia que um homem tem de seu Deus não passa de um outro nome, por onde designa a sciencia que tem de si mesmo, a consciencia que tem do seu eu... » Nos arrebatamentos de sua furia anti-christã, declarava preferir o nada ao encontro na esphera das sombras de Socrates e de Santo Agostinho, e convidava seus discipulos a adorar a morte!

Basta, é demais. Quem não vê que a fé é impossivel sem milagre, no meio d'este trasbordar de doutrinas impias, repetidas sem cessar por todos os orgãos de uma publicidade ruidosa; arremessadas por todos os ventos do horizonte sobre almas absolutamente vazias, sem convicções definidas, embaladas desde a infancia em uma grande multidão de erros e em pouquissimas verdades. A invasão é medonha, o montão cresce, e d'ahi uma confusão espantosa, onde a fé não encontra um canto onde abrigar-se.

Da philosophia o scepticismo pagão naturalmente passou para a sciencia, que por sua vez se conjura contra a fé para a banir do mundo moderno. A sciencia do

dia não é sómente anti-christã, ha o proposito de a volver athêa ou é ella mesma que se obstina em o ser. Já règeitou para bem longe como não tendo nada de commum com ella o pensamento de uma vontade intelligente e livre, origem primeira da constituição do universo, de um Deus pessoal, creador e supremo arbitro do mundo. Quer apenas invocar a natureza, conjuncto impessoal de todos os seres.

Evita com violencia como intangivel, como inexpugnavel, toda a questão de começo e de fim, de origem e de destino, de causa e de porquê, debaixo do pretexto de que o factio presente basta plenamente para a realidade da vida. Chega a não comprehender como ainda haja quem se preocupe com as causas finaes ou com um designio presidindo aos phenomenos da natureza. A este bello pensamento de Aristoteles: « a causa final de todas as cousas é o bem, porque o bem é o fim de todas estas producções, » oppõe esta sentença de Bacon: « as causas finaes tem sido um obstaculo á indagação das causas physicas; o homem não é assaz instruido para attingil-as; alem d'isso refere-as antes á sua natureza, do que á do universo, e faz de sua applicação um estranho abuso. » Ri de Cicero que ousou exclamar: « Que! a esphera de Archimedes prova a existencia de um obreiro intelligente que a fabricou, e o systema real do universo, do qual essa esphera não é mais do que a imitação, não exigirá a mesma força! » Ri do proprio Voltaire. simples interprete do bom senso, quando dizia: « Affirmar que o olho não foi feito para ver, nem o ouvido para ouvir, não será o mais enorme absurdo, a mais revoltante loucura que tenha salteado o espirito humano?... Esta demencia parece-me evidente e eu digo-o! »

Que resultado se tem tirado d'isto? que a immensa maioria dos homens de letras e de sciencia dorme este somno insensato, que o mundo é eterno, que os seres vi-

vos se tem succedido sem interrupção, e se hão de succeder indefinidamente; que o homem existiu sempre, e ha de existir sempre; que a vida humana, se não acaba na sepultura, continua incessantemente por uma serie de transformações ou de provas successivas, especies de etapas para um ideal que ella nunca ha de attingir, e de que de modo algum deve inquietar-se. Eis no fundo, em substancia, o symbolo religioso do XIX seculo; era o de Saint-Beuve. Elle proprio m'o disse.

Ainda não é tudo. No excesso de seu abandono, a escola que blasona de hastear firme a bandeira da sciencia do presente e do futuro, chega a dizer que a *sciencia positiva*, a sciencia dos factos da natureza e das sociedades humanas, é a unica fonte possivel da fé moderna; que os dogmas christãos passaram de moda, e que não são senão uma chymera.

Eis aonde tem conduzido a invasão do espirito pagão no ensino. E se do dominio da theoria e da abstracção descermos ao dominio da realidade e da practica; se nos perguntamos, o que é feito, no seio d'este naturalismo idolatra, da familia, da sociedade, da religião, que triste espectáculo!

A familia. O divorcio no dia d'hoje passou a ser auctorizado por lei na metade da Europa; na outra metade reclamam-n'o em altos brados, exaltando-lhe os beneficios. Separou-se o contracto civil do matrimonio religioso, que o enobrecia sanctificando-o; mas eis que o contracto civil é tambem combatido como um prejuizo, uma calamidade, quasi um crime! Os casados á face do codigo civil começam a ser denominados os forçados do casamento! Já se não louva só o concubinato, tende-se mais e mais cada dia a consideral-o como a condição normal do homem e da mulher, na esperanza de o tornar regra geral. Os filhos já não são o fim sagrado da união dos esposos, o centro de suas affeições, mas um incidente, um accidente, uma superfetacção, de

que se livram o mais depressa possível, confiando-os a mãos mercenarias. O lar domestico é um mytho, uma recordação vaga de um passado que já não existe; os deuses lares escolheram domicilio nos circulos, nos clubs, nos aposentos das cortezãs, nos cafés e nas tabernas etc. etc.

A Sociedade. Resume-se n'estes funestos gritos de guerra: Odio a Deus, odio aos padres, odio aos reis, odio da auctoridade, odio de todo o freio; republica, democracia, socialismo, soberania não do povo, mas da populaça; mandato imperativo dos revolucionarios.

E não o esqueçamos. Donoso Cortez disse d'este periodo de violencia que nos põe na vespera da ultima das revoluções: « o socialismo pagão começou na Europa a restauração do paganismo philosophico, do paganismo religioso, do paganismo politico. »

A religião. Os homens tendem irresistivelmente para se dividirem em duas classes — *Franc-maçons* inconsequentes e *Solidarios* consequentes. *Franc-maçons*, negação da fé sem violencia. « Eu juro prégar por toda a parte, onde estiver, os direitos do homem, e não seguir nunca outra religião, que aquella que a natureza gerou em nossos corações (*juramento do cavalleiro d'Asia*). *Solidarios*: a negação da fé com o odio e o furor « O despotismo religioso não pode ser extirpado sem que se saia da legalidade. Cego, chama contra si a força cega. Nada de treguas com o injusto. Eu não aceito nenhuma! Na expectativa de que a força esteja nas mãos do racionalismo, o que ha a fazer? abandonar em massa o catholicismo; sahir da velha egreja, vós, vossas mulheres, vossos filhos; sahir por todas as portas abertas. Que os homens esclarecidos, convencidos dos males espantosos, causados pela religião catholica e dos perigos incessantes, com que ameaça a humanidade, tomem o empenho para sempre de se limitarem elles e suas familias á observancia da lei civil, no que toca ao

nascimento, ao casamento e á morte, de repellir todos os sacramentos religiosos. O ideal deve ser o racionalismo puro, a perquirição da verdade pelo órgão da natureza e da razão. A palavra de ordem será o enterro sem a menor cerimonia religiosa para chegar á supressão de todas as praticas catholicas. » É o segredo da morte de Sainte-Beuve, alma tambem, ah! vazia de christianismo e ébria de paganismo.

Eis o que são hoje a familia, a sociedade, a religião. Por toda a parte, ameaças espantosas de um naufragio universal!

E a causa de todas estas tempestades, digamolo bem alto, sem reбуço nem respeito humano, é a invasão do espirito pagão no ensino e na educação.

E' por consequencia contra este inimigo irreconciliavel que devemos desde já voltar as armas; um ensino christão, uma educação christã, é a unica alavanca, com que poderemos levantar a pedra enorme que parece já fechar o tumulto da civilisação, e provocar uma resurreição gloriosa.

Uma grande lei social foi violada no decimo sexto seculo. A fonte do leite generoso, que deveria alimentar as novas gerações, foi substituida por uma tisana envenenada, razão porque vemos desenvolverem-se de novo com uma rapidez espantosa todas as ideias e vicios do paganismo. E' tempo, mais que tempo, de pôr um termo a esta extranha aberração. E' absolutamente necessario que a ordem seja restabelecida na educação, para que possa renascer na sociedade. E' necessario que os philosophos, os rethoricos e os poetas de Athenas e de Roma não sejam d'ora em diante nem os unicos, nem os principaes pedagogos da juventude; auctores christãos devem desempenhar esta nobre e delicada funcção.

Mas, dir-nos-hão, excluir os auctores pagãos do ensino classico, é voltar á barbaria litteraria.

Não, mil vezes não! mas, ainda que assim fosse, poderíamos hesitar? Pois que! quando se tractava de formar athletas ou guerreiros, achava-se admiravel que Sparta immolasse sobre o altar da patria as sciencias, as letras e as artes; e nós vacillariamos em tomar uma resolução energica, quando d'ella depende o futuro da religião christã e das sociedades humanas! Ouvi João Jacques Rousseau: « Esqueceria eu que foi no seio da Grecia que se elevou essa cidade (Sparta) tão celebre *por sua feliz ignorancia*, como pela sabedoria de suas leis; essa republica de semi-deuses antes que de homens, tanto suas virtudes pareciam superiores á humanidade! O' Sparta, opprobrio eterno de uma vã douctrina! Em quanto que os vicios conduzidos pelas bellas artes se introduziam em Athenas, em quanto que um tyranno reunia com tanto cuidado as obras do principe dos poetas, tu expulsavas de teus muros as artes e os artistas, as sciencias e os sabios! » Que licção! Quanto nós seriamos culpados, se não nos aproveitassemos d'ella!

Um illustre prelado, de quem se poderia dizer que o zelo da casa de Deus o devorava, teve coragem de censurar hoje a um jornalista eminente e christão a rigorosa campanha, que outr'ora emprehendeu contra os classicos pagãos!

« O resultado, exclama elle, teria sido fazer cahir todas as nossas casas de educação no ultimo desprezo, se a Egreja vos seguisse. » Seria antes admirada, abençoada a egreja de França, se, ha vinte e cinco annos, tivesse rompido violentamente contra as tradições factaes do paganismo litterario e philosophico. O desprezo! ah! teria podido encontrar sua razão de ser na triste cegueira, assignalada n'estes termos pelo snr. Gasparin, aliás um calvinista!. « Será caso de espanto para o futuro saber que uma sociedade christã consagrara os sete ou oito mais bellos annos da juventude de seus

filhos ao estudo exclusivo dos pagãos!» O deprezo! O piedoso prelado está bem seguro de que os academicos e os professores celebres, que convidava com tanto empenho para honrarem com sua presença a representação sobre o theatro de seu pequeno seminario, em lingua grega, do *Antigono* de Sophocles ou da *Iphigenia* de Euripides, das *Nuvens* de Aristophanes, não se riam de suas doces illusões?

Por outra parte, o *Univers*, não fizera senão repetir o grito de alarme dos Padres da Egreja, os regulamentos dos concilios, os avisos dos summos Pontifices! E ninguem tem castigado mais severamente, do que Mgr. Dupanloup, o deploravel systema de educação dos tres ultimos seculos. Lêde essas paginas energicas do seu bello livro sobre a educação, tomo 1, introdução, paginas 2, 3 e 4: «E a educação, que pela força decisiva que exerce sobre a creança e sobre a familia, elementos primitivos de toda a sociedade, prepara milagres inesperados de restauração intellectual, moral e religiosa. É a educação que faz a grandeza dos povos, e lhes mantem o esplendor; que promove sua decadencia, e quando é preciso os levante de sua queda! Que é mister, de facto, para suster ou regenerar uma nação? Antes de tudo, homens! As nações não se levantam, não se engrandecem, não se conservam, e não se renovam senão pelos homens. Quando é que se vêem os povos enfraquecer-se, decahir de sua grandeza, e precipitar-se para sua ruina? quando lhes faltam os homens. Ora, os homens é Deus que os dá, mas Deus querendo-o assim, é a educação que os forma! Onde estamos nós a este respeito? Nós offerecemos d'ha muito um espectáculo estranho. Nunca a Franca se viu coberta de um povo mais numeroso, mais activo e agitado!... Todas as estradas da fortuna, todas as carreiras da vida estão pejadas! Os individuos apertam-se, acotevelam-se, fatigam-se uns aos outros! E no entanto,

de todas as partes se ouve dizer: Os homens faltam! onde estão os homens? É o grito, é o lamento universal. Diogenes, outr'ora, com a lanterna na mão, procurava um homem em pleno meio-dia! Nós estamos como elle!»

Por uma parte, não temos homens, e é a educação que os forma; por consequencia, e a sentença é fulminada por Mgr. Dupanloup, a educação é má.

Mas será verdade que o abandono dos classicos pagãos seja um regresso á barbarie litteraria? Ah! muito embora houvesse de ser acusado de paradoxo, de boa vontade pleitearia a contradictoria com a certeza de ser vencedor. Aqui não poderei demorar-me muito.

E primeiramente, quasi ninguem em França sabe nem o latim, nem o grego; ou pelo menos quasi ninguem tem o gosto apurado da litteratura grega ou latina. Por consequencia, se se tivesse supprimido, ha cincoenta annos, em França, o estudo dos classicos gregos e latinos, estariamos exactamente no ponto, onde estamos hoje.

Quantos examinadores da universidade tem declarado solemnemente, que as versões tão faceis, exigidas para o grau de bacharel (eu não falo dos themas, estes são detestaveis) são sempre mal feitas; que entrando em si mesmos, se vêem forçados a accusar de cobardia as espheras brancas, que escapam a seus dedos complacentes. Muitas vezes tenho ouvido, nas sessões sollemnes do concurso geral de Paris, os discursos latinos, pronunciados pelas summidades da rethorica universitaria, e declaro sem receio de ser desmentido, que o latim do melhor d'estes discursos não era só inferior ao mais negligenciado das homilias dos Padres da Igreja, era a custo o latim afrancezado, que se designa ironicamente com o nome de latim de cosinha, ferindo o ouvido, offendendo o gosto dos raros conhecedores da

latinidade. Latim de cosinha! eis o non-plus-ultra dos mestres mais afamados; eis o resultado final de um estudo persistente, durante longos annos, de todas as obras primas da antiguidade.

Que seria se se denunciasses ao mundo as theses latinas de nossas escolas de direito, attentados deploraveis contra o bom gosto, vergonha do ensino francez! Esta inferioridade desesperadora, digamos antes, esta nullidade absoluta não é sómente um facto; eu posso e devo dizer que é uma necessidade, de que não podemos livrar-nos senão substituindo aos auctores gregos e latinos do paganismo os auctores gregos e latinos do christianismo. De facto, as ideias modernas são, bom ou mau grado, christãs, porque a sociedade é obra do christianismo que a concebeu, engendrou, amamentou, dirigiu, inspirou durante um grande numero de seculos.

As linguas de Cicero e de Desmothenes são por consequencia linguas absolutamente mortas. exprimindo ideias e sentimentos que não existem. Pelo contrario o latim e grego dos Padres, não differentes do grego e latim das nações christãs, são realmente vivas, exprimindo ideias e sentimentos que estão na ordem do dia, tendo dado origem aos idiomas europeus. D'este facto incontestavel resulta que o francez não differe na realidade do latim de S. Leão o Grande senão pela forma exterior, pelo trajo, se assim me posso exprimir, como o baixo-bretão differe do parisiense do decimo nono seculo.

De tal sorte, que uma creança, com as mãos armadas do dictionario francez, póde chegar, dentro d'alguns dias, a conhecer, digamos antes, a ver instinctivamente, sem risco de jámais a esquecer, a significação da immensa maioria das palavras latinas, a advinhar o sentido do latim do *Epitome historiae sacrae*, dos Psalmos, do Novo Testamento, da lithurgia ecclesiastica; depois de alguns mezes de leitura corajosa, póde che-

gar a comprehender o bastante para se interessar vivamente pelo maior numero dos auctores classicos latinos. Sim, ousou affirmal-o, sem receio de ser desmentido, porque tenho a meu favor uma longa experiencia, o verdadeiro e unico meio de conseguir que as novas gerações saibam o latim, é excluir das classes inferiores, quinta, quarta e terceira o latim do paganismo, e dar um logar amplo ao latim da Igreja. Completar-se-hia depois o ensino assim começado por numerosos fragmentos das obras primas da antiguidade, totalmente expurgadas dos incentivos do vicio e dos excessos da demagogia. Esta expurgação seria no fundo um beneficio consideravel debaixo do ponto de vista do gosto; porque, como muito bem o dizia, ha alguns dias, (em seu prefacio aos *Dialogos de Fenelon sobre a Eloquencia*), o snr. de Sacy, uma de nossas grandes auctoridades litterarias: « Os primeiros sem contestação entre os pensadores, os poetas e os escriptores da antiguidade, são aquelles, o genio dos quaes mais se aproxima do Evangelho ». E acrescentava: « E nós que fomos esclarecidos por esta immensa luz, se porventura alguma vez fechassemos voluntariamente os olhos, como não decahiriamos, mesmo em assumpto de arte, de eloquencia e de poesia, muito abaixo d'esses pagãos, que sua razão natural e a rectidão de seu espirito só tinham feito quasi christãos ».

Em resumo: a reforma que pedimos em altos gritos é urgente e opportuna. Mgr. Dupanloup pode pois e deve associar-se-lhe sem temor de desprezos, com a certeza de conquistar uma gloria solida, com tanto maior ardor, que ella só pode salvar do naufragio as linguas latina e grega, e salvaguardar o sentimento de suas bellezas litterarias.

Será um novo cumprimento da promessa evangelica: Buscai primeiramente o reino de Deus e a justiça; e tudo o mais vos será dado por acrescimo.

Pois não vemos effectivamente, apesar dos elogios exaggerados que se prodigam ao ensino classico actual, apesar das affirmações tão retumbantes de sua necessidade, que o estudo do latim e do grego morre, e que em breve será apenas uma recordação? Tenho deante dos olhos o *Jornal Geral da Instrucção Publica*, de quinta-feira 25 de novembro de 1869; e vejo, que, tornando-se o echo das aspirações geraes, um professor agregado da universidade, muito sério e muito pensador, pede que se supprimam inexoravelmente, como penosas inutilidades, os versos latinos, a narração latina, o discurso latino etc., etc., «para que conservem apenas o thema e a ver-são; porque depois de dez annos de penosos estudos, estes deveres estão completamente fóra do alcance dos proprios alumnos collocados á frente da sua classe.» Que esmagadora confissão para a universidade! que triumpho para a causa que defendo. O ensino pagão não é capaz de transmitir nem o grego, nem o latim, e faz perder com a fé todo o amor da auctoridade! Por consequencia, sem retrogradar para a barbarie, sem comprometter de maneira alguma o bom gosto litterario, podemos, e por tanto devemos inaugurar um ensino absolutamente christão, com a certeza de aprender a ler e a falar o grego e o latim cem vezes melhor, do que até aqui. Além d'isso, só o odio da religião tem podido dar uma apparencia de razão a esta accusação mentirosa e interessada. A lingua dos Padres da igreja, latinos e gregos, tem todas as qualidades desejaveis: espiritualismo, riqueza, simplicidade, doçura, unção, flexibilidade, clareza, elegancia etc. O latim de S. Gregorio Magno, de Santo Ambrosio, de S. Bernardo, é uma lingua typo e modelo, a unica que se póde accomodar aos tempos modernos, a unica realmente viva. Um grande escriptor disse: «pela extensão dos conhecimentos, pelos principios da mais pura philosophia, por sua applicação e desenvolvimento, pelo rigor das

conclusões, pela dignidade do discurso, pela belleza da moral e dos sentimentos, só se podem comparar a Santo Agostinho Platão ou Cicero.» Mas Platão e Cicero fluctuam muitas vezes na duvida, e cahem mais vezes ainda em extranhas aberrações. Se houvesse logar para isso, lembraria que o proprio Erasmo, o apostolo exaltado da Renascença, quando as exaggerações dos sectarios o traziam a sentimentos de equidade, lhes dizia: «Vós pretendeis que o latim christão é uma lingua semi-barbara, e que para bem falar é mister substituir-lhe a lingua de Cicero. .

Façamos pois uma experiencia, tomemos uma simples phrase da lingua latina christã; ponhamos esta phrase em bom latim do seculo de Augusto, e vejamos o que ella ganhou em harmonia, exactidão e belleza! » Assim transformada, a phrase teria-se volvido selvagem até ao ridiculo. Altivo d'este primeiro triumpho, Erasmo entra na materia, e defende com uma eloquencia que prova sua sinceridade, esta these que é a nossa: 1.º O latim é muito bom e muito bello latim; 2.º é o unico que pode servir de interprete ás nações modernas; 3.º os estudos classicos exercem sobre a religião e a sociedade a mais nefasta influencia. « Nossa preocupação pela antiguidade pagã illude-nos e corrompe-nos. *Paganitas nostra nos seducit*. Debaixo do pretexto de aprender a bella litteratura, deixamos de ser christãos para nos tornarmos pagãos. E' o que eu noto em certos mancebos que nos vem da Italia e sobretudo de Roma (*Epist. dedic. ad Jon. Vlaten., p. 2*) » « Dizem-nos que as palavras dos auctores pagãos são polidas e de bom gosto, e as dos auctores christãos grosseiras e barbas. »

É o paganismo, crede-me, é o paganismo que nos persuade taes cousas, enganando-nos os ouvidos e falseando-nos o espirito. Nós não somos christãos senão de nome: *titulo dumtaxat sumus christiani*. Nosso corpo

foi purificado pelas *aguas do baptismo*, mas nosso espirito não o está; a cruz está impressa sobre nossa fronte, mas córamos d'ella; confessamos de bocca a Jesus Christo, mas no coração trazemos Jupiter e Romulo! (*Ibid.*) Recommendo muito a meus leitores que compulsem o excellente prefacio que Mgr. Gaume poz á frente de suas *Selectæ sancti Bernardi Epistolæ*, um dos volumes de sua bibliotheca dos auctores christãos; ficarão espantados do bom senso de Erasmo, e não mais pensarão em nos averbar de exaggerados. Leiam tambem o prefacio dos *Actos dos apóstolos com os commentarios de S. João Chrysostomo*, e convencer-se-hão pelas auctoridades as mais competentes, de que a lingua do Evangelho segundo S. Lucas, a dos Actos dos Apóstolos e dos escriptos dos Padres, é grego perfeitamente puro, a que não se pode irrogar a censura de hebraismos em maior escala, do que a Xenophonte seus vocabulos persas, e a Cicero seus grecismos. E' portanto verdadeiro, que os prejuizos satanicos que ha seculos trazem tantos espiritos desvairados, e que tem provocado tantas prevenções invenciveis, se desvanecem como sombras deante do facho de uma critica honesta e desinteressada.

Mas, dir-nos-hão, como, em presença dos regulamentos inexoraveis do bacharelato, ousaremos falar sequer da reforma que propondes? A discussão aprofundada d'esta objecção sem valor real, seria aqui fóra de proposito. Seja-me permittido refutal-a em duas palavras: 1.º as provas actuaes do bacharelato são, todo o mundo convem n'isso, fóra de toda a razão, derisórias e crueis ao excesso; deixa todas as probabilidades do exito á sciencia facticia, e colloca a verdadeira sciencia em condições as mais desvantajosas; anima a ignorancia audaciosa, e desalenta o saber modesto; impõe a rejeição de assumptos excellentes, e ordena a admissão de outros deploraveis. 2.º O grau de bacharel

cedo ou tarde, acaba por se transformar em exames de fim de anno, feitos nas proprias casas de educação, autorisadas por lei, e segundo os programmas de seu ensino. 3.º O bacharelato deve ter sido evidentemente instituido para o bem da sociedade; é meio e não fim; a sociedade não foi instituida para o bacharelato; portanto deve banir-se de seus programmas toda a questão impia, revolucionaria ou impura. Impor classicos não sufficientemente expurgados, exigir a iniciação nos infames mysterios da mythologia pagã, seria um crime. Que examinador ousaria deitar uma esphera preta a um candidato capaz, unicamente porque se recusava a contar-lhe os amores adulterinos de Jupiter, ou explicar-se em um discurso incendiario? 4.º Tudo quanto se está no direito de exigir de um bacharel é que saiba interpretar correntemente o texto dos principaes auctores classicos; ora, aquelle que tiver aprendido o latim, como atraz significámos, nas obras primas da litteratura sacra, não deixará de satisfazer completamente a seus juizes. Marchemos pois avante sem temer que o grau de bacharel seja uma d'essas divindades infernaes, que não é possivel apaziguar senão por sacrificios humanos.

Ao clero toca dar o exemplo, seus jovens recrutas tem grande necessidade de beber nas fontes mais puras e mais sãs, afim de que sua fé seja mais viva e mais forte. E' o clero tambem, e o clero só, que dará ás linguas grega e latina seu ultimo asylo. No seio das civilisações muito adeantadas, como na edade media, as obras primas da litteratura antiga virão refugiar-se á sombra das velhas egrejas catholicas. Ainda alguns annos de progresso material, e n'este seculo utilitario, que em realidade não é senão a edade do ferro e da hulha, o latim e o grego não serão comprehendidos, lidos e fallados senão em o remanso de nossos grandes e pequenos seminarios.

Paro; mas não sem ter assignalado no modo actual de ensino e de educação abusos muito graves, que são ao mesmo tempo causas pelo menos indirectas e com muito efficazes da perda da fé.

1. O ardor pelos internatos é muito pronunciado, de sorte que se faz começar ás creanças muito cedo a vida de caserna. Eu não o dissimularei, a criação dos pequenos collegios, que tanto se tem exaltado, foi uma grande falta. Actualmente, diz o professor aggregado, cujo testemunho ha pouco invoquei, « a escala coxa dos estudos, da classe preparatoria para classe de philosophia, impõe aos alumnos um minimum de dez annos (e para chegar as mais das vezes a que resultado!) Isto parece feito d'accordo tanto com as familias, porque obrigando-os a tantos annos de curso, ficam aquellas livres de um embaraço em casa. A universidade não deve ser uma casa immensa para desmamar creanças!» O externato tem seus perigos, deixa a porta mais franca á immoralidade; mas o internato, sobretudo o internato excessivamente prolongado, é incomparavelmente mais perigoso, eu direi fatalmente mortal! Sem ser menos immoral, mata a fé, e gastá os caracteres; de sorte que não faz nem homens, nem christãos. De que se compõe hoje a geração dos homens de lettras? de impotentes, de scepticos, de peraltas, que é a palavra que os caracteriza. A experiencia, uma longa experiencia nos tem provado, que as creanças que entram no collegio aos seis ou sete annos para de lá sahirem aos dezoito ou desenove, depois de terem sido arrastados penosa e difficilmente pelos bancos das dez classes, desde a nona até ás mathematicas especiaes, são predestinadas á depravação, e o que é ainda peor do que a depravação, a uma nullidade absoluta.

Passados dois ou tres annos, essas creanças tem tornado tudo inutil, disciplina, auctoridade, castigos, exhortações, admoestações, a graça e a religião; a to-

dos esses estimulantes do espirito e do coração oppõem uma inercia de desesperar: Que suas familias se resignem a não ver n'elles mais do que tristes sujeitos, se não forem maus sujeitos. O homem dizia o sabio, é propenso ao mal desde a infancia, e algumas vezes vemos o vicio assaltar, como serpente, a infancia no berço.

Uma creança, só, é como uma acha de lenha unica, já invadida no interior por um fogo que a consumirá talvez, mas que pode estar latente durante muito tempo. Duas creanças, tres creanças, cem creanças são como um monte d'ellas, cujos elementos se inflamam todos, e ardem com uma espantosa actividade. Todos os moralistas são unanimes em proclamar que a caserna prolongada é profundamente deleteria, que forma inervados, mas não homens. E eis como os collegios são viveiros tantas vezes fecundos em malandrins, inuteis, incredulos, reveis, socialistas sem costumes e sem freio.

E' pois absolutamente necessario que os primeiros estudos tenham começo na familia, que o internato não principie senão com a quinta classe, e que não prosiga para lá de cinco a seis annos.

2. E' necessario tambem que, pelo menos quanto aos externos todo o trabalho se execute sob a inspecção dos professores, e que não se imponham aos alumnos, fóra das classes, deveres a cumprir de noite ou de manhã no seio de suas familias. O arco muito tendido parte, ou pelo menos perde toda a sua elasticidade. Além d'isso as obrigações a fazer no meio das distrações da familia são forçosamente mal cumpridas; e é profundamente immoral condemnar os jovens a fazerem sempre atrapalhadamente. E' além d'isso um meio infallivel de lhes gastar tudo, espirito, coração, caracter, fé etc. etc.

3. Não é sem um grande aperto de coração que ousou denunciar uma outra origem do mal, ah! impossivel

vel de conjurar. Muitos pais de familia e muitos directores e professores ou mestres de collegio não tem fé! Como deixarão de a perder tambem os educandos? Não ha fé sem practicas religiosas; ora como poderão os alumnos julgar taes practicas absolutamente necessarias, quando seus pais e mestres as não cumprem? Como poderão habituar-se a ellas, se sabem d'antemão, que seu primeiro acto ao sahir do collegio será abandonal-as? Não nos illudamos, o mais soberanamente efficaz dos ensinós é o exemplo do pai e do mestre, exemplo sempre presente, que sem se dar por isso, se transfunde em todas as acções, em todas as palávras, opera sempre e por toda a parte. Caros professores, collegas presadissimos, meu coração está cheio por vós do sentimento de affeição respeitosa que mereceis por vosso procedimento, por via de regra, moral e honesto, e no entanto sinto-me impellido a lastimar-vos amargamente, e a amedrontar-me da terrivel responsabilidade, que assumis sem bem a pesardes. Todo o ser gera um ser semelhante a si, quando não gera um monstro. Indifferente, incredulo, o professor produzirá forçosamente indifferentes, incredulos. Se nada em toda a sua pessoa respira fé, fará fatalmente perdel-a a seus discipulos. E perder a fé é a maior das desgraças! E Deus pedirá estreitas contas ao mestre da alma de seu educando perdida para a eternidade! E Jesus Christo deixou dito que mais valia atar uma pedra ao pesçoço do que escandalisar e precipital-o assim no fundo do mar! O ensino, a educação são funcções divinas; para as prehencher é mister ser sancto, pelo menos de aspiração e no desejo. Eu vibro, bem o sei, uma corda que dá sons muito desagradaveis; mas ao mesmo tempo ponho o dedo sobre a causa a mais activa da perda da fé no tempo presente.

Comprender-se-ha d'or'avante como e porquê a fé se vai enfraquecendo em uma proporção geometrica ou

exponential; como e porquê sua conservação em um tão consideravel numero d'almas é um milagre da omnipotencia divina e um esplendor.

4. Queria preterir uma outra questão por ventura mais embaraçosa, mas as considerações, que acabo de fazer, conduzem-me naturalmente a dizer algumas palavras a tal respeito. Que amigo sincero e desinteressado da religião, da moral e da sociedade, não se terá espantado á vista de tantos esforços accumulados para tornar as jovens umas sabias, precisamente n'uma epocha em que a mulher sente pela maternidade e pelas funcções essenciaes da maternidade uma repugnancia como instinctiva e invencivel; em que a immensa maioria das mães se dão pressa em desembaraçar-se do fardo de seus filhos, a abandonal-os a mãos mercenarias, sem muito se lhes importar com a espantosa mortalidade que dizima tantas creanças assim amamentadas? Toda a gloria da mulher está no fundo do seu coração e não do seu espirito, deve concentrar-se no interior de sua familia, *omnis gloria filiae regis ab intus!*

As bellas qualidades da mulher devem traduzir-se por virtudes domesticas. Que ella seja instruida! sim; que sua instrucção seja forte! sim também.

Antes de tudo, porém, que essa instrucção seja util, e que seja dada por mestres christãos. Haveria logar para taxar de muito escrupuloso e de exaggerado aquelle, que se affastasse ao ver essas trezentas jovens inglezas que nas salas de Kensington's Museum, estão como suspensas, muitos dias cada semana, dos labios eloquentes de um naturalista eminente, que rompeu de frente com todas as doutrinas e tradições da religião christã; que levanta a sciencia contra a fé; que proclama o simio como protoparente do genero humano; que declara solemnemente que toda a sua philosophia é impotente para lhe demonstrar a existencia de uma alma humana, distincta do corpo; que a consciencia da liberdade não

é talvez mais do que uma illusão, que o homem por consequencia poderá muito bem não ser livre etc. etc.? Pois pode lá ser que mudadas em segunda natureza certas convicções não se traiam a cada instante, e não façam vibrar em accorde essas imaginações jovens e vivas, esses espiritos delicados e inexperientes, em um paiz sobretudo, em que a fé é tão combatida, onde as practicas religiosas são tão relaxadas e tão raras! Minha consciencia nunca me consentirá que me reconcilie com a ideia tanto em moda da instrucção publica secundaria para as jovens. Este ensino afigura-se-me como uma causa inevitavel da perda da fé, e a mais temivel das causas, porque a influencia da mãe indifferente ou incredula é mil vezes mais deleteria, que a de um pai sem religião. Digam, se querem, que sou um retrogrado ou mesmo um ridiculo, embora me lisongeie de ser o porta-bandeira do progresso debaixo de todas as suas formas; que eu não hesitaria em declarar que a agitação d'estes ultimos annos a favor do ensino publico das companheiras do homem, é uma agitação inconsiderada, e que suas consequencias serão rapidamente desastrosas. ¹

¹ Já que tenho dito tanto, deixem-me explicar o meu pensamento todo inteiro sobre a attitude que o clero poderia e deveria tomar para attrahir novamente á fé pelo ensino.

Depois do competente parecer da Santa Sé os senhores Bispos adoptariam as medidas seguintes: Não ordenariam padre, entre os jovens levitas sem fortuna senão aquelles que se compromettessem a desempenhar, durante cinco a dez annos, as funcções de professor primario. Exigiriam dos jovens abastados e de todos os que revelarem disposições mais felizes o diploma de bacharel, licenciado, doutor em theologia ou nas sciencias mathematicas, physicas, naturaes, com a condição tambem de participar, se fór preciso, no ensino dos pequenos seminarios e dos institutos ecclesiasticos: ha de chegar necessariamente um dia, em que o exame de licenciado, como o de bacharel, ficará reduzido á unica condição legitima de exame de fim de anno da classe superior de philosophia. Estipulariam aos professores de seus pequenos e grandes seminarios e de suas casas de educação um ordenado pelo menos igual

Este capitulo vai longo, mas não me arrependo d'isso ; desde logo declarei que era a um tempo o mais importante e o mais delicado de minha obra. Era esta uma grande these que devia sustentar, tinha males a reparar, perigos enormes a conjurar. Fil-o com coragem e consciencia. Resta-me levantar os olhos e a voz

aos dos primeiros vigarios das cidades ou dos professores dos lyceus ou collegios communs, para os elevar a seus proprios olhos, aos olhos dos alumnos e do clero, para mais os empenhar a se interessarem pela prosperidade do estabelecimento por uma instrucção mais solida e mais brilhante Um pelo menos dos pequenos seminarios, estabelecido no seio de uma grande communa, ou do cantão, não deveria ter senão pouquissimos internos ou pensionistas ; o maior numero de educandos seriam externos, em pensão nas familias dos habitantes do povoado, escolhidos entre os mais christãos. Começado na quinta classe o ensino terminaria em seis annos quando muito, por um primeiro anno de philosophia, e abrangeria o conjuncto das materias exigidas hoje para o grau de bacharel. As parochias ruraes, tanto quanto possivel, deveriam confiar-se a dois padres, um cura e um coadjutor. O cura daria as primeiras lições de latim aos jovens que mais disposições revelassem para o estudo ecclesiastico ou para uma carreira liberal. O coadjutor attenderia as creanças. O cura e o coadjutor, iniciados no grande ou pequeno seminario nos principios de agricultura e das industrias agricolas e domesticas, mandariam cultivar de baixo de sua inspecção um grande campo ou jardim de experiencias, com uma abegoaria e gallinheiro, e ensinariam os habitantes, em conferencias publicas, a produzir em abundancia e por preços baixos os artigos alimentares necessarios e uteis, aves, ovos, leite, mel, legumes, raizes, fructos, flores, etc., etc. Aproxima-se o tempo, em que o padre não poderá contar com a subvenção do estado, que já se lhe disputa encarniçadamente, nem com os proventos do pé de altar, cujo pensamento desperta só por si tanto odio e repugnancia, e que vão cada dia cerceando mais. Será pois necessario que fazendo um acto de fé viva, e armando-se de coragem, conte só com Deus e com o seu trabalho. Sim, é quasi chegado o momento, em que, fiel ao conselho e ao exemplo de S. Paulo, «deverá occupar-se seriamente e trabalhar com suas mãos no que é bom, para grangear a sua subsistencia e dar áquelles que soffrem necessidade.» (Ep. aos de Eph. cap. iv, v. 28). Que uma tal perspectiva não amedronte ; que pelo contrario alente e assegure. Será então sob todos os aspectos o homem da divina providencia. Com a dignidade, a independencia e a consideração que são os mais bellos apanagios de seu divino ministerio, retomará seu ascendente sobre as almas ; conservas-as ha fieis, ou reconduz-as ha a Deus. *Da mihi animas, caetera tolle tibi.*

para Pio IX e para o concilio do Vaticano conjurando-os a que imponham, ao clero pelo menos, uma educação fundamentalmente christã, com exclusão de todo o mau fermento pagão. E talvez que depois de uma commoção violenta, justa expiação dos passados extravios, consequencia da fatal cegueira que tem arrastado as gerações a abandonar as aguas puras da fé para retrogradar ás cisternas vazias do paganismo, a França se volva outra vez christã.

Eu deverei ainda demonstrar até á evidencia que, depois de ter a fé deixado de presidir ao ensino das novas gerações, e de ter o espirito pagão entrado no logar do espirito christão, a sociedade se precipitou rapidamente para o abysmo, passando sem interrupção da Renascença ao Protestantismo, do Protestantismo ao Voltairianismo, do Voltairianismo á Revolução, da Revolução franceza, pelos mesmos caminhos e sob a influencia das mesmas causas, á Indifferença absoluta em materia de religião, á Incredulidade systematica, ao Naturalismo, ao Materialismo, ao Solidarismo, e mais ainda á depressão e ao desbotar dos caracteres, á negação quasi universal das virtudes que fazem o homem, o cidadão, e sobretudo o christão.

Teremos ainda de passar pelo fogo do socialismo demagogico, que talvez nos venha salvar, esclarecendo-nos e depurando-nos?

CAPITULO V

Causas communs e geraes da perda da fé

O Espirito Revolucionario

Consequencia fatal do espirito pagão, o espirito revolucionario tem sido em França uma causa soberanamente efficaz da perda da fé, e não tende a nada menos, do que a aniquillar a mesma. Fez explosão em 1789 e 1791 pela declaração dos direitos do homem. Desencadeiou-se durante os annos de 1791 e 93, e tudo derribou, Igreja, Religião, Sociedade. Seus proprios excessos exauriram em parte sua violencia de 1795 a 99. Despertou de novo em 1830 e 48. Em 1869 agita as cabeças as mais sensatas, e apaixona os echos exaltados de uma minoria furibunda, que sonha com o communismo democratico, e viu até ameaçar a segurança e a propriedade, collocadas pela Revolução entre os direitos sagrados do homem.

Eu entendo por espirito revolucionario não o espirito liberal, que inspirou o que hoje chamam os *immortales principios de 1789*. Cousa estranha, e que não tem sido assaz ponderada e advertida, as bases dos direitos e dos deveres do homem, postos no frontispicio das constituições de 1791, 93, 95, são na realidade a manifestação inconsciente do sentimento christão, o impulso espontaneo de uma nação que o christianismo formou, inspirou, dirigiu por tão longos seculos. Estas maximas fundamentaes: «Todos os homens nascem e morrem livres e eguaes em direitos. Todo o homem pode dispor

de seus serviços, de seu tempo, mas não pode vender-se, nem ser vendido. Não pôde haver mais que um compromisso de submissão e de reconhecimento entre o homem que trabalha e aquelle que o emprega. Todos os deveres do homem e do cidadão derivam d'estes dois principios, gerados pela natureza nos corações: Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti; faze constantemente aos outros o bem que quererias que elles te fizessem etc.»; são maximas evangelicas. Sua glorificação é uma homenagem involuntaria talvez, mas real, á dignidade, á liberdade, á fraternidade christãs! *Fazei aos outros o que querieis que vos fizessem!* E' tal qual esse heroico amor do proximo que Jesus Christo veio trazer á terra. A vida de S. Vicente de Paulo, como a do divino Salvador, está toda inteira n'esta unica palavra: passou fazendo o bem, i é, fazendo aos outros o que teria querido que lhe fizessem. E est' outros preceitos: «Viver submisso ás leis e respeitar aquelles que são seus orgãos; não é bom cidadão aquelle que não é bom filho, bom pai, bom esposo, bom amigo; não é homem de bem aquelle que não observa franca e religiosamente as leis etc.»: não são echos dos costumes catholicos?

Se taes são os principios de 1789, não é a isso que eu chamo espirito revolucionario. Comprehando, debaixo d'este nome, primeiramente a fatal tendencia que expungiu d'essas constituições, d'essas declarações dos direitos e deveres do homem toda a menção explicita de Deus e de Jesus Christo, para tardiamente e hypocritamente se cobriram com a invocação do Ser Supremo! O Ser Supremo ah! não passava para aquelles que o proclamavam do deus-Natureza ou do deus dos pantheistas!

Chamo espirito revolucionario á negação implicita de toda a religião revelada que suppõe a emancipação comprehendida debaixo d'estas grandes palavras: liber-

dade de pensar, liberdade de exame, liberdade de consciencia, liberdade de cultos, liberdade de imprensa, etc. etc. Esta emancipação não é uma consequencia necessaria, logica, dos principios de 89; estes principios pelo contrario, e importa grandemente acentual-o, eram a negação formal d'estes excessos. Com effeito, para exemplificação, esta liberdade de imprensa exaggerada: «Todo o cidadão pode falar, escrever, imprimir livremente, salvo o responder pelo abuso d'esta liberdade nos casos determinados por lei», não está previamente condemnada por esta definição de liberdade: *A liberdade consiste em poder fazer tudo aquillo que não prejudica a outrem*; e por este preceito de caridade: *Não faças a outrem o que não quèrerias que te fizessem?* Pois não será uma reparação derisoria para aquelle, contra quem a maledicencia e a calumnia se tem desencadeado, ver seu adversario punido da liberdadé excessiva que se arrogou? O insultado, evidentemente, teria mil vezes preferido que o insultador se tivesse abtido de o calumniar ou ultrajar.

Comprehando emfim sob o nome de espirito revolucionario as contradicções lamentaveis que trazem os governos por uma parte a separar a Igreja do estado, a recusar a dotação ao culto da maioria dos cidadãos, até depois de lhe haver confiscado os bens; da outra, a regulamentar sacrilegamente os cultos, como o fazia a famosa constituição civil do clero; as annatas e todo o tributo pago pelos catholicos voluntariamente ao chefe da Igreja; a submetter a formalidades administrativas as relações de ordem puramente espiritual do Soberano Pontífice e dos Bispos e fieis; a semelhar os votos religiosos que não são senão o legitimo exercicio da liberdade de consciencia a compromissos contrarios á natureza do homem; a negar explicita ou implicitamente o sacramento do matrimonio e a auctorisar o divorcio, etc.

Eis o que entendo por espirito revolucionario. As-

sim definido, será ou não uma causa evidente e activa da perda da fé?

Os christãos catholicos podem ou devem pactuar com elle?

Será permittido n'este sentido ser e dizer-se catholico liberal?

Poderá pois acontecer que estados ou sociedades se julguem auctorizadas a ficarem civilmente fóra de toda a crença religiosa em razão, por exemplo, da multiplicidade e da diversidade dos cultos e egrejas particulares, em razão tambem das disposições actuaes da maioria dos espiritos impacientes de todo o jugo religioso?

De tal sorte que a condição normal d'estas sociedades seja a separação absoluta da Egreja e do estado, o abandono de todos os cultos, e o exercicio legal de todas as liberdades revolucionarias? Será esta pouco mais ou menos a condição da America Setemprterional ou dos Estados Unidos?

A legislação assim estabelecida será o bello ideal das sociedades modernas? Pode ser o objecto dos votos dos catholicos, fervorosos ou não?

Debaixo do ponto de vista christão pode ser considerada como um bem? Pelo contrario, deverá-se considerar em si mesma como um mal, e será necessario resignar-se sómente a soffrel-a, quando se impuzer á força?

Admittindo que seja um mal, e quando ainda não invadira todas as sociedades modernas, não será justo e bom que o soberano Pontifice a censure, para lhe tollher ao menos por um instante o passo?

Este programma é realmente de metter medo. Não o encetarei, sem rememorar principios, que ah! não são já d'este mundo, e unicos que podem no entanto justificar as soluções impopulares que me vejo forçado a dar a estas questões irritantes.

Uma vez ainda: *sursum corda!* coração ao alto!

Aos olhos da fé, o tempo, a vida presente, os dons da natureza e do espirito, os beneficios da educação e da civilização, a riqueza, a liberdade, a sciencia, os progressos da industria e das artes etc. etc., são bens reaes, que aprecia, que tende a procurar e procura quando se não põem obices á sua livre expansão, mas bens e interesses secundarios, que é mister estar prompto a sacrificar aos bens e aos interesses essenciaes da eternidade! *Quid hoc ad aeternitatem...* O grande preceito christão é este: « Buscai o reino de Deus e sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acrescimo. » As grandes maximas christãs, que nunca se devem esquecer, são: « De que serve ao homem ganhar todo o universo, se vem a perder sua alma? Se teu olho te escandalisa, arranca-o, e arroja-o para longe de ti: porque mais vale que um de teus membros pereça, do que teu corpo seja lançado todo inteiro no inferno... Se tua mão direita, se teu pé te são occasião de escandalo, corta-os; vale mil vezes mais entrar no céo manco ou coxo, do que ser lançado pés e mãos nas chammas que jámais se hão extinguir. »

Jesus Christo disse tambem :

« Eu não trago a paz, mas a guerra. Eu vim separar o filho do pai, a filha da mãe, a nora do sogro, o esposo da esposa: porque acontece, ah! bastantes vezes, que os familiares do homem são seus mais crueis inimigos. Aquelle que não aborrece seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs, e a sua propria vida, quando forem um obstaculo á sua propria salvação, não pode ser meu discipulo. » Não é tudo, repitamos ainda o terrivel anathema tantas vezes esquecido: « aquelle que escandalisa o menor dos que crêem em mim, melhor lhe fôra que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho, e que o lançassem ao fundo do mar. »

Nas edades de fé, o grande grito dos christãos era:

« Cortai, queimai, ó meu Deus, n'este mundo que passa, com tanto que me poupeis na eternidade: *Hic ure, hic secca, modo in aeternum parcas.* »

E note-se bem, que não é só a Egreja catholica, é o Evangelho, é Jesus Christo, que nos impõem o dever sagrado de defender nossa fé e a fé dos outros a preço de todos os sacrificios, se preciso for. Ninguem tem o direito de dizer que Jesus Christo é doce, que o Evangelho é bom, que só a Egreja foi cruel.

O dogma formidavel que prescreve sacrificar sua propria vida, tudo o que ha de mais excellente e precioso no mundo, com maioria de razão prescreve o sacrificio dos bens secundarios, quando se tornam um obstaculo á salvação.

Aceitai o christianismo tal qual é, ou repelli-o sem mesmo o discutir. Para aquelles que não crêem na vida futura, no ceo, no inferno, o christianismo não tem alvo, não existe, nem podê existir. Mas aquelles que crêem em Jesus Christo, na immortalidade d'alma, na eternidade feliz ou desgraçada, estariam em contradicção aberta consigo mesmos e com sua fé, se hesitassem em sacrificar á vida futura, quando é necessario, a vida presente com todos os seus bens, os direitos do homem, a liberdade, a fortuna etc. etc.

N'isto assenta toda a philosophia do christianismo.

Se nos collocarmos n'este ponto de vista, veremos desvanecerem-se todas as difficuldades. A separação da Egreja e do estado, o estado atheu, a egualdade de todas as crenças perante a lei, a liberdade de cultos, a liberdade de pensar, o livre exame, a liberdade de consciencia, a liberdade de imprensa etc. etc., podem ser uma necessidade dos tempos, em razão do estado dos espiritos e das vontades; mas evidentemente, esta necessidade serve mal os interesses eternos dos povos.

Esta sêde de independencia prova ah! que a fé está

enfraquecida, e satisfazel-a é em realidade querer enfraquecel-a mais.

Poderia-se até dizer sem exaggeração, que este estado dos espiritos é já o triumpho definitivo da vida presente sobre a futura, do tempo sobre a eternidade.

Querer forçar a fé a reconhecê-lo e a proclamá-lo como ordem normal e regular das sociedades christãs, seria condemnal-a fatalmente a renegar se e ao suicidio.

A Egreja catholica, depositaria e interprete da fé, foi instituida por seu divino Fundador n'este escopo: *que seus fieis discipulos encontrem por ella e em seu seio os meios conducentes ao ceo*. Ella não existe pois senão em vista da salvação das almas e da eternidade. Tirai a eternidade, tirai a salvação das almas, e a Egreja não terá mais razão de ser! Como aceitaria, como não havia de repellir com uma energia divina o que a fizesse mentir a seus celestes destinos, o que a collocasse na impossibilidade maior de salvar as almas que seu divino fundador lhe confiou? E note-se, o que a Egreja não pode aprovar, o que ella repelle, não é o facto, mas o direito ou o principio.

Que um governo, que se diz ainda christão, decrete a separação absoluta da Egreja e do estado, a egualdade de todos os cultos perante a lei, o pleno exercicio de todas as liberdades, eis o facto. Que a separação da Egreja e do estado, que a egualdade de todos os cultos perante a lei, o pleno exercicio de todas as liberdades sejam um bem, e caracterisem um governo mais perfeito, porque dão satisfação ás exigencias dos povos e dos tempos, é a questão de direito ou de principio. O facto, esse deixa-o á Egreja á responsabilidade dos governos, não sem os ter caridosamente advertido do perigo; aceita-o, quando é completo, e consummado. Quanto ao direito ou ao principio, esta emancipação absoluta do estado e dos individuos é fatal, e deve de-

claral-o altamente. Os adversarios da Egreja são os primeiros a reconhecer que o direito novo lhe é hostil.

Não o reclamam em altos gritos, não se insurgem para o conquistar senão para chegarem a desembaraçar-se d'ella, e a fazer-lhe perder o imperio sobre os espiritos e os corações. Exigir que o aprove seria forçal-a a que apostatasse covardemente. Mais valera mil vezes usar contra ella de todas as medidas de rigor. Pretender n'uma palavra que ella saia da questão de facto para que entre na questão de direito é practicar uma odiosa-tyrannia, um attentado violento contra a liberdade de consciencia e contra a fé.

Pode acontecer que um governo liberal, ou mesmo revolucionario, seja uma das fataes necessidades de nossa epoca, porque a maioria dos individuos não quer ser governada d'outra sorte. Constituido designadamente para administrar os interesses materiaes e moraes, o poder civil é forçado por vezes a ceder a exigencias, que se não forem satisfeitas, o tornariam odioso e impossivel.

Insurgir-se-ha a Egreja contra essas concessões fataes? Acirrará seus filhos contra estes governos revolucionarios? excommungal-os-ha? dispensará na obediencia que lhes é divida? recusar-lhes-ha o juramento de fidelidade? Oh! não!

Ella não cessará de ver n'estes poderes revoltados os depositarios da auctoridade divina; dirá a seus filhos: Sêde submissos ás auctoridades que vos governam, porque não ha auctoridade que não venha de Deus. Aquelle que resiste aos poderes estabelecidos resiste á ordem de Deus, e aquelle que resiste á ordem de Deus attrahe sobre si a condemnação. Submettei-vos não só por temor, mas por consciencia. Pagai-lhes o tributo, como a ministros de Deus, porque o servem governando. Dai a cada um o que lhe é devido: o imposto, a quem tem direito de o estabelecer; o tributo a quem

tem o direito de o perceber; o temor, a quem está em posição de o inspirar; a honra, a quem traz as insignias da auctoridade. Em quanto os governos não exigirem cousa contraria á fé ou á salvação eterna, acharão nos seus subditos catholicos os mais fieis e submissos ás leis. Se o que se lhes ordenar, fôr contrario á sua fé, recusarão fazel-o, e renovarão esse grito sublime dos apóstolos: *Não podemos. É para nós um dever sagrado obedecer a Deus primeiro que aos homens.* Mas não se rebellarão, nem pegarão em armas; ao contrario estenderão o pescoço ao cutello, ainda quando formem uma legião, como a thebana ou fulminante.

Cedam embora os governos, se se crêem forçados, á fatalidade que os arrasta; constituam-se revolucionariamente, dêem largas aos direitos do homem em toda a sua plenitude e exaggeração; a Igreja não se armará da espada, nem mesmo da espirital.

Se a liberdade se quizer intrometter n'ella, a Igreja ficará; ageitar-se-ha quanto possivel á nova ordem de cousas; occupará um logar tão apertado, quanto lh'o quizerem dar, feliz por se poder consagrar á maior gloria de Deus, á salvação das almas, ao bem dos proprios governos.

Em resumo, a Igreja aceita resignada o facto, porque o facto deve tolerar-se, e sua divina missão basta para que procure a salvação das almas debaixo de todos os governos; fica porém inflexivel nos principios.

Ha alguns mezes, um publicista eminente felicitava um religioso francez, a quem o moderno liberalismo seduziu a ponto de o levar a sacudir escandalosamente o jugo da obediencia, por ter respirado o ar mais propicio de um paiz, *onde a Igreja tolera a liberdade!* Melhor teria dito, de um paiz, onde a liberdade tolera a Igreja. A Igreja de facto tem sempre tolerado a liberdade civil como um facto dependente da vontade dos gover-

nos e dos povos, mas a liberdade ah! que degenera quasi infallivelmente em licença, nem sempre tem tolerado e nem está disposta a tolerar a Igreja. Obstina-se pelo contrario em a considerar como a sua mais mortal inimiga, e quereria até forçal-a á mais nescia das apostasias. Não lhe basta que os catholicos aceitem o facto de seu governo revolucionario; quer absolutamente, e ha catholicos bastante ingenuos para se deixarem arrastar a esta fatal abdição, que proclamem contra sua razão, consciencia e fé, o direito ou a legitimidade d'esta emancipação absoluta das intelligencias e das vontades.

O que alguns catholicos seduzidos teem julgado poder fazer, a Igreja não o fará nunca; e aquelles mesmos que parecem querer fazer-lhe violencia, aprovam no fundo sua resistencia energica; despezal-a-hiam se viesse a fraquejar. N'esse dia, de resto, a Igreja catholica teria cessado de resistir. Em logar pois de a constringer a glorificar uma ordem de cousas, que inevitavelmente conduz á perda universal da fé e das almas, abençoai esta mãe incomparavel, por ter a coragem de vos declarar sem ambiguidades, que um governo, onde os interesses sobrenaturaes dos povos e dos subditos estão gravemente compromettidos é um governo que deixa de ser favoravel aos proprios interesses materiaes. Se Deus não guardar a casa, a cidade, o governo, o governo, a cidade e a casa, serão mal guardados!

Para melhor fazer tocar com o dedo na inconsequencia a esses espiritos embelecados, que quereriam ver a Igreja aprovar e animar seu liberalismo, seja-me permittido trazer para aqui uma tocante comparação, tirada do Evangelho.

O filho prodigo vai um dia ter com seu pai, e diz-lhe: Meu pae, morro de enfado na casa paterna; esta vida regular e monotona torna-se-me insupportavel; dai-me o que minha mãe me deixou e o que de vossa

herança me deve tocar, e irei para uma região longínqua satisfazer em liberdade os desejos do meu coração. O pae, que receiava irritar seu filho muito amado, e de o impellir ao extremo se se mostrasse inflexivel, deu o que lhe pertencia. A lenda mostra-nol-o introduzindo o joven estouvado na sala das joias da familia, e repartindo-as preciosamente com elle. O prodigo partiu, levando comsigo quanto lhe pertencia; alguns annos tem apenas decorrido, e já dissipado tudo em uma vida licenciosa e de relaxação, cahe na miseria profunda, vende vergonhosamente seus serviços, aceita o logar de guardador de porcos, e vê-se reduzido a tal estado que deseja matar a fome com os restos do que lançavam a estes vis animaes. No mundo politico, como no mundo individual, a liberdade toca de perto a mais odiosa escravidão! 89 toca em 93! O povo soberano é bem depressa o povo explorado por tyrannos imaginarios. Mirabeau e Robespierre dão-se a mão!

Mas voltemos a nossa comparação. Que se diria, se moralistas complacentes ousassem affirmar que o pai do prodigo não fizera bastante; que não se devia limitar a repartir com seu filho a herança da familia; que deveria além d'isso animal-o a seguir a via deploravel, na qual queria entrar? Tu tens razão, meu filho, a casa paterna é muito enfadonha, o jugo da virtude muito pesado; é preciso que a juventude goze; parte pois, diverte-te, larga redeas a todas as tuas paixões; entrega-te sem remorsos ás exigencias das cortezãs; inscreve teu nome nos fastos da libertinagem, e rebaixa-te á ordem dos mais refecos e relaxados. Pois bem! este papel infame que os mais depravados não ousariam aconselhar ao pae do prodigo, querem os revolucionarios e alguns catholicos ah! tambem a toda a força impol-o á santa Igreja de Jesus Christo!

As nações modernas exigem-lhe a grandes brados que rompa os laços já bem frouxos, que no entanto a

unem ainda a este centro ; não querem mais concordadas, reclamam em altos berros a separação da Igreja e do estado, a odiosa chymera da Igreja livre, i é, da Igreja espoliada de todos os seus bens, direitos e privilegios, no estado livre, i é, atheu e despota; a egualdade dê todos os cultos perante a lei, todas as liberdades enfim que se reduzem em ultima analyse á liberdade dos maus e do mal.

A Igreja, como sua responsabilidade se estende a todos, e como tem o encargo das almas para a eternidade, faz naturalmente mais resistencia que o pai do filho prodigo, cuja tutella tinha simplesmente por objecto salvaguardar os interesses materiaes e moraes de seu filho. Solta um brado de terror, lança suas encyclicas, formula o *Syllabus*, relembra os oraculos da eterna verdade, assignala os escolhos occultos, mostra o abysmo escancarado debaixo dos passos dos innovadores. Poderia ella fazer outra cousa? Não a desprezariéis, se pactuasse com a revolta; se dêsse livre transito á torrente da independencia e da incredulidade; se não protestasse contra doutrinas que tendem evidentemente a tornar impossivel o cumprimento de sua missão divina, a salvação das almas; se não estigmatiasse reformas temerarias que se reclamam para poder opprimil-a? Estas doutrinas, estas reformas, que ella tolera, se as fazem passar ao estado de leis, encontram-a resignada e quanto lhe é possivel accomodaticia: é tudo quanto pôde fazer.

Vêde a America septentrional. Alli tudo está consummado. A separação e independencia reciproca da Igreja e do estado são francamente aceites, todas as liberdades reinam soberanamente, e a Igreja catholica não se lastima, trabalha activamente, efficazmente na salvação das obras; e o governo, outr'ora tão intolerante, exalta sem respeitos humanos os serviços immensos, prestados pelos jesuitas aos soldados de seus exer-

citôs, agradece-lhes com effusão o ter-lhes ensinado a soffrer sem murmurar privações quasi acima das forças humanas. Ao mesmo tempo, a Prussia protestante abençoava as irmãs francezas da caridade, pelos cuidados que tinham prodigado aos feridos sobre os campos de batalha e nos hospitaes, com um heroismo admiravel! São no entretanto esses mesmos jesuitas, essas mesmas irmãs da caridade que o liberalismo francez persegue com tanto rancor! Ainda este anno se reuniu em Baltimore um concilio nacional de todos os bispos catholicos dos Estados Unidos, pois lá se guardou o silencio mais absoluto sobre tudo o que toca á politica, aos governos e aos governados.

O concilio ecumenico do Vaticano, reunido em Roma, retomará e porá a ultima benção na obra sancta e forte de Pio IX? Fará seu o *Syllabus*? Os revolucionarios estão com medo, e já dão brados de colera e de vingança. Os governos inquietos mantem-se na defensiva, e reservam-se o direito de protestar, quando chegar o momento opportuno. Os catholicos liberaes partilham as inquietações pusillamines dos governos, e conjuram a Igreja a não quebrar os ultimos laços, que, dizem elles, ainda lhe tem vinculadas as novas gerações. Sua timidez, consequencia fatal de uma fé muito enfraquecida, cega-os a ponto de que já não distinguem entre direito e facto, theoria e pratica, principios e pessoas: o que os reduz a dar o doloroso e escandaloso espectáculo de uma desconfiança alarmada dos oraculos do Espirito Santo. Seriam bem culpados, se não soubessem que condemnando de novo os erros do *Syllabus*, o concilio não terá de maneira alguma a pretensão de infligir violencia aos governos e aos povos! Não! todos ficarão livres para cederem á corrente que os arrebatá; mas terá cumprido o seu dever; mostrando com o indicador os escolhos temiveis, contra os quaes a fé do maior numero virá despedaçar-se; prevenindo os espi-

ritos prudentes contra os perigos de uma legislação, que se afigura mais consentanea á necessidade dos tempos, porque os tempos ah! vão propicios para a incredulidade, para o odio de toda a verdade, para o amor de todos os erros; mostrando-se aterrada das reformas que seus partidarios chamam em altos gritos, porque bem vêem que os hão de desembaraçar da influencia detestada da Igreja.

Oh! sim; se as nações fremem, se os povos meditam sinistras revoltas, se os reis e os principes conspiram contra Deus, contra o seu Christo e a Igreja, é porque chegamos a esses tempos, dos quaes o grande apóstolo dizia a seu fiel discipulo Timotheo: « Os homens não hão de soffrer as sãs doutrinas; espicaçados por desejos insensatos, e por um funesto prurido de ouvidos, hão de escolher mestres de sua feição, e voltar-se para as fabulas. » Estes mestres que fazem tanto ruido na tribuna das reuniões publicas, e nos jornaes são bem parecidos com aquelles, de quem S. Paulo traçou o retrato: « amando-se a si mesmos, avidos, arrogantes, orgulhosos, blasphemadores, impacientes de todo o jugo, calumniadores, duros, sem coração, sem bondade, insolentes, etc. » E se Pio IX faz ouvir a voz de pastor vigilante, segue n'isto as instrucções do grande apóstolo: « avisa, insiste opportuna e impórtunamente, reprehende, supplica, ameaça com paciencia, com sciencia e auctoridade. »

Ha ainda um principio que convém não esquecer antes de provar directamente por algumas considerações rapidas, quanto os pretendidos beneficios, que as sociedades modernas chamam por ardentes votos, são perigosos para a fé.

A fé é um thesouro incomparavel, já o estabelecemos, e não tardará que o estabeleçamos ainda, mas um semelhante thesouro transportamol-o em vasos excessivamente frageis. Se o espirito está prompto, a carne é

fraca, e a fé perde-se talvez com mais facilidade, do que a innocencia, que um sopro no entanto pode embaciar. E' sobretudo da fé que se pode dizer: aquelle que ama o perigo, perecerá n'elle.

Vede Pedro, tão presumpçoso e seguro de si mesmo, a voz de uma creada basta para o tornar infiel; elle affirma com juramento, com anathema, que nunca conheceu a Jesus Christo; e todavia adorava-o, exclamando: tu és o Christo, Filho de Deus vivo; tu tens as palavras da vida eterna! Uma hesitação, uma duvida voluntaria, fazem ás vezes perder em um instante o dom sobrenatural da fé. E já que é absolutamente necessaria, e pois que todo aquelle que não crê no Filho unico de Deus está julgado, não poderá vêr a vida, porque a colera de Deus repousa sobre elle, é de todo em todo necessario que estejamos na disposição forte e generosa de resguardar nossa fé por precauções as mais delicadas, de pôr tudo por obra para a não comprometter, e estarmos promptos a sacrificar tudo o que pudesse ameaçal-a de longe ou de perto.

Scrutemos a esta luz divina e pura, que dá aos objectos suas verdadeiras côres, essas ideias revolucionarias que tanto apaixonam o seculo xix: Separação da Igreja e do Estado, liberdade e egualdade dos cultos perante a lei, liberdade de exame, liberdade de consciencia, liberdade de imprensa.

Taes são a nosso vêr os effeitos detestaveis, e tambem as causas activas da perda da fé.

A separação da Igreja e do estado. Qual é a ordem natural das ideias em facto de governo? O ente que tem sido o objecto immediato e ultimo da vontade divina o ser que Deus creou para gloria sua, que destinou a uma felicidade eterna, é o individuo ou o homem individual. Para o individuo constituiu Deus o pai e a mãe ou a *familia*, que é de direito divino.

As familias, e os individuos, requerem por sua es-

sencia a *sociedade*. A sociedade estabelece entre os individuos e as familias *interesses particulares e communs* que devem ser *garantidos e regulamentados*. A necessidade d'este regulamento, d'esta garantia, implica a necessidade de um poder superior, ou *governo*, que preside a toda a associação das familias. O governo não é essencialmente, como a familia, de direito divino, não é de tal modo indispensavel, que como os juizes e os primeiros reis de Israel, seja instituido immediatamente pela vontade expressa de Deus; pode ser estabelecido pela vontade commun das familias e individuos que rege.

Não haverá por certo espirito sensato que negue que a auctoridade exercida por um poder qualquer seja uma emanação, ou delegação da auctoridade divina; que todo o poder deve governar em nome de Deus que creou os interesses particulares e communs, de Deus, origem de todo o ser ou auctoridade, de Deus que sanciona, garante e vinga todos os direitos.

Deus, o Individuo, a Familia, o Estado, eis a ordem immutavel que a razão deve reconhecer e confessar, e a vontade acolher e respeitar. Os governos passarão, a familia tambem ha de passar, Deus e o individuo permanecerão eternamente. O individuo deve tender para Deus que é seu fim; a familia deve ajudal-o n'esta tendencia divina, que é o direito de Deus e o dever do individuo; o governo ou o estado deve facilitar, quanto possivel, á familia esta sancta tutella, que é o direito do individuo e o dever da familia. Entre o estado e o individuo ha pois a familia, é absurdo dizer que o individuo pertence ao estado, como seria absurdo dizer que o fim pertence ao meio.

Os direitos do estado nascem radical e exclusivamente dos interesses privados ou communs das familias e dos individuos, são-lhes correlativos. Não ha poder, em geral, senão aquelle que imperiosa e strictamente

para Deus que é seu fim; a familia deve ajudal-o n'esta tendencia divina, que é o direito de Deus e o dever do individuo; o governo ou o estado deve facilitar, quanto possivel, á familia, esta sancta tutela, que é o direito do individuo e o dever da familia. Entre o estado e o individuo ha pois a familia, é absurdo dizer que o individuo pertence ao estado, como seria absurdo dizer que o fim pertence ao meio.

Os direitos do estado nascem radical e exclusivamente dos interesses privados ou communs das familias e dos individuos, são-lhes correlativos. Não ha poder, em geral, senão aquelle que imperiosa e estreitamente é necessario para tornar efficazes o regulamento e a garantia d'estes interesses: ultrapassa seus direitos, usurpa, logo que manda ou prohibe fóra da orbita dos interesses particulares ou communs; commette uma injustiça mais ou menos revoltante, faz-se tyranno, quando as desconhece ou calca aos pés.

Um governo perfeito será evidentemente aquelle que, tomando o homem em sua synthese, tal qual a natureza o fez, a razão e a fé o formam, o homem material e espiritual, o homem do tempo e da eternidade, da natureza e da graça, o homem n'uma palavra de interesses materiaes, moraes, religiosos e sobrenaturaes, quer, por todo e unico poder, regular e garantir egualmente esses interesses diversos e multiplos, que devem ser para elle sagrados. Tal foi, por exemplo, no xvi e xvii seculos o governo que tornou a Hespanha tão sancta, tão forte e tão grande. ¹

¹ No momento, em que lançava estas linhas, o ministro de estado de Hespanha revolucionaria, intimava o concilio do Vaticano a não tocar nos principios da constituição de 1869, porque o governo estava resolvido a defendel-os por todos os meios ao seu alcance.

Ora eis ahí o pobre soberbo! Pois que! a Egreja commetteria um crime se, sem nomear a Hespanha, declarasse que os principios da sua nova

Em um governo perfeito, a religião recebida como a unica verdadeira, a unica divina, para o conjuncto das familias, é lei do estado, não de certo no sentido de que a lei possa entrar no dominio intimo da consciencia, prescrever actos interiores, punir infracções que não se exteriorisaram, o dominio da consciencia não é governamentalmente accessivel senão a Deus; mas no sentido de que toda a desobediencia á religião manifestada por actos exteriores seja punivel pelas leis; que a lei deve castigar um attentado exterior contra a fé de um individuo, como pune o attentado commettido contra sua honra ou sua bolsa. Em um semelhante governo, um poder intermediario entre o estado e o individuo, que tem por alvo conhecer, por meios legitimos e honestos, das infracções exteriores da lei religiosa, julgal-as e punil-as, é tão logica e legalmente instituido como os tribunaes destinados a perseguir os delictos contra as pessoas, sua reputação e bens. N'esta ordem de cousas, o individuo que denuncia aquelle que arma laços a sua fé, não está menos no seu direito, não é mais indelicado, do que aquelle que delata o attentado commettido contra sua pessoa ou contra seus bens.

Não é evidente por si mesmo — e a historia prova-o exuberantemente — que um governo perfeito, tal como vimos de o definir, é eminentemente favoravel á fé; que tende efficazmente a conserval-a e a promo-

constituição são perigosos, que arrastarão a perda de um numero immenso d'almas, que o sangue que farão correr será uma torrente em comparação do sangue derramado em nome do Sancto Officio, objecto de tantas declamações furibundas! A Hespanha abertamente catholica foi um colosso como o império romano; ella estreitava em seus braços enormes e robustos o Occidente e o Oriente, dictava leis ao mundo. A Hespanha constitucional será em breve reduzida á sua expressão mais simples. Fica-lhe bem pouco airoso ser tão arrogante.

ver-lhe os augmentos, que é para ella como um iman universal e irresistivel? Mas ah! o reino do bem, como o reino de Deus, não é d'este mundo, e a corrupção do optimo torna-se fatalmente a peor das corrupções, *corruptio optimi pessima!*

Quando em um paiz a religião deixou de ser uma, quando a fé cessa de ser geral, quando a preponderancia dos interesses sobrenaturaes e eternos é posta em duvida, então os governos não querem, ou não podem já considerar senão o homem do tempo, de interesses materiaes e sociaes, e de modo algum o homem da eternidade. O estado não vê no homem senão o presente, sua fortuna, sua honra, e não quer occupar-se de maneira alguma de sua fé e de seu destino immortal. Entra n'este caso mais ou menos abertamente no regimen da separação da Egreja e do estado, da egualdade de todos os cultos perante a lei, etc., etc. Quem ousaria negal-o quando mesmo factos innumerados, e mais claros do que a luz, o não provassem da maneira a mais incontestavel? esta secularisação mais ou menos completa da legislação é muito pouco favoravel ao exercicio da fé.

De facto, logo que o governo, que é a auctoridade suprema, se constitue equivalentemente atheu, guarda entre todos os cultos uma neutralidade official, não se occupa do homem religioso para cousa alguma, a fé e os interesses sobrenaturaes descem á ultima plana, e cedem o passo aos interesses materiaes e sociaes. A negação, ou se o querem, a indifferença do estado, tende invencivelmente a tornar-se a negação. e a indifferença dos individuos e das familias.

A fé debilita-se e perde-se em uma proporção e com uma rapidez espantosa. Mas ao mesmo tempo a auctoridade exercida pelo estado perde de seu poder e de seu prestigio. Não pode ter no mesmo grau o caracter de auctoridade divina; não é mais, se assim me

posso exprimir, um dogma visível e palpavel, mas sómente um facto de força material; os laços que a unem ás familias e aos individuos affrouxam; a anarchia affirma-se cada dia mais e mais, e a ordem social periclita.

No emtanto, como por uma parte este governo puramente humano não é essencialmente mau, e por outra é talvez o unico possivel d'ora em deante, crêmos conveniente lembrar em que condições manterá a ordem, e preencherá sua missão providencial, i é, os principios que deverão presidir a seu regular exercicio.

I. Logo que umã acção, seja qual fôr, não é de modo algum contraria aos interesses privados ou communs, fica sendo direito certo e inviolavel dos individuos e das familias. O estado não pode sem crime impedir o exercicio d'este direito; pode só e deve vigial-o, no intento apenas de que não venha a ser contrario aos interesses de todos e de cada um; qualquer outro modo ou fim de superintendencia seria illegal.

Se um terceiro pretende oppor-se ao exercicio d'este direito legitimo, o estado deve punil-o.

II. Por isso mesmo que o estado abdica relativamente a certos interesses, que não quer, nem deve regulamentar, os direitos referentes a estes interesses voltam para a familia e para o individuo, e é um dever rigoroso para o governo garantir plenamente á familia e ao individuo o livre exercicio d'estes direitos.

III. Quando um governo tem dado de mão a tudo o que concerne aos interesses sobrenaturaes, que reconheceu por consequencia a liberdade de consciencia, a egualdade de cultos perante a lei, prevarica se deixa os homens investidos de poder atacar um culto qualquer. Sua falta será grande; se o culto que se ataca fôr a religião da maioria das familias que governa.

IV. A intervenção do estado na Egreja deve ficar puramente de fóra ou exterior e material; haverá usur-

pação, violencia, e por tanto perigo, todas as vezes que em suas relações com a Igreja e os diversos cultos, o governo sahir da esphera dos interesses materiaes e civis, seu imperio unico e absoluto.

Na ordem de cousas logica e consequente comsigo mesma, que acabamos de definir, as diversas communhões religiosas conservariam plenamente sua independencia; o proprio estado exerceria mais desafogadamente sua auctoridade soberana; manteria sobre todos os cultos essa paternal vigilancia, cujo effeito unico deve ser salvar os interesses materiaes e moraes, dos quaes é arbitro supremo. A Igreja, como os consistorios, as synagogas, não mais seria um estado no estado; o bispo, o presidente do consistorio, o grande rabbino, não teriam poder senão em uma esphera, onde o governo não pode nem deve penetrar. Fóra d'esta orbita, seriam simples individuos ou subditos, para os quaes não seria necessario de modo algum crear a jurisdicção excepcional do conselho de estado, ficando sujeitos aos tribunaes ordinarios, quando, de uma maneira qualquer, tivessem attentado na ordem material ou moral contra os direitos do governo ou de terceiro.

Se uma semelhante ordem de cousas fosse possivel em França, se o governo depois de ter restituído ao clero catholico uma parte sufficiente dos bens, de que a revolução o despojou tão violenta e injustamente, deixando-lhe ao mesmo tempo a faculdade de adquirir e de possuir, pudesse acostumar-se a manter a balança no fiel; se velhas e mesquinhas tradições lhe não impuzessem pretensões injustas, se o respeito dos direitos de cada um pudesse entrar em nossos costumes, a fé ganharia porventura com a liberdade, em quanto que se vê muitas vezes compromettida e abafada debaixo do regimen inconsequente e perseguidor da ingerencia do estado no governo da Igreja.

Em razão da sorte que sua origem e seu destino

sobrenaturaes lhe attrahem necessariamente n'este mundo, sorte que o seu divino Fundador consagrou por esta dolorosa prophecia: *Vós sereis até ao fim dos seculos um objecto de odio por causa de mim*, ella tem tanto a temer do favor, como da repulsão dos poderes estabelecidos. Por pouco não expiou cruelmente em 1830 as sympathias do governo da Restauração; as desconfianças do governo de julho valeram-lhe em 1848 uma ovação popular, quando tudo prognosticava perseguições violentas.

Uma sociedade franca e largamente liberal, tal como a definimos, seria um terreno neutro, que a Egreja cultivaria com successo, salvando as almas, e mitigando todas as dores.

É o que se realisa na America onde a liberdade aliás menos bella de perto, do que longe, se estende á religião. « Em 1785, escrevia ha pouco o correspondente do jornal o *Univers*, havia duzentos catholicos em New-York, hoje somos cem mil ¹. Vêde do norte ao sul esse cinto, com que Deus ornou o Atlantico, e que do Meno ao Texas se enfeita de joias que devem fazer a admiração do céo. Que raios divinos se propagam d'essas sés episcopaes, creadas pelos successores de S. Pedro... Mas vêde mais ao longe a luz da fé disseminar seus fogos por uma planicie infinita.

Albani, Rochester, Buffalo, Cincinnati, S. Luiz! E mais além, mais além, atraz dos grandes lagos, em pra-

¹ O *Examiner*, orgão dos anabaptistas, transcrevia para comprovar as suas apprehensões sobre o futuro conquistador do catholicismo nos Estados Unidos Setemptrionaes, um trecho do arcebispo de New-York, onde affirmava que então (1883) já estavam os catholicos para os dissidentes na proporção de quarenta por cento; ora sendo a população actual d'ella superior a milhão e meio de habitantes, vê-se quão crescido é hoje o numero de catholicos, e quanto mais consideravel, que o do correspondente do *Univers* no anno, em que escreveu.

dos sem fim, no meio das montanhas Rochosas, até n'esses desertos sem nome, apenas pisados pelas bestas selvagens, a Igreja se estabelece, e não tardará, não duvidamos d'isso, que tenha convertido todas as pobres seitas, cujos membros os mais distinctos, vem dia a dia reunir-se-nos para se desalterarem na fonte da vida, procurada por elles de balde em outra parte.»

Sim! mas sob este regimen de emancipação do estado, e de uma liberdade absoluta, a fé christã, fóra da Igreja catholica, não é mais que uma vã palavra, e a violencia e a immoralidade transbordam e a terra treme debaixo de seus passos.

Poderíamos pôr um ponto aqui, e dispensar-nos de provar o que é mais claro que a luz do dia, a saber, que todas as inspirações do espirito revolucionario, a liberdade de exame, a liberdade de consciencia, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, etc., etc., constituem para a fé verdadeiros perigos.

No entanto digamos ainda algumas palavras:

Liberdade de exame. Os incredulos pretendem que se devem examinar e confrontar todas as religiões, todos os systemas, para chegar á verdade. Pois esquecemos que este confronto, esta discussão está muito acima das faculdades da maioria dos homens! Seria o mesmo que se um medico condemnasse o seu doente a experimentar todos os alimentos sãos ou malsinos para chegar a descobrir o melhor dos regimens. Seria como se antes de crêr no testemunho dos sentidos, vos condemnassem a refutar todas as objecções dos idealistas. Querem ainda que antes de admittir um dogma, se comece por examinar se é verdadeiro ou falso em si mesmo, para decidir se Deus o revelou; mas isto é não menos absurdo, porque Deus tem o direito de nos revelar o incomprehensivel, elle proprio é um profundo mysterio. Os protestantes affirmam que para saber se um dogma é revelado, o fiel deve vêr por si mesmo se

está, ou não, nas sanctas Escripturas. Esta perquirição está acima de suas forças, e conduz a erros os mais contradictorios. Tertulliano disse, ha mil e seiscentos annos: « Aquelle que busca a verdade não a possui ainda, ou então perdeu-a já. Todo aquelle que procura o christianismo não é christão; quem procura a fé é infiel. Se quizermos discutir todos os erros do mundo, procuraremos sempre, e nunca acreditaremos.» A liberdade de exame não é realmente senão a negação e a ruina do catholicismo, que é por essencia a religião da auctoridade. A historia está cheia d'esta tão grande licção.

Liberdade de pensar. Não está sómente no espirito do seculo a liberdade de não crêr em nada, e de não ter fé alguma, mas tambem o direito de prégar a incredulidade, de fallar, escrever, invectivar contra a religião, declamar contra as leis e os governos. Quer-se além d'isso que esta liberdade seja um direito natural, que ninguem póde estorvar sem absurdo e injustiça. E' sempre a negação omnimoda de toda a auctoridade e de toda a religião.

Liberdade de consciencia. No sentido em que a toma o espirito revolucionario não seria sómente o direito que se arrogam alguns cidadãos de servir a Deus em particular, como o entenderem; mas a liberdade para todos os dissidentes de estabelecer uma nova religião, de a exercer publicamente, de levantar altar contra altar.

Esta lucta das religiões é evidentemente o descredito de todas. E por outra parte a liberdade de consciencia não passa de uma palavra para o erro. Onde o calvinismo e o lutheranismo tem dominado em partilha, na Escocia, na Suecia, na Dinamarca, em a Noruega, não toleram o exercicio da religião catholica. Espectaculo estranho! a França, nação catholica, tem para todos os outros cultos christãos a tolerancia a mais

completa, e no entretanto soffre que as nações protestantes, alliadas e amigas, proscrevam a religião catholica, pondo-a fóra da lei.

Liberdade de imprensa. E' necessario soffrel-a, mas quem poderá, quem ousará negar que ella é o triumpho dos maus e das más douctrinas, a oppressão dos bons, da verdade e da virtude? Só os inimigos de Deus e da sociedade é que a tem reclamado imperiosamente, e a exercitam com uma espantosa tyrannia. A liberdade de imprensa é o erro e o vicio arrojados aos quatro ventos do horizonte; é a athmosphera sem cessar empes-tada de germens corrompidos e corruptores dos espiritos.

A liberdade de imprensa! cria para as almas honestas e christãs uma situação verdadeiramente desesperadora. E' por certo uma cousa excellente a instrucção primaria, saber ler, escrever e contar. Em uma epocha, em que os bons livros circulassem sem concorrência, e os maus fossem a excepção, como tambem em um paiz, onde se pudessem comprehender os livros elementares sem ser preciso lidar com a lingua dos prosadores, dos poetas, dos follicularios, a instrucção elementar não apresentaria senão vantagens, e o clero seria por certo um dos seus mais ardentes promotores. Mas agora que as producções de uma litteratura impia, impura e subversiva abundam, que, cada vez mais desaforada, a liberdade de imprensa vai multiplicando incessantemente suas producções deleterias; em um paiz como a França, em que a creança que sabe o cathecismo, está em estado de tudo comprehender, a instrucção, sem deixar de ser excellente em si mesma, volve-se um agente funesto de propaganda desastrosa. A quantos milhares d'almas, cada anno, a leitura de obras irreligiosas, de romances immoraes, faz perder a innocencia e a fé? Quantos espiritos prevertidos em cada dia pela leitura

dos jornaes revolucionarios ou incredulos! E querieis que não estivessemos tomados de horror!

A depravação dos campos crescia em proporções de tal sorte alarmantes, que a Assembleia nacional impressionada votou por grande maioria a lei do aferimento dos pesos e medidas e de venda pelas portas. Quem o diria? esta lei tão util, e que fôra de tão grande oportunidade, tornou-se hoje odiosa, insupportavel, e a simpes noticia de que ía ser derogada excitou transportes de alegria estouvada. Paro despedaçado e cheio de desolação. As pretensões e exigencias de meus adversarios de sobejo provam a verdade da minha these. Elles não querem a liberdade de imprensa, senão porque sabem que em breve terá dado cabo da fé.

Em presença d'estas verdades incontestaveis, d'estes principios primeiros e evidentes, seja-me permitido pedir contas d'essas coleras, com que acolheram o *Syllabus* do immortal Pio IX. Enumerar aquellas proposições que mais escandalisaram os espiritos fracos, e irritaram os maus, será o bastante para que se condemnem, espero-o, uns arrebatamentos tão fóra de razão. Provaréi ao mesmo tempo que se o concilio do Vaticano se associar ás condemnações de Pio IX, terá preenchido um dever sagrado, não terá censurado senão o que deve censurar. Procedendo assim, não tirará nada aos governos d'essa auctoridade, de que são tão ciosos, e deixar-lhes-ha sua liberdade de acção, pois que se aterá sómente ao principio, e de modo algum aos factos consummados ou a consummar.

Pro. VI. « *A fé de Christo é inimiga da razão humana, e a revelação divina não só não serve para nada, mas ainda é prejudicial á salvação do homem.* » Mentira declamatoria e impia.

VIII. « *Como a razão humana caminha hombro a*

hombro com a propria religião, as sciencias theologicas devem ser tractadas sobre o mesmo pé que as sciencias philosophicas.» Exaggero sem razão, condemnado pelo proprio positivismo.

XV. « *Todo o homem é livre de abraçar e de professar a religião, que está persuadido ser verdadeira, deixando-se guiar pela luz da razão.*» E' o livre exame, negação implicita da fé.

XXXIX. « *O estado, sendo a sociedade e a origem de todos os direitos, goza de um direito que não soffre limites.*» Usurpação insensata.

XL. « *A doutrina da Igreja é contraria aos bens e aos interesses da sociedade humana.*» Asserção gratuita e odiosa, desmentida pela razão e pelos factos.

LV. « *A Igreja deve estar separada do estado, e o estado da Igreja.*» A separação terá logar com grande detrimento da Igreja e do estado. ¹

¹ Em quanto escrevia estas linhas, o echo me faz ouvir este grito selvagem e satânico: "Se as religiões, de qualquer natureza que sejam e de qualquer parte que venham, não constituíssem um attentado permanente contra todas as liberdades e progressos, os tyrannos não se dariam tanta pressa em restaurar esses auxiliares do absolutismo, logo que empolgam o poder. Cadeias e algemas bastantes trazemos nós nas mãos e grilhetas aos pés na vida privada e politica, para ainda forjarmos outras para o espirito e o pensamento. O primeiro dever de um povo que quer libertar-se — e quando nos libertaremos nós, se não fôr agora? — é repellir esse empacho que se chama religião, e que arrasta fatalmente á escravidão aquelles que não conduz á demencia!," (Henrique Rochefort aos livres pensadores Lyoneses, 7 de dezembro de 1869.) *Et nunc reges intelligite; erudimini qui iudicatis terram!* E' o furor, e o furor está na ordem do dia! Terá sua hora de sangue. E' muito tarde para lhe conjurar os effeitos. O furioso accrescentava á mensagem do conciliabulo: "Felicito-vos de todo o meu coração, cidadãos, por terdes tido a ideia fecunda de oppôr ás procissões e a outras bugiarias de nossos inimigos a unica communhão que nos pode servir, a communhão das convicções republicanas e dos sentimentos de fraternidade!,"

O Soberano Pontifice Gregorio XVI na bulla *Mirari vos* de 15 d'agosto de 1832. condemnou todos os desgarres do espirito revolucionario, nos quaes a escola catholica liberal de Felix La Mennais se tinha deixado arrastar; dizia em termos formaes: «Nós nada teriamos a presagiar de mais feliz para a Religião e para os governos, do que satisfazer os votos d'aquelles que querem a separação da Egreja e do estado; e romper com a concordia mutua do imperio e do sacerdocio. Mas é um facto, que esta concordia, que foi sempre tão favoravel e tão salutar aos interesses da religião e da auctoridade civil, é temida pelos partidarios de uma liberdade effrene.»

Se em tudo o que venho de dizer me escapou alguma asserção contraria á carta ou ao espirito d'esta Encyclica e do Syllabus de Pio IX, desde já o retracto.

Apresso-me além d'isso a accrescentar que em um paiz, como a França, onde a immensa maioria é catholica, a separação da Egreja e do estado, mesmo nas condições atraz expendidas, seria um crime e uma desgraça, porque arrastaria forçosamente o estado a fazer-se atheu e perseguidor declarado da Egreja.

LXVII. «*De direito natural o casamento não é indissolvel, e o divorcio pode ser sancionado pela auctoridade civil.*» De facto sim, e não sem um grande mal; de direito, não, o matrimonio é um sacramento, indissolvel de direito divino.

LXIV. «*Os cidadãos tem direito a uma liberdade completa de manifestar altamente e publicamente seus pensamentos, sejam quaes forem, pela palavra, pela imprensa, ou de qualquer outra maneira, sem que a auctoridade ecclesiastica ou civil possa pôr-lhes obstaculo.*» Este direito é chymérico. Não é liberdade; é licença.

LXVII. « *E' necessario abolir a lei que em certos dias prohibe as obras servis em attenção ao culto divino.* » Este septimo dia de repouso é de direito divino ; sua supressão seria um attentado contra Deus, e a negação da fé.

LXVIII. « *A familia tem sua razão no direito civil. Da lei civil dependem os direitos dos pais sobre os filhos.* » Nós provámol-o, é o mundo voltado de baixo para cima, a pyramide invertida.

LXXIX. « *E' falso que a liberdade civil de todos os cultos, e o pleno poder concedido a todos de manifestar aberta e publicamente todas as suas opiniões e pensamentos precipitem mais facilmente os povos na corrupção de costumes e de espirito, e propaguem o indifferentismo.* » E' negar a luz do sol.

LXXX. « *O Pontifice romano pode e deve reconciliar-se e transigir com o liberalismo e a civilização moderna.* » O fogo não transige com a agua, que tem por effeito apagal-o. Elle soffre-a, e resiste quanto pode.

Eis o espantallo que tem causado tanto medo. Aproximámo-nos d'elle, e o susto desvaneceu-se. Os homens de boa fé que me lerem, córarão d'esta insurreição violenta contra um tão legitimo exercicio da mais forte e ao mesmo tempo da mais doce das auctoridades.

Ia n'este ponto a minha discussão, um tanto longa talvez, mas que não me era possivel abreviar sem comprometter a nobre causa que defendo, quando com grande surpresa minha e alegria, vi o simples bom senso de um escriptor, aliás muito pouco christão, sancionar estas doutrinas com uma auctoridade de criterio que não é possivel pôr em duvida. O sr. Francisco Sarcey, no *Jornal de Paris*, repelle com energia a declamação de um de seus confrades contra as proscricções da congregação do Index. E o que é importante, note-se, que

o seu raciocinio tem applicação a todas as outras condemnações da Egreja e do Soberano Pontifice, ao *Syllabus* portanto.

« E' na minha opinião um dos logares communs os mais miseraveis esse da declamação livre pensadora, gritando contra a Congregação do Index e as condemnações, com que ella fulmina certos livros. Como! taes homens que tem um credo, que estão encarregados de proteger contra todos os ataques de fóra, que fazem d'este dever um assumpto de consciencia; lêem uma obra que acaba de publicar-se e dizem áquelles que partilham da mesma fé: « Cautela! as ideias explanadas n'este livros são capazes de abalar os principios, sobre que assenta nossa crença commum. Poderieis, sem duvida por isso, tomar um secreto prazer lendo-os, e abandonardes-vos a perigosas novidades; occultam um laço; advertimos-vos d'isso; abstende-vos. » Que encontrais n'esta linguagem, que não seja conforme com a razão e o bom senso? Notai-o bem, se vos apraz, a Congregação do Index não se dirige aos incredulos. Sabe perfeitamente que sobre elles não tem influencia alguma. Deixa-lhes completa liberdade de comprar, de vender, de decorar, se bem lhes parecer, taes livros, que ella julga conveniente condemnar.

Do que podem queixar-se? Ella não tem em vista senão os catholicos, e catholicos sinceros, e fervorosos. Estes perguntam-lhe como filhos submissos: « Mãe, acaso posso ler este livro? permittis-nol-o? » E ella responde:

Não, meus filhos, n'isso haveria perigo para vossas almas. sobre as quaes estou encarregada de vigiar. « Em que, ó assignantes do *Seculo* e da *Opinião Nacional*, uma tal prescripção vos choca?

Será porque as penas comminadas se vos applicuem? Essas penas no fim de contas são espirituaes, e não alcançam portanto senão aquelles que reconhecem a mão d'onde partem. Se o *Index* se parecesse á *censura* leiga

dos governos modernos, comprehenderia então as colleiras que inspira á tribu dos livres pensadores animaes. A censura, com effeito, não se contenta de encontrar um livro prejudicial, e de o declarar tal; mette o auctor em prisão e supprime-lhe a obra; não a supprime sómente para aquelles que fizeram votos de lhe obedecer, confisca e destroe todos os exemplares; prohibe que qualquer cidadão, seja qual fôr a parcialidade, a que pertença, lhe ponha os olhos. Eis a intolerancia e o despotismo. Se a censura se contentasse com dizer: 'Este drama parece-me mal soante e attentatorio dos bons principios, eu recommendo a sua abstenção a todos os assignantes do *Constitucional* e do *Publico*; os do *Tempo* ficariam por isso auctorizados a respirar fogo e chamas? Que cousa mais simples, mais natural, mais fundada na boa razão, dê que uma interdicção semelhante, que não empregaria meios coercitivos, e que não usaria senão de sua influencia sobre os espiritos?

Pois é isso o que faz a congregação do *Index*. Não aniquilla as obras que condemna; contenta-se de as denunciar como prejudiciaes. Põe-lhe por cima um rotulo —« prohibição de lhe tocar sob pena de condemnação eterna ». Mas não ha nem sombra de violencia para fazer respeitar esta senha, e vós que não acreditais n'esta condemnação, podeis, se quizerdes, entender-lhe a mão sem temor ».

In cauda venenum! O snr. Sacey terminava assim:

« E' verdade que as condemnações do *Index* são curiosas para estudo. Mas é unicamente porque podem servir para assignalar a estiagem das ideias no catholicismo moderno. Vendo prosciever tantas opiniões, que d'alguma sorte se tem consubstanciado commosco, nós dizemo-nos com uma certa surpresa misturada de melancolia: Meu Deus! como estão longe de nós! e o abysmo que nos separa vai-se rasgando cada vez mais!»

Como estão longe de nós! Este pensamento contrista

ainda mais minha alma, do que a do habil publicista *Como estão longe de nós!* Não será, eh! porque nós aspiramos ás alturas dos céos, e vós chamais as profundezas dos infernos?

Como estão longe de nós! O pai dos escolhidos, Abraão, dizia ao rico avarento que preferira os bens da terra aos bens da eternidade... « Entre nós e vós ha um immenso abysmo de sorte que aquelles que quizerem d'aqui passar para vós, ou vir d'ahi, não o poderão jámais! »

Como estão longe de nós! E não sentis vós que o solo estremece debaixo de vossos passos! que não se precisam nada menos, que exercitos innumeraveis para vos proteger contra os excessos da liberdade? que não tardará em chegar o momento, em que esses mesmos exercitos serão impotentes para vos salvar da anarchia e do furor do livre pensamento?

Como estão longe de nós! Mas o facto de uma religião desarmada, contra a qual se tem desencadeado, tanto como vimos de dizel-o, o espirito pagão e o espirito revolucionario, que tem sido assaltada por tantos inimigos poderosos e encarniçados, e que ainda de pé, depois de mil oitocentos annos de contradição incessante, conta por milhões seus adeptos sinceros e dedicados, não será uma prova brilhante incontestavel, de que a verdade está do nosso lado, e o desgarre do vosso? Esplendor, esplendor!

A Igreja em suas condemnações, suas proscricções, suas decisões disciplinares, suas definições dogmaticas, tem sobretudo em vista os catholicos convencidos! Pode acontecer que esta verdade que escapou espontaneamente ao bom senso de um espirito, prevenido contra a fé, não seja comprehendida de alguns bispos, aliás muito esclarecidos e zelosos

E' chegado o momento, em que a infallibilidade do Pontifice romano, falando ex-cathedra a toda a

Egreja, e pronunciando-se sobre materias pertencentes á fé e aos costumes, deve ser definida como dogma de fé. A immensa maioria dos catholicos espera esta definição solemne do concilio do Vaticano! ¹ E eis que um piedoso e sabio bispo ² enuncia com grande ruido, e pretende fazer partilhar a sua opinião pelos seus collegas de que uma tal definição não será sem inconvenientes graves não só para os incredulos, hereticos e scismaticos, mas tambem para os espiritos fracos na fé e para os proprios infieis. Declara não poder pensar sem fremir no numero d'aquelles que a definição affastará de nós talvez para sempre.

Ah! quanto este talvez era meticoloso, e como estes temores são dignos de lastima! O que os incredulos, os scismaticos, os hereges, os christãos fracos na fé, repellem ou hesitam em crer, é a *infallibilidade da Egreja*. Se a infallibilidade do soberano Pontifice for declarada dogma de fé, será o livre exercicio da infallibilidade da Egreja, será sua mesma infallibilidade na pessoa do vigario de Jesus Christo. Como, pois, poderão os fieis catholicos, inquietar-se, alarmar-se d'esta definição, sabendo, como sabem, que a identidade entre a infallibilidade da Egreja e a infallibilidade do summo Pontifice foi affirmada pelo proprio Jesus Christo? Jesus Christo de facto disse a Pedro e a seus successores: « *Tu és pedra, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella... Eu roguei para que a tua fé não desfalleça. Convertido, confirma teus irmãos na verdade... Apascenta meus cordeiros... apascenta minhas ovelhas... Dar-te-hei as chaves do reino dos ceos... Tudo o que tu ligares será ligado;*

¹ Que de facto definiu em 1870.

² É o celebre e illustre Mgr. Dupanloup, que não regeitava a infallibilidade, mas a oportunidade de sua definição.

tudo o que tu desatares, será desatado. » A infallibilidade do chefe da Igreja não é outra cousa, do que a personificação visível da infallibilidade da Igreja dispersa. Na realidade a primeira não accrescenta nada á segunda, e será a segunda que proclamará a primeira dogma de fé. Esta personificação visível é evidentemente uma força, um esplendor novo para a fé. Será o concilio em permanencia, e a realisação d'essa grande palavra de Santo Ambrosio: *ubi Petrus, ibi Ecclesia!* Logo que alguma tempestade religiosa se levantar, Roma fallará; mandará ás ondas que acalmem; sua ordem será levada immediatamente ás extremidades da terra por mensageiros rapidos, instantaneos, do genio moderno, e a tranquillidade se fará immediatamente. Quanto mais una, tanto a Igreja será mais forte para resistir a todos os ataques. *Vis unita fortior.*

Já S. Jeronymo para confundir os hereges do seu tempo lhes apontava para a successão dos summos pontifices. Quanto um tal argumento é hoje mais incontrastavel, pois que esta successão é mais velha quinze seculos! e que no chefe da Igreja, proclamado infallivel, melhor poderemos mostrar o proprio Jesus Christo, que prometteu estar com Pedro e com sua Igreja até á consummação dos seculos. Accrescente-se que esta proclamação assegura mais á Igreja, até ao fim dos tempos, soberanos Pontifices segundo o coração de Deus, sanctos e poderosos em obras e em palavras.

Este dogma abençoado da infallibilidade do summo Pontifice, sempre o acreditei, o ensinei, sempre o desejei com os mais ardentes votos; o dia em que for proclamado, será para mim um dia de triumpho e de alegria.

Sem duvida serei accusado de fazer muito pouco caso da liberdade, o grande idolo do decimo nono seculo. É necessario distinguir: eu adoro a liberdade do bem, mas tenho horror á liberdade do mal; ora é a liberdade do

mal que apaixonou o decimo nono seculo. Se relanceio um olhar em redor de mim, vejo que as almas a um tempo honestas e christãs gozam sempre de grande liberdade, que as almas desleaes e impias não tem nunca bastante, e pedem sempre mais. Como amaria eu uma tal liberdade? Em minhas convicções catholicas tão profundas, a liberdade da intelligencia e da vontade não existe senão pela verdade e pela fé. Jesus Christo disse em termos admiraveis e divinos: "Vós conheceis a verdade e a verdade vos fará livres. Se o filho do homem vos livrar, então sómente sereis livres, por uma liberdade que não comprometterá a dos outros, e que será totalmente benefica. Jesus Christo acrescentava: "todo aquelle que commette o peccado, é escravo do peccado;,, as causas geraes da escravidão são as paixões. Os peccadores, dizia o grande S. Paulo, são os "captivos do demonio, que lhes impõe todas as suas vontades; » e os captivos do demonio tornam-se fatalmente os tyrannos dos outros. Nosso seculo é mais do que qualquer outro, o seculo dos captivos do demonio, dos possessos, dos furiosos, que pedem em altos brados a liberdade para opprimir os filhos de Deus. Em outros termos, eu não amo, aborreço e temo: a torrente sem leito, o rio sem dique, o corsel sem bridão e sem redeas, a locomotiva sem freio, o genio sem regra, a inspiração sem limites, a vontade sem lei, o poder sem equilibrio, n'uma palavra, a liberdade sem Deus, porque a liberdade sem Deus vai dar á obstinação no mal e ao inferno sem fim.

CAPITULO VI

Causas individuaes da perda da fé

O peccado a sangue frio

Bastas vezes se tem ventilado esta questão : O nosso seculo é melhor ou peor que os seculos que o precederam? Não aceito a tarefa de panegyrista do tempo passado, *laudator temporis acti*. Cada seculo tem suas virtudes e seus vicios ; cada seculo por consequencia tem suas vantagens e suas inferioridades. O nosso é certamente mais esclarecido, mais instruido, mais civilizado; as cidades mais arejadas, as habitações mais hygienicas, a vida media é mais longa, os costumes geraes são mais doces, as relações mutuas menos tensas e menos ameaçadoras ; ha mesmo nas almas bem formadas solicitude pelo pobre, piedade e apoio ao fraco, desejo de tornar para todos a vida mais facil e mais doce, etc.

Mas cada seculo tem tambem o seu caracteristico. e o de nosso seculo é incontestavelmente, d'uma parte a diminuição e a raridade da fé ; da outra, o que eu chamarei o peccado a sangue frio.

O peccado a sangue frio é, em sua significação, o mais odioso, o peccado de Judas, que offereceu, vendeu, entregou friamente a seu divino Mestre por um osculo sacrilego e satanico. E ainda a negação arrazoada e voluntaria, por um acto livremente consentido, da verdade conhecida e presente ao espirito ; o que o Evangelho chama peccado contra o Espirito Sancto, que não será perdoado nem n'este mundo nem no outro. É enfim o peccado que se commette, não só de proposito

deliberado, mas sem motin dos sentidos, sem arrebatamento das paixões, sem impulso de character, sem pressão de circumstancias exteriores imperiosas, contra a razão, contra a natureza, e algumas vezes até contra a paixão.

Peccar por arrebatamento das paixões, por transporte de character, por motin dos sentidos, pela sedução do vicio e do exemplo, é uma falta, um mal, de que somos responsaveis, porque, como Deus disse a Cain, nossos appetites estão sob a dependencia de nossa vontade e nós podemos sempre dominal-os: *Sub te erit appetitus tuus et tu dominaberis illius*. Mas pelo menos estas faltas, posto que voluntarias e culpaveis, são como a consequencia natural e espontanea de nossa natureza.

Tem por desculpa, senão legitima ao menos attenuante, nossa fragilidade. Nós somos um mau terreno, este mau terreno dá maus fructos; bem preciso se torna que o não percamos de vista. Deus ha de perdoar-nos; sabe que fomos concebidos em iniquidade; que os *sentidos e os pensamentos dos homens são propensos ao mal desde sua infancia*.

Os peccados de fraqueza não fazem perder a fé; muitas vezes, pelo contrario, uma grande queda nos desperta e converte humilhando-nos. A historia e a experiencia provam que os arrebatamentos da paixão são até certo ponto mais habituaes e violentos nas edades e nos paizes, onde a fé é mais viva.

Os peccados a sangue frio, ao contrario d'isso, que suppõem já uma fé languida ou morta, contribuem enormemente para a fazer perder de todo.

Ousaria quasi dizer que a atrophiam, porque, depois de consentida e calculada a negação da divindade, extinguem nas almas toda a acção do Espirito Sancto. E porque os peccados a sangue frio suprabundam em nosso decimo nono seculo, onde são como a moeda

corrente, força é por um contra-golpe fatal e necessario que a fé tenha desaparecido quasi de todo.

Dos principaes peccados a sangue frio, causas funestas da ruptura quasi fatal com Deus, que é impossivel deplorar assaz, aquelles que aqui discutiremos uns apoz outros, são: o trabalho ao domingo, que faz as nações athéas; o esquecimento voluntario dos preceitos da Egreja, da abstinencia, do jejum, tão hygienicos aliás e de tão boa economia politica; a alteração dos pesos e medidas, a fabricação ou a sophisticação de todos os artigos alimenticios e outros crimes odiosos de lesa humanidade que clamam vingança; lucros illicitos, auferidos de compras e vendas, em prejuizo dos amos, refinada infidelidade, que suffoca nos criados todo o sentimento honesto; emfim e sobretudo a violação das leis que devem presidir á união do homem e da mulher, monstruoso crime, lucta abominavel do calculo atheu contra a religião, a razão, a natureza e a propria paixão, origem funesta de uma multidão de males, cancro voraz fixo no coração de minha cara França, e minando-lhe activamente a decadencia!

Encetemos a materia, não sem termos antes d'isso, segundo o nosso costume, lembrado certos principios fundamentaes, sem os quaes as verdades a estabelecer não seriam comprehendidas, e as difficuldades ficariam sem resolução.

Se as douctrinas do atheu e do deista fossem verdadeiras, se Deus não existisse, ou se Deus se não importasse com as suas creaturas; se a Providencia divina não governasse o mundo, se não vigiasse por todos os seres, e não provesse a suas necessidades essenciaes para os conduzir a seu ultimo fim, não teria razão de ser a religiãe christã e a fé; a minha obra não teria alcance, nem fim.

Não tenho a pretensão de me collocar no terreno d'aquelles que, em nossos dias, e em tão grande numero,

vão repetindo, julgando tel-o inventado, o que Minucio Felix põe na bocca do philosopho pagão Cecilio: « Os christãos querem que seu Deus, curioso, inquieto, sombrio, imprudente, se encontre por toda a parte, tudo saiba, tudo veja, até os mais secretos pensamentos dos homens, entre em tudo, até em seus crimes, como se sua attenção pudesse bastar para o governo geral do mundo, e para os cuidados minuciosos de cada particular.

Estulta pretensão! A natureza segue sua marcha eterna, sem que um Deus tenha que ver com isso; os bens e os males alcançam promiscuamente os bons e os maus; os homens religiosos são muitas vezes mais agravados pela fortuna, do que os impios. Se as cousas fossem dirigidas por uma sabia providencia, correriam de maneira mui differente.»

Eu admitto com o sabio e a revelação, cuja realidade e verdade terei occasião de demonstrar, que Deus toma cuidado de suas creaturas; que sua providencia governa o universo; que tudo lhe obedece, até o acaso, n'este sentido que a sorte está lançada na urna, mas que o juizo vem de Deus etc., etc.

Não, meu irmão, não digas com o impio, *não ha providencia, com receio de que Deus, irritado de teus discursos, dissipe a obra inteira de tuas mãos*. Se tua imaginação se espanta da multidão infinita de cuidados que o exercicio de sua bondade paternal imporia a Deus, recorda-te d'estas palavras tão simples do grande Apostolo: *Nós estamos n'elle, n'elle nos movemos, n'elle vivemos*. Se teu coração se amotina deante do espectáculo da paz do peccador e do infortunio do justo, interroga seu ultimo fim! Depois olha para Jesus Christo expirando n'uma cruz, abandonado de seu Pai e dando um grande brado. Nós não poderíamos penetrar os mysterios, de que se rodeia a sabedoria divina, mas da mesma maneira que *tudo fez com numero, peso e medida,*

assim tudo attinge de uma a outra extremidade com força, e todas as cousas dispõe com suavidade.

Para despertar a fé, se está amadornada, em a divina providencia, bastará lembrar estas palavras tão tocantes, sahidas da propria bocca do Salvador, a verdade e a bondade infinitas. (S. Math. xi, 25): « Que vossa alma se não inquiete d'aquillo que comereis. Olhai as aves do céo, não semeiam, nem colhem, não ajunctam em celleiros, e vosso Pai celeste nutre-as! Não sois vós muito mais do que ellas? Vêde os lyrios do campo, como crescem; não trabalham, nem fiam; pois Salomão em toda a sua gloria, nunca vestiu como um d'elles. E se Deus veste assim a herva dos campos, que hoje é e amanhã será arrojada ao fogo, quanto mais vos vestirá a vós, homens de pouca fé? Não vos perturbeis pois, dizendo: que comeremos, que havemos de beber, com que nos havemos de vestir? Deixai aos pagãos o cuidado de todas essas cousas. Vosso Pai sabe que de tudo isso precisais. Buscai pois primeiro o reino de Deus e a justiça, e tudo o mais vos será dado por acrescimo. Não estejais pois inquietos pelo dia d'amanhã; deixai ao dia d'amanhã sua inquietação; a cada dia basta seu mal. Qual de vós, pensando e esforçando-se em vão poderia accrescentar uma pollegada a sua estatura? Se não podeis as menores cousas, como confiar em vós para as grandes? » Jesus Christo, além d'isso na admiravel oração que se dignou ensinar-nos, nos impõe o dever de pedir todos os dias a nosso Pai, que está nos Céos, o pão quotidiano; e repetiu muitas vezes com uma bondade mais tocante ainda: « Se algum de vós pede pão, seu pai dar-lhe-ha uma pedra; se pede um peixe, dar-lhe-ha uma serpente; se pede um ovo, dar-lhe-ha um escorpião? Se pois vós, sendo maus, sabeis dar a vossos filhos as boas cousas que vos pedem, com quanta mais razão vosso Pai celestial dará o bom espirito áquelle que lh'o pede.

Estão assignadas ao exercicio incessante e universal da divina providencia tres condições faceis de cumprir com sua graça, que jámais nos pode faltar. A primeira é a fidelidade em servir e procurar primeiramente o reino do céu e a justiça, e o resto ser-nos-ha dado por augmento. A segunda é nossa cooperação ou concurso, n'este sentido, que por um lado façamos de nossa parte tudo quanto de nós depender, como se nossa felicidade estivesse de facto em nosso poder; do outro, que esperemos tudo de Deus, como se estivessemos n'uma impotencia absoluta. De sorte que façamos tudo o que podemos, mas com o sentimento profundo de que somos servos inuteis. A terceira condição emfim é a invocação ou a prece; Jesus Christo não cessava de dizer a seus discipulos: «Pedi e recebereis, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-ha. Até hoje ainda nada pedistes; pedi e recebereis. Insisti, se é preciso, até vos tornardes importunos, Deus quer algumas vezes que se lhe faça violencia.

Feita a exposição d'estes principios, entremos no peccado a sangue frio, agarremos corajosamente o touro pelas pontas para o immolar a Deus e á salvação da humanidade. Ou o peccado a sangue frio ha-dé deixar de reinar como soberano, ou adeus religião e progresso legitimo.

Violação da lei de Domingo

Repouso do domingo. Digamos primeiramente em que termos este mandamento sagrado foi dado ao homem sobre o monte Sinai. Aparece Deus a Moysés em toda a sua gloria e rodeado do terror inseparavel de sua magestade, no meio de relampagos e trovões, e diz-lhe (Ex. cap. xxxi, 13 e seg.): «Tende cuidado de guardar o meu sabbado, porque será um signal entre mim e vós na serie das gerações, afim de que saibaes

e se saiba que eu sou o Senhor que vos sanctifica. Observai meu sabbado, e que vos seja sagrado; aquelle que o violar será punido de morte. Se alguem trabalhar n'este dia, será separado do meio do meu povo. Trabalhareis nos outros seis dias, mas o septimo é o sabbado e o repouso consagrado ao Senhor: todo aquelle que fizer alguma obra n'este dia morrerá. Que os filhos de Israel guardem o sabbado, e que o celebrem na serie de suas gerações. E' um pacto eterno entre mim e elles. O Senhor que fez em seis dias o céu e a terra, e que ao setimo repousou impõe este mesmo repouso ao homem ».

E note-se, esta tradição do repouso do setimo dia encontra-se em todos os povos, entre os selvagens da America, como no seio das velhas civilisações da China e do Japão. Este setimo dia de repouso, que era entre os judeus o sabbado, dia de Saturno, passou a ser entre os christãos o domingo, dia anniversario da resurreição de Jesus Christo. O apostolo S. Paulo, em sua segunda epistola aos corinthios fala já do domingo como primeiro dia da semana, e S. João no Apocalypse chama-lhe o dia do Senhor. S. Justino diz em termos formaes: « No dia, chamado dia do sol, todos aquelles que habitam na cidade ou no campo se reúnem em um mesmo logar; e alli se lêem os escriptos dos prophetas e dos apostolos ».

Portanto d'ora em diante, o dia do sabbado, o dia de Deus, o dia do repouso, é o domingo. O homem está no direito de trabalhar nos outros seis dias da semana, mas é para elle um dever rigoroso repousar ao domingo.

Este repouso é a condição essencial e o signal da alliança entre Deus e o homem. Observal-o é declarar-se servo e filho de Deus; violal-o é tirar a Deus o que lhe pertence, o que se reservou sob pena de anathema; é realmente apostatar.

Eis o preceito! E' perfeitamente digno de Deus, depois de ter dado por fim ultimo ao homem conhecel-o, amal-o e servil-o, fixar o signal sensivel, pelo qual o homeni reconhecera seu soberano dominio, e o momento, em que o cumprimento do dever sagrado da submissão, da adoração, do amor e da prece se tornasse obrigatorio.

E' plenamente conforme á natureza do homem, motor animado muito perfeito, mas motor limitado em sua força, ter um dia de repouso hebdomadario, como exige suas horas de alimentação diarias e o somno de suas noites. Sabemos sómente de um modo generico que a machina humana exige seus tempos de repouso; Deus porém, de quem a Escriptura diz eloquentemente, que conhece os materiaes e o conjuncto da machina, sahida de suas mãos, *ipse cognovit figmentum nostrum*, sabia que o setimo dia era o mais conveniente para o repouso.

Este preceito enfim está em harmonia perfeita com a segunda natureza do homem, ser eminentemente sociavel, que não é o que é, e tudo o que deve ser senão em sociedade. O repouso ordenado é, com effeito, um repouso universal e commum a todos, ao individuo, á familia, ao estado, que, observando-o, publicam pertencer a Deus. Desgarrados nos outros dias por seu trabalho, a distancia uns dos outros, os membros da grande familia humana devem aproximar-se e reunir-se n'este dia, para dar um testemunho de seus sentimentos de dependencia mutua, de egualdade e de fraternidade.

Este repouso do domingo é além d'isso imperado por uma multidão de motivos humanos, que João Jacques Rousseau resume admiravelmente em sua celebre carta a d'Alembert: «Que se deve pensar d'aquelles que quereriam tirar ao povo as festas, os prazeres e toda a especie de divertimento, como outras tantas distracções que o desviam do seu trabalho? Esta maxima é bar-

bara e falsa. Tanto peor se o povo não tem tempo senão para ganhar seu pão; precisa-o também para o comer com alegria; d'outra sorte não o ganhará por muito tempo. O Deus justo e bemfazejo que quer que elle trabalhe, quer também que repouse. Sua natureza impõe-lhe igualmente o exercicio e o descanso, o prazer e a dor. O desgosto do trabalho acabrunha mais o infeliz, que o proprio trabalho. Quereis um povo activo e laborioso? dai-lhe festas, offerecei-lhe divertimentos que o levem a amar seu estado, e que o empeçam de desejar uma sorte mais doce. Dias assim perdidos farão aproveitar melhor os outros.»

Nada portanto mais em harmonia com a natureza do homem, do que o repouso do setimo dia ou do domingo. E no entanto, no seio das sociedades modernas, este repouso é considerado como uma odiosa tyrannia, contra a qual se protesta com uma energia infernal. E, dolorosa recordação! não estão muito longe de nós, e podem ainda voltar esses tempos ominosos, em que a impiedade ousou realisar este sacrilegio: *Façamos cessar sobre a terra os dias de festa do Senhor*. Supprimiram arrogantes o domingo, e ordenaram a rigorosa observancia do repouso do decimo dia ou da decada. Era uma homenagem insensata, é verdade, mas enfim uma homenagem prestada ao principio de instituição divina. Não era esta abdicção vergonhosa de toda a razão e de toda fé, que desculpa igualmente aquelles que por avidez não repousam nunca, e aquelles que por capricho repousam quando lhes apraz, e aquelles que por habito impio trabalham ao domingo e descansam na segunda-feira.

Cousa extranha! com tanto que a religião não entre para nada no procedimento e nas deliberações do homem; com tanto que não se tracte nem de Deus, nem do dever, nem da lei, tudo vai bem; mas se é a Igreja que vae disputar um dia sobre sete aos interesses e ás

solicitações da vida animal, accusam-na logo de attentar contra o pão do pobre.

É triste confessal-o, mas em nossa França sobretudo, o repouso do domingo tinha-se tornado odioso, e havia contra elle uma conjuração verdadeiramente encarnçada. Vimos donos de lojas de vestidos e roupa obrigarem á força os seus operarios a trabalhar ao domingo, e fechavam-nas á segunda-feira. Vimos commandantes de corpos ordenarem arbitrariamente o serviço da caserna e revistas semanaes, de sorte que era impossivel aos soldados ouvirem a sancta missa. Devemos acrescentar que quando se lhes perguntava a razão d'estas exigencias, respondiam invariavelmente: a *Franc-maçoneria assim o quer!* E pretende-se que a franc-maçoneria seja innocente e boa!

N'estes ultimos tempos acentua-se uma reacção salutar; as populações urbanas, sobretudo, parecem aspirar com uma certa unanimidade a terem o repouso do domingo. Mas ah! esta reacção é acompanhada de circumstancias, que denotam cada vez mais a ruptura da sociedade com Deus.

Ainda ha pouco o syndicato dos typographos de uma de nossas maiores cidades commerciaes, o Havre, fazia a seguinte declaração: « Considerando que o trabalho do setimo dia é de sua natureza anti-social e contrario ás aspirações constantes do homem para a liberdade; que o homem tem o direito e a necessidade de repousar de seus trabalhos um dia sobre sete; que vai n'isso o seu interesse bem comprehendido; que perseverar por mais tempo na applicação de um systema condemnado pela razão e pela experiencia seria de alguma sorte sancionar a instituição de uma servidão voluntaria, os abaixo assignados declaram formalmente e de baixo de sua palavra de honra que se recusam a todo o trabalho, para lá do sexto dia de cada semana. »

Que aconteceu? que os jornaes christãos aplaudi-

ram, e que os jornaes impios se indignaram; que os obreiros livres pensadores protestaram contra aquelles elogios e estas coleras. « Nós queremos um dia de descanso sobre sete para consagrar algumas horas ao estudo de nossos direitos e deveres de cidadãos, esclarecer nos mutuamente, aprender a conhecêr-nos e amar-nos, a defender-nos contra o arbitrario; para empregar em conversar com nossas mães, nossas irmãs, nossas mulheres e nossos filhos, e gostar as doces alegrias do lar domestico. Queremos um dia sobre sete, porque o homem tem necessidade de ar salubre e de espaço illuminado pela luz do sol; porque nossa fronte, nossos olhos, nossos musculos o reclamam imperiosamente; porque o espirito, como o corpo, não quer deixar-se atrophiar, viciar no circulo estreito, exclusivo, inervante das exigencias da fabrica ou da loja. Não podemos admittir o ilotismo profissional, e repellimos energicamente o fatalismo util. Queremos que o espectáculo da natureza e os gozos physicos de seus effluvios salubres e vivificantes, o conhecimento de seus direitos pelo estudo, as puras affeições da familia estremecida, a satisfação completa de si mesmo, obrando poderosamente sobre seu ser e sua conducta, façam do homem outra cousa, do que um escravo resignado, um instrumento passivo do pensamento de outrem.»

Eis portanto a voz do povo, que é a seu modo a voz de Deus, a intimar-nos eloquentemente: a natureza e a razão impõem ao homem o dever imperioso de descansar ao domingo. Mas os obreiros typographos do Havre esquecem, ou antes repellem Deus; não consentem que se lhes fale de seus deveres de christãos. Ah! elles parecem esquecer que o repouso do domingo, sem a sanctificação do domingo, deixa a porta aberta a todos os abusos. Não os fará livres; augmentará pelo contrario a escravidão das paixões; e a escravidão das paixões trará consequentemente a escravidão das cousas

porque, como o dizia Epitecto, a *escravidão das cousas segue de perto a escravidão dos homens.*

Sanctificação do domingo

É um preceito rigoroso, que se traduz pela obrigação de consagrar á oração uma parte do dia, ou de uma maneira mais precisa, pela obrigação de assistir cada domingo ao sancto sacrificio da missa. Aqui a natureza, a razão e a fé dão-se as mãos para nos aconselharem uma obediencia facil. Nós temos necessidade de Deus, seu concurso é indispensavel para a plena satisfação dos interesses do individuo, da familia, da sociedade.

Ah! se não estivessem cegos por preocupações impias, nossos pobres irmãos affirmariam mais energicamente ainda a necessidade absoluta da sanctificação christã do domingo, condição necessaria e efficaz do pleno exercicio da egualdade, da fraternidade, da liberdade humanas.

Reunidos no templo com seus amoç, os criados, os escravos até, ouviam outr'ora estas mesmas verdades eternas: *Sahido do pó o homem, por maior que se faça, ha de voltar ao pó. Todos tem uma alma para salvar. Deus não toma em consideração senão as virtudes e os vicios. Resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes.*

Em consequencia d'este nivelamento de todos deante de Deus, a auctoridade tornava-se mais doce, a obediencia menos penosa, os soffrimentos menos amargos.

Pelo contrario o domingo sem Deus abandona o homem a si mesmo, a suas proprias forças, a suas paixões, a seus maus instinctos, e bem depressa a seu odio concentrado contra a sociedade.

Oxalá que a feliz revolução que se vai operando nos

espíritos e nos hábitos das populações urbanas, não pare a meio caminho!

O repouso dominical sem a sanctificação do domingo não passa de um vão palliativo.

Não poderá suster a corrente impetuosa que ameaça tudo subverter. Em Inglaterra quasi ninguem trabalha ao domingo, mas por outro lado mais de sete milhões de inglezes não salvam os umbraes de um templo, e não fazem nenhuma oração. Eis ahí porque a embriaguez, a dissolução de costumes e a miseria crescem em proporção tão espantosa. Em França succede outro tanto, por isso tambem o pauperismo se alastra a olhos visto; e porque a auctoridade civil se tem condemnado a uma culpavel abstenção, o descanso do domingo no seio da classe obreira tende cada vez mais a dar logar ao da segunda-feira.

O repouso da segunda-feira. Novo crime a sangue frio. Conspiração, naturalmente inexplicavel contra Deus, contra o homem, contra a familia, contra a sociedade, contra o progresso, flagello devastador, que começa a derramar o espanto na industria nacional. Ouvi os accentos de dôr de uma commissão, encarregada pela Sociedade imperial de agricultura de Valenciennes, de estudar os remedios a um tão grande mal.

« Como é que se introduziu entre nós, n'esta França tão liberal, tão humana, tão christã, tão laboriosa, um habito tão funesto? funesto á humanidade, funesto á religião, funesto ao proprio trabalho? O mal ahí está, e produzindo os mais funestos resultados. Outr'ora o patrão podia contar com seis dias plenos de trabalho, e o operario com um dia pleno de descanso... Hoje que patrão pode contar com seis de trabalho livremente consentido; que obreiro pode contar com um dia de descanso livremente concedido? O obreiro é escravo do patrão; o patrão é escravo do obreiro; um e outro são

escravos do mais bebado, do mais relaxado e preguiçoso da fabrica. A este ultimo é que se ha de perguntar quantos dias e em quaes se ha de trabalhar; e em quantos se ha de foliar. Bastas vezes tem acontecido desertarem os operarios de repente da fabrica ou da officina, no momento, em que os punham á obra, ou em que a machina se animava, ou o martello e o cinzel principiavam a sua marcha, e os cantos alegres prometiam um dia fructifero para todos: para isso basta que um companheiro avinhado, entrando no logar do trabalho, censure esses madraços por trabalharem á segunda-feira, quando tem ainda dinheiro na algibeira. D'isto resulta que forçados a trabalhar ao domingo, os bons obreiros, i é, aquelles que mais necessidade teriam do descanso, não o tem, arruinam suas forças e sua saude, abreviam consideravelmente sua vida, ou apressam ao menos a idade das enfermidades e da ociosidade forçada, volvida pelo soffrimento mais penosa que o trabalho. N'outro tempo a tarde do sabbado era saudada com alegria pela familia toda. A mãe via já a possibilidade de ir pagar promptamente o pão e o fato comprados durante a semana; a esposa affagava o ensejo que se lhe proporcionava de poder conversar mais de espaço com aquelle, que durante a semana via, para assim dizer, ás furtadelas. Os filhos abençoavam o domingo, esse bello dia, em que podiam saltar á vontade sobre os joelhos do pai. O esposo, o pai, tambem por sua parte não podia deixar de ver sem emoção que chegava o dia, em que afinal levantaria a cabeça curvada, enxugaria o suor e o pó que lhe cobria o rosto; em que devia amaneirar-se para apparecer a sua mulher, a seus filhos, ir com elles orar á egreja, ou admirar pela tarde, em um passeio de familia, as maravilhas da natureza. A segunda-feira pelo contrario a ninguem traz repouso, consolidação, ou felicidade! Se ha dia na semana, em que a esposa é brutalmente espancada, em que os filhos cho-

ram, o pão falta, em que pensamentos culpaveis brotam no coração dos filhos, já crescidos e apressados a fugir d'este inferno, no coração da esposa por tanto tempo virtuosa, e que afinal acaba por ceder menos á seducção, do que ao desespero, esse dia é a segunda-feira, ominosa e funesta, como entre nós se tem mostrado.»

Todos comprehendem o mal, mas para o conjurar, seria necessario um vasto conjuncto de medidas impossiveis ah! de tomar, debaixo da pressão de uma minoria estrepitosa e truculenta de livres pensadores. A Sociedade de Valenciennes limita-se a decretar medalhas aos obreiros que melhormente hão observado o domingo. Se o governo não póde já impor aos particulares o repouso do domingo, dê ao menos um corajoso exemplo! Que as officinas do estado, que as repartições, salvo urgentes necessidades, sejam rigorosamente fechadas ao domingo, e em plena actividade na segunda-feira. Proceder d'outra sorte será declarar-se atheu, e excitar ao atheismo que conduz logicamente ao socialismo.

Será agora preciso responder a objecções sem valor?

O povo tem necessidade de pão e de festas! O povo tem necessidade de pão e de festas, de trabalho e de descanso! Rousseau disse muito eloquentemente, fazendo-se o interprete da natureza e do bom senso. Todos os povos tem o seu dia de descanso; seria mais facil encontrar um povo sem lingua, do que um povo sem festas. E a vontade de Deus que exige uma parte do tempo que nos concede, não deverá ser tida em conta!

O homem deve viver cada dia; é preciso pois que trabalhe cada dia. Sophisma impio. O homem seria profundamente desgraçado, e seria levado a desesperar da sua sorte, se não ganhasse em seis dias com que descansar ao setimo. O que era tão facil para nossos pais volver-se-hia impossivel para nós?! A civilisação teria assim

peorado de uma maneira espantosa? teriam-se tornado fatalmente homicidas os desenvolvimentos da industria? O ferro e o carvão de pedra não teriam sido feitos para o homem, mas o homem para o ferro e o carvão. A vida moderna resumir-se-hia pois n'este grito brutal:

Um homem é interrado; mas uma tonelada de carvão ou de ferro é entregue ao commercio. Se o tempo não é sufficiente ao homem para ganhar sua vida, evidentemente segue um caminho, de que é preciso fazel-o sahir a todo a preço. Este caminho é o atheismo manifestado pelo peccado a sangue frio! O homem, regra geral, nunca se bastará a si mesmo e a sua familia, sem Deus. Se antes de tudo não busca o reino de Deus, faltar-lhe-ha muitas vezes o necessario! Deus só lhe póde dar o pão quotidiano. Ha sempre um grande fundo de verdade, até debaixo da lei evangelica do soffrimento, n'este oraculo do Rei Propheta: *Aquelles que bem-dizem ao Senhor, terão a terra por herança; aquelles que o maldizem, serão dispersos. Eu fui moço, hoje estou velho. Ora em toda a minha vida nunca vi o justo abandonado, e seus filhos a mendigarem o pão.* A miseria geral, o pauperismo ebulliente dos tempos modernos tem sua origem unica e necessaria no esquecimento de Deus.

Que abherração essa de tanto excitar o homem a ganhar dinheiro, e pensar tão pouco em lh'o ensinar a gastar. Um dos flagellos de nossos dias — e é tambem um peccado a sangue frio — consiste em malbaratar o que se tem. O que a immensa maioria dos homens, mesmo honestos do XIX seculo, gastam afóra as despesas da familia e da casa é verdadeiramente espantoso. Os domingos e as festas póde dizer-se que os enriqueceriam, relativamente fallando, emquanto que a prodigalidade e a satisfação de mil necessidades facticias os arruinam e matam.

Quem trabalha, ora! Sim, aquelle que trabalha segundo a ordem da divina Providencia, ou debaixo da

dependencia de Deus, ora. Ora o pai infeliz, a quem sua mulher e seus filhos pedem o pão que não tem, e que trabalha, deplorando a fatal necessidade que o domina.

Mas não ora, blasphema, apostata aquelle que trabalha sem necessidade.

Quereis conservar a fé, o mais precioso dos bens, dom gratuito, é verdade, mas que não se recusa a nenhum d'aquelles que o imploram? Guardai e sanctificai o domingo. Não o consagreis nem ao trabalho, nem ao descanso puramente humano, nem a excursões divertidas, nem a dias de campo ou de caça, etc.

Pedi de coração e tambem com os labios. Ouvi a sancta missa, não a missa rezada em uma capella particular, por muito piedosa que possa ser, mas a missa da vossa parochia, e com a familia, se tendes a peito que vossa fé passe a vossos filhos. Para ser verdadeiramente christão, e para engendrar christãos, é mister ser antes de tudo fiel parochiano.

Lêde não romances religiosos que afagam brandamente a imaginação, sem instruir nem impressionar, mas livros serios que esclarecem a intelligencia, que opulentam o espirito, que aquecem o coração. Defendei-vos de toda a leitura impia ou immoral, e mais ainda, porque sua acção de todos os dias é profundamente deletéria, da dos jornaes que não são francamente christãos. Dai a vossa alma seu pão transubstancial; confessai-vos e commungai nas principaes festas do anno.

Estes preceitos e estes conselhos não são do agrado da natureza, convenio n'isso, mas que felicidade produzem!

Felizes d'aquelles que temem o Senhor, e que marcam por seus caminhos. Vós comereis do trabalho de vossas mãos; sereis ditosos, e tudo reverterá para vós em bem.

Vossa esposa será em vossa casa como uma vide fe-

cunda; vossos filhos, como rebentos de oliveira, rodearão em coroa vossa mesa.

Vereis a paz do alto reinar sobre Israel e sobre os filhos de vossos filhos.

Venda por pesos falsos ou medida falsa, alteração e falsificação das substancias alimentarias, medicaes e commerciaes.

Sentar-se atraz do mostrador ou no laboratorio secreto, e ali, friamente, cerrar os ouvidos á voz da consciencia, refalsear as balanças ou accrescentar aos alimentos, remedios ou a quaesquer mercadorias materias inertes ou sem valor; fabricar por completo, segundo receitas mysteriosas, algumas vezes compradas muito caro, productos artificiaes, que não tem de commum com os naturaes senão uma apparencia enganadora, e que por vezes são venenos ¹: é evidentemente um peccado a sangue frio. Suppõe por via de regra n'aquelle que o commette ausencia completa do pensamento de Deus; em todo o caso, a sua pratica habitual extingue com cedo todo o sentimento da fé.

Importa notar que este peccado é uma consequencia d'alguma sorte natural e inevitavel da violação da lei do domingo. Esta filiação culposa foi já assignalada pelo propheta Amós em termos eloquentes (cap. viii, § 6 e seg.): «Ouvi minhas palavras, vós que devorais o pobre, e que esgotais a força de todos os indigentes da terra; que dizeis: «Quando deixará de haver mais festas do mez para nós podermos vender nossas colheitas sem obstaculos? Quando não haverá mais sabbados para que nossos celleiros fiquem sempre abertos». «Vós que

¹ Tem-se encontrado arsenico no vinagre, fabricado sem duvida com o acido sulfurico, proveniente das pyrites.

diminuís o volume do sepha, que augmentais o peso do siclo, que vos servis de balanças mentirosas, que comprais o pobre por uma pouca de prata e o indigente pelo mais vil salario; que lhes vendeis o rebotalho de vossos armazens?»

Nas edades de fé este crime era raro, e a lei punia-o severamente. Na idade media, em Londres, diz o sr. Letheby, o padeiro que vendesse um pão fraudulentamente preparado, era arrastado em uma caniçada dos paços do concelho até sua casa, atravez das ruas as mais immundas, trazendo ao pescoço o pão sophisticatedo.

Apanhado segunda vez em flagrante delicto, era ainda arrastado da mesma sorte, mas d'esta vez até ao logar da exposição dos condemnados, para ficar pelo menos durante uma hora amarrado ao pelourinho.

Hoje, já se não falla de actos isolados, mas de habitos universaes e permanentes. Afóra os artigos vendidos taes como a natureza os produz, será talvez impossivel encontrar uma substancia que haja escapado á sophisticatedação. Alcança os proprios medicamentos, que não podem acudir ao mal e evitar a morte senão com a condição de serem absolutamente puros. O *Diccionario usual das alterações e das falsificações* enche as paginas de dois grossos volumes; encheria cem, mil, se todas as praticas odiosas da industria e do commercio fossem reveladas. Substancias outr'ora quasi sem valor, e que não serviam senão para a sophisticatedação, são hoje substancias preciosas que se falsificam por sua vez. A audacia dos falsificadores tem ultrapassado os limites do possivel. Tem-se visto marceneiros francezes que tem expedido para as Escalas do Levante carregações de estojos de buxo, sem se darem ao incommodo de os separar e abrir ou cavar, sem se inquietarem de modo algum com a perda inevitavel de um commercio secular. Ahi estão casas inglezas a enviar para as ilhas do Sul milhões de agulhas sem buraco, e rirem-se friamente do desapon-

tamento cruel das pobres mulheres iusulares. Nas exposições industriaes vimos pedir recompensas por machinas engenhosas, destinadas a transformar em grãos de café perfeitamente imitados, torrados ou em crú, o bagaço da uva expremido, ou um pó inerte aromatisado, a dar pela trituração ás vagens de fava bastante fluidez para poderem prestar-se á fabricação de um chocolate sem chocolate.

Fui convidado um dia por um homem, a quem tinha feito alguns serviços, a visitar uma fabrica de chocolate que acabava de fundar. Quando cheguei, estava elle ausente, o que me proporcionou occasião de ser iniciado plenamente nos odiosos segredos de sua fabricação. Entrei primeiramente n'uma sala espaçosa; numerosos operarios rodeavam a mesa, onde estava um grande cesto de vime, cheio de pães de chocolate. Todos os operarios tiravam d'ahi por sua vez, e cada um embrulhava seu pão duplo em um papel de côr differente, azul, amarella, rosa, branca, etc., etc. Mas cada involucro tinha dizeres particulares: chocolate saudavel a 70 centimos, a 80, a 1 franco, a 1 fr. e 50, até a meio kilogramma mettido em papel branco, e que era cotado em 2 fr. e 50 c. Quer dizer que um mesmo peso da mesma substancia tinha um valor maior ou menor consoante a côr do papel que o embrulhava. Que requinte de impudencia! que crime a sangue frio! Desci depois á fabrica, installada em sitio muito humido ao rez do chão.

Nunca ahi entrara a menor fava de cacao! mas viam-se por todos os cantos montões de fecula de batata, de assucar mascavado, de casca de cacao, e de cebo ou más gorduras. Tudo isto, graças aos brilhantes progressos da mechanica moderna, transformava-se em uma pasta, a que se dava o gosto, a apparencia e o aroma ficticios do chocolate, e que assim era expedido para todas as cidades de nossa bella França com o nome de chocolate saudavel! O valor de producção do meio

kilogramma d'esta má droga elevava-se apenas a alguns centimos, e vendia-se em media por 1 fr. 50, de modo que os lucros passavam de cento por cento! Mas adquiridos pela fraude, esteiavam-se d'alguma sorte na mão do falsificador, por isso não tardou a ver terminar a *honrada* industria por uma bancarota.

E talvez que este sujeito se julgasse homem de bem! que elle se felicitasse de si para consigo por ter guardado alguns temperamentos de não ter, como tantos outros, accrescentado a seu chocolate terra, serradura de madeira, ou mesmo cinabrio ou sulfureto rubro de antimonio, duas substancias toxicas, que se tem tido a espantosa temeridade de lhe incorporar para lhe dar uma côr mais bella!

Eu córo quasi de ter sido obrigado a revelar estes factos estranhos e dolorosos: mas é forçoso que se saiba a que excessos pode conduzir uma civilisação impia. E todavia não passa de amostra do que por ahi se faz todos os dias secretamente em escala numerosa. O esquecimento de Deus, a cupidez, uma concorrência effrene, secundados de uma parte pelo mau genio da industria, de outro por uma legislação insufficiente até ao escandalo, direi mesmo até ao delirio, tem dado proporções enormes á mais terrivel das conspirações. « Á hora, em que estamos, a quasi totalidade dos alimentos, das bebidas, dos condimentos, dos medicamentos são alterados e desnaturados, a ponto de poderem dar muitas vezes origem a enfermidades serias e de privar os medicos dos meios de combater efficazmente as mais graves doenças. » Assim se exprime o snr. Chevallier, professor na escola de pharmacia, auctor do *Diccionario usual das alterações e falsificações*. « É verdade diz, que se pune pela primeira vez com multa de 10 a 50 francos, e a segunda com alguns dias de prisão, aquelle que enganou comprador sobre a natureza ou o peso da mercadoria; mas nada se prescreve contra o detentor da

mercadoria falsificada, e deixa impune aquelle que vai offerecer ao mercador a preço de dinheiro productos proprios para defraudar; as mercadorias, que lhe propõe vender um segredo para enganar o publico, etc.

O que ainda mais desespera e desanima, não é a fraqueza da legislação, que considera apenas como um delicto, e não eleva á altura sequer de um abuso de confiança um crime inescusavel, é sim o conjuncto de disposições alarmantes que se encontram no publico, e que assignalamos com extrema dor.

Certas administrações, forçadas pelos regulamentos a pôr seus fornecimentos em licitação, aceitam abatimentos impossiveis, que obrigam o subcommissionado a falsificar ou a perder. Por exemplo, o fornecimento do sulfato de quinino para as colonias, e portanto para o Senegal, onde as febres perniciosas ceifam tantas vidas, é por vezes fornecido por um preço tão pouco acima da quina bruta, que é impossivel cobrir as despezas da sua fabricação.

Alem d'isso, os compradores não só aceitam, mas exigem que lhes vendam os artigos a preços inferiores ao da compra por junto; e portanto querem ser enganados; constituem-se voluntariamente os cúmplices dos falsificadores, os que encobrem os ladrões.

Emfim, o character das populações orça por um nivel tão baixo, que quando a auctoridade manda despejar tonneis de vinho artificialmente preparado, ou atirar fóra ao marchante carnes decompostas ou corruptas, lá acodem logo soffregos os visinhos a disputarem-se a rebatinhas esses productos estragados de uma industria desenfreada, de um commercio desleal. Sentem tentações de censurar os agentes da auctoridade pelos não terem chamado a partilhar d'esses miseros despojos, ou pelos não terem distribuido aos pobres! Á vista d'estas scenas tão repugnantes, como não hão de animar-se os falsificadores a proseguir nas suas empresas homicidas?

Não esqueçamos nunca este ensino divino: aquelle que faz o mal, ainda que seja por fraqueza, teme a luz; evita-a, porque lhe mostra sua falta, e tende a inspirar-lhe remorsos que não quer. Mas aquelle que faz o mal com pleno conhecimento de causa, de proposito deliberado, deve chegar inevitavelmente a repellir a luz, a odial-a, e fazer-lhe guerra: e eis ahi como o peccado a sangue frio conduz á incredulidade. Cada passo no caminho da sophisticação é um passo para fóra do christianismo. Digamos gemendo, quanto semelhantes passos são innumeraveis, e comprehendemos como tantas almas estão hoje sem fé!

Jamais pude ler sem estremecer estas palavras tão terriveis do Deuteronomio, cap. xxv, v. 14 e seg.: « Não tereis de reserva muitos pesos um maior, outro menor. Não haverá em vossas casas duas medidas, uma maior outra menor. Mas tereis um só peso justo e verdadeiro; uma só medida igual e equitativa, afim de viverdes longos annos sobre a terra... porque o Senhor vosso Deus que detesta toda a injustiça, abomina todo aquelle que tem dous pesos e duas medidas. » Deus teria-se recusado a prever que a audacia e a malicia do homem iriam até á adulteração das mercadorias?!

Esquecimento das leis da abstinence e do jejum

As leis da abstinence e do jejum são quasi tão antigas como o mundo, e sua razão de ser foi sempre o bem estar do homem e da sociedade. Deus prohibe a Noé e a seus filhos que se alimentem de sangue, porque o habito de abater os animaes para comer ou beber-lhes o sangue, poderia contribuir para tornar o homem cruel. Moysés proscreeve a carne de muitos animaes, chamados por elle impuros, porque sua carne era insalubre ou per si mesma, ou em razão do clima, e podia occasionar graves enfermidades, como a lepra

ou o verme solitario. O uso do vinho era defeso ao sacerdote por todo o tempo que estivesse no serviço do templo, afim de que conservasse plenamente sua razão no exercício de suas tão sanctas funcções.

O jejum tambem, tanto no Antigo, como em o Novo Testamento, é frequentemente louvado e aconselhado como mortificação salutar, agradável a Deus e altamente meritorio. Jesus Christo disse que expulsa os demonios e os vicios; elle proprio jejuou quarenta dias no começo de sua vida publica; e a seu exemplo os apóstolos se prepararam para sua gloriosa missão pelo jejum e pela oração.

A mortificação do espirito e do corpo é uma das condições e das virtudes essenciaes do christianismo. *Aquelles que são de Jesus Christo, diz S. Paulo, crucificam sua carne com seus vicios e suas concupiscencias. . . Castigo meu corpo e o reduzo á servidão, com receio de que depois de ter prégado aos outros, não seja eu mesmo reprovado.*

Eis porque a Egreja, sabio interprete dos direitos de Deus, das necessidades e interesses do homem no unico intuito de que a alma conserve seu imperio sobre o corpo, e de que o espirito não seja subjugado pela carne; de que o ser espirital não seja em uma palavra absorvido pelo material, tem regulado com muita indulgencia a mortificação christã, ordenando a abstinencia de carne em certos dias da semana, o jejum e a abstinencia das Quatro Temporas, o jejum e abstinencia da Quaresma. O homem é um enfermo, nutre dentro de si mesmo doencas tanto physica como moralmente numerosas. Ora que cousa mais necessaria ao doente do que a dieta e a abstinencia?

O homem é tambem um athleta empenhado em uma lucta formidavel, cujo termo é a eternidade; pois a destreza pela abstinencia é uma condição indispensavel de victoria para o athleta.

Estas duas tocantes comparações são de S. Paulo.

Ponde de parte o preceito religioso e consultai os medicos dignos de confiança. Dir-vos-hão que o uso constante de materias, carregadas de azote e de fibrina, muito nutritivas por isso mesmo, como a carne, dispõem para a plethora, para congestões sanguineas, hemorragias, palpitações, apoplexias, dartras, pedra, gotta etc.; que os alimentos magros tem por vezes grandes vantagens; que além d'isso uma das condições da boa alimentação é a variedade; que por consequência é mui proveitoso abster-se de carne uma ou duas vezes por semana. Os medicos concordam tambem em reconhecer que a primavera é uma quadra de movimento geral, cuja influencia o homem deve soffrer, que é a estação da sobreexcitação dos sentidos, porque o sangue circula com mais energia e por vezes com uma violencia extraordinaria. Usar então de bebidas alcoolicas e fermentadas, de alimentos mui nutrientes, seria provocar graves accidentes.

Pelo contrario um regimen vegetal é soberanamente hygienico. «Deitai então muita agua no vosso vinho, diz o sabio auctor da *Medicina em suas relações com a Religião*, o snr. douctor Vitteaux de Saint Desert, comei pouco, e jejuai n'uma palavra, e sereis menos atreito a pedra, menos gotoso, menos disposto a espinhas e furunculos; as digestões serão menos difficeis, vossa cabeça menos pesada, vossos olhos não parecerão quererem sahir de suas orbitas, vossa alma dilatar-se-ha e irradiará alegria. E como a influencia da estação dura algumas semanas, é conveniente que vosso jejum se prolongue por quarenta dias. A lei da quaresma é uma lei de conservação, e é digno de elogios que a Igreja o não imponha senão quando o desenvolvimento physiologico está acabado, e o systema osseo plenamente consolidado. Será bom ainda que o jejum se renove nas Quatro Temporas, porque são epochas de transicção e de grandes perturbações athmosphericas.»

Se os economistas pudessem isentar-se das prevenções que nutrem contra a religião, seriam os primeiros a aplaudir as leis da abstinencia e do jejum.

A carne ha-de ser sempre cara, e se se tornasse para todos em alimento indispensavel, seu preço viria a ser exorbitante.

Seria preciso, e já o é, pedil-a a uma importação ruinosa, e não tardaria que a mesma importação não bastasse. A carne não é de facto necessaria senão quando se tracta de fazer em tempo mui curto um trabalho esmagador.

Outr'ora essas bellas populações da Europa nutriam-se de vegetaes; o maior numero dos isentos do serviço militar d'hoje recahe nos habitantes das cidades onde o uso da carne é geral.

As leis da abstinencia tem demais a vantagem de animar a pesca, a piscicultura, e um grande numero de outras industrias, que são o ganha-pão de muitas colonias-obreiras.

Seja qual fôr o peso d'estas considerações humanas, a Igreja impõe áquelles de seus filhos, que não estão dispensados por legitimas razões, um ou dois dias de magro por semana, quarenta dias de abstinencia e de jejum na Quaresma, e a abstinencia e jejum das Quatro Temporas. Tem o direito incontestavel de o fazer, seu divino Fundador disse d'ella: aquelle que a não escuta, que não lhe obedece, deve ser considerado como um publicano, i é, como um peccador, ou como um pagão : *Si Ecclesiam non audierit, sit tibi sicut ethnicus et publicanus.* (S. Math.)

Este preceito não é difficil de observar. Sua infração não é aconselhada por uma paixão subita e violenta; se se infringe, infringe-se a sangue frio, de sorte, que mais uma vez esta violação será um acto de fuga ou de odio pela luz, um enfraquecimento da fé. E no entanto quão grande é em nossos dias a multidão d'a-

quelles que voluntariamente não fazem caso d'estes mandamentos tão sabios! E haverá ainda quem se espante de que a fé seja tão rara! E' bem pouca cousa, dizem, e para que inquietarmo-nos por isso?

É bem pouca cousa! razão de mais para obedecer; e custar-vos-ha tão pouco como quereis inculcar?!

Naaman partia irritado de que Eliseu propheta, sem sahir de sua cella, se contentasse de dizer-lhe por seu criado, que para curar da lepra, lhe bastava ir banhar-se sete vezes no Jordão.

Felizmente para elle, os seus domesticos fazem-lhe esta observação naturalissima: Ainda quando o propheta vos tivesse mandado fazer alguma cousa muito difficil, deverieis fazel-a; quanto mais deveis obedecer agora, que vos manda uma cousa tão simples? Naaman dirigiu-se ao Jordão, lavou-se sete vezes, e sua carne tornou-se tão sã e tão fresca como a de uma creança.

É bem pouca coisa! E no entanto preferindo uma morte gloriosa a uma vida que se lhe teria tornado odiosa, se trahisse sua fé, Eleazar deixou-se decapitar antes do que comer carne prohibida.

E todos os furores de Anthiocho não puderam conseguir outrotanto da illustre mãe dos Machabeus e de seus sete filhos.

Aos homens de pouca fé, que julgassem este preceito superior ás suas forças, contaremos a historia tocante do joven Daniel.

Fiel á religião de seus pais, sentia grande repugnancia em comer dos manjares, e em beber dos vinhos da meza do rei, porque sabia que tinham sido offerecidos aos idolos. Por sua parte o chefe dos eunuchos não queria render-se a este desejo legitimo.

Temo, dizia elle, que meu amo, vendo vosso rosto emagrecido, se irrite, e me mande matar. Experimentai, replicou Daniel, durante dez dias sómente. Não me deis senão legumes a comer e agua a beber; depois, de-

corrido aquelle tempo, confrontareis meu rosto com o dos jovens que se nutrem das carnes e vinhos da meza do rei... Fez-se a experiencia, e depois de decorridos os dez dias, o rosto de Daniel estava mais fresco e mais nedio que o dos seus companheiros. Job disse com infinita rasão: « *os que temem a geada serão acabrunhados pela neve!* »

A experiencia de todos os dias mostra que somos muitas vezes victimas de poupamentos excessivos, a que nos arrastam nossa pusillanimidade e pouca fé: *Modicæ fidei quare dubitasti?*

Será necessario, será útil responder ás objecções da incredulidade e da indifferença?

Não é o que entra na bocca que suja o homem, mas o que d'ella sahe. Não façais caso da lei de Deus, se assim o quereis, mas não digais blasphemias. Á Igreja compete, e não a vós, interpretar as palavras de seu divino Legislador.

Não, não é o alimento natural, e alimento grosseiro, que inquina o coração, é a desobediencia á lei de Deus. Era bom e bello o fructo da sciencia do bem e do mal, mas era prohibido, e por isso se tornou para o homem um veneno material e espiritalmente mortal.

Atrevam-se a oppor-nos tambem a recommendação que Jesus Christo fazia a seus apóstolos: *Comei d'aquillo que vos puzerem deante!*

Estas palavras podem significar simplesmente: Não sejais nem difficeis de contentar, nem exigentes, contentai-vos com o que vos offercerem. Os apóstolos eram pobres, e portanto podia muito bem Jesus Christo auctorisal-os como aos pobres, a comer do que tivessem á mão. É assim que a sancta Igreja tem comprehendido a palavra do divino Mestre.

Lucros illicitos realizados pelos criados á custa dos amos

Desgraçadamente o peccado a sangue frio tem-se introduzido, de modo a ganhar ás classes as mais inferiores da sociedade, para lhes roubar a fé, unica garantia seria de sua honestidade, mobil o mais poderoso de sua obediencia, e sobretudo a grande consoladora das rudes provas a que está sujeita sua condição. O mal, que vamos assignalar, talvez tenha existido desde sempre, mas em nossos dias tem-se tornado quasi universal.

Que um criado ou uma criada, tentados pela gulodice, pelo desejo de agradar, pela paixão do furto, commettam ratonices, comprehende-se, isto tem sido sempre assim, e ha de ser. É um roubo como tantos outros; no entanto, porque é mais facil, e implica um abuso de confiança, a lei chama-lhe *furto qualificado*, e pune-o mais severamente. Nada tenho a acrescentar. Quero falar de um outro furto, commettido sem paixão, por calculo, e portanto a sangue frio.

Tracta-se com effeito, de cousas tão pequenas, de acções que se repetem tão lentamente, que a paixão não pode ter logar; é antes um habito do que um acto de furto. Por um lado, os commerciantes ou fornecedores, para attrahir os domesticos, deixam-lhes sobre cada artigo um soldo por libra, ou concedem-lhes um abatimento de cinco por cento, que não fariam aos amos; por outro, os proprios domesticos exigem imperiosamente, sob pena de mudarem de loja, este mesmo abatimento; ou então, sobre o custo dos artigos, addicionam esses mesmos cinco por cento nas contas que dão aos amos. Hoje estas practicas illicitas estão como sancionadas, e no entanto constituem verdadeiros roubos, que por serem commettidos a sangue frio, são grandemente culpaveis, e arruinam surda mas activamente não só a probidade, mas a fé dos criados. E'

pouca cousa na apparencia, talvez extranhem que eu falle d'isso. Pois a mim parece-me grande, immensa, e vejo n'este desgraçado costume um flagello das sociedades modernas. O principe de Galles, herdeiro do throno de Inglaterra, fez a este respeito uma profissão de fé corajosa, que merecia ter tido maior retenimento. Declarou bem alto que não queria em sua casa nenhum d'estes criados, porque lhe inspiravam uma desconfiança irresistivel.

Para que hão animar estas practicas detestaveis os fornecedores, offerecendo muitas vezes no anno presentes a seus freguezes; os economistas dando elogios inconsiderados e perigosos aos criados que trazem á caixa economica sommas, que suppõem salarios mais que dobrados dos seus; os amos que ousam offerecer a seus criados salarios notoriamente insufficientes, auctorisando-os implicitamente a compensarem-se por suas mãos. Porque não hão de conceder além do salario estrictamente necessario uma quota razoavel correspondente ao soldo em libra, levantado nas compras?

Tolerar por mais tempo o furto, que consiste segundo a expressão vulgar em *fazer dançar a aza do cesto*,¹ seria, torno a dizer, querer a desmoralisação inevitavel e profunda de uma das classes as mais interessantes da sociedade. Os amos seriam as primeiras victimas de sua fatal condescendencia. Bem depressa lhes escasseariam criados fieis e dedicados; e ver-se-hiam talvez na dura collisão de se servirem a si proprios.

Para mostrar quanto os abusos que eu assignalo tem entrado nos habitos universaes, seja-me permittido

¹ A phrase é: *faire danser l'anse du panier*, que traduzimos á letra; mas cujo sentido se vê ser este: furtar por miúdo essas compras.

referir um facto. O pai de um rapaz, que apenas tinha oito annos, promettera-lhe cincoenta centimos, se obtivesse a cruz de sua escola. No intervallo que decorreu entre a promessa do pai e o successo do filho, este commetteu faltas que lhe fizeram perder o direito á recompensa que esperava. Esta perda desconcertava-o, e não podendo resignar-se, ousou pedir á mãe o que o pai lhe recusava tão justamente. Eu não os tenho, respondeu-lhe a mãe, seria preciso pedil-os a teu pai, que de certo não m'os daria. — Qual! minha mãe, respondeu o rapaz, na primeira compra que fizerdes, augmentai esses cincoenta centimos, e levai a conta ao pai. Talvez riam de minha simplicidade, mas eu vejo n'esta explosão do rapaz o symptoma de uma gangrena profunda.

Violação das leis que devem presidir á união do homem e da mulher

É o mais odioso e o mais funesto dos peccados a sangue frio. Uma d'estas violações, e não é a mais culpavel, constitue o crime de Onan: Deus feriu-o de morte subita, porque, diz a Escriptura, commettera uma acção detestavel.

A união do homem e da mulher não pode ter senão um unico fim, a paternidade e a maternidade. Afóra este fim essencial, não poderia ser permittida ou authorisada; Deus prohibiu-a por um de seus grandes mandamentos. Esta prohibição não pode enfriar a mais brutal das paixões do homem; ella quer satisfazer-se a todo o custo. e satisfazer-se sem ter de soffrer as consequencias tão graves de sua revolta. Eis como n'este seculo de fé extincta e de egoismo, no seio do casamento, como fóra elle, se recorre a precauções ou a manobras culpaveis, tornadas um habito cada vez mais geral, vicio abominavel, cancro medonho devastador do

coração das sociedades modernas, e que acabará por destruil-as.

O proprio Malthus, o apostolo da prudencia no casamento e da renuncia virtuosa, disse em seu livro da *População*, edição franceza, p. 606: « Repellirei sempre como immoral todo o meio artificioso e fóra das leis da natureza, que se queira empregar para conter a população. »

No casamento, este habito funesto é aconselhado por um calculo atheu. O homem que não crê, nem espera em Deus, só conta consigo mesmo, e portanto uma numerosa família é a seus olhos um fardo muito pesado, um pesadello que o persegue sem descanso. Não quer que uma herança esmiuçada entre muitos filhos os faça decahir da posição social que a fortuna e o nome lhes asseguram ou promettem. A mulher pela sua parte torna-se cumplice e por vezes o mau anjo do homem, porque para uma alma que perdeu o sentimento da abnegação christã, as funcções da maternidade são muito penosas e irreconciliaveis com as exigencias do mundo.

Eis a occasião, ou não ha nenhuma, de lembrar principios.

Nas ideias da fé, como tambem na ordem da natureza, a herança do Senhor, o signal e o sello de sua benção são os filhos: *Haereditas Domini filii*. A recompensa da virtude é o fructo das entranhas: *merces fructus ventris*. Espera-se ao mesmo tempo de Deus o augmento da família e a prosperidade d'ella.

Deus tambem impoz á propagação do genero humano leis providenciaes que não é possivel desconhecer. Assim por exemplo, no seio das sociedades constituídas normalmente, quando as leis da natureza e da religião são fielmente observadas, o numero dos nascimentos masculinos é sempre maior do que o dos nascimentos femininos, na relação de 22 para 21, ou mesmo de 17 para 16. Eguualmente a media do numero de filhos por

casamento está comprehendida entre 4 e 5. Esta media está de accordo perfeito com as leis da mortalidade, n'este sentido, que assegura um augmento continuo e benefico da população.

Está semelhantemente em conformidade com as exigencias do coração do homem e da mulher. Quando o amor paterno, e mais ainda o materno, tem de exercer-se, e expandir-se sobre tres ou quatro filhos, é por via de regra perfeitamente regulado. Mas se, mórmente por uma má vontade, só se derrama sobre um ou entre dois, ha grande motivo de receiar que se torne excessivo. Em logar de vivificar a creança, este amor desgraçado perde-a, e a creança faz por sua vez a infelicidade do pai e da mãe, que lhe comprometteram o futuro por seu calculo insensato e criminoso.

Eis ahi o segredo de tantos filhos no dia d'hoje des-honrarem e desesperarem seus pais. Como tambem, por uma reacção alarmente, mas logica, o temor e desgosto da paternidade e da maternidade vão medrando em proporção lamentavel.

Um estudo attento das leis da mortalidade demonstra alem d'isso, que não são demais tres ou quatro filhos para se estar moralmente certo de salvar um d'elles dos mil accidentes que ameaçam a vida, e de o ver chegar á idade adulta. Da sorte que os pais que oppõem sua vontade á vontade de Deus, que se fazem surdos á voz da natureza, expõem-se quasi infallivelmente a ver a morte arrebatá-lhes os filhos, destinados aliás a volverem-se sua gloria, sua alegria, e por vezes seu apoio.

Quanto é triste n'este caso o quadro frio do lar domestico sem o encanto dos filhos, sobretudo quando se é forçado a dizer-se sem córar que se perderam por culpa propria!

N'este seculo materialista o bom e o bello ideal é um par de filhos, um filho e uma filha! Mas para o homem de fé que reflecte, este excesso de ventura, quando

é o resultado do calculo humano, é quasi um signal do abandono da Providencia, ou pelo menos de predestinação a crueis angustias. E' além d'isso evidentemente homicida, porque, se se tornasse regra geral, adeus genero humano. Uma familia de filhos numerosos, á qual presidiu Deus e a fé, é ao contrario, mesmo n'este valle de lagrimas, um paraizo antecipado, uma origem fecunda de gozos puros e duraveis.

E' falso, absolutamente falso, e foi o grande erro de Malthus, que o desenvolvimento natural e sem obstaculos das populações seja um espectáculo livido, erguido incessantemente deante da humanidade, e contra o qual se torna urgente conspirar de maneira a fazer da *renuncia virtuosa* uma practica universal, uma condição essencial da prosperidade das nações. Esta doutrina é ao primeiro aspecto impia!

Foi com effeito Deus que disse ao homem: crescei e multiplicai-vos, e a prova de que este augmento é sem perigo, está em que a media dos filhos para cada par oscilla entre quatro e cinco. Ella é além d'isso contraria á razão. Escutai como um dos nossos mais celebres economistas, o snr. Frederico Parsy, combate os sophismas de Malthus:

« O homem tem uma missão a cumprir, mas tem os meios de a preencher. Tem uma bocca que consome, mas tem dois braços, e com os dois braços a intelligencia e a vontade que os dirigem. Pois que! será natural regosijar-se porque nasceu um novillo que ha de vir a ser um boi, e chorar pelo nascimento de um filho, porque este filho ha de vir a ser um homem! O boi, diz-se, deve fornecer o equivalente á despeza que fizer. E não será o mesmo do homem! d'esse homem que faz trabalhar o boi, e fornece ao torrão os elementos de subsistencia. Mas a terra falta. Onde se viu já que ella escasseasse! Eu pelo contrario vejo que a terra é grande, e que está apenas sorribada, pois os nossos esforços para

submettel-a são incipientes. Para quem sabe ver, as substancias tomadas quer no reino vegetal, quer no animal, apparecem dotadas e em grau mui superior ao da multiplicação do homem, da faculdade de multiplicar-se cada vez mais. (*O principio da população, Malthus e sua doutrina*, p. 44 e seg).

Emfim digamol-o, com risco de escandalisar as santimoniaes do seculo XIX (as santimoniaes ah! não são o pudor); a doutrina da abstenção virtuosa ou da prudencia no casamento não é mais christã, do que humana. O christianismo e os apóstolos da civilisação pelo Evangelho conhecem mil vezes melhor a natureza do homem, do que os philosophos e os economistas philanthropos, e eu faltaria ao meu dever se não recordasse aqui os conselhos de S. Paulo, em contradicção com os de Malthus: « *Não vos affasteis um do outro, senão de commum consentimento, por algum tempo para vos entregardes á oração; depois tornai ao mesmo, não seja caso que vossa incontinencia dê logar a Satanaz de vos arrastar ao mal.* » Longe de recommendar a renuncia virtuosa, habitual, que suppõe naturezas excepcionaes e de convenção, S. Paulo, como foi dito, concede apenas um apartamento de pouca monta, para rezarem.

Posto e assentado isto, digamos sem rebuço o que são as praticas criminosas de que falamos acima no regime matrimonial.

1.º *Um attentado contra Deus, a negação de sua providencia, uma lucta criminosa e insensata contra sua vontade.* De proposito deliberado preferese um ou dois filhos com a maldicção de Deus a uma familia numerosa, que Deus se comprazeria em abençoar. Uma ruptura voluntaria e calculada com as praticas essenciaes da religião, a confissão e a communhão. E' verdade que se reservam presumidamente, se, o que é quasi impossivel, se conserva alguns laivos de fé, voltar a Deus na velhice.

2.º *Um attentado contra a familia.* Esquecendo que

não passa, faça o que fizer, de servo inutil, o homem quer ser o unico artifice da felicidade de seus filhos. Condemna ao nada os seres, cujo nascimento impede. Condemna ás vezes a uma morte prematura a cumplice e a victima de seus calculos impios. Quantas mulheres moças tem morrido de parto, de febre puerperal, tão commum em nossos dias, porque um Deus, cheio de misericordia não quiz consentir que o coração da mãe se abrisse talvez ao contagio universal?... *Ella foi tirada do numero dos peccadores com receio de que o vicio falseasse sua intelligencia, ou que a ficção enganasse seu coração.* Quantos filhos tem sido arrebatados pelo garrotinho hoje tão frequente?

3.º *Um attentado contra a sociedade.* O augmento das populações é até certo ponto a prosperidade e a força das nações; seu decrescimento é um signal de decadencia. Em França, o acrescimo da vida media encobre ainda a diminuição notavel da população que estamos soffrendo; mas não tardará que appareça em toda a sua nudez; e então será posta em relevo deante do universo inteiro, e os olhos dos cegos abrir-se-hão! Já hoje em grande numero de departamentos o numero de filhos por casal não excede a *um e meio*; o inquerito agricola assignalou em certas communas ricas a ausencia quasi completa de crianças.

Na industria agricola sobretudo os filhos são o estimulo o mais efficaz do trabalho, a força de alguma sorte dos auctores de seus dias. Ninguem se acurva para o solo com amor, não se lhe rasgam as entranhas, senão quando um grande numero de boccas esfaimadas pedem pão. O proprio Malthus disse em termos bem pallidos, no logar já citado: « Se em cada casamento o numero dos filhos estivesse sujeito a uma limitação voluntaria, haveria motivo para receiar um augmento de indolencia; e poderia acontecer que nem as diversas regiões, tomadas individualmente, nem a terra inteira

encarada de uma maneira collectiva attingissem ou não se mantivessem no grau de população que devem attingir.»

Já rareiam os braços para a agricultura, e o camponez vê-se obrigado a pagar por bom preço os que devem vir tomar o logar de seus filhos. Já também em muitos dos nossos departamentos, os dedos femininos fazem falta para as industrias, rendas, luvas, pinceis, e força é apellar para a arte mechanica ou para a electricidade.

Além d'isso, o terrivel abuso de que falamos, ao mesmo tempo que diminue em proporção enorme o numero dos filhos legitimos a cargo de seus pais, augmenta em proporção maior ainda o numero dos filhos illegitimos, quasi todos a cargo do estado. A natureza e a paixão tendem irresistivelmente a retomar o seu imperio; contidas de um lado, fazem irrupção pelo outro.

Ao mesmo tempo, ah! este temor excessivo e repulsivo dos filhos tem mais do que centuplicado o numero dos abortos e dos infanticidios; tem dado origem a horriveis industrias, entre outras — a de *fazedoras de anjos!* Na America, onde a fé christã é apenas uma palavra, já se chegou a perguntar que lei havia que pudesse impedir a mulher de se desembaraçar de seus filhos!

Alexandre Dumas, filho, não temeu escrever esta phrase terrivel: «Deixai a mulher fazer o que faz, e em cincoenta annos nossos sobrinhos (porque então não haverá já filhos, teremos só sobrinhos) assistirão ao que restar da familia, da religião, da virtude, da moral, e do casamento, em nosso bello paiz de França!»

A um dos seus mais illustres confrades, que parecia exaggerar as abherrações das mulheres de nossos dias, affirmando que o leite da mulher é insufficiente em França, o secretario geral da Sociedade protectora

da infancia, respondia com uma sancta indignação: « Não é o leite da mulher o que falta em França, nem mais nem menos que em qualquer outra parte, para as necessidades que é destinado a satisfazer; assim como não falta o leite dos animaes para attender ás necessidades das especies, quando a industria ou a má vontade humana não se intromettem para perturbar as leis da natureza... »

O que é infelizmente muito verdadeiro é que n'este seculo positivista, a noção do dever se apaga sensivelmente, e que o culto dos prazeres e dos interesses materiaes absorve, no maior numero, qualquer outro sentimento. D'isto resulta que a familia se considera como um fardo, e se faz tudo para lhe fugir. Uma creança perturbaria o repouso do marido, e seria para a mulher um empecilho de cada instante. Que parta depressa e para o mais longe possivel! ficaremos livres d'ella por um pouco de dinheiro; e se não voltar, será para seus pais, que mal o conheceram, como se não existisse! » Que medonho porvir!

Sim, porque os filhos são molestos, ou pelo menos, um embaraço, porque para essas mães sem entranhas, sem fé, os deveres da maternidade estão acima de suas forças, entregam-se, sem escrupulo algum, os filhos a peitos estranhos, abandonam-se apressadamente a mães assalariadas, i é, votam-se a uma mortalidade alarman-te, cujo só pensamento gela de espanto. Um processo no supremo tribunal de justiça revelava, ha poucos annos ainda, á França espantada, que setenta e duas mães tinham visto seus filhos, dados a certa ama de leite, envenenados cynicamente por ella, que por semelhantes proezas foi condemnada a vinte annos de trabalhos forçados.

Ha mais ainda! Factos inauditos, mas incontestaveis, parecem demonstrar que em França está organizado o homicidio lento e dissimulado das creanças en-

tregues a amas; que existem, em certas localidades de nossos departamentos, mulheres com a industria de amas de leite, que sobretudo aos filhos naturaes matam a fogo lento. *Infandum!*

Um attentado contra a natureza e a paixão. Quem teria acreditado que o homem havia de fazer violencia ao amor e havia de resistir á mais poderosa das attrações! Ah! se a religião tivesse dito á torrente: tu irás até acolá, mas ali tuas ondas tumultuosas hão de despedaçar-se, que coleras não excitaria! Só um calculo atheu e infernal é que podia impor o sangue frio necessario a esta prudencia homicida dos sentidos! E é a religião a unica que hoje tem a coragem de sustentar em frente e contra todos a causa da paixão, da natureza, da sociedade, da humanidade, da familia, de Deus. E' aos celibatarios livres, voluntarios, da sancta Egreja de Jesu's Christo, que estava reservado virem a ser na serie dos tempos os defensores dos direitos dos casamentos e das gerações por vir.

Quaes tem sido os resultados d'estas extranhas perversões do instincto paternal e maternal? que o sentimento mais doce á natureza tem quasi desaparecido do coração do homem; que o amor se tem tornado quasi ridiculo. Hoje é o vicio, o vicio altamente apregoado, o vicio desavergonhado, e não já a affeição, quem aproxima o homem da mulher. E eis ahi como os reis da moda tem chegado a inventar as mulheres de marmores, as mais odiosas das cortezãs, em quanto que as legitimas esposas são vergonhosamente abandonadas, e condemnadas a invejar um triumpho abominavel. Em uma conferencia recente, uma de nossas glorias medicas dizia á juventude: « Para que ir subverter em excessos ainda mais tristes do que culpaveis, tudò aquillo que a natureza nos deu de bom, bello, util, puro e generoso! Para que procurar tão longe e tão mal um prazer, do qual está banido o coração, quando se pode

ser feliz pura e sanctamente? São bem dignos de lastima aquelles que não sabem, nem saberão jámais o nome do sentimento celeste que entorna uma embriaguez mysteriosa nas almas dignas de a gostar!»

Não o esqueçamos porém; se a sociedade feclia os olhos sobre os attentados, commettidos contra ella, não succede outro tanto com a natureza. Esta protesta com energia por uma multidão de enfermidades graves, quasi n'outro tempo desconhecidas, e hoje tão vulgares. Um doutor, que não se prevalece de christão, o sr. Bugeret, medico director do hospital d'Arbois (Jura) tem deparado em sua clinica, aliás restricta a circumscripção de uma séde de cantão, exemplos tão numerosos e tão terriveis das consequencias fataes d'este esquecimento das leis da natureza, que não pôde ter-se, que as não denunciasse á consciencia publica. Em um livro intitulado: *Fraudes no desempenho das funcções geradoras*, depois de ter mostrado por setenta e oito observações, cada qual mais terrifica, os males espantosos causados por estas practicas abominaveis: metrites, agudas ou chronicas, menorrhagias, metrorrhagias, hematoceles, tumores fibrosos, polypos, hyperesthesias uterinas, hysteralgias, coleras e nevroses, nevralgias e engurgitamentos, cancros, tumores dos ovarios, uretrites, doenças dos orgãos da circulação, da respiração e da digestão, esterilidade, impotencia, etc., etc., acrescenta: «As fraudes genesicas são uma causa profunda de desmoralisação; fazem que os homens levem a depravação até ás ultimas consequencias; fazem da mulher o instrumento das mais ignobeis concupiscencias; fazem tomar ao homem e á mulher o habito e o gosto das voluptias sensuaes, conduzem quasi infallivelmente ao adulterio e á prostituição.»

Esta sentença fulminante, sahida de bocca insuspeita, dispensa-me de insistir sobre as consequencias terriveis fóra do matrimonio, dos abominaveis habitos

que estou combatendo. Bastará dizer que deixam a porta aberta a uma libertinagem sem freio e sem limites; que dão á dissolução dos costumes um ardor irresistível; que substituem á união sancta do homem e da mulher uma promiscuidade dos sexos que rebaixa o homem a um nível inferior ao do animal. Nada pêa, eu não direi a ardencia, mas a brutalidade das paixões.

Uma palavra cruel dirá sufficientemente o excesso do mal.

Em um dos departamentos limitrophes do de Paris, onde o numero de filhos por casal não é mais do que um e meio, um amigo da familia reprehendia certa mãe por não vigiar assaz sua filha e permittir que ella tomasse parte em todas as dansas da noite nas tabernas, quando a mãe interrompendo-o bruscamente, exclamou: « Eu nada receio por minha filha, ella está muito bem instruida para que lhe aconteça o vêr-se condemnada a publicar sua deshonra! » Eis a que excessos temos chégado.

O sr. Bergent não quer no entanto que se diga que este abominavel peccado arrasta a sociedade ao abysmo. O escriptor dramatico, ha pouco citado, e que conhece mui bem seu seculo, foi mais corajoso. Por si mesmos, talvez, esses peccados contra a natureza não trariam uma ruina universal; mas junctos ao abandono da fé, de que são effeito e causa, hão de infallivelmente perder-nos, tanto mais que em uma tal materia, sob o imperio aceito de uma influencia satanica, a conversão é quasi impossivel. Pode ser que se, como o esperamos, o concilio do Vaticano fulminar com seus raios estes habitos infernaes, sua voz solenne seja um tanto ou quanto escutada. Salvai-nos, Senhor, que perecemos!

Permitta-se-me denunciar ainda alguns graves abusos que tocam n'esta materia, á indignação das pessoas honestas.

Nos apertados aposentos do decimo nono seculo, e

em consequencia d'este deixar fazer que aproxima todas as classes e todas as edades, as creanças estão incessantemente em contacto com os pais e os domesticos. Tudo vêem, tudo ouvem, tudo comprehendem e advinham.

E' uma grande desgraça. Sua intelligencia, despertando com cedo, abre-se ao mal com uma facilidade extrema; e é-se forçado a dizer, ah! com muita razão, que não ha creanças, mas homensinhos viciosos antes da idade.

E quantas mães desnaturadas esperam apenas que tenham crescido para dar curso a suas paixões a sangue frio. Como pois não serão incredulas as novas gerações?

Na maior parte das familias, os criados tem suas camas, de fóra dos aposentos dos amos. E' uma derogação funesta aos costumes antigos, a que o Evangelho allude em uma de suas parabolhas:

Meus servos estão comigo debaixo da mesma chave. Desterrados para vis mansardas, contaminam-se uns aos outros, e a promiscuidade dos sexos é espantosa!

Assim se explica a raridade extrema de criados fieis e castos.

E é a estes domesticos prevertidos que os pais e as mães abandonam de alguma sorte seus filhos.

Com effeito o sanctuario da familia, que a nossa velha lingua chama o lar domestico, não existe já. O pai tornou-se-lhe quasi extranho. De manhã sahe para só recolher alta noite; mal tem uma hora para se assentar á meza commum.

Os negocios, as reuniões, os clubs, os cafés, as tabernas, os theatros, as conferencias absorvem-no todo inteiro; mal tem entrado no tecto da familia está logo a arder em pressas de sahir.

E a mãe! que esforços não faz para escapar a esta solidão tão triste que seus filhos não combatem assaz!

A vida da fé, a vida do justo, não estará em diametral opposição com estes costumes desordenados?

Enfim a attenção publica alarma-se bem tarde ah! de um dos tristes desgarres da lei franceza, no qual Deus e por consequencia a religião, a moral, a familia são bastantemente sacrificados para que d'ella se possa dizer que se fez atheia. O primeiro protesto energico contra este grande abuso sahiu ainda da pena do snr. Alexandre Duinas, filho; mas darei aqui a palavra a um de nossos medicos e philosophos mais sabios, o snr. douctor Emilio Chauffard.

Em seu discurso sobre a mortalidade das creanças de peito, pronunciado a 28 de dezembro de 1869, no seio da Academia imperial de medicina, dizia: « Além dos favores indirectos da lei franceza ás uniões illegitimas (ella prohibe a busca da paternidade etc.) ha mais ainda, ha grandes instituições dirigidas contra o casamento; ha grandes agglomerações de jovens validos, o mais puro e ardente de nossa raça, aos quaes se não permittem outros recursos, senão as uniões fortuitas, a peor especie das uniões illegitimas. Eu quero falar dos grandes exercitos permanentes, d'essas conscripções inexoraveis, que todos os annos arrancam ao lar o melhor da juventude franceza para o atirar para casernas sombrias e insalubres, para a vida ociosa das guarnições . . . Pensai na situação de quatrocentos a quinhentos mil homens jovens, vigorosos, aos quaes está defeso o casamento, sem terem feito voto de continencia, e que se lançam para as praças e para a athmosfera das grandes cidades, livres e necessariamente victimas de todas as seducções. . . E esses quinhentos mil homens robustos são arrebatados pela maior parte ao ar dos campos, á agricultura, a mais fecunda, a mais moral, a mais salubre das industrias, e roubados ao casamento, unico, que pode dar á população a força e o incremento. . . Quem ha ahi que ignore os estragos cau-

sados no exercito pela tuberculose e pela syphilis? E esses tuberculosos, esses syphiliticos, reformados ou com baixa, vão ser pais, que transmittem a sua descendencia, e a suas mulheres, affeições contagiosas ou hereditarias, que se traduzem por espantosa mortalidade na baixa idade.»

Nada mais acrescentarei, mas todos os leitores de boa fé hão de reconhecer sem hesitar que uma fé que tem resistido a tantos inimigos conjurados e formidaveis, que conta ainda hoje tantas almas fieis, é necessariamente, evidentemente divina. Esplendor! esplendor!

CAPITULO VII

A Fé subjectiva, a adhesão da intelligencia ás luzes da revelação é eminentemente razoavel

O que é a Fé? A fé, na definição que d'ella dá a theologia, é uma virtude sobrenatural, pela qual crêmos firmemente tudo quanto Deus revelou, por isso mesmo que ρ revelou, e por ser a propria verdade que não pôde enganar-se nem enganar.

E' uma virtude, porque ha merito e grande em crer. E' uma virtude sobrenatural e portanto um dom, uma graça, porque Deus se revela a quem lhe apraz, porque elle só nos pôde tornar doces a sua palavra e á voz da sua sancta Igreja. E' tambem uma virtude theolocial, porque seu objecto immediato é Deus, e seu motivo a perfeição divina, a veracidade infinita.

Uma vez admittida a existencia de Deus e da revelação divina, a fé, definida como o acabamos de dizer, não é sómente necessaria, é demais a mais perfeitamente legitima e razoavel. Porque em que acreditaremos nós, se não crêmos na veracidade infinita de Deus?

S. Paulo deu porém da fé uma definição eminentemente propria para pôr em relevo esta verdade capital, que nada é mais razoavel, mais honroso em si e para o homem, do que a adhesão da intelligencia pela fé á revelação divina. Diz elle em sua esplendida epistola aos romanos cap. xi, 1:

A fé é a substancia dos bens que devemos esperar, o argumento das verdades que não apparecem. SPERANDARUM SUBSTANCIA REKUM... ARGUMENTUM NON APARENTIUM.

A fé é o argumento das verdades que não apparecem! O argumento, i é; a manifestação, o enunciado, a posição ao nosso alcance do que para nós é invisível, do que nossa intelligencia não poderia descobrir por suas proprias forças; do que ficaria por consequencia para ella desconhecido, inacessível, intangível; do que, n'uma palavra, é não contrario á razão, porque o que é contrario á razão é impossivel ou não existe, mas superior á razão, e que no entretanto temos todo o interesse em conhecer e crêr.

Haverá realmente cousas que nós não possamos descobrir só pelas forças da razão? Evidentemente. Negal-o seria o cumulo da demencia. Nós não somos infinitos, bem longe d'isso! No physico, nosso ser é muito limitado, occupamos um pequenissimo logar no universo; acima, abaixo, á direita, para a esquerda, a voz a mais retumbante, o ouvido o mais fino não se ouvem para lá de alguns kilometros.

No moral, nosso ser não é menos limitado. O que é a virtude dos mais virtuosos e a sabedoria dos mais sabios? Vêde David adultero e assassino; vêde Salomão libertino e idolatra; vêde todos os sabios, todos os philosophos da Grecia e de Roma, o proprio Cicero, cuja memoria anda injuriada de vicios vergonhosos. Deus que conhece a fundo nossa pobre natureza humana, sahida de suas mãos e animada de seu sopro, já tinha dicto pela bocca do sabio por excellencia: os appetites, os sentidos, os desejos do homem são propensos ao mal desde a sua juventude. Não exclamava Job, esse varão sancto. no sentimento profundo de sua miseria: «Meu Deus, porque me fizestes contrario a vós?» E o grande Paulo, arrebatado até ao terceiro céo, iniciado nos arcanos da divindade, não gemia com amargura porque não fazia o bem que desejava, e de que ao contrario fazia o mal que detestava? Não se indignava elle contra o anjo impuro, que insultava sua fraqueza? Os unicos

satisfeitos de si mesmos são os pharizeus malditos, divorciados de toda a virtude. O primeiro passo no caminho da sanctidade é prostar-se em terra e bater no peito, exclamando: Perdoai-me, meu Deus, porque sou um grande peccador.

Na ordem da intelligencia, o nosso ser será mais infinito? quem seria assaz deimente para o acreditar? Ha tempos encontrei nos pateos de Bicetre um pobre louco que se julgava e se dizia, soluçando, o mais infeliz dos homens, e a razão era ter composto um grosso volume do que não sabia. Por certo que se comporia não um grosso volume, mas milhares de grossos volumes do que não saberá o mais encyclopedista dos sabios do decimo nono seculo e dos seculos porvir.

Colloquemo-nos desde já sobre o terreno da sciencia ao alcance do homem, em apparencia ao menos. Nas sciencias naturaes, physicas, mathematicas, o que é que sabemos? Nada ou muito pouco. Não possuímos a ultima palavra de cousa alguma. Que são no fundo todos os progressos das sciencias? a multiplicação das incognitas e dos mysterios. Para nossos pais o mundo material era um mysterio quadruplo, composto de terra, agua, ar e fogo. A agua ou o ar eram mysterios simples ou useiros. Para nós que temos descoberto sessenta elementos ¹ mais se nos apresenta o mundo como mysterio composto, quinze vezes mais inacessivel; a agua, depois de sabermos que é composta de hydrogeneo e de oxygeneo é um mysterio duplo; o ar, mistura em proporções quasi definidas de oxygeneo, de azote e de acido carbonico, é um mysterio triplo.

Espirito, materia, ether, espaço, tempo, affinidade, gravidade, electricidade, calor, luz, photographia, tele-

¹ Actualmente passam de setenta.

graphia electrica etc. etc., eis ahi outras tantas palavras, cujo sentido está para nós envolvido em mysterios insondaveis, outros tantos enigmas ou incognitas intangiveis.

No dominio da philosophia não só sabemos muito pouco, mas sabemos-o bastante mal ou de todo mal. Tomamos sem cessar o falso pelo verdadeiro, e o que o demonstra mais claro que o dia, são os erros e as contradicções que enchem o mundo. Ha quasi tantas, já não direi opiniões, mas convicções, quantos os homens.

Cicero deixou dito do seu tempo que é impossivel imaginar absurdo que não tenha sido esposado por algum philosopho, e não exaggerou.

Quantas verdades ha na ordem intellectual, sobre as quaes todas as intelligencias estejam de accordo? Um pequenissimo numero, e nem sequer me parece poder incluir n'esta cathegoria a existencia de Deus, a espiritualidade e a immortalidade d'alma. Porque ha uma multidão de seres humanos, até entre os mais sabios, que se obstinam em serem atheus e materialistas, sem perceberem que são muito pequenos e muito recentes para serem mesmo uma materia organisada necessaria. A duvida assaltou os espiritos mais esclarecidos e mais sensatos.

Cicero no fim de suas cartas sobre a velhice, depois de uma invocação arrebatadora á immortalidade d'alma, recahe tristemente sobre si mesmo e exclama: « Se me engano, crendo na immortalidade d'alma, engano-me com gosto, e eu não quero que me arrebatem um erro que faz o encanto de minha vida.» Disse em outra parte em seus *Academica*, II, liv. I § 12: *Quasi todos os philosophos os mais festejados, Socrates, Democrito, Anaxagoras, Empedocles tem affirmado que não conheciam nada, que nada percebiam, que nada sabiam... ; que a verdade estava sepultada em um poço profundo, que não havia lugar para ella!* Socrates, no *Gorgias*, diz a seu interlocu-

tor depois da exposição sobre a immortalidade d'alma: « Sem duvida tu olhas estas doutrinas como sonhos de um velho em delirio, e as desprezas. Por certo que tambem eu as menospezaria, se em nossas locubrações tivéssemos encontrado alguma cousa mais salutar e mais certo.» Seneca lamenta n'estes termos a indifferença do seu tempo pela verdade, e a impotencia da philosophia: « Longe de descobrimos verdades desconhecidas aos antigos, cada dia as antigas verdades perecem. Ah! ainda quando lhes consagrassemos todos os esforços, e a juventude austera para isso contribuisse com seu ardor e a madureza de seus conselhos avidamente recolhidos pelas novas gerações; apenas teriamos tocado na borda do abysmo, onde a verdade se esconde.» Seneca, ainda Seneca, cujos sentimentos são ás vezes tão elevados e tão christãos, que se tem pensado que esteve em relações com S. Paulo, na *Consolação a Marcia*, esquece-se a ponto de exclamar: « Os mortos não sentem dôr, os terrores do inferno são uma fabula. A morte é o desenlace e o fim de todas as dores.» Foi elle tambem o que atirou á arena a phrase impia, tão aplaudida da Roma dos Claudios e dos Neros: « Para lá da morte nada, a propria morte nada é.» *Post mortem nihil ipsaque mors nihil.*

Dezoito seculos mais tarde os corypheus da philosophia ecletica reuniam-se em Paris em congresso, e sobre estas questões de Deus e da immortalidade dividem-se, sem que seja possivel formar sequer maioria. Se para resolver estes grandes problemas, accrescentarmos aos recursos da razão os da sciencia, não ficamos por isso mais adiantados. O celebre naturalista Huxley fazia, em janeiro de 1869, esta confissão desoladora: « Os philosophos preparam-se para dar batalha sobre o ultimo e o maior dos problemas especulativos. Possui porventura a natureza humana um elemento livre, dotado de vontade, ou não passa da mais artistica

das machinas que a natureza até hoje construisse? Alguns, em cujas fileiras me alisto, pensam que a batalha ficará para sempre indecisa.» Um dos physicos os mais eminentes da escola moderna, o snr. J. Tyndall, em um discurso pronunciado em Norwich, agosto de 1868, disse: « O problema da união da alma e do corpo é tão insolúvel em sua forma moderna, como o foi nas epochas prescientificas. . . Se perguntais d'onde vem a materia. . . como e quem a dividiu em moleculas; como e quem lhe imprimiu a necessidade de se formar em grupos organicos, a sciencia não tem resposta para estas questões. Mas se a sciencia é muda a quem toca dar esta resposta? *A'quelle a quem o segredo foi revelado!* Inclinemos nossas fronte, e reconheçamos nossa ignorancia, uma vez por todas. »

Emfim o proprio chefe da philosophia positiva, Augusto Comte, admite nos objectos, de que o pensamento humano se occupa duas cathogorias, o *cognoscivel* e o *incognoscivel*; admite tambem duas cathogorias do incognoscivel: o incognoscivel da sciencia, o incognoscivel da religião, e accrescenta (*Curso de philosophia positiva*, tom. I, 2.^a edição, introduccão, p. XLIV) o *incognoscivel*, o que está acima do saber positivo, quer materialmente, o fundo do espaço sem limites, quer intellectualmente, o encadeiamento das causas sem termo é inacessivel ao espirito humano. Mas inacessivel não quer dizer nullo ou não existente. A immensidade tanto material, como intellectual, prende por um laço apertado com nossos conhecimentos. . . E' um oceano, que vem bater nossa praia, e para o qual não possuímos nem barco, nem vellas. »

Se no dominio das verdades naturaes e das sciencias humanas, o horizonte de nossa intelligencia é tão limitado; que será quando se achar em presença das verdades sobrenaturaes e das sciencias divinas? Apologo ou historia! Santo Agostinho passeava sobre as bordas

do mar de Carthago; absorto em profunda meditação, embalava-se na presumpção de poder formar ao menos uma ideia do mysterio da SS. Trindade, quando de repente repara que não está só.

A alguns passos de distancia, um menino, de rosto angelico, escavava na areia uma pequena poça; depois ia e vinha do mar para a poça com uma concha que enchia e despejava.

Surprehendido d'este estranho manejo, e temendo pela propria razão do pequeno, Santo Agostinho aproxima-se d'elle, e diz-lhe: Para que tantas idas e venidas, que queres tu, meu menino? O que eu quero meu padre é fazer entrar o mar todo na poça que abri. — Mas isso é impossivel! acaso sois louco! ah! que desgraça! — Eu louco! não meu padre; ou pelo menos o menos louco de nós dois não sou eu! O Mediterraneo é grande, muito grande, é verdade, minha concha e minha poça são mui pequenas, mas enfim nem aquelle é o infinitamente grande, nem esta o infinitamente pequeno, em quanto que Deus que vós pretendeis encerrar na esphera infinitamente pequena de vossa razão, é o infinitamente grande!» Dada esta licção, o menino desapareceu, e Santo Agostinho retomou mais humilde o caminho de Carthago.

Uma cavidade minuscula em presença de um arcano de incognitas e de mysterios: eis em realidade o que é nossa intelligencia; e nós ainda a acreditariamos capaz de tudo attingir!

Em o numero das cousas, que nos não apparecem, que não podemos saber por nós mesmos, e cujo numero é indefinido; entre tantos mysterios e incognitas, haverá algumas que temos grande interesse em conhecer e aprender? evidentemente! Deus, nós mesmos; nossa origem, nosso ultimo fim, nossos destinos futuros, nossos deveres, o caminho que nos conduzirá á felicidade ou á desgraça eterna etc. etc. O argumento ou o

intermediario que nos revelar, que nos annunciar estas cousas, que as puzer ao nosso alcance, que as fizer nossas, será pois bem vindo! Dando-lhe bom acolhimento, procederemos esclarecida e sabiamente; e longe de córrar d'isso, deveremos ser sanctamente altivos de o ter aceitado. Ora este argumento, este intermediario glorioso e bemfazejo, é a Fé. *Fides. . . argumentum non apparentium*. Ella é o barco, e as vellas que nos podem conduzir ao inacessivel.

Nas sciencias humanas ou nas circumstancias ordinarias da vida, quando um objecto nos não apparece, ou quando uma empresa está acima de nossas forças naturaes, apressamo-nos a supprir a nossa impotencia, a preço, se tanto é preciso, de pacientissimas indagações e muito ouro.

Para sondar as profundezas dos céos, o astrónomo nem por um instante hesitou em armar seu olho insufficiente de seu telescópio que amplifica os objectos e devora as distancias. Para tentar arrancar á natureza o segredo da constituição intima dos corpos, e conseguir surprehender os pormenores de organisação, que sua pequenez furta completamente a suas vistas, o naturalista dá-se pressa a recorrer ao microscópio; o capitão de navio sobre o mar, o general de exercito em campo raso, são altivos e felizes de possuir o seu oculo de approximação, de longa vista, que supprime em grande parte ao menos a distancia, e permite conjurar muitas vezes o perigo; o homem do mundo no theatro, nas festas publicas, ou em presença das grandes scenas da natureza abençoa o seu binoculo; o myope, para melhor se dirigir na rua, o presbyto para melhor executar seus trabalhos de gabinete, não hesitam egualmente em fazer uso de suas lunetas. Que diriam do energumeno que pretendesse organizar uma cruzada contra os telescopios, os microscopios, os oculos, os binoculos e as lunetas, etc., etc., sob o pretexto de que são uma offensa á dignidade

humana, e um insulto ao orgão da visão? Seria por certo comparado a Omar! classifical-o-iam entre esses doudos furiosos, cuja memoria é um objecto de execração. Ora a Fé na ideia tão justa, que d'ella nos dá S. Paulo, não é outra cousa, que o telescopio, o microscopio, o oculo, o binoculo, a luneta de nossa intelligencia, cujo alcance centuplica. *Argumento do que não nos apparece!* Ella é pois evidentemente razoavel e gloriosa. Guerreal-a é um crime, um suicidio intellectual.

Estamos ainda bem recordados: era em 1847; Francisco Arago fazia pela ultima vez no Observatorio real suas prelecções de astronomia popular que punham todo o Paris em movimento; eu era um de seus ouvintes o mais assiduo; cheguei até a redigir e a publicar na *Epoca* um certo numero de suas admiráveis licções. F. Arago, não ha ninguem que o não saiba, tinha por mim uma grande afeição, minha fé viva porém impacientava-o algumas vezes. Crer, dizia-me elle, seria uma humilhação profunda! Porque, como crer sem confessar ao mesmo tempo que ha verdades que eu não comprehendendo, que desafiam e excedem minha razão, que eu terei de admittir sob palavra?

Eu respondia-lhe que não havia humilhação alguma em reconhecer um factio mais claro que a luz, o factio de que a vista da intelligencia tem seus limites, como a vista dos objectos materiaes tem os seus.

Esta resposta não o satisfazia, e um dia ousei observar-lhe: «Hontem, snr. Arago, tivestes o gosto de enumerar as propriedades assombrosas do olho, de mostrar quanto é superior pela multiplicidade de suas funcções espontaneas e vivas a todos os instrumentos creados pelo genero humano! Exaltastes umas apoz outras, seu poder de recepção, ou essa facilidade prodigiosa, com que elle condensa em um ponto quasi indivisivel o mais vasto horizonte; seu poder de accommodação quasi instantaneo a todas as distancias; seu achromotismo pra-

eticamente tão perfeito, etc., etc. E no entanto vossa vida de sabio não passa de uma serie de attentados contra a perfeição do olho! Vós ides proclamando sem cessar sua impotencia; armado de mil instrumentos diversos, destinados a completal-o. Telescopio, microscopio, micrometro, polariscopio, polarimetro, refractometro, photometro, spectroscopio etc., outros tantos insultos a esta obra prima, inimitavel que tanto tendes feito admirar! Quebrai pois todos esses engenhosos aparelhos, se quereis ser consequente comvosco mesmo, porque minha fé não é outra cousa senão o telescopio abençoado de minha intelligencia.

Como pensar em dar cabo *d'esses telescopios* que nos mostram a lua melhor do que não vemos de Dijon o Monte Branco; que nos tem denunciado as desigualdades da superficie do nosso satellite, que hoje conhecemos melhor do que as da superficie da nossa terra; que tem resolvido em estrellas e em estrellas dispostas por ordem maravilhosa, essas nebulosas, as quaes se imaginava tão gratuitamente serem a materia primitiva dos mundos novos; esse micrometro, que nos facilita o medir com uma precisão desconhecida até agora os dois diametros dos planetas e de verificar-lhes a desigualdade; esses *polariscopios*, que nos tem revelado a verdadeira natureza da photosphera solar: estes *spectroscopios*, que nos põem na pista dos mais profundos mysterios dos céos? Fazer voltar para o nada tantas invenções maravilhosas, que mettem o homem de posse, se assim o podemos dizer, de novos céos e de novas terras, seria evidentemente um acto de barbarie!

Sim, repliquei eu, mas desdenhar, repellir, ultrajar a fé, que é o telescopio não de um olho material, que nos é commum com os seres mais inferiores da creação, mas de nossa razão, de nossa intelligencia, que nos dá o sceptro da natureza, e nos volve semelhantes a Deus, não seria uma loucura mais revoltante ainda?

E o que dizemos de nosso olho é verdadeiro de todos os nossos órgãos. Nós suprimos a falta de força de nossos braços por todas as forças da natureza, a agua, o vento, o fogo, a electricidade. Compensamos o vagar de nossos passos pelo velocipede, pela locomotiva, pela telegraphia electrica, e um dos maiores dissabores da sciencia moderna é não ter podido ainda engrandecer o dominio do ouvido humano. ¹

Qual é, em ultima analyse, o escopo ou a missão do genio e da industria? A multiplicação e o aperfeiçoamento incessante dos utensis, pelos quaes o homem suppre a impotencia de seus órgãos. Ha mais: o caracter distinctivo do homem, o signal incontestavel de sua superioridade sobre todos os seres animados da criação, está em só elle saber crear utensilios. O gorilla arma-se de um ramo despegado da arvore ou de uma pedra levantada do chão; mas nunca fabricou uma cachorra, uma ponta de flecha ou um silex talhado. N'estas condições evidentemente, o utensilio chamado em auxilio da insufficiencia das forças do homem, longe de o humilhar, augmenta-lhe a gloria. D'aqui este raciocinio bem simples e ao mesmo tempo irresistivel.

Visto que podemos e devemos, sem receio de humilhar nossas faculdades physicas, com a certeza pelo contrario de as completar, de as exaltar, de as centuplicar, recorrer constantemente aos instrumentos que o

¹ Quando o A. escreveu, ainda se não tinham descoberto os maravilhosos aparelhos da physica d'esta ultima quarta parte do seculo dezenove: O phonographo de Edison; o telephonio, o photophonio e o phototelephonio de Graham Bell, o microphonio de Hughes; o microphonio de contactos multiplas de Ader.

Nada tem pois a sciencia que prantear-se do atrazo e deficiencia de instrumentos para a audiçào. Hoje, como sempre os verdadeiros progressos das sciencias positivas n'uma parte não podem marchar desacompanhados de progresso em outras.

genio do homem inventa todos os dias; podemos e devemos, para sermos consequentes conosco mesmos, completar nossa intelligencia e nossa razão, exaltal-as, centuplical-as pelo acolhimento, dado ás luzes da divina revelação, com a unica condição de que a realidade e a excellencia d'esta revelação sejam demonstradas como certas.

Sua realidade! o escopo principal d'este livro é fazel-a resplandecer. Sua excellencia, as luzes immensas que traz á razão, são mais brilhantes que os raios do sol. Jesus Christo enunciou esta grande palavra: *Quando o Espirito vier, ensinar-vos-ha toda a verdade.* (Ev. de S. Jo. cap. xvi). De facto, o espirito, a revelação, a fé veiu, e ensinou ao homem de boa vontade toda a verdade. A verdade sobre Deus, a verdade ácerca do proximo, á verdade a nosso respeito.

A VERDADE A RESPEITO DE DEUS: 1.º *Sua existencia, sua natureza, seu culto.*

A existencia de Deus! a razão tem sido impotente para a demonstrar e a fazer admittir. Em seu livro da natureza dos deuses, o proprio Cicero dizia: «Vós que-reis provar pelo raciocinio a existencia de Deus . . . Quereis o apoio da razão; soffrei pois que minha razão combata a vossa . . . Empregais toda a casta de argumentos para me provar que existem deuses, e argumentando, só conseguis tornar duvidosa uma verdade, que a tradição de nossos maiores, isto é uma revelação primitiva, põe acima da menor duvida.» ¹

¹ O A. deixou-se arrastar a um juizo derogatorio dos direitos da razão humana para advogar os da revelação. Não é preciso tanto.

Levadas as cousas a este excesso quem nos garantiria da verdade da revelação? Ha tantas religiões, que se dizem reveladas; ha e tem havido tantos apóstolos, que se dizem enviados de Deus; quem nos hade assegurar entre e no meio de tantos testemunhos contradictorios? a razão, só a razão. O A. ca-

A natureza de Deus. Sobre este ponto capital, a razão tinha ido abysmar-se n'este excesso espantoso, que tudo era Deus, excepto o proprio Deus. A embriaguez, o incesto, o rapto, o adulterio, a luxuria, a crueldade, o furor, a hypocrisia, tinham seus attributos inscriptos nos frontispicios dos altares: só, o verdadeiro Deus não tinha altar a não ser debaixo do nome de Deus desconhecido. Ao contrario, que admiravel ideia nos não dá a fé de Deus, de sua eternidade, de sua infinidade, de sua immensidade, de sua omnipotencia, de sua sanctidade, de sua bondade infinita, de sua providencia, etc. Por quantas imagens elevadas e tocantes os livros sanctos nos revelam suas grandezas e nos descrevem sua magestade! Com que entusiasmo exaltam seus beneficios.

O culto de Deus. Na theologia da razão, o culto não alcançava senão o corpo, a alma não tomava parte alguma n'elle, senão pelo enorme impulso dado a suas paixões e vicios. Aquillo que um homem cõraria de ouvir, os pagãos de Roma, diz Seneca, dizem-n'o a seus deuses; elles teem a consciencia tão clara de sua torpeza, que se alguem os pode ouvir, calam-se. Escancararam á luz do sol o que no tracto commum se occulta nas mais profundas trevas. Nos angulos escusos dos tem-

hiu pois no tradicionalismo, condemnado no concilio do Vaticano posteriormente á elaboração d'esta obra.

Eis o canon: "Se alguem disser que o unico Deus verdadeiro, nosso Creador e Senhor, não pôde ser conhecido com certeza á vista das cousas creadas, pela luz da razão humana, seja anathematisado."

O proprio A. implicitamente regeita esta doutrina pelo acto de obediencia prompta e filial, que faz do que escreveu, submittendo-o ao juizo do seu legitimo superior na fé, o Vigario de Jesus Christo.

Lembraremos além d'isso que a razão prova a existencia de Deus pela noção de causalidade tão evidentemente, que para a não admittir é forçoso ir dar ao absurdo, i é, renegar o proprio pensamento.

N. do T.

plos commettem-se crimes abominaveis contra a natureza. A fé, pelo contrario, ensina-nos a adorar a Deus, em espirito e verdade, pelo respeito, amor e imitação de suas perfeições infinitas. « *Séde perfeitos, nos diz ella, como vosso Pai celestial é perfeito.* »

A VERDADE Á CERCA DE NOSSOS IRMÃOS. Na escola da razão, as tres quartas partes do genero humano eram escravos; e a natureza queria, diziam, não sómente que uns fossem livres, e cutros essencialmente escravos, mas que o escravo apenas se estremasse de um animal. A lei não o suppunha sómente vil, ordenava que o reputassem como cousa alguma: *non tam viles quam nulli sunt*. E' assim que os senhores tinham sobre os escravos um dominio absoluto.

A celebre constituição de Constantino assignalava excessos de todos os dias, quando prohibia moel-os a pancadas, fazer-lhes com um dardo ferimentos mortaes, suspendel-os na forca, envenenal-os, entregal-os ás garras das feras, abrir-lhes regos com carvões ardentes.

Que terrivel espectaculo o dos gladiadores, condemnados a cortarem-se as guelas para divertimento dos cidadãos de todas as cathogorias!

E no entanto o proprio Trajano, esse pretendido homem de bem tão gabado, de que se tem affectado fazer as delicias do genero humano, para celebrar seu triumpho sobre os Daces, ordenou espectaculos de gladiadores que se prolongaram por *cento e vinte e tres dias*, e em que se despedaçaram uns aos outros *dez mil gladiadores*, e onze mil animaes ferozes!

O maior dos imperadores romanos aceitava sem pestanejar, sem córar, os adeuses sacrilegos das nobres victimas que se iam degollar por suas proprias mãos. E isto nos mais bellos tempos de Roma, quando a razão e a philosophia attingiam seu apogeu.

Desde o seu berço, ao contrario, a fé não viu no es-

cravo senão um filho de Deus. « Se a pobreza, dizia já o Levítico, cap. xxv, reduzir teu irmão a vender-se-te, não o opprimas torturando-o, mas tracta-o como um domestico asoldadado. Trabalhará para ti até ao anno do jubileu; então sahirá do teu dominio com sua mulher e seus filhos, e poderá tornar para sua familia e para a herança de seus pais. . . »

A' luz da revelação todos, judeus e gentios, escravos e senhores, formamos um só corpo, animado de um mesmo espirito, e do qual pelo mesmo titulo somos todos membros.

« O olho não pode dizer á mão: eu não tenho necessidade dos teus serviços; nem a cabeça aos pés: vós não me sois necessarios. Pelo contrario, os membros do corpo que parecem mais fracos são muitas vezes os mais indispensaveis... Preciso se torna pois que todos tenham os mesmos cuidados, porque quando um membro soffre, todos os outros soffrem, quando um membro é glorificado, todos os outros se regosijam com elle. » Depois veem os admiraveis preceitos da caridade christã.

A VERDADE A NOSSO RESPEITO. Ella escapa completamente á razão, em quanto que a fé nos certifica ácerca da existencia da nossa alma, de sua espiritualidade, de sua immortalidade, de sua eternidade feliz ou desgraçada, da resurreição do corpo, etc.. Ensina-nos os deveres que temos para com Deus, para connosco, para com os outros. Offerece-nos a graça necessaria para os cumprir fielmente.

Relêde, caros leitores, o momento é opportuno, o simples exposto, que démos ao principiar, do symbolo, dos dogmas e da moral da fé, e vereis que immenso thesouro de conhecimentos especulativos e practicos offerece a nossa intelligencia. Em quanto que para a razão abandonada a si mesma, tudo são trevas profundas, contradicções incessantes, duvidas esmagadoras,

opiniões incertas que se entrechocam e destroem umas ás outras; para a razão estribada e completada pela fé, tudo espadana torrentes de luz; é o brilho do sol em pleno meio dia. Uma creança christã que sabe bem seu humilde catecismo possui mil vezes mais verdades religiosas e moraes, do que Platão, Socrates, Cicero, Seneca, e todos os philosophos da antiguidade.

Qual de nós não tem encontrado no caminho um irmão cego? Lá vai conduzido as mais das vezes por um rapaz, ou por um cãocito, companheiro fiel de seu infortunio. Algumas vezes no entanto não tem outro guia mais do que seu cajado, com que apalpa continuamente as bordas da estrada para se certificar de que segue uma linha rigorosamente parallella e segura. Mas jamais vistes um cego conduzido, por outro cego; sabem muito que fiando-se um no outro, cahiriam ambos no precipicio, e dariam uma queda mais desastrosa.

Qual não seria vossa indignação se no meio de uma praça publica, percorrida em todos os sentidos por carruagens numerosas e rapidas, um homem mau aproximando-se de repente do cego, o separasse bruscamente do rapaz, do cão, ou do cajado que o apoia e guia, e o deixava assim entregue a si mesmo na certeza de o ver bem depressa esmagado? Que estúpida barbaridade! dirieis. E no entanto pode conceber-se um attentado mais odioso talvez; é o do mau, que sob o pretexto de deitar na escarcella do cego a sua esmola, lhe substitue uma moeda de cobre por outra que lá tinha de prata sem elle o saber, e que lhe seria de tão grande allivio em sua miseria.

Este cego é a pobre razão humana, sepultada em trevas profundas, marchando ás apalpadelas, sempre prompta a extraviar-se e a cair em abherrações lamentaveis. A fé não é por outra parte sómente o cajado, o cão fiel, o guia perspicaz, ou a esposa dedicada; é o anjo de luz que a defende de todos os perigos, a con-

duz ao termo da sua viagem, e a mette de posse da herança tão ardentemente desejada.

Separar o cego do seu apoio indispensavel, é tirar á alma o phanal da fé, entregal-a a seus proprios recursos, a suas trevas, a suas fraquezas, a suas paixões, a seus vicios, a todas as seducções que a rodeiam, e a impellem ao abysmo da incredulidade e da corrupção.

Tirar da escarcella do cego a moeda de prata que lá brilhava com seu doce espelhar, e substituil-a por uma de cobre, é substituir á fé a philosophia, outro cego que, longe de esclarecer, a offusca por instantes, mas para a mergulhar bem depressa em trevas mais profundas, e precipital-a nos desgarres que não teria sentido se tivesse caminhado só na vida.

Ah! por favor, deixai á alma o seu anjo da guarda, e de luz, a fé; não commettais esse abominavel furto ao cego; seria tremenda vossa responsabilidade.

Mas apenas desenvolvemos a primeira parte da definição de S. Paulo: a fé é o argumento do que não apparece. A segunda: *A fé é a substancia das cousas que podemos e devemos esperar*, é mais instructiva ainda; farnos-ha sentir quanto a adhesão de nossa alma á fé é razoavel, legitima e gloriosa.

Um homem que nada tivesse a desejar n'este mundo seria uma especie de phenomeno, ou de monstro. E' forçoso que se tenha cahido muito, estar fatalmente identificado com a materia, para nada se desejar atóra e para lá do bem estar illusorio e passageiro d'esta triste vida. A alma do homem, pelo contrario, sente uma sêde insaciavel de felicidade: o Sabio compara-o com razão ao *mar, no qual todos os rios se lançam, sem nunca o fazerem trasbordar; a um fogo devorante que nunca diz: basta.*

Ora essa felicidade completa e duravel, á qual aspiramos com toda a energia do nosso ser, experimentamos instinctivamente, aprehendemos todos os dias por

um doloroso desengano, que não é d'este mundo, onde o mal estar é a regra geral, e o bem estar a excepção; onde o bello é sem cessar velado e desmerecido pelo disforme, o bem pelo mal, o justo pelo injusto, a ordem pela desordem, a virtude pelo vicio...; onde tudo, n'uma palavra, é vaidade e afflicção de espirito. E' este o grito de dor e de verdade, que se escapa da alma desilludida do homem, que esteve, como nenhum outro, de posse de todos os meios de conseguir a felicidade, e que os poz por obra uns depois dos outros, com uma perseverança inaudita.

« Eu vi tudo o que está debaixo do sol... , avantejei-me em poder e sabedoria áquelles que existiram antes de mim; tudo estudei e tudo aprendi; refocillei minha alma nas delicias: entreguei-me a todos os prazeres; levantei monumentos grandiosos, edifiquei palacios esplendidos, plantei grandes vinhedos, jardins e vergeis de arvores e plantas de todas as especies; abri reservatorios para rega até das arvores novas das minhas florestas; possui grande multidão de servos e de servas, uma familia numerosa, grandes manadas de bois e de ovelhas; amontoei ouro sobre ouro, e prata sobre prata, fiz meus tributarios os reis e provincias inteiras; meus palacios pulsavam em ondas de harmonia; sobre minha meza um vinho delicioso enchia as amphoras e os copos; nenhuma das bellezas e dos esplendores que feriam meus olhos, lhes recusei, nem a meu coração as voluptuosidades que apeteceu... E quando entrei dentro de mim mesmo, deparei um vacuo espantoso, experimentei um amargo desgosto, tanto mais que nada é estavel sobre a terra.»

Salomão accrescenta n'outra parte, o que constitue para as almas rectas uma prova quasi superior ás forças humanas, a saber que n'este mundo, a desgraça é muitas vezes a partilha dos bons e a felicidade o apañagio dos maus.

Ouçamos este brado de angustia, soltado pela grande alma de David:

«Meus passos tem bamboleado, meus pés tem fugido debaixo de mim, quando foi testemunha da paz dos peccadores, e quasi reduzido a invejar-lhes a sorte. Parece que a morte não existe para elles, e que estão ao abrigo de todos os males da humanidade. Elles não tomam parte alguma nas fadigas dos outros homens, e os flagellos communs não os attingem. Sua iniquidade flue das banhas de sua gordura, e abandonam-se sem freio a todos os desejos do seu coração. Seus pensamentos e seus discursos não tem outro objecto senão o mal; e quando fallam parecem aliás uns oraculos. Sua bocca alteia-se á esphera dos céos, em quanto sua lingua devasta a terra. Meu povo indignado contempla-os e admira-se ao ver que seus dias são repletos de iniquidade. Escandalisa-sê e exclama: Ora Deus não o sabe, e a sciencia não é o seu apanagio! E eu tambem me sinto tentado a exclamar por minha vez: Se os peccadores e aquelles que devoram a iniquidade como agua, são cumulados de felicidade e de riquezas; de balde tenho preservado meu coração puro e minhas mãos innocentes; é em vão que tenho supportado com paciencia as provas que o desenrolar do dia trazia sobre mim, e os castigos que me assaltaram desde manhã.

Mas sustentar esta linguagem seria condemnar ao desespero e á reprovação a geração inteira de vossos escolhidos. Estava n'este ponto, esforçava-me em vão por sondar este mysterio escandaloso e revoltante da paz dos impios, quando enfim, entrando no sanctuario da minha fé, que é o sanctuario do meu Deus, vi desenrolar-se deante de meus olhos o quadro de seu ultimo fim... Esta prosperidade era um laço que vós lhes armaveis. No momento em que se julgavam mais fortes, vós os derribastes por terra. Em que espantosa desolação foram precipitados de repente! Sua impiedade os

matou; desvaneceram-se como um sonho, no momento de despertar sua imagem desapareceu por completo da cidade!...»

Oh! sim, sem fé, tudo n'este mundo é contradicção e desespero. Que os insensatos que assim o querem, se conduzam a este terrível desespero, debatam-se muito embora nas vagas desoladoras d'estas lamentáveis contradicções; quanto a mim, quero porque é uma necessidade imperiosa da minha natureza. esta fé abençoada, que volvida o telescópio de meu coração, como tem sido o de minha intelligencia, me mostra ao longe o bem e o bello ideal, o termo de meu exílio e de minha infelicidade, a ventura superior a todos os desejos de minha alma, dos sonhos de minha imaginação, das aspirações de meus sentidos, que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, que o coração não comprehendeu, mas que Deus reserva para aquelles que o amam. *A fé é a substancia dos bens que posso, que devo esperar!* Como deixaria de ser um sentimento razoavel, legitimo e glorioso?!

O que fica dito da verdade, devemos, dizel-o de felicidade. Só a fé nol-a dá porque só ella destroe em nós tudo o que se oppõe á felicidade, porque só ella faz saborear as consolações e as alegrias mensageiras da felicidade, porque só ella nos mantém na posse da verdadeira felicidade.

Quaes são os inimigos mais irreconciliaveis da felicidade do homem? as paixões e os vicios! O espirito de inquietação e o amor dos prazeres que abrem o vacuo no coração; o orgulho, o desejo de possuir, o crime, a colera, o odio, o despeito que azedam, os movimentos desregrados dos sentidos que levantam as grandes tempestades. Ora a fé, e só a fé, pode pôr um freio ás paixões, e defender o coração das vagas tumultuosas dos vicios. Seu jugo por outra parte é doce, e a carga que impõe leve.

D'onde se escapam estes grandes gritos de dor da

humanidade? Insensatos que nós eramos, enganámo-nos pois...? de que nos serviu nosso orgulho? Temos sido devorados por nossa propria malicia .. Collinas, cahi sobre nossas cabeças; montes, esmagai-nos...? — da bocca dos impios e dos peccadores que não tem querido ou que não praticaram a fé. Sua felicidade não foi realmente senão uma poeira levantada pelo vento, uma espuma leve arrebatada pela tempestade, um vapor que se esvaiu no ar.

De que boccas pelo contrario tem sahido os gritos de satisfação e de alegria d'almas felizes para lá do que podiam desejar? Eu superabundo de alegria no meio de minhas tribulações! Ou soffrer ou morrer! Ó boa e amada cruz d'ha tanto desejada! Eu vejo a Jesus de pé, e tendo na mão a corôa que vai cingir a fronte de seu servo...! Basta, meu Deus, basta...! — da bocca dos justos que viviam de fé, e que fruiam a paz de Deus infinitamente mais doce que todas as delicias dos sentidos.

O homem entregue a si mesmo, a sua razão, é fatalmente homicida e suicida! é demais o unico ser da criação que attenta contra seus dias. E' assombroso dizel-o mas é verdade! E o que é mais doloroso ainda de affirmar, é que esta sêde do suicidio vai crescendo com a civilisação! No estado selvagem o homem é homicida, anthropophago algumas vezes.

Mas ao menos não se mata; ao contrario d'isso, tem o instincto fundo, imperioso, da conservação. Apenas se põe em contacto com o homem civilisado, que lhe transmite suas paixões sem lhe communicar sua fé, o selvagem vê espertarem em si appetites desregrados, que em sua descuidosa ignorancia não suspeitava. Aproxima dos labios a taça dos licores fortes, e a intemperança causa em alguns annos o que a guerra encarniçada não teria causado, dizima essas populações outrora tão robustas e tão vivazes e impelle-as a passos acelerados

para o seu declinar. É assim que tem desaparecido por toda a parte as raças aborígenes do novo mundo encuraladas e embrutecidas pelos traficantes do antigo mundo.

Em lugar dos operarios diligentes e chatins do commercio e da industria, introduzi o apóstolo da fé, a velha sotaina preta, e a transição do estado selvagem ao estado de civilização será não já homicida, mas benéfica e profícua, vereis nascer as admiráveis missões do Paraguay.

Hoje na Europa, em França sobre tudo, onde a civilização está no seu apogeu, não se diz que a grande preocupação do homem é attentar contra a sua vida? Mata-se pela sede das grandezas, pelo afan dos negocios, pelos abalos da grande industria, pela frequência quasi habitual nas atmospheras empestadas dos theatros, dos cafés, das lojas de bebidas, pelo abuso do tabaco e dos licores alcoolicos, sobre tudo do absintho, pelas danças effrenes que se prolongam noite adiante, pela paixão dos cavallos e das corridas, pelas exaltações do jogo, pelos attentados directos contra seus dias, que se vão multiplicando em uma proporção alarmante, etc.

As doenças terríveis, quasi desconhecidas em outro tempo, que só a sua parte ceifam mais de metade das victimas da morte, a syphilis, a febre puerperal, a angina, a febre typhoide, a anemia, a chlorose, a phthisica pulmonar sobretudo, que me sinto tentado a denominar o sello da besta, não são os rudes fructos e ao mesmo tempo o terrível castigo de uma civilização sem fé?

E a loucura, endemica ou epidemica, por sua vez!

Cousa estranha! faz-se um crime á fé da prescripção da abstinencia e do jejum, que impõe com tanta sabedoria, com doçura, para defender seus filhos da invasão das paixões homicidas, e não se mette em conta, nem se imputam á incredulidade os mil germens, as

mil respostas de morte que faz rebentar por toda a parte debaixo de nossos passos.

El se a razão, deixada a sós com seus recursos, não explica essa horrivel mania do suicidio, grassando de preferencia entre as pessoas instruidas, a que attribuil-a?

A fé dá ao homem por origem e creador Deus, por primeiro pai Adão, sahido perfeito das mãos de Deus! E elle antes quiere nascer ao acaso por uma serie de transformações indefinidas, e ter por primeiro pai um simio!

A fé dá-lhe uma alma espiritual, capaz de comprehender e de amar; e elle faz esforços inauditos para não ser senão materia organisada!

A fé manda-lhe que levante os olhos para o ceo, onde o espera, se assim o quizer, uma felicidade eterna e infinita: e elle antes quiere fazer da terra sua unica patria, e chamar em altos brados pelo nada!

Estas preferencias inauditas, estas repulsões sacrilegas do que é verdadeiro, bello e bom, este odio concentrado da fé e dos bens que liberalisa, não tem evidentemente nada de humano! São sobrenaturaes; mas, de um sobrenaturalismo infernal, e bem cego seria aquelle, que não visse n'isso uma demonstração brilhante da divindade de nossa fé! O milagre do mal, como o milagre do bem, é um argumento invencivel de verdade. Ora o milagre do mal eil-o aqui: *Homo cum in honore esset nō intellexit, comparatus est jumentis insipientibus et similis factus est illis.*

O homem solevantado pela fé ao cumulo da honra, não comprehendeu; elle quiz abater-se ao nivel das bestas irracionaes, e se fez semelhante a ellas!

Vou terminar por um outro texto de S. Paulo, em que faz allusão á fé como ao telescopio de nossa intelligencia e de nosso coração (1.^a Ep. aos Cor. cap. XIII, v. 12).

«Por agora vemos no espelho da fé, e o que vemos

fica ainda no estado de dogma. Mas dia virá, em que havemos de ver face a face. Hoje conhecemos, mas só em parte; um dia conhecerei, como sou conhecido. N'este mundo ha para mim tres grandes cousas, a fé, a esperanza e a caridade. No ceo a maior d'estas tres cousas, a caridade, permanecerá eternamente, e com ella a felicidade sem nuvens, a paz eterna dos ceos».

Qual de nós, caros leitores, seria assaz inimigo de si mesmo para preferir á terra dos vivos pela fé a terra dos mortos sem a fé que Job em sua linguagem tão energica chama «terra de miseria e de trevas», sempre coberta pelas sombras da morte, onde não reina ordem, mas habita um horror sempiterno!

Oh! por certo, que nada ha mais excellente do que a fé, tão admiravelmente definida por S. Paulo, e tão exaltada por elle em sua sublime e eloquente epistola aos hebreus:

A fé nos tempos antigos: de Abel, Enoch, Noé, Abrahão, Isaac, Jacob, Joseph, Moysés, Josué, Gedeão, Baruch, Sansão, Jephthé, Samuel, David! A fé nos tempos novos: de João Baptista, de Pedro, Paulo, João Evangelista, Estevão.

A fé na edade media: de S. Jeronymo, de Santo Agostinho, Ambrosio, Gregório, Leão, João Chrysostomo, Basilio, Thomaz de Aquino, Anselmo, Bernardo, Carlos Magno, de S. Luiz!

A fé nos tempos modernos: de S. Francisco de Sales, de Francisco Xavier, Vicente de Paulo, Bossuet, Fenelon, Newton, Racine, Corneille, Kepler, Euler, Ampere, Cauchy, e de milhares d'outras illustrações litterarias, scientificas, philosophicas e theologicas. ¹

¹ Não fiquem implicitos n'esta commemoração geral os nomes dos grandes homens que me vão sahir ao correr da pena: Copernico, Gallileu, Cuvier, Linneu, Elias de Beaumont, Flourens, Dumas, Agassiz, Chevreul, Secchi, e o

A fé, pela qual tantos heroes da humanidade tem vencido o mundo, cerrado as fauces dos liões, detido a violencia do fogo, embotado o fio da espada, sarado males incuraveis, alcançado victorias, posto em fuga exercitos estrangeiros, resuscitado os mortos!

Tudo sacrificaram á resurreição promettida pela fé, soffreram todas as torturas, os açoites e os ultrages, foram apedrejados, serrados, decapitados, ou reduzidos a errar pelos desertos, elles, dos quaes o mundo não era digno, cobertos de pelles de ovelhas ou de cabras, indo para aqui e para ali, na indigencia, na afflicção, nas angustias; occultando-se nos valles ou nos montes, nos antros e nas cavernas.

Até aqui S. Paulo, quanto ao fundo. Acrescentemos com elle: « Nós pois vendo acima de nossas cabeças uma tão gloriosa pleiade de testemunhas; despojando-nos das miserias e dos peccados, corramos com paciencia e coragem para o alvo que nos é proposto; contemplando e adorando o auctor e consummador de nossa fé, o Senhor Jesus, assentado á direita do throno de Deus! »

Eis-nos pois chegado a esta conclusão capital: a fé é eminentemente razoavel e gloriosa, porque é o complemento divino da alma humana. Telescopio abençoado de sua intelligencia, revela a esta verdades que tem todo o interesse em conhecer, e que não pode descobrir por suas proprias luzes.

Telescopio não menos abençoado de seu coração, inicia-o nos bens que pode e deve esperar, unicos que poderão desalterar sua sêde devoradora de felicidade. A fé, além d'isso, não mostra só o verdadeiro e o bem,

grande geometra Leverrier, Ampère, Biot, Blainville, Recamier, Leibnitz, Descartes, Bossuet, Quatrefages, Pascal, o Dante, o Tasso, Milton, Klopstock, Camões, Lopo de Vega, Calderon, Petrarcha, Chateaubriand, Montesquieu, Cantú.

N. do T.

é o caminho que para lá conduz, é também a fonte necessaria e efficaz da felicidade, porque só ella destroe em nós o que se lhe oppõe; só ella faz gostar as conso- lações e alegrias, apanagio dos felizes; só ella nos man- tem na posse plena e inteira da felicidade. A fé n'uma palavra eleva, engrandece, ennobrece o homem; a sciencia incredula abate-o, avilta-o e degrada-o.

Mas talvez que as verdades da fé sejam contrarias ás verdades da sciencia, que a fé seja condemnada pela sciencia?

Esta duvida implica contradicção nos termos. A verdade é uma e não póde estar em opposição consigo mesma. Sendo portanto a revelação e a sciencia ambas a verdade, harmonisam-se necessariamente uma com a outra.

Vamos, com effeito, nos capitulos seguintes estabele- cer, da maneira a mais irrefutavel, o accordo perfeito da sciencia e da revelação. Promanando de Deus, longe de se combaterem, estas duas irmãs dão-se mutuamente as mãos para subirem ao céu, e fundirem-se na visão in- tuitiva da verdade, da bondade, da belleza infinita.

APPENDICE A

Os classicos pagãos e os Auctores christãos

Um dos capitulos mais importantes do meu primeiro volume é o que tem por titulo: *O espirito pagão considerado como uma das causas principaes da perda da fé*. Escrevi-o com tanta maior reflexão, quanto me vi obrigado a romper com tradições que eram para mim como uma segunda natureza. Durante a minha permanencia, direi longa permanencia na Companhia de Jesus, tomei o habito de reputar os classicos pagãos não só como indispensaveis nas aulas de humanidades, mas como devendo servir exclusivamente, ou quasi, ao ensino do grego e do latim.

E porque o não hei de confessar, se o faço com dor? fui eu mesmo quem organisou os estudos do collegio de Brugelette, e redigiu os programmas, entregues ao prélo, sem dar, como então ah! era isso moda logar algum aos auctores christãos. Os gritos de alarme do «verme roedor» acabaram por espertar em mim o espanto e a repulsão, que já se tinham manifestado na maioria dos meus collegas; de modo que, salvo algumas excepções antes apparentes, do que reaes, estou hoje ao lado de Mgr. Gaume, serei um de seus echos mais fieis, bem certo das opposições que hei de levan-

tar e da impopularidade que isto trará aos *Esplendores da Fé*. Mas a consciencia fallou, o meu dever era obter perar. Demais, em minha juventude fôra victima dos classicos pagãos, apesar de interpretados, depurados por mestres tão piedosos, como habeis. Vira nascer e eu mesmo não pude escapar-lhes, desordens que tanto lembravam o paganismo. Não pude occultar a meus caros companheiros na vida religiosa que debaixo d'este ponto de vista me separava d'elles.

Uma semelhante confidencia penalizou-os muito; fui convidado a moderar pelo menos a expressão veheamente que dava a minhas novas convicções; inspiravam-me receios sobre o pouco benevolo acolhimento, que essas convicções iam preparar a este meu trabalho; indicaram-me por fim a leitura attenta: 1.º da obra muito estimada do R. P.º Daniel, *Dos estudos classicos na sociedade christã*, in-8º, 445 paginas. Paris, Lennier, 1853; 2.º da carta de sua eminencia o cardeal Patrizzi a Mgr. o bispo de Tloa, administrador da diocese de Quebec... Obedeci, e n'este appendice consigno o resultado d'estes derradeiros estudos.

Declaro que não me auctorizam a modificar nem pouco nem muito minhas conclusões, pelo contrario cada vez mais as tem arraigado, e espero que hão de contribuir para conciliar ás iniciativas de Mgr. Gaume muitos d'aquelles que até hoje lhes tem feito uma opposição tenaz. Parece incrível de feito que os Jesuitas não dêem a sua adhesão a douctrinas que são por certo hoje as do soberano Pontifice e da maior parte dos bispos; não hesito em dizer até, que se o concilio do Vaticano se reunir um dia, para continuar suas sessões, como espero, ou antes, como é certo, elle declarará solemnmente: que é mister dar no ensino litterario aos auctores christãos um quinhão mais farto, do que até aqui; que devem entrar com os auctores pagãos no programma de cada uma das classes do curso inteiro de

instrucção e educação; e que além d'isso os auctores pagãos deverão ser muito mais e melhor expurgados do que o não tem sido nos ultimos seculos.

I. — Toca a vez ao livro do padre Daniel, escripto nas melhores intenções, com uma moderação aparentemente muito louvavel, mas que pecca pelo excesso de suas qualidades. Membro de um corpo docente, em que todos os professores sem excepção timbram de serem christãos, identifica-se muito com seu Instituto, e esquece que o numero, no seculo XIX sobre tudo, dos professores sem fé e sem principios é sobradamente grande! Se pudesse abstrahir do espirito de corpo, não ousaria dizer logo no começo, pag. 7: «A obra, seja qual fôr o seu auctor, heterodoxo ou catholico, não estende sua influencia para além das materias de que tracta, dos preceitos que enuncia. E' no que concerne á educação um agente secundario, por vezes indifferente e anodyno, um instrumento que obedece ás mãos do professor, agente principal.»

Ora isto é uma exaggeração palpavel, uma illusão que honra talvez aquelle que a partilha, mas tanto mais imperdoavel, que depois de ter limitado o campo que tenciona percorrer, os estudos classicos, o auctor acrescenta: «Humilde campo! mas que muito importa cultivar sollicitamente por causa das jovens plantas que n'elle crescem. Horacio disse, e mais de um concilio e de um Padre da Igreja o tem repetido: *Quo semel est imbuta recens servabit odorem testa dies*». Para que citar Horacio, um auctor pagão de tão má nota para a juventude? O Sabio por excellencia já tinha dito muito antes d'elle: *Adolescens, juxta viam suam etiam cum seuerit non recedet ab ea*; os concilios e os Padres são os echos não de Horacio, mas do Sabio.

O R. P.^o Daniel parte do IV seculo para só parar no XVII. Estabelece que entre estes dois termos, em que a

sociedade christã se desenvolve de maneira normal na plenitude de sua independencia «a Egreja sempre distinguuiu o que pertencera ao mundo grego e romano... Ella não reprovou este passado, permittiu, ordenou a seus filhos que manejassem esses instrumentos de fabrico estrangeiro, muito embora verminados da ferrugem do paganismo».

Estranha preocupação de espirito! Para confirmar a these que aceitamos, o P. Daniel cita estas palavras da Encyclica *Inter multiplices*, de Pio IX: *Adolescentes... ita diligenter imbuantur ut non solum germanam dicendi scribendique elegantiam et eloquentiam, tum ex sapientissimis sanctorum Patrum operibus, tum ex clarissimis ethnicis scriptoribus, ab omni labe purgatis, addiscere*; sem advertir que a encyclica concede uma larga parte aos auctores christãos, completamente proscriptos «dos programmas que vem de defender, e dos quaes diz que nada deve ser alterado».

Não pretendemos de modo algum negar a primeira conclusão do P. Daniel pag. 29. Os estudos litterarios no tempo dos Basílios e dos Gregorios de Nazianzo, tinham por base a antiguidade profana, quer antes, quer depois da lei tyrannica de Juliano.» Não faremos contra sua these uma das proprias confissões e remorsos que elle põe na bocca de muito grandes doctores. S. Gregorio de Nazianzo: «Pedis-me os meus livros, e volteis-vos creança a ponto de estudar essa rethorica que eu puz de lado depois que auxiliado da graça de Deus, voltei os olhos para o céu... Força foi que sacrificasse ao Verbo esses discursos, tudo o que possuia.» S. Basilio: «Depois de ter perdido muito tempo em occupaões frivolas, e despendido laboriosamente minha juventude para adquirir essa sciencia que aos olhos de Deus é loucura, afinal despertei como de um somno profundo.» Estes pezares ou estes remorsos, diz o P.^o Daniel, não obstaram a que S. Basilio escrevesse um opusculo, no

qual demonstra aos jovens que a leitura dos auctores profanos póde ser-lhes proveitosa, e lh'a ensina a ter.

A practica de S. Jeronymo e de S. Agostinho foi a de S. Basilio e de S. Gregorio de Nazianzo; serviram-se tambem dos auctores pagãos no ensino da juventude; abster-nos-hemos de tirar consequencia alguma restrictiva do celebre sonho de S. Jeronymo, que parece contrariar um pouco o padre Daniel, pag. 42: « Arrastado aos pés do Soberano Juiz, á primeira pergunta do interrogatorio respondeu: sou christão. — Mentos, redarguiu-lhe Jesus Christão, tu és ciceroniano, e não christão, porque onde está o teu thesouro, ahi está o teu coração. Depois do que, fustigado, não obteve o perdão, senão pela promessa solemne de não mais ler, nem guardar consigo auctor profano. S. Jeronymo não obstante pôde sem faltar a suas promessas explicar Cicero e Virgilio a seus educandos, que lhe confiavam, em seu retiro de Belem. Da mesma sorte S. Agostinho, embora censure em suas *Confissões* os grammaticos entusiastas que communicavam a seus discipulos a estranha embriaguez que elles proprios hauriam na leitura apaixonada de Virgilio, diz o padre Daniel, pag. 32, lia este poeta a seus educandos.

Admittimos pois a pag. 78, que « durante o iv, v e vi seculos, os classicos pagãos eram postos nas mãos dos jovens, desde o começo de sua educação litteraria, de seus estudos propriamente dictos, para formar cidadãos, inspirar a eloquencia, preparar interpretes da Escripura sancta, dotados de toda a erudição, de toda a penetração necessarias para este difficil labor. »

Sem duvida, Carlos Magno e Alcuino animavam com todo o seu poder e prestigio o estudo das letras, e em um espirito eminentemente christão: « Nós vos exhortamos, dizia Carlos Magno, em sua circular de 778, aos bispos e a outros prelados, exhortamos-vos, a não descurardes o estudo das letras, e applicardes-vos

quanto seja possível, em toda a mansidão, com intuitos que Deus não deixará de bem acolher, a penetrar mais facilmente e com maior segurança o sentido mysterioso das Escripturas. »

Tratava-se por consequencia de um ensino profundamente christão em seu fim, de que não eram excluidos os auctores pagãos, Virgilio, Ovidio, Lucano, mas onde entrava tambem S. Prospero, Sédulio, etc. Na revista dos auctores que lia de preferencia, o professor Theodulfo, pag. 99, põe no primeiro grupo os sanctos Padres, no segundo os poetas christãos; os poetas pagãos, Ovidio e Virgilio são reservados para os grammaticos. Os successores de Alcuino marcharam nas suas pégadas. Explicavam Virgilio, Terencio, Cicero sem omittir Prudencio, etc. Para chegar a um fim divino pedia-se emprestado aos pagãos o instrumento: *causam in divinis, instrumentum in gentibus*. Mas ao mesmo tempo Rabano Mauro declarava em que condições era permittida a licção dos auctores pagãos, pag. 130: « O Deuteronomio ordenava aos israelitas que quizessem desposar algumas de suas captivas, que lhe cortassem as unhas e os cabellos; a poesia pagã será tractada como esta forasteira; será despojada de tudo aquillo que ha n'ella de superfluo e de perigoso: tal é nossa norma de proceder. »

Nas universidades do XIII e do XIV seculo, os auctores pagãos ficavam na base do edificio da instrucção, mas emparceirados aos auctores christãos; a voz de Gerson fazia ouvir esta regra mui sabia: « Quanto aos auctores pagãos prestai-vos a essa leitura sem vos dar-des a ella; fazei por lá algumas fugitivas excursões, n'isso não vejo inconveniente. Um grande numero de pensamentos moraes, estylo, expressões cuidadas, um certo conhecimento da poesia e da historia, eis o que n'elles encontrareis. E mesmo é bom variar de leitura, e affrouxar o arco. Essas mesmas vantagens, é verdade, encon-

tram-se nos douctores da Egreja, na *cidade de Deus* de Santo Agostinho, em Orosio, em S. Jeronymo, em Lactancio, e poderieis, ao que parece, procural-as alli com tanto, senão com mais proveito.»

O P.^o Daniel convem sem difficuldade em que, no tempo da Renascença, o numero dos auctores pagãos admittidos no ensino classico augmenou nottavelmente, o que não impediu ainda assim que se abrisse porta mais franca aos auctores christãos, Prudencio, Juvenco, Sedulio, Arator, S. Gregorio de Nazianzo, S. Basilio, S. João Chrysostomo, cousa que os jesuitas não fazem no seculo XIX. Esta invasão do paganismo não ó assusta, diz até com muito sangue frio e ironia, pag. 187: «Parece-vos que as modificações operadas pela renascença no programma dos estudos da meia idade, sejam de natureza a abalar as crenças? E a impiedade moderna teria provindo d'ahi! E o socialismo e o communismo tambem! Será isso uma convicção justa, e conforme com a realidade? Quanto a mim teria difficuldade em a compartilhar. *Que uma montanha dê á luz um rato, vá sobre a fé do fabulista; mas nunca pensei que se pudessem inverter os papéis.*» Esta comparação é cruel! O espirito pagão da renascença não foi um rato, mas uma peçonha tão deleteria, que foi capaz de envenenar o mundo. O Evangelho não deveria pelo menos ter um quinhão egual nas reminiscencias do P.^o Daniel? Pois Jesus Christo lá diz que uma pequena parcella de fermento corrompe toda a massa. Sejamos ainda assim justos. O P.^o Daniel convem, pag. 201, «que no principio este rio da renascença, destinado a fecundar o campo do estudo (sic!) romperá os diques, e levantará aqui e alem um lodo immundo, cujo esguicho foi salpicar as escolas.»

Elle põe na bocca de Lucas Sylvio, ao deante papa com o nome de Pio II, mas para corroborar a sua these de que o protestantismo fez tudo e a renascença nada, estas palavras: «Que direito vos assiste de nos trazer-

des os vossos poetas da Italia, para virdes corromper pela delicadeza enervante da sua linguagem *os sanctos costumes da Germania?*

Eis-nos chegados ao concilio de Trento. Prescrevendo para os educandos o estudo da grammatica e das artes liberaes, mantem, é certo, o ensino classico e os auctores pagãos que se abstem de designar, no capitulo 1.º da quinta sessão: *De instituenda lectione sacrae Scripturae et liberalium artium*, titulo que por si só diz assaz qual a preeminencia a dar á litteratura christã.

O concilio porém torna a falar dos auctores pagãos na famosa setimã regra de seu *index*, pag. 238: « Os livros que *ex professo* tractam, referem, ou ensinam cousas lascivas ou obscenas, por isso mesmo que é preciso ter conta não só do deposito da fé, mas dos costumes faceis de se corromper pela licção de taes livros, ficam completamente prohibidos, e aquelles que os conservam sejam severamente punidos pelos bispos. Quanto aos livros antigos, escriptos pelos pagãos, são permittidos por causa da elegancia de linguagem e a belleza das expressões, mas sob a condição de não serem explicados aos jovens, consoante a interpretação do concilio de Milão.»

A ultima phrase d'esta regra embarça bastante o padre Daniel, põe tudo em obra para demonstrar que, n'esta segunda parte, como na primeira, se tracta de livros, que *ex professo* versam materias obscenas ou lascivas. Mas evidentemente uma tal interpretação é impossivel, porque os livros que tractam *ex professo* de cousas lascivas ou obscenas são prohibidos pelas regras do *Index*, inclusivamente aos proprios velhos. O unico sentido compativel com esta prohibição, é que se não deixem ler e explicar aos jovens os auctores pagãos, que sem tractarem *ex professo* de cousas lascivas ou obscenas, as contem no entanto. E' isso precisamente o que significa o decreto do concilio de Milão, citado pelo padre Daniel, pag. 244.

Em summa não pretendemos sustentar de modo algum que o concilio de Trento *proscreeva os classicos* pagãos, mas sim que exige que sejam expurgados de toda a phrase lasciva ou obscena, v. gr., do triste verso *Formosum pastor Corydon ardebat Alexim*, que se encontra ou que pelo menos se encontrava no Virgilio classico dos collegios dos jesuitas. Nada mais cathegorico, nada mais sabio a este respeito do que as duas lembradas regras de S. Ignacio, pag. 251: « Que se abstenham nas aulas de humanidades de explicar á juventude livros que encerrem cousas capazes de prejudicar os bons costumes. a não ser que se haja previamente expungido todo o pensamento, toda a palavra contraria á honestidade... Se algum auctor, Terencio, por exemplo, não é susceptivel de ser expurgado, renuncie-se até a pôr-lhe os olhos em cima, com medo de que em tal caso o proprio assumpto não venha a ser um escolho para as almas. » Eis ahi o verdadeiro sentido do concilio de Trento.

A allocução do R. P.^e Possevin aos habitantes de Lucques, pag. 258, embaraça ainda mais o padre Daniel!

Nós estamos do melhor animo para lhe aceitar as explicações. O R. P.^e combatia não o uso, mas o abuso dos auctores pagãos, e quer, pag. 26, que se observe o decreto do concilio de Latrão, relativo ao ensino da doutrina christã; quer que os fructos d'este ensino não sejam abafados pela leitura quotidiana de Terencio ou de qualquer outro livro, cheio de impiedades, pag. 250: « Seus confrades eram pagãos como elle; não proscreevem nem Cicero, nem Virgilio, *ainda assim não desprezam a occasião* (sic) de fazer admirar a seus alumnos a eloquencia dos sanctos Padres, e põe a poesia da Biblia acima da de Homero. » É certo, que estamos convencidos de que a maxima parte dos professores jesuitas eram fieis a esta regra de Jenseney, pag. 262: « que a interpretação dos escriptores seja tal, que apezar de pagãos

e de profanos, se tornem todos de alguma sorte arautos de Jesus Christo.» Mas ah! muitos professores não são jesuitas, não estão penetrados do bom espirito da Companhia, e portanto fica em toda a sua força esta exprobração, que Mgr. Gaume não dirigia por certo aos jesuitas: « Exaltar os pagãos e deprimir nossos pais na Fé, tal é, vai em tres seculos, a palavra de ordem na educação publica da Europa. » « Passemos alem, exclama o P.^o Daniel em sua indignação, e não tornemos a fallar nem do auctor, nem do livro, o *Verme roedor*, mas continuemos nossa visita ás escolas de S. Carlos Borromeu.» N'ellas notaremos que só se propunham para leitura os antigos modelos, entre os quaes deviam contar-se S. Basilio e S. João Chrysostomo.

Sim, é-nos grato confessal-o, os jesuitas eram professores, prosadores, poetas latinos e gregos elegantes e fecundos, mas permitta-se-nos accrescentar que essa superioridade era devida não só ao tracto com os classicos pagãos, mas á necessidade, em que os punham os estudos subseqüentes de se familiarisarem com a lingua unica que pode traduzir as ideias modernas da Egreja e da sociedade. Continuamos a crer e a dizer que por toda a parte, onde os auctores pagãos partilharam exclusivamente o ensino classico, o latim e o grego hão de ser forçosamente linguas mortas.

O P.^o Daniel confessa-o implicitamente, quando exclama a pag. 304: « É mister começar restituindo ao latim todo o terreno que tem perdido desde as seculos xvi e xvii, i é, desde a Renascença. O latim era a lingua do clero, da magistratura, e por vezes tambem dos principes e dos guerreiros, » graças á lithurgia romana, cuja influencia tem sido incomparavelmente maior do que a de Cicero e de Virgilio.

Eis-nos chegado ao capitulo mais interessante do P.^o Daniél, o capitulo decimo e ultimo: Resta alguma cousa a fazer.

Fique advertido, desde já, o P.^o Daniel não tira uma conclusão; estabelece uma objecção, objecção, a que responde, reparo que elle evita, pag. 345: « Esta concessão, a que nos convidam, não deixa de ter seus inconvenientes, pois assentamos a famosa theoria de Sieyès: Que pede o terceiro estado? Vir a ser alguma cousa? Ora vós não ignorais o que era aquelle alguma cousa de Sieyès; pois o alguma cousa de nossos contendores poderia tambem occultar intenções revolucionarias. Os classicos christãos não eram nada, e deveriam ser tudo, não será esta sua these?» Pag. 346: Nós devemos conservar o ensino dos classicos... São elles sem contestação os que melhor fallaram o grego e o latim.» Ha uma idade para as linguas, como para os homens; elevam-se da infancia á virilidade, para decahirem na velhice e decrepitude. « O latim classico é o latim em sua pureza primitiva.» Ater-se ao escrupulo da idade e da pureza do estylo é sustentar-se sobre a ponta de uma agulha, e sacrificar o principal pelo accessorio! A questão felizmente vai seguindo seu caminho; a grande maioria das auctoridades competentes e dos vigias do campo está convencida de que ha muito a fazer; não ha remedio para o auctor e seus confrades senão deixarem-se arrastar da torrente: é o que resaltarão do que nos resta a dizer.

O P.^o Daniel cita frequentemente o pequeno volume *do Christianismo e do paganismo no ensino* do P.^o Valroger, escripto com equal escopo, ou quasi; tambem o li, para que se não dissesse que não tinha estudado bastante esta grave questão, mas não encontrei nada que me fizesse mudar de opinião, ou alterasse minhas convicções; pude até mesmo ver que o sabio religioso está bem longe de provar o que quer. Eis em realidade a que se reduzem os seus argumentos, pag. 19: « É aos pagãos vivos e não ao texto morto dos livros gregos e latinos, que devem attribuir-se as tendencias

pagãos de nossa juventude letrada... Os livros só occupam a segunda ordem, e os classicos antigos são de todos os que tem menos importancia . . . » Pag. 20: «Pode-se ser pagão, racionalista ou sceptico, zombando da mythologia pagã . . . Para admirar a poesia biblica, a eloquencia dos Padres . . . não é necessario crer em Deus». Pag. 81: «Vai em tres seculos, pelo menos, que os grandes escriptores da antiguidade pagã tem sido empregados quasi exclusivamente para o ensino do grego e do latim, em nossas escolas as mais christãs. . . Nada obriga a crer que o methodo seguido seja o melhor, *para todos os casos e para todos os tempos*, mas seria temerario e injusto censural-o de *essencialmente* funesto e pagão...» Pag. 87: O texto morto dos livros gregos e latinos é quasi nada; os professores e os condiscipulos são quasi tuão». Pag. 93: «Ainda que se empreguem no ensino do grego e do latim unicamente os classicos pagãos, nem por isso deixa de haver numerosos meios de iniciar os jovens no conhecimento das obras primas litterarias inspiradas pelo christianismo. . . » Pag. 108: «Com livros exclusivamente christãos, a educação e o ensino classico poderiam revestir um caracter *profundamente pagão*. Para isso bastaria que os professores, encarregados de explicar os classicos christãos, se mostrassem habitualmente pagãos na linguagem ou sómente na conducta.. Pode-se ser pagão zombando da idolatria grega e romana». Pag. 155: «Não seria sem uma viva inquietação que presenceariamos ou teriamos conhecimento de que a explicação de nossos livros sagrados e de nossos sagrados doctores se tornava em nossas escolas o primeiro e principal orgão para aprender o latim e o grego... Não ha idade mais zombeteadora do que a puericia, nenhuma sabe resistir menos á tentação da gargalhada». Pag. 162: «O latim christão não é essencialmente nem christão, nem pagão, e ensinal-o aos jovens, não será nunca, digam o que quizerem, ensinar-lhes o bem

viver e o bem pensar». Pag. 170, aqui alludindo em uma nota ao uso estabelecido em alguns collegios da universidade de fazerem decorar alguns versiculos da vulgata o P.^e Valroger acrescenta: «A religião não perdeu, ao que me parece, com a suppressão d'este uso que provocava mais blasphemias, do que piedosas reflexões». É ir bem longe, mas é ainda mais, gravar em lapide bem funda a gravidade do mal, causado pelo ensino pagão. Pag. 181: «A gloria da Egreja não está em tornar inuteis as obras primas do genio antigo, mas em nos ensinar a bem usar d'ellas, e em dar-lhes, purificando-as e completando-as, uma fecundidade que não tinham. O conselho não pode evidentemente applicar-se ás classes superiores, ou aos estudos que se seguem ao ensino classico. Pag. 185: «Uma só pagina dos classicos christãos piedosamente meditada em uma versão franceza, terá para os jovens mais utilidade, do que vinte paginas de texto latino ou grego mazorralmente traduzidas á guisa de exercicio grammatical ou de estudos poeticos e oratorios». Pag. 189: «O estudo dos escriptores gregos e latinos, inspirados pelo christianismo, merece occupar um logar de honra em todos os graus do ensino litterario... Nós porem desejamos que nunca se faça d'elle um orgão habitual e commum de ensinar aos jovens o grego e o latim». Pag. 203: Empregar os nossos livros sanctos como um meio habitual e geral de ensino do grego e do latim seria a meu ver uma imprudencia e uma profanação O R. P.^e Valroger resume-se a si proprio n'estes termos, pag. 168: «Se eu tivesse a honra de dirigir os estudos de um pequeno seminario: 1.^o Manteria em todas as classes os grandes escriptores pagãos, e disporia que os penosos exercicios de traducção, necessarios para bem aprender o grego ou o latim, continuassem a fazer-se exclusivamente sobre estes auctores. 2.^o Escolheria nos novos classicos de M. Gaume, o que encerram de mais bello e de mais util

quanto ao fundo... de mais correcto e de mais elegante quanto á forma... Empregaria estes excerpts escolhidos, não para o ensino grammatical das linguas antigas, mas para a instrucção religiosa e alta educação litteraria».

Em resumo para o R. P.^e Valroger e para o R. P.^e Daniel nada ha absolutamente a fazer. Pois acabada uma analyse séria e fiel a seu livro, fiquei completamente convencido de que realmente não oppõe a M. Gaume argumentos solidos e irrefragaveis. Direi até com bastante sentimento, que me parece não ter entrado no fundo da questão, ou que a não comprehendeu. Desde que, pag. 213, concorda com M. Foisset em que «a Universidade, onde os classicos pagãos ruiram sem partilha, se desapparece o latim ha uma viintena de annos,» como todos os homens competentes confessam, e como provámos á saciedade, não ha inconveniente algum, e até haveria vantagem em mudar de methodo. Não hesito pois em concluir, que nas classes inferiores convem abandonar o emprego exclusivo dos classicos pagãos, para dar logar á leitura dos classicos christãos, que por isso mesmo que as ideias que desenvolvem são mais familiares aos alumnos, e que a lingua em que estas ideias estão expressas é a dos livros lithurgicos postos desde a puericia em suas mãos, são mais naturalmente chamados a tornarem-se o texto das explicações e das traducções de cada dia, e hão de facilitar em proporção enorme o ensino das linguas grega e latina.

Não se tractará então de desenvolver ou mesmo de espertar o gosto litterario; tractar-se-ha unicamente de se familiarisar com duas linguas que teriam quasi o direito de serem contadas em o numero das linguas vivas. Quando se estiver bastantemente senhor do grego e do latim para comprehender quasi da primeira leitura as obras primas da antiguidade pagã, sua explicação já agora sem perigos produzirá fructos de cul-

tura de espirito e de gosto que se está no direito de esperar. A instrucção e a educação completar-se-hiam, ou terminariam com a leitura racionada dos grandes classicos francezes, litteratura, philosophia, historia etc. Seria então tudo conciliado, a ordem restabelecida, e o christianismo escaparia a esta vergonha de ver, vai em dezoito seculos, o ensino de suas escolas exclusivamente ou pelo menos maioralmente pagão.

II. — Consulta de Mgr. Baillargeon, Bispo de Tloa; administrador da diocese de Quebec, 14 de março de 1867.

«Perguntei á Congregação da Inquisição e do Santo Officio, se o uso quasi exclusivo dos auctores pagãos, tal como se practica nas Instituições de Roma, na maior parte dos seminarios e dos collegios do mundo catholico, e particularmente, em nosso seminario diocesano, cujo programma de estudos enviava ao mesmo tempo, se este uso, digo, não é tolerado pela Egreja, se o supporta pela razão unica de o não poder fazer desaparecer; se nos concilios de Latrão e de Trento, na Encyclica *Inter multiplices*, e outros documentos authenticos, a Egreja tem querido que os escriptos dos sanctos Padres tivessem mais larga parte nos estudos classicos, e se, de um modo particular, se deve entender a segunda parte da setima regra do *Index* no sentido de que prohibe aos jovens a leitura dos auctores pagãos, se o estudo dos classicos pagãos, tal como se practica em nossos collegios é de molde a inculcar o paganismo no espirito da mocidade, a pôr em perigo sua fé e seus costumes, a gerar scepticos e incredulos; e se finalmente esse estudo é de facto uma das causas dos males que ameaçam hoje a sociedade, como se tem pretendido, de sorte que um dos meios de salvação para a sociedade christã estaria em interromper o ensino dos auctores pagãos, pelo menos nos primeiros annos de ensino preparatorio.»

Resposta do Cardeal Patrizzi — Pela vossa carta o anno proximo passado, os Eminentissimos Cardeaes, que fazem parte commigo da sancta Inquisição, souberam com grande dôr que em vossa diocese, tem surgido graves discussões, sobretudo entre os ecclesiasticos, e que ainda hoje continuam a produzir agitação, porque no ensino das lettras humanas, tanto em vosso seminario diocesano, como nos outros collegios, onde estudam os jovens, e que estão sujeitos a vossa superintendencia e auctoridade, se explicam os auctores pagãos, embora expurgados. Não ha por certo para esses ecclesiasticos motivo de pensarem que devem pôr-se de parte no ensino litterario esses livros, e de se mostrarem tão grandemente alarmados e tão inquietos. A cousa foi examinada, e recebeu já a sancção que dá um uso constante e antigo: *os candidatos ao sacerdotio podem sem perigo algum aprender muito bem a arte de fallar e de escrever correctamente com elegancia, tanto nas obras eminentemente sabias dos sanctos Padres, como nos mais celebres auctores pagãos, purificados de todo o vicio.* Isto sim que é não só tolerado pela Igreja, mas de todo em todo permittido, como o nosso sanctissimo Padre o papa Pio ix o declarou abertamente em sua carta encyclica aos Bispos de França, em data de 31 de março de 1854. Portanto, attendendo a que os livros pagãos, quer gregos ou latinos de que se faz uso no seminario e seus collegios supramencionados, não são d'aquelles que tractam de cousas lascivas e obscenas, que as referem ou ensinam, e que demais a mais tem sido já expurgados com o maior cuidado possivel, como vós nos dais d'isso a mais alta garantia, não ha certamente cousa que censurar se possa razoavelmente no emprego de taes livros».

Note-se: 1.º que o eminente cardeal não responde á questão principal:

« Se o uso quasi exclusivo dos auctores pagãos tal,

como se practica nos grandes Institutos de Roma, na maior parte dos seminarios e collegios do mundo catholico é tolerado pela Egreja, e se ella o supporta pela impossibilidade, em que está de o fazer desaparecer: o cardeal responde sómente que o uso dos classicos pagãos perfeitamente expurgados é permittido. Mas os classicos do seminario e dos collegios do Canadá são os da casa Hachette; ora nenhum d'esses classicos, nem Virgilio, nem Horacio, nem Cicero, nem Sallustio, nem Phedro, nem Cornelio Nepos etc., estão perfeitamente expurgados!

2.º O cardeal Patrizzi colloca as obras eminentemente sabias dos sanctos Padres primeiro do que os auctores pagãos os mais afamados, e declara como um resultado sancionado por um uso antigo e constante, que os candidatos á cleresia podem sem perigo algum aprender em uns e outros a arte de escrever elegantemente.

3.º Os estabelecimentos de instrucção e de educação, nos quaes, como declarava Mgr. o Bispo de Tloa do seminario e dos collegios do Canadá, se faria emprego quasi exclusivo dos auctores pagãos, são evidentemente menos conformes á lettra e ao espirito da resposta do cardeal Patrizzi, que colloca os auctores christãos em primeira linha, de modo que se fosse verdade que uma tal decisão era definitiva, e que se lhe podia aplicar o grande proloquio — *Roma locuta est, causa finita est*, a causa seria decidida a favor d'aquelles, que como nós e Mgr. Gaume se limitam a pedir:

1.º a expurgação mais cuidada e até perfeita, se tanto for possivel, dos auctores pagãos; 2.º a entrada mais larga para os auctores christãos; 3.º o ensino christão dos proprios auctores pagãos, se não ha contradicção nos termos. E dizemos, se tal cousa é exequivel, se não ha contradicção nos termos, porque os auctores

pagãos são essencialmente impuros, ou ao menos essencialmente pagãos e essencialmente republicanos.

Um auctor, que não pode ser averbado de suspeito, Mercier, auctor do *Quadro de Paris* de quem se diz que pensava na rua, e que escrevia sobre um marco, não duvidou dizer em uma hora de bom senso, *Quadro de Paris*, liv, I c. LXXXI: Não soffre duvida que do estudo da lingua latina se contrahe um certo gosto pelas anti-gas republicas, e que se desejaria poder resuscitar isso, cuja grande e vasta historia se lê. E' certo egualmente, que ouvindo falar do senado, da liberdade, da magestade do povo romano, de suas victorias, da morte justa de Cezar, do punhal de Catão que não pôde sobreviver á destruição das leis, se sente pena de sahir de Roma, e de por força da realidade se tornar a encontrar burguez da rua de Noyers. E' no entanto em uma monarchia que se entretem perpetuamente os jovens com estas ideias estranhas, que devem esquecer bem depressa para sua segurança, seu futuro e sua felicidade; e é um rei absoluto que estipendia professores para nos explicarem gravemente todas suas eloquentes objurgatorias desfechadas contra o poder dos reis; de sorte que um alumno da antiga universidade de Paris, quando se encontra em Versailles, e que tem um pouco de bom senso, pensa, mau grado seu, ver Tarquinio ou um Bruto, em todos esses altivos adversarios da realeza.

Então sua pobre cabeça não sabe já onde está; é um idiota, ou um escravo de ventre que o é tambem; preciso se lhe torna o tempo para se familiarisar com um paiz, que não tem nem tribunos, nem decemviros, nem senadores, nem consules. »

III — Discurso de Mgr. Freppel, bispo de Angers, sobre a urgencia da reforma dos estudos e a necessidade do emprego dos auctores christãos no ensino classico, pronunciado a 13 de julho de 1874, na distribui-

ção dos premios do pequeno Seminario de Beaupreau (Extracto.) — « Admitto sem difficuldade que a maior parte de nossa infancia se passa a desembrulhar o chaos da mythologia grega, por singularissima que possa parecer uma tal importancia dada ás aventuras dos deuses do Olympo. Mas não será estranho que a juventude christã saia de nossas escolas, ignorando quasi de todo a Escriptura sancta, a historia da Egreja, as obras dos Padres, toda essa grande litteratura com o que encerra em luzes e superioridade moral?! Eu não me opponho por completo, se assim o querem, a que nos façam admirar os dois Brutos, Harmodio e Aristogiton, e outros personagens semelhantês da antiguidade grega e latina, bem que a ordem publica não deixe de recommendar suas reticencias; mas os apóstolos, esses missionarios intrepididos do mundo; mas os martyres, esses heroicos campeadores da liberdade das almas; mas os Padres da Egreja, esses nobres representantes da sciencia e da sanctidade reunidas, não serão figuras dignas de serem expostas aos olhares da juventude, como os typos os mais puros e os mais elevados da abnegação, da força de character, e da magnanimidade?

Ha em o nosso systema de educação moderna, pelo menos, uma lacuna grave que todo o espirito sério é forçado a reconhecer. Porque em summa, nem os nossos habitos, nem nossas crenças, nem as condições de nosso estado domestico, civil ou social, nos põem em communicação de ideias com os gregos e os romanos. Se nossa lingua lembra a sua por bastantes motivos (e eu sou o primeiro a reconhecê-lo) nossa civilização, filha do christianismo, é totalmente diversa: E onde é que esta civilização toma suas raizes? No Evangelho explicado e commentado pelos Padres... É de facto em seus escriptos que é mister ir beber como a uma fonte sempre pura e fecunda, as ideias de direito, de justiça, de responsabilidade pessoal; os sentimentos de mutua

estima, de fraternidade, de pureza, de delicadeza moral, que tem constituido a familia, o estado e a sociedade moderna. Desprezar estas altas fontes de ensino, em quanto que não fica omissa nenhuma das ribalderias de Jupiter ou de Apollo, são exaggerações que se não sustentam perante um exame sério e despreoccupado das cousas.

... Os auctores christãos, dizem, não tem a elegancia e a correccão dos escriptores do paganismo; vivendo em uma epocha de decadencia litteraria, trasferiram para seus escriptos essa alteração de gosto e da lingua. A resposta não é difficil, deixai-lhes os defeitos para lhes tomardes as qualidades; e demais, não exaggeremos essa inferioridade relativa. Um sabio que chegasse a escrever o grego como S. Basilio ou Chrysostomo, seria incontestavelmente o primeiro hellenista da epocha; e os litteratos de todas as universidades do mundo empallideceriam na presença d'aquelle que tivesse aprendido a manejar a lingua latina tão bem como Lactancio e S. Jeronymo... Convenhamos pois que não damos á litteratura ecclesiastica o quinhão que lhe é devido na educação da juventude. Ali fica assumpto para melhoramentos sérios, porque a questão tão importante da repartição dos auctores christãos ou dos pagãos no ensino classico merece que a ella attenda todo aquelle que se interessa, eu não direi sómente na religião e na moral, mas nos progressos da philologia e das bellas lettras.

O conselho superior de Instrucção publica não hesitou em entrar n'esta via. Já no anno proximo passado os Padres da Egreja tomavam logar, pela primeira vez, no programma de licenciado em lettras. A partir d'então o estudo dos Padres gregos na terceira, e dos Padres latinos na segunda, tornar-se-ha obrigatorio para todos os estabelecimentos de instrucção publica. Quanto é com verdadeiro alvoroço que daremos á litte-

ratura christã um quinhão ainda mais farto, do que até aqui».

IV. — *Breve de Sua Santidade Pio IX a Mgr. Gaume, de 19 d'abril de 1874.* «Charo filho . . . que as criticas malevolentas e a opposição de alguns te não incommodem visto, como tu o declaraste, o unico alvo de teus escriptos na questão dos estudos ter sido defender as regras que sabias terem sido por nós approvadas, a saber: promover que a juventude estudasse as obras classicas dos auctores pagãos, depois de expurgados de todo o vicio, e os mais bellos escriptos dos auctores christãos. Eis porque julgamos a proposito que desterres toda a anciedade, e ainda mais que socegues em perfeita tranquillidade. . . Sê pois cheio de coragem e de ardor» . . .

Disse-se d'este breve, que no fundo o sancto Padre se limitava a recordar a solução, por todos recebida, da encyclica *Inter multiplices*, dirigida aos bispos de França em 1853. Mas evidentemente seu alcance é muito maior.

1.º O sancto Padre quiere largo quinhão para os auctores christãos no districto do ensino classico; ora nós sabemos que até hoje ainda não teve toda a efficacia esta injunção; que em estabelecimentos celebres que occupam um logar proeminente entre os seus congeneres nem um só dos Padres latinos figura nos programmas, e que os Padres gregos apenas estão representados por um ou dois discursos de S. João Chrysostomo. Será esta a partilha equalitaria, que suppunha a encyclica *Inter multiplices*, a qual como o breve punha os auctores christãos na primeira linha? 2.º O sancto Padre quer a expurgação absoluta, *sine labe*, dos auctores pagãos; ora esta expurgação está longe de sua effectivação nos estabelecimentos, de que acabamos de falar; Virgilio, o casto Virgilio, de quem proprio Ovidio não duvidava dizer que era um dos mais perigosos es-

criptores pagãos, lá anda todo inteiro nas mãos dos alumnos, sem que lhe hajam expungido o muito triste verso da sexta egloga, *Formosum pastor Corydon ardebat Alexim*. Não ; das tres exigencias do ensino christão : dar um quinhão sufficientemente amplo aos auctores christãos, expurgar completamente os auctores pagãos, ensinar christãmente estes auctores, uma só, a ultima é quasi observada n'esses estabelecimentos celebres. Digo quasi, porque o commentario a Virgilio, especialmente editado para uso d'esses estabelecimentos, ainda deixa margem a fabulas muito pouco edificantes, a fabula de Pasiphaé, por exemplo, na sexta egloga.

Se é verdade que Pio ix e o episcopado francez nunca pensaram em esbulhar as obras primas pagãs da cathegoria que a experiencia dos seculos e a propria Igreja lhês tem concedido (*Estudos religiosos*, numero de junho de 1874) tambem é verdade que os mais ardeñtes defensores da reforma nunca pediram a exclusão dos auctores pagãos; sempre se mostraram contentes da partilha intelligente que a encyclica *Inter multiplices*, a carta do cardeal Patrizzi ao arcebispo do Quebec, e o breve dirigido a Mgr. Gaume suppõem, e que ainda, diga-se o que se disser, ganha a adhesão franca de todos os catholicos.

O breve, dirigido a Mgr. Gaume, foi muito melhor comprehendido por um grande numero de bispos estrangeiros e francezes: vamos citar alguns d'estes gloriosos encitamentos: *Mgr. Philippe*, bispo d'Aquila, 25 de maio de 1874. «Depois do testemunho authenticico que vos deu o Pastor supremo do rebanho de Jesus Christo, podeis estar tranquillo. Podeis demais a mais estar certo, como vol-o assegura o sancto Padre, de que sustentando vossa grande these, tendes sempre seguido as regras estabelecidas por sua suprema auctoridade... Poderia dizer-vos que por este breve solemne do Vigario de Jesus Christo, são reduzidas a nada todas as

objecções formuladas contra o vosso plano de instrução.

Em minha humilde opinião, este breve é uma doce e paternal mora concedida ás casas christãs de educação, que até hoje ainda se não conformaram com as prescripções do chefe da Egreja, e as tem posto de lado. . .

Prouvera a Deus que, sem demora, por toda a parte e á lettra houvessem sido postos em practica os convites e as prescripções do mestre e douctor universal, introduzindo no ensino da juventude o elemento litterario christão, em toda a latitude que lhe convem. Quem sabe quantos mancebos que agora, como até aqui, dão em todas as audaciosas e rematadas loucuras da Revolução, teriam sido os sustentaculos de nossa pobre Italia! . . . »

Mgr. d'Avanzo, bispo de Calvi e de Teano. » Este breve é naturalmente precioso quanto á questão do ensino classico. . . E' hoje fóra de duvida, que na intenção do augusto Pontifice, os auctores christãos devem ser estudados com os auctores pagãos, purgados de toda a ferrugem. Recebei minhas congratulações por um tão grande aceiteamento, que parte do alto. »

Mgr. de Ladoue, bispo de Nevers, 26 de novembro de 1875. No tempo da Renascença, no xvi seculo, a Europa soffreu uma invasão mais temivel ainda, do que a invasão musulmana. A cimitarra dos turcos abatia apenas os corpos, a revolução pagã tendia a preverter as almas. A partir d'esta epocha, de feito, os esforços da nova escola pareceram ter um unico alvo — depreciar as obras da civilização christã, exaltando as da pretendida civilização pagã. . . Vós emprehendestes, charo e venerado senhor, rehabilitar o latim christão, a litteratura christã, a poesia da Egreja. . . Fostes accusado de inno-

vador, quasi de revolucionario! Já porém recebestes um precioso estímulo pela publicação da encyclica *Inter multiplices*. . . Acabais de receber um novo inteiramente pessoal, o ultimo, tão explicito quanto o poderieis desejar. . . Pio IX, no breve que acaba de vos dirigir, sanciona com toda a sua auctoridade pontifical a linha de conducta que traçastes. Depois d'esta solemne manifestação, a causa do ensino christão, intimamente vinculada com a da regeneração social, está ganha, pode-se dizer: *Roma locuta, causa finita est*; o que eu posso assegurar-vos é que ella acabou na diocese de Nevers. »

Invoquei em conversa com um de meus confrades que é um benemerito da juventude christã por seu zelo e sabia direcção, mas de sobejo aferrado ás tradições de sua escola, e a quem o só titulo de *Verme roedor* faz estremecer de piedosa colera, a auctoridade do breve de Pio IX, dirigido a Mgr. Gaume. Ficou quasi indignado da citação. « Que! replicou-me um sabio, como vós, ousa abroquelar-se com um breve da chancellaria romana! » Sim! tenho esse fraco de me abrigar á sombra dos breves dos soberanos pontifices, que muito embora não sejam juizos dogmaticos, são sempre a expressão da verdade, e nunca foram contradictorios.

As *Explicações das Maximas dos Santos* foram condemnadas por um simples breve de 12 de março de 1699. « Depois de ter ouvido, dizia Innocencio XII, os pareceres de muitos cardeaes e douctores em theologia, condemnamos e reprovamos de motu proprio o livro *Explicações das Maximas dos Santos*, em qualquer lingua e versão, que possam estar. Pela leitura e uso d'este livro os fieis poderiam ser insensivelmente induzidos em erros já condemnados pela Egreja. » Ora com data de 9 d'abril, Fenelon, em um mandamento ao clero regular e secular de sua diocese, exclamava: Enfim o nosso santo Padre o papa condemnou o livro: *Explicações das*

Maximas dos Sanctos com vinte e tres proposições d'elle extrahidas... Nós adherimos a este breve... simplesmente, absolutamente e sem sombra de restricção. Prohibimos a todos os fieis da diocese que leiam e guardem este livro.»

Meu piedoso e eminente confrade não terá depois de um tão bello exemplo a coragem de me inculpar por me pôr ao abrigo do novo breve de Pio IX, mais expressivo e mais explicito, que deve enfim desarmar aquelles, que com elle e como elle, tem avançado: «A introdução dos classicos christãos nas escolas seria o signal da decadencia da bella litteratura, e o regresso á barbarie; que a questão dos classicos christãos passara em julgado, e que era tempo perdido tornar a movel-a».

Breve de Sua Sanctidade Pio IX a Mgr. o bispo de Calvi e de Teano ¹ Mgr. d'Avanzo, cujo parabem ha pouco deixámos consignado, por occasião de uma carta dirigida aos professores do seu seminario de Calvi, sobre o ensino dos auctores pagãos (perfeitamente expurgados) e dos auctores christãos em todas as classes recebeu de Sua Sanctidade a carta seguinte:

«Roma juncto a S. Pedro, 1 d'abril de 1875, vigesimo nono anno de nosso pontificado. Foi-nos gratissima a sabia epistola que escreveste a proposito do ensino mixto da lingua latina, porque n'ella se vinga victoriosamente a honra da latinidade christã, que muitos tem incriminado ser uma corrupção da antiga lingua, em quanto que é evidente que a lingua, i é, a expressão do espirito, dos costumes publicos, teve de forçosamente

¹ Annuncia-se de Roma que no proximo consistorio, os senhores Bispos d'Aquila e de Calvi vão ser promovidos ao cardinalato: que triumpho para a causa de Mgr. Gaume!

revestir uma forma nova depois da introdução da lei do Christo. Esta lei com effeito, que tinha levantado a sociedade humana e a reconstituira pelas cousas espirituaes, exigia por isso mesmo uma lingua de um character novo, differente d'aquelle que a indole de uma sociedade carnal, essencialmente devotada ao prazer tinha por tão longo tempo mantido. Esta observação resalta brilhantemente dos monumentos que intelligentemente citaste, forrageando pelos differentes seculos da Igreja, monumentos que dão a explicação da genese da nova forma, seus progressos e sua superioridade, mostrando que a Igreja sustentou sempre o uso de iniciar a juventude no conhecimento da lingua latina pela leitura combinada dos auctores sagrados e dos auctores classicos. Pelos raios de luz mais abundantes que fizestes incidir sobre a questão aliás já decidida, este escripto persuadirá mais efficazmente os instituidores da juventude a que ponham nas mãos de seus alumnos obras d'estas duas cathogorias de escriptores. Nós desejamos ardentemente que este successo coroe vossa obra.» E' portanto verdade que a tradição da Igreja tem sido iniciar a juventude no conhecimento da lingua latina pela accorde leitura dos auctores sagrados e dos auctores classicos.

Não o é menos que a lingua latina teve de revestir uma nova forma; que esta forma não cede á outra, antes lhe é superior; que o latim classico seria impotente para exprimir o espirito, os costumes das sociedades christãs; que é debaixo de mais de um ponto de vista, uma lingua morta. Pois tal tem sido a gloriosa these que defendemos e a respeito da qual estamos seguros de não havermos cahido em exaggeração.

Vou terminar por uma peça que me parece apropriada a dar abalo nas convicções as mais robustas dos partidarios dos classicos pagãos.

Da funesta influencia dos escriptos de Homero sobre o espirito dos jovens, segundo Platão, dialogo extrahido do livro segundo da Republica.

« Platão: — Ignoras tu que em todas as cousas a grande preocupação é o começo, sobretudo a respeito de seres jovens e tenros; porque é então que se moldam e recebem os traços que se lhes quer dar. — *Adimanto*: — Tens razão — N'esse caso consentiremos que as creanças ouçam toda a casta de *fabulas imaginadas* por um sujeito qualquer, e que o espirito se sature de opiniões as mais das vezes contrarias áquellas, de que reconhecemos terem necessidade na idade madura? — Não-nunca. — É preciso pois occuparmo-nos desde já d'aquelles que compõem *as fabulas*, escolher as boas composições, e rejeitar as outras. Empenharemos aias e mães em formar suas almas com maior solícitude ainda do que põem em lhes formar os corpos. Quanto ás fabulas, com que se divertem hoje, força é rejeitar o maior numero — Quaes? — Ajuizaremos das pequenas composições d'este genero pelas de mais folego; porque, pequenas ou grandes, é mister que sejam vasadas no mesmo molde e produzam o mesmo effeito. Não é verdade? — Sim; mas não vejo quaes são essas grandes fabulas de que falas — As de *Hesiodo*, de *Homero* e de outros poetas; porque todas as fabulas que tem escorrido sobre os homens, e que ainda escorrem, estão cheias de *mentiras* — Que fabulas, e que vês tu n'ellas que censurar? — Eu censuro o que merece antes e primeiro que qualquer outra cousa ser censurado — *as mentiras*, de bem má lotação. — Que queres tu dizer? — Mentiras que desfiguram os deuses e os heroes, semelhantes a retratos que nada se parecessem com as pessoas retratadas. — Convenho em que isso é digno de reprehensão; mas como aplicar essa nota aos poetas, a Homero?

« — Em primeiro logar architectou sobre o maior dos deuses a maior e a mais monstruosa das mentiras, a que refere que Urano fez o que lhe attribue Hesiodo, e como Cronus se vingou. Quando o procedimento de Cronus e a maneira porque foi tractado por seu filho fossem verdadeiros, ainda assim, a meu ver, deveria-se evitar uma tal narração a pessoas desprovidas do uso da razão, as crianças; melhor seria sepultal-as em profundo silencio, ou se houvesse necessidade de alludir a ellas, fazel-o com todo o apresto dos mysterios, deante de um pequeno numero de ouvintes, depois de haverem immolado não um porco, mas uma victima preciosa e rara, afim de volver mais restricto ainda o numero de iniciados. — Sem duvida, porque taes narrações são perigosas — Portanto, meu caro Adimanto, serão defesas em nosso Estado. Nunca será permittido dizer a uma creança que practicando os maiores crimes, não faz nada de extraordinario, e que tirando a mais atroz vingança dos maus tratamentos que houver recebido de seus pais, não faz mais do que aquillo que fizeram os deuses. Não, por Jupiter; isso não são cousas que se digam. E se queremos que os guardas do Estado olhem como infamia o andarem sempre a bulhas, devemos passar em silencio absoluto as guerras dos deuses, os laços que se armam e suas querelas. Não ha demais a mais nada de veridico n'estas fabulas. É tambem necessario que se não dêem a saber, quer em contos, quer por meio de representações figuradas, as guerras dos gigantes e esses odios de toda a especie que armaram os deuses e os heroes contra seus proximos e amigos.

« Pelo contrario, se empregamos persuadir que jámais a discordia tomou logar permanente entre os cidadãos de um mesmo estado, que ella não o poderia ter sem crime, é mister que os anciãos de um e outro sexo nada digam ás creanças desde o alvorecer de sua razão, e á medida que se adeantam na vida, que não

tende a este fim, os poetas deverão ser obrigados a dar a suas licções o mesmo sentido. Será igualmente defeso entre nós dizer que Juno fôra carregada de cadeias por seu filho, e Vulcano precipitado do céu por seu pai por se metter de permeio afim de cobrir e aparar os golpes dirigidos contra sua mãe, contar todos esses combates de deuses imaginados por Homero, haja ou não allegoria; *porque uma creança não está em estado de poder discernir o que é allegorico do que o não é; e tudo quanto se transmite ao espirito credulo d'esta idade lá fica indubitavelmente gravado.*

Eis porque importa extremamente que as primeiras cousas que ouvirem, sejam fabulas as mais apropriadas para os moverem á virtude. — Isso é sensato; mas se nos perguntarem quaes são essas fabulas, que responderemos? — Meu caro Adimanto, nem tu, nem eu somos poetas n'este momento, mas organisadores de um Estado. Convem-nos saber porque modelo os poetas hão de compor suas fabulas e prohibir-lhes que se affastem d'ellas; mas não é nosso o mister de poeta — Tens razão; mas ainda uma vez: que regras prescreverás tu para composição das fabulas, das quaes os deuses são objecto?

« — Eil-as. E primeiramente... Deus sendo essencialmente bom, não é causa de tudo, como tanto se diz, não é causa senão de uma pequena parte das cousas que nos acontecem, e não do resto; porque nossos bens são em pequeno numero em comparação dos males; ora elle é só causa dos bens; quanto aos males, é forçoso ir procurar a causa a outra parte — Nada mais exacto, a meu ver — Não devemos admittir, fiados em Homero, ou em outro qualquer poeta, um erro ácerca dos deuses, tão absurdo, como este:

Sobre o limiar do paço de Jupiter
Estão dois toneis cheios, de bens um, de males outro.

« Nem tão pouco aquelle, para quem Jupiter tira só do mau lado,

A fome voraz o persegue sobre a terra fecunda.

« E em outra parte :

Jupiter é o distribuidor dos bens e dos males.

Se um poeta nos vier contar que foram Jupiter e Minerva que moveram Pandora a quebrantar a fé dos juramentos e a tregoa, recusar-lhe-hemos nossos elogios.

Outrotanto diremos da querela dos deuses, terminada pelo juizo de Themis e de Jupiter. Tambem não consentiremos que se diga como Eschylo, em presença dos jovens:

Quando Deus quer a ruina de uma familia
Suscita a occasião de a punir.

« Se algum poeta representar em scena, onde seus jambos se recitam, as desgraças de Niobé, ou da familia de Pelops ou dos Troyanos, não toleraremos que diga que taes desventuras são obra de Deus; ou se lh'as attribuir, ha de dar a razão do seu asserto, tal qual como nós: deve dizer que Deus nada fez que não fosse justo e bom, e que o castigo se volveu em proveito dos culpados. Se nós não permittirmos egualmente que o poeta chame castigo a uma desgraça e attribua esta desgraça a Deus, nós lhe permittiremos dizer que os maus são dignos de lastima em terem necessidade de um castigo e que Deus punindo-os, lhes fez bem. Empreguemos porém todos os meios para refutar todo aquelle que disser que um Deus bom é auctor de algum mal: nunca em um Estado, regido por boas leis, nem velhos, nem moços devem proferir ou ouvir semelhantes discursos de-

baixo do véo da ficção, seja em verso, seja em prosa, porque são impios, perigosos e absurdos. — Esta lei tem toda a minha aceitação, provoca meu suffragio.

«— De sorte que a primeira das leis e das regras sobre as cousas religiosas prescreverá que se reconheça nos discursos ordinarios e nas composições poeticas, que Deus não é auctor de tudo, mas sómente do bem. — Isto basta.

«— Vê qual ha de ser a segunda lei : Deus não pode ser considerado como um encantador que d'alguma sorte se compraz em nos armar laços ; deixando ora a forma que lhe é propria para assumir figuras extranhas, ora enganando-nos com mudanças apparentes e fazendo-nos crer que são reaes. Não será antes um ser simples, e de todos os seres aquelle que menos reveste uma forma... ?

E' portanto impossivel que Deus queira assumir outra forma, e cada um dos Deuses, sendo de sua natureza tão excellente quanto póde sel-o, deve conservar a forma que lhe é propria em uma immutavel simplicidade. — Parece-me que isto é de toda a necessidade, meu caro, que não venham pois dizer-nos :

... Os Deuses, a figura tomando de forasteiros de diversos paizes percorrem as cidades com disfarces de toda a especie ;

nem contar-nos suas mentiras sobre Proteu e Thetis, nem representar-nos na tragedia, ou em qualquer outro poema, Juno sob a figura de uma sacerdotisa que mendiga

Para os pequenos hemfazejos do Argivo rio Inacho,

nem finalmente imaginar muitas outras ficções d'esta estofa. Que não mais vão as mães, sob a palavra dos poetas, espantar as creanças referindo-lhes contos, como

este, que ha deuses que vagueiam pela noite, debaixo da figura de estrangeiros de todos os paizes; seria ao mesmo tempo irrogar injuria aos deuses e tornar as creanças mais timidias.

«Essencialmente simples e verdadeiro, em palavras e acções, Deus não muda de forma, nem illude ninguem por phantasmas ou por discursos, nem por signaes que nos envie na vigilia ou em sonhos. — Parece que isto não póde negar-se.

«Tu approvas pois esta segunda lei: Ninguem por discursos, conversações, ou composições poeticas, representará os deuses como encantadores que assumem formas differentes, e nos enganam dolosamente por palavras ou acções. — Sim, approvo-a. — De modo que elogiando bastantes cousas em Homero, não o louvaremos por aquella passagem, onde conta que Jupiter enviou um sonho a Agamemnon.

«Quando um poeta vier com taes discursos ácerca dos Deuses, nós recusaremos dar-lhe ouvidos; e *semelhantes discursos serão defesos aos professores encarregados da educação da juventude*; nós queremos que os nossos guerreiros se volvam semelhantes aos deuses, tanto quanto a fraqueza humana pode permittil-o. — Approvo essas regras, e sou de parecer que se convertam em outras tantas leis.»

Esta critica tão justa e tão notavel de Platão é reforçada pelo juizo de outros pagãos, que antes e depois d'elle, tinham conservado assaz as tradições primitivas para se não revoltarem contra as infamias que Hesiodo e Homero inscrevem na fronte devassa dos deuses, taes são: Zoilo, Xenophonte, Isocrates, Herodoto, Aristoteles, Jeronymo, Cicero, Dion Chrysotomo, Luciano, Philostrato, etc. Para dizer tudo, entre os antigos gregos, *ψευδίζειν* significava mentir, e chamavam *ψευδιστῆς* aos histriões ou charlatães.

Os pagãos formavam pois o mais infeliz conceito

ácerca da funesta influencia de Homero sobre o espirito da juventude.

Os primeiros apologistas do christianismo, os Padres da Egreja, S. Justino, Theophilo, bispo de Antiochia, Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertulliano, Origenes, Lactancio, Eusebio, S. Athanasio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Epiphanio, S. João Chrysostomo, S. Agostinho são mais severos ainda a respeito da influencia d'aquelle auctor. Citemos apenas S. Justino: «todas as suas rapsodias, desde o principio ao fim na Iliada e na Odyssêa, se cifram na mulher!» E Origenes: «Platão é digno de elogio por ter excluido de sua republica Homero e os auctores de poemas semelhantes aos seus, como corruptores da juventude».

Mas, e vem aqui a pello o doloroso parallelo a que já fiz allusão, um dos grandes mestres do ensino classico para os auctores pagãos, o R. P.^o Caussin da Companhia, em seu enthusiasmo grammatical e litterario, a este juizo solemne e consciencioso do mundo pagão e christão ousava oppor esta apothese ultra-pindarica: «Dyonisio Longino, muito eloquentemente, como sempre, compara Homero ora ao Sol nascente, ora ao Oceano, e com razão. Porque assim como o Sol é a fonte da luz, o Oceano a origem das poços e o pai de todas as aguas, assim Homero é o *pai de toda a doutrina*, e acrescenta com o imperador Justino, de *toda a virtude*. E da mesma sorte que todas as cousas estão banhadas nos raios do Sol, animadas de seu calor, irrigadas e nutridas das veias do Oceano, assim dos cantos do *divino Homero* as lettras receberam a luz, o espirito, o alimento, mais doce que o nectar e a ambrosia. Demais, assim como ao Sol nascente e poente reverberam as mais diversas cores para deslumbramento dos olhos, assim como no Oceano a riqueza de tantas cousas, a decoração de tantas praias, a belleza de tantas ilhas, produzem a deleitação, assim na poesia de Homero, ha tan-

tas perolas, tantas luzes, tantos phanaes, tanta diversidade de cousas, e tão occultas, que esse ornato e essa voluptuosidade deleitam sem saciar.» (*Nic. Caussini e Societate Jesu*, lib. 1, cap. x, p. 13. *De eloquentia sancta et humana*, lib. xvi. *Edit. Paris, 1636, in-4.º*.)

Basta; é muito! Deixemos por aqui o ensino exclusivamente pagão :

Claudite nunc rivus, pueri, sat prata biberunt!

APPENDICE B

Principaes decisões dogmaticas da Sancta Sé sob a forma de: Breves, Encyclicas, Constituições Apostolicas, Decretos dos Concilios ou das Congregações Romanas, desde 1789 até hoje.

A Fé é absolutamente necessaria, e deve ser integra, quer dizer, que devemos affirmar todas as verdades que a Sancta Egreja apostolica, catholica, romana affirma, e condemnar todos os erros que ella condemna.

E' antes de tudo e acima de tudo da Fé que se ha de dizer o que o apostolo S. Thyago dizia da Lei: aquelle que voluntariamente está em desaccordo com ella em um só ponto, viola-a toda inteira. Em face d'esta obrigação rigorosa, julguei practicar uma boa acção reproduzindo n'este segundo appendice as principaes decisões dogmaticas emanadas da Sancta Sé, depois da grande Revolução de 1789, que tão funestamente abalou os espiritos e os emancipou.

Esta preciosa collecção, que o leitor não encontraria facilmente em outra parte, poderá converter-se para elle em occasião e ponto de partida de um exame serio e salutar.

O numero de erros philosophicos e theologicos é tão grande, que ninguem pode gabar-se de lhes ter completamente escapado.

Estas afirmações da suprema auctoridade são aliás tão notaveis por sua clareza, tom firme, e perfeito accordo, que constituem verdadeiros esplendores da Fé; não se lerão sem uma emoção profunda e sem fructo, porque são a um tempo vivas e vivificantes.

Breve de Pio VI condemnando a Constituição Civil do Clero

A S. E. M. o Cardeal de La Rochefoucauld, Arcebispo de Aix, aos outros Arcebispos e Bispos d'Assembleia nacional de França, a proposito da Constituição civil do Clero, decretada pela Assembleia nacional de 10 de março de 1791. (Extracto).

... A Assembleia nacional arrogou-se o poder espiritual quando fez tantos novos regulamentos contrarios aos dogmas e á disciplina; quando quiz obrigar os Bispos e todos os Ecclesiasticos a comprometterem-se por juramento na execução de seus decretos. Um tal procedimento porem não causará extranheza áquelles que observarem que o resultado necessário da constituição decretada pela Assembleia é aniquillar a Religião catholica, e com ella a obediencia devida aos reis. E' n'estas vistas que se estabelece como um direito do homem em sociedade essa liberdade absoluta que não só offerece o direito de não ser inquietado por opiniões religiosas, mas que chega a conceder essa licença de pensar, dizer e escrever, e até imprimir impunemente, em materia de religião, tudo o que pode suggerir a imaginação a mais desregrada; direito monstruoso, que parece no entanto á Assembleia resultar da egualdade e da liberdade natural a todos os homens.

Mas que poderia excogitar-se de mais insensato do que estabelecer entre os homens uma egualdade e liberdade effrenes, que parecem asphyxiar a razão, o mais pre-

cioso dom que a natureza concedeu ao homem, e o unico que o distingue dos animaes? Deus, depois de haver creado o homem, depois de o ter collocado em um logar de delicias, não o ameaçou de morte, se comesse do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal? E por esta primeira defesa não poz elle um limite a sua liberdade? Quando na serie dos tempos sua desobediencia o tornou culpado, não lhe prescreveu novas obrigações pelo orgão de Moysés? E muito embora haja deixado a seu livre arbitrio o poder de se determinar para o bem ou para o mal, não o rodeou elle de preceitos e de mandamentos que podiam salvar-o, se quizesse cumpril-os?

«Onde está pois essa liberdade de pensar e de obrar que a Assembleia nacional prodigalisa ao homem social cõmo um direito imprescriptivel da natureza? Pois esse direito chymerico não irá implicar e collidir com os direitos do Creador supremo, a quem somos devedores da existencia e de quanto possuímos? Pode-se por outra parte ignorar que o homem não foi creado para si só, mas para ser util aos seus semelhantes? Porque é tal a fraqueza humana, que os homens para se conservarem, precisam do soccorro mutuo, que se prestam uns aos outros; e eis ahi porque Deus lhes deu a razão e o uso da palavra, para os pôr em estado de reclamar a assistencia de outrem, e de soccorrer por sua vez aquelles que implorassem seu apoio.

Foi portanto a propria natureza a que aproximou os homens e os reuniu em sociedade; além d'isso, pois que o uso que o homem deve fazer de sua razão consiste essencialmente em reconhecer o seu soberano Auctor, em honral-o, admiral-o, referir-lhe tudo o que é; pois que desde sua infancia carece de tudo, força é que esteja submettido áquelles que tem sobre elle a superioridade dos annos; que se deixe governar e instruir por suas licções; que aprenda assim a regular sua vida conforme ás leis da

razão, da sociedade e da religião: semelhante egualdade, semelhante liberdade, tão gabadas, não passam para elle, desde o instante de seu nascimento, de chimeras e de palavras vazias de sentido. Sejamos submissos por necessidade, diz S. Paulo: eis ahi porque os homens não tem podido congregar-se e formar uma associação civil sem estabelecer um governo, sem restringir essa liberdade, e sem a sujeitar ás leis da auctoridade de seus chefes.

A sociedade humana, diz S. Agostinho, não é mais do que uma convenção geral de obedecer aos reis; e não é tanto do pacto social, como do proprio Deus, auctor de todo o bem e de toda a justiça, que o poder dos reis tira sua força. Que todo o individuo esteja submisso ás potestades, diz o Apostolo sublime que acabamos de citar; todo o poder vem de Deus: resistir-lhe é perturbar a ordem por Deus estabelecida; e os que se tornarem culpados d'esta resistencia, abysmam-se elles proprios nos castigos eternos...

...«Proseguindo no exame dos erros da Assembleia nacional, deparamos com a abolição do primado e da jurisdicção da Sancta Sé. Um decreto formal estatue que o bispo eleito não poderá dirigir-se ao papa para solicitar a sua confirmação, mas escrever-lhe-ha como ao chefe visivel da Egreja universal, em testemunho da unidade e da communhão que deve ter com elle. Prescreve-se uma nova formula de juramento, onde o nome do pontifice romano é supprimido. Mais ainda: como o eleito é obrigado por um juramento á execução dos decretos nacionaes que lhe prohibem solicitar a confirmação da Santa Sé, todo o poder do soberano Pontifice é por essa disposição aniquillado, e assim é que os regatos são desviados da fonte, os ramos despegados da arvore, os povos separados do Vigario de Jesus Christo... Como, com effeito, se pode dizer que se mantem a communhão com o chefe visivel da Egreja,

quando apenas se limitam a dar-lhe noticia de sua eleição, e quando se toma o compromisso por juramento de não reconhecer a auctoridade annexa ao primado? Em sua qualidade de chefe, não lhe deverão todos os seus subditos a promessa solemne de obediencia canonica, unica compativel com a unidade da Egreja, e capaz de impedir que este corpo mystico estabelecido por Jesus Christo não seja despedaçado pelo scisma? Vêde nas *Antiquidades Ecclesiasticas* de Martene a formula de juramento em uso para as egrejas de França desde os mais remotos seculos: todos os bispos na cerimonia de sua ordenação, tinham o costume de acrescentar a sua profissão de fé a clausula expressa de obediencia ao Pontifice romano...

... « Mas dizem os apologistas dos decretos da Assembleia, a Constituição do clero não visa a disciplina, que tantas vezes tem mudado segundo as circumstancias, e que é ainda susceptivel de mudança. Respondo em primeiro lugar que por entre os decretos referentes á disciplina, tem escorregado muitos attentatorios do dogma e dos principios immutaveis da Fé, como já demonstrámos... E' opportuno antes de mais nada observar o laço intimo que a disciplina tem frequentes vezes com o dogma; quanto aquella contribue para conservar a pureza d'este; não esqueçamos tambem que as mudanças, aliás raras, permittidas pela indulgencia dos Pontifices romanos, tem tido pouca utilidade e curta duração; e é fóra de duvida que os Concilios tem muitas vezes lançado a pena de excommunhão contra aquelles que apenas eram culpados de infracções contra a disciplina da Egreja...

... « Tantos exemplos de anathemas lançados contra infractores da disciplina, provam que a Egreja sempre acreditou que andava intimamente ligada ao dogma, que só pode mudar por um acto do poder ecclesiastico, unico, a quem pertence julgar se o uso constantemente

seguido é sem vantagem, ou deve ceder deante da necessidade de conciliar um bem maior.

... «Passemos agora a examinar os diversos artigos da constituição do clero .

... «Um dos mais reprehensíveis é sem duvida aquelle que aniquila as antigas metropoles, supprime alguns bispados, cria outros, e altera toda a distribuição das dioceses.

... «Não se carece de um largo exame para saber se o devemos approvar; o principio vicioso, d'onde decorreram estas divisões e suppressões não é de molde a provocar o nosso consentimento. Aqui a questão não é de algumas alterações em uma ou duas dioceses, tracta-se do abalo universal communicado a todas as dioceses de um grande imperio; tracta-se de deslocar uma multidão de egrejas illustres, de reduzir os arcebispos ao simples titulo de bispos, innovação expressamente condemnada por Innocencio III... : Antes d'isso deveriamos ter sido informado dos sentimentos do povo, a quem se quer arrebatara a garantia de estar mais perto do pastor, e mais ao alcance dos soccorros espirituaes.

Esta mudança, ou digamos antes esta subversão da disciplina offerece uma outra innovação consideravel sob a forma de eleição, substituida áquella que estava estabelecida por um tractado reciproco e solemne, conhecido pelo nome de Concórdia, concluido entre Leão X e Francisco I, approvado pelo quinto concilio geral de Latrão, executado com a maior fidelidade durante duzentos e cincoenta annos, e que por consequencia devia ser olhado como lei da monarchia. N'esse tractado regularam-se de commun accordo a maneira de conferir os bispados, as prelasias, as abbas e os beneficos; apezar d'isso, com desprezo d'esse tractado, a Assembleia nacional decretou que os bispos de futuro seriam eleitos pelo povo dos districtos ou das municipalidades, e parece ter querido por semelhante disposi-

ção abraçar os erros de Lutero e de Calvino, adoptados ao depois pelo apostata de Spalatro ; pois estes hereges sustentavam que a eleição dos bispos pelo povo era de direito divino... As perturbações, as facções, as discordias eternas, e uma multidão de abusos forçaram a affastar o povo das eleições, e até a não lhe consultar o voto, nem o testemunho. Mas se esta exclusão do povo teve logar quando os eleitores eram todos catholicos, que dizer do decreto da Assembleia nacional que, excluindo o clero das eleições, as entrega aos departamentos, em que ha judeus, hereges, heterodoxos de toda a especie?... Um tal processo de eleição renovaria as perturbações, reacenderia os odios de ha tanto tempo sopitados ; e daria á Igreja catholica prelados fautores da heresia, douctores, que pelo menos no imo de seu coração haviam de alimentar as opiniões erroneas de seus eleitores.

...«Os bispos eleitos por seus departamentos tem ordem de solicitar a confirmação do metropolitano, ou do bispo mais antigo ; se recusa, é obrigado a consignar por escripto os motivos, porque o faz. O eleito pode apellar d'um ou outro como de abuso para os magistrados civis ; são estes os que hão de decidir se a exclusão é, ou não, legitima ; serão elles os juizes dos metropolitanos e dos bispos, a quem no entanto compete de pleno direito julgar dos costumes e da douctrina, e que, segundo S. Jenonymo foram estabelecidos para garantir o povo do erro...

...«Não é claro que o intuito da Assembleia n'estes decretos visa a subverter e aniquilar o episcopado, em odio da religião, de que os bispos são os ministros ? Seu designio torna-se transparente pelo facto de estabelecer um conselho permanente de padres com o nome de vigarios. Nas cidades de dez mil habitantes estes conselheiros devem ser em numero de dezeseis, e nos logares menos populosos, serão apenas doze. Forçam

ainda os bispos a rodearem-se dos curas das parochias supprimidas; são declarados seus vigarios de *pleno direito*; e por um tal direito ficam independentes do bispo. Muito embora lhe deixem a livre escolha de seus outros vigarios, não pode não obstante exercer sem os ouvir nenhum acto de jurisdicção, a não ser provisoriamente; não pode demittil-os senão á pluralidade de votos do seu conselho. Não será isto querer que cada diocese seja governada pelos padres, cuja auctoridade aniquilaria a jurisdicção dos bispos? Não será isto pôr-se em aberta opposição com a doutrina dos Actos dos Apostolos:

«O Espirito Sancto estabeleceu os bispos para governar a Egreja de Deus, que adquiriu a preço de seu sangue.» Finalmente, não será perturbar e inverter absolutamente toda a ordem da hierarchia? Por esse facto os padres tornam-se eguaes aos bispos, erro que o padre Ario foi o primeiro a ensinar, mais tarde sustentado por Wiclef, por Marsilio de Padua, por João de Jandeme, e enfim por Calvino, como adverte Bento xiv em seu tractado do synodo diocesano. Ha mais: os padres são levantados acima dos bispos, pois os bispos não podem demittil-os, nem decidir cousa alguma senão á pluralidade de votos de seus vigarios. . . Pelo que diz respeito aos outros vigarios que se chamam *vigarios de pleno direito*, é estranho e inaudito que os bispos sejam obrigados a aceitar seus serviços, quando podem ter motivos muito legitimos para os rejeitar. E' assombroso, sobremodo, que estes padres sendo apenas subsidiarios e substituindo em suas funcções um homem que não é inhabil para por si mesmo as exercer, não estejam submettidos áquelle, de quem são vigarios.

. . «A Assembleia deixou pelo menos aos bispos o poder de escolher seus vigarios na massa do clero. Quando porém se tractou de regular a administração dos seminarios, decretou que o bispo não poderia esco-

lher os superiores senão depois de ouvir seus vigarios e á pluralidade de suffragios, e não poderia demittil-os senão pelo mesmo processo. Quem não vê a que ponto se leva a desconfiança contra os bispos, que são no entanto os encarregados por direito da instituição e disciplina d'aquelles, que devem ser admittidos na diocese e empregados no ministerio? pois não é fóra de duvida que o bispo é o chefe e o primeiro superior do seminario?... Emfim, para pôr o cumulo ao desprezo e á abjecção, para onde se tem o designio de empurrar os bispos, sujeitam-nos todos os tres mezes a receber, como vis mercenarios, um modico salario, com que não mais poderão alliviar a miseria d'essa multidão de pobres que cobre o reino, nem tão pouco sustentar a dignidade do character episcopal. Esta nova disposição da parte congrua, para os bispos, contradicta todas as leis antigas, que assignavam aos bispos e aos curas d'almas propriedades territoriaes para as administrarem elles proprios, e recolherem os fructos, como o fazem os proprietarios.

..«O direito assignado aos administradores de departamentos de fixarem a seu talante os limites das parochias, como o julgarem a proposito, é já de si muito extraordinario; mas o que me causou o maior espanto, foi a suppressão de um numero prodigioso de parochias; foi esse decreto que dispõe que nas cidades, ou villas ou aldeias de seis mil habitantes não haverá mais do que uma parochia. Como poderá um cura acudir a essa multidão enorme de parochianos?...

...«Passemos agora á invasão dos bens ecclesiasticos. Que todos aquelles, que tomam parte em semelhante usurpação, se lembrem da vingança que o Senhor tirou de Heliodoro e d'aquelles que lhe prestaram seus serviços para arrebatarem os thesouros do templo.

«O que parecerá quasi incrível é que no momento, em que se apoderam dos bens das egrejas e dos padres

catholicos, deixem sob pretexto dos tractados os ministros protestantes em posse pacifica d'aquelles que outr'ora arrebataram á Egreja de que são inimigos. Por certo que a Assembleia nacional reputa os tractados, feitos com os protestantes, mais sagrados, do que os canones ecclesiasticos e do que a concordata concluida entre o chefe da Egreja e Francisco I. Afagou sem duvida o ensejo de lavar esta excepção a favor dos protestantes, porque convinha a suas vistas não involver na proscricção senão a religião e os padres catholicos. Pois quem não vê que o principal intuito dos usurpadores dos bens ecclesiasticos é profanar os templos, aviltar os ministros do altar, e afastar de futuro todos os cidadãos do estado clerical? Mal pousaram mão sacrilega sobre esta presa, logo cessou o culto divino, as egrejas foram profanadas, roubados os vasos sagrados, e interrompido o canto do officio ecclesiastico. A França podia gloriar-se de ter visto florescer em seu seio, desde o seculo VI, os cabidos dos clerigos regulares; hoje deplora a abolição e a ruina d'esses piedosos estabelecimentos injusta e indignamente proscriptos pela Assembleia nacional. . .

. . . « Um rito que a egreja gallicana, nos seculos os mais remotos, tinha estabelecido e mantido com um tão grande cuidado, para fixar os ecclesiasticos nas honrosas funcções do canonicato, um rito que ella considerava como proprio para nutrir a piedade, espertar a devoção dos fieis, e convidal-os pelo attractivo do canto e o esplendor das ceremonias, a preencherem os deveres de religião e a merecerem por isso novas graças, a Assembleia nacional, não sem grande escandalo, acaba por um decreto de o aniquilar, de o supprimir e abolir, e n'este como em todos os outros artigos do decreto, adoptou os principios dos hereges, e designadamente as opiniões insensatas dos Wiclefitas, dos Centuriadores de Magdebourg, que se levantaram

com furor contra o uso do canto ecclesiastico, e ousaram negar-lhe a antiguidade...

... « Vimos agora aos regulares, cujos bens a Assembleia nacional realmente empolgou, declarando que ficam á *disposição* da nação, qualificativo menos odioso que o de *propriedade*, e que offerece com effeito um sentido um pouco differente. Por um decreto de 13 de fevereiro, sancionado seis dias depois pelo rei, supprimiu todas as ordens regulares, e prohibiu que de futuro se fundassem outras. E todavia a experiencia mostrara assaz quanto eram uteis á Egreja; o consilio de Trento deu-lhes este testemunho, e declarou «que não ignorava quanta gloria e quantas vantagens procuravam á Egreja de Deus os mosteiros sanctamente instituidos e sabiamente governados.»

... «E' bem verdade que muitas ordens religiosas tem decahido de seu fervor primitivo, que a severidade da antiga disciplina se tem consideravelmente enfraquecido; mas a ninguem deve isso surprehender. E por esse motivo hão de ser destruidas!

... «A Assembleia nacional em sua pressa de favorecer os falsos systemas dos hereges, abolindo as ordens religiosas, condemna a profissão publica dos conselhos evangelicos; reprehende um genero de vida sempre approvedo pela Egreja, como mui conforme á douctrina apostolica; injuria os santos fundadores d'estas ordens, aos quaes a religião levantou altares, e que estabeleceram essas ordens por inspiração divina. Mas a Assembleia nacional vai mais longe ainda. Em um decreto de 13 de fevereiro de 1790, declara que não reconhece os votos solemnes dos religiosos, e por consequente que as ordens e congregações regulares, onde estes votos se fazem, são e ficam supprimidas em França, e de futuro não poderão fundar-se outras semelhantes. Não será isto um golpe vibrado á auctoridade do soberano pon-

tífice, a quem unicamente compete estatuir sobre os votos solemnes e perpetuos?...

«Poderíamos fazer um grande numero de observações sobre esta nova constituição civil do clero que desde o principio ao fim quasi nada offerece que não seja perigoso e reprehensível, que, em todas as suas partes, orientando-se pelo mesmo espirito e pelos mesmos principios, apresenta apenas um artigo são e limpo de erro . . .»

Carta Encyclica do nosso Santissimo Padre o Papa Gregorio XVI, a todos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos. Setembro de 1832.

«Deveis estar surprehendidos de que, desde a epocha, em que o cargo de toda a Igreja foi imposto a nossa fraqueza, não vos tenhamos ainda dirigido carta, como de uso, que remonta aos primeiros tempos, e como nossa benevolencia para convosco nos instava a que fizéssemos. Desejavamos sem duvida ardentemente abrir-vos sem demora nosso coração, e na communhão de espirito que nos anima, fazer-vos ouvir esta voz, que deve confirmar nossos irmãos, como nos foi ordenado na pessoa de S. Pedro. Mas não ignoraes que terrivel e desastrosa tormenta nos colheu logo ao primeiro instante de nosso pontificado, impellido subitamente para o mar largo, onde, se a dextera de Deus se não houvera assignalado em nossa defeza, teriamos tido a dor de nos vermos sossobrar por effeito da mais negra conspiração.

Nosso animo recusa-se a renovar nossas dores, renovando a memoria de tantos perigos; antes nos voltamos para as acções de graças ao Pai de toda a consolação, que dispersando os rebeldes, nos arrancou a um perigo imminente, e nos permite respirar depois de ter trazido a bonança. Desde este dia formámos o propo-

sito de vos communicar nossas vistas para guarecer os males de Israel; a immensa carga porém de negocios que nos acabrunhou no empenho de restabelecer a ordem politica, trouxe alguma demora ao cumprimento de nosso designio.

« Uma nova causa de nosso silencio veiu da insolencia dos facciosos, que forcejaram por levantar segunda vez os estandartes da revolta. Compelliram-nos, mau grado nosso, a usar da auctoridade, que do alto nos foi confiada, para reprimir severamente a extrema teimosia d'aquelles, cujo furor effrene parecia não admitir temperamentos, mas refinar por uma longa impunidade, e pelo excesso de nossa doçura e indulgencia. D'ahi, o tornarem-se cada vez mais penosas, como podeis imaginar, nossa tarefa e nossa solitudine.

« Mas como tomamos agora, segundo o costume, posse do pontificado na Egreja de S. João de Latrão, o que por identicas razões ainda não tinhamos feito, nós vimos praticar comvosco, veneraveis irmãos, e vos dirigimos esta carta em signal de nossa benevolencia, n'este dia, em que solemnisamos a Assumpção triumphante da sanctissima Virgem ao céu, afim de que aquella, a quem reconhecemos no meio das maiores calamidades por patrona e libertadora, nos seja ainda propicia no momento, em que vos estamos escrevendo, e nos inspire por uma influencia celeste os conselhos os mais salutaes á sociedade dos fieis.

« E' com o coração repassado de profunda tristeza que nos dirigimos a vós, cujo zelo pela religião bem sabemos apprehende vivas inquietações por entre os desgraçados tempos que vamos atravessando. Com verdade o podemos dizer, é esta a hora do poder das trevas, para crivar como trigo os filhos de eleição. Sim, *a terra está no dó e no lucto, perece; jaz infectada pela corrupção de seus habitantes, porque violaram as leis, subverteram toda a justiça e romperam com a eterna alliança* (Is. xxiv, 6).

Estamos-vos fallando, veneraveis Irmãos, d'aquillo que vêdes com vossos olhos, e d'aquillo que deploramos, e a todos nos contrista. E' o triumpho de uma soberba malicia, de uma sciencia audaciosa, de uma licença effrene. As cousas sanctas são desprezadas, e a magestade do culto divino, que é tão poderosa, quanto necessaria, é criticada por homens preversos, profanada e mettida a ridiculo. D'ahi, a sã doutrina corrompe-se, e os erros de toda a casta propagam-se audaciosamente. Nem as leis sanctas, nem os direitos sagrados, nem as maximas estabelecidas, nem as mais respeitaveis regras da disciplina, estão ao abrigo dos golpes das linguas da iniquidade.

Saccode-se violentamente esta cathedra de Pedro, onde estamos sentados, e onde Jesus Christo poz os fundamentos de sua Igreja; os vinculos da unidade enfraquecem-se e rompem-se dia a dia. A auctoridade divina da Igreja é atacada, seus direitos postergados, é submettida a considerações humanas, exposta com a maior injustiça ao odio dos povos e reduzida a uma vergonhosa escravidão: infringem a obediencia devida aos bispos, calcam aos pés os seus direitos. As academias e os gymnasios restrugem e repetem os echos unisonos de opiniões novas e monstruosas, que não solapam já a fé catholica em segredo e com rodeios, mas que lhe movem guerra desastrosa e impia.

Porque a juventude, corrompida pelas maximas e exemplos de seus mestres, augmenta a desgraça da religião, e torna mais profunda a perversidade dos costumes. D'ahi, esta religião sancta, pela qual os reinos subsistem e a auctoridade se fortifica, não oppondo já freio ás paixões dos homens, deixa-nos testemunhar impotente a ruina da ordem publica, o desabar do poder, a subversão de toda a potestade legitima.

Tantas calamidades tomam principalmente origem nos touris das sociedades secretas, para onde escorre

como para uma sentina com a massa fétida de todas as immundicies, tudo quanto as heresias e as seitas as mais criminosas tem engendrado de preverso, de impio e de sacrilego.

« Estes males, veneraveis Irmãos, e outros muitos mais funestos talvez, que seria longo ennumerar n'este momento, e que conheceis fartamente, abysmam-nos em profunda e amarga dor a nós, a quem o zelo de toda a casa de Deus deve particularmente devorar, como a quem está posto sobre a cadeira do Principe dos Apostolos. Mas como reconhecemos que na posição em que estamos não basta gemer sobre tantos males, que nos corre o dever de extirpar quanto caiba em nosso poder, recórremos a vossa fé, como a um auxilio salutar. e apelamos para vossa sollicitude pela salvação do rebanho da Igreja, veneraveis Irmãos, para vós, cuja virtude e religião provada, a singular prudencia e a vigilancia assidua, nos dão nova coragem, grangêam uma suave consolação em tão afflictivas conjuncturas: porque é do nosso dever levantar a voz, e tentar os meios todos para que o javali, sahido da floresta, não estrague a vinha, e pa a que os lobos não immolem o rebanho; compete-nos conduzir as ovelhas aos pastos que lhes são salutaes e ao abrigo de toda a suspeita de perigo. A Deus não praza, carissimos Irmãos, que os pastores acabrunhados de tantos males e ameaçados de tantos perigos, faltem a seu cargo, e que possuidos de temor, abandonem o cuidado das ovelhas, adormecendo em cobarde repouso. Defendamos na unidade do mesmo espirito nossa causa commum, ou antes a causa de Deus, e unamos nossos vigilantes esforços contra o inimigo commum para salvação de todo o povo.

« Preenchereis este dever, se como o reclama vosso munus, vigiardes sobre vós e sobre a douctrina, amentando sempre que a *Igreja universal está agitada por toda a especie de innovações*, e que segundo a sentença

de Santo Agapito, *em tudo quanto foi definido conforme as regras, não se deve cortar, mudar ou accrescentar, mas conservar tudo em sua pureza, tanto no sentido, como nas palavras.* Então permanecerá firme e inabalavel essa unidade que assenta sobre a cadeira de S. Pedro, como em seu fundamento e alicerce, de sorte que ali, d'onde promanam para as demais egrejas os privilegios de uma communhão toda sancta, se fabrique um reducto, que sirva de baluarte a todos, um refugio seguro, um porto ao abrigo das tempestades, e um thesouro de bens incalculaveis.

Assim para reprimir a audacia d'aquelles que se empenham em infringir os direitos da Sancta Sé, ou em quebrar os vinculos que a ella prendem todas as egrejas, inspirai a mais viva confiança na cadeira apostolica, entredizendo-vos com S. Cypriano: *falsamente se lisongea de estar na Egreja aquella que abandona a cathedra de Pedro, sobre a qual está fundada.*

«Deveis portanto trabalhar e vigiar incessantemente por conservar o deposito da fé, em meio d'esta conjuração de impios, que vemos com dor formar-se para vol-a arrebatam e destruir. Que todos tenham presente que o juizo sobre a sã doutrina, na qual todos devem ser instruidos, e o governo de toda a Egreja, pertencem ao pontifice romano, a quem o *pleno poder de apascen-tar, de conduzir e de governar a egreja universal foi dado por Jesus Christo*, como o tem expressamente declarado os Padres do concilio de Florença. E' do dever de todo o bispo adherir fielmente a esta cadeira de S. Pedro, conservar religiosamente o deposito que recebeu e governar a grey que lhe foi confiada. Quanto aos padres que estejam subjeitos aos bispos, a quem S. Jeronymo os adverte considerem como *paes da alma*; que nunca esqueçam que os antigos canones lhes prohibem fazer cousa alguma no santo ministerio, de se arrogar o poder de ensinar e prégar *sem permissão do bispo, á fide-*

lidade do qual o povo está confiado e o qual deve dar conta das almas.

«Seria um crime sem duvida e uma disposição diametralmente opposta ao respeito, com que devem ser recebidas as leis da Egreja, reprovar por um desregramento insensato de opiniões a douctrina estabelecida que comprehende na administração das cousas sanctas a regra dos costumes e os direitos da Egreja e de seus ministros, ou denunciar esta disciplina como opposta aos principios certos do direito natural, ou de a apresentar como defeituosa, imperfeita e submettida á auctoridade civil.

«Como é constante, para nos servirmos das proprias expressões do concilio de Trento, *que a Egreja foi instruida por Jesus Christo e por seus apóstolos e que o Espirito Santo não cessa de lhe suggerir toda a verdade*, é completamente absurdo e soberanamente injurioso para ella, que se apregoe uma certa *restauração e regeneração* como necessaria para prover a sua conservacão e augmento, como se pudesse estar exposta a desfallecimentos, ao obscurantismo e a outros inconvenientes d'esta natureza. A mira dos innovadores n'isto é *lançarem os fundamentos de uma instituição humana recente*, e fazerem o que S. Cypriano tanto se horrorisava, *que a Egreja que é divina, se volva toda humana*. Que os que fazem designios taes considerem bem que é só ao Pontifice romano que compete segundo o testemunho de S. Leão *a dispensa nos canones*, que lhe compete só a elle e não a qualquer particular *pronunciar-se sobre as regras anti-gas*, pesar, como escreve S. Gelasio, *os decretos dos canones*, e *apreciar os regulamentos de seus predecessores para temperar depois de um exame conveniente aquelles, em que a necessidade do tempo e o interesse das egrejas exigem que interfiram alguns temperamentos*.

Nós queremos espertar aqui tambem vosso zelo pela religião contra essa liga ignobil que ataca o celi-

bato dos padres, e que bem sabeis aventar-se e estender-se de mais em mais pelos esforços de alguns ecclesiasticos, que esquecendo seu character e seus deveres, se tem congregado com certos philosophos corruptos do nosso seculo, e se tem arrebatado pelo appetite da voluptuosidade a tal excesso de licença, que tem ousado em alguns logares dirigir aos principes representações reiteradas para aniquilarem esta sancta disciplina. E' nos porém molesto estar-vos a contar estas infames tentativas; preferimos fiar-nos antes de vossa religião para vos encarregar de manter intacto, de vingar e defender com todas as vossas forças, segundo as regras dos canones, uma lei tão importante, contra a qual apcentam rancorosos os tiros de todos os dissolutos.

« A união honrosa dos esposos entre os christãos, á qual S. Paulo chama *um grande sacramento em Jesus Christo e na Egreja*, reclama nossos cuidados communs para obstar a que surjam opiniões, ou se envidem esforços que possam acenar o golpe á sanctidade e indissolubilidade do vinculo conjugal. Nosso predecessor Pio VIII, de feliz memoria, já vol-o tinha por muito recommendado em suas cartas; mas vemos que se agitam novamente na sombra tramas funestos. Devem portanto os povos ser instruidos com solicitude sobre o nó capital do casamento, que o torna indissolúvel; diga-se-lhes que Deus obriga aquelles que estão unidos a o estarem perpetuamente, porque o laço do matrimonio só pode cessar pela morte. Que se lembrem que o casamento, fazendo parte das cousas sanctas, está sujeito á Egreja; que tenham diante dos olhos as leis por ella estatuidas sobre este assumpto, e que observem religiosamente e com exactidão aquellas, de cuja execução dependem a força e a solidez d'esta alliança. Que se guardem bem não admittam sob pretexto algum cousa que contraria seja aos canones e decretos dos concilios; que se capacitem de que os casamentos tem uma sorte infeliz,

quando são formados contra a disciplina da Igreja, ou só pelo mosto das paixões, sem que os esposos tenham tido o cuidado de tornarem Deus propicio, e sem que hajam pensado nos sacramentos e nos mysterios que que significam.

« Vamos agora assignalar-vos uma outra origem mui fecunda de males, é esse *indifferentismo* ou opinião preversa, que se tem diffundido por toda a parte, graças aos artificios dos maus, e segundo a qual estão persuadidos de poderem alcançar a salvação eterna por toda a especie de profissões de fé, com tanto que os costumes sejam conformes ás regras da rectidão e honestidade natural. Mas não vos será difficil, em materia tão clara e evidente, desterrar para longe dos povos confiados a vossos cuidados o mais funesto dos erros.

E pois que o Apostolo nos adverte de *que não ha mais que um Deus, uma fé, um baptismo*, tremam todos os que imaginam que qualquer religião nos abre as portas da bemaventurança eterna, e que attentamente considerem que segundo o proprio testemunho do Salvador, *são contra o Christo, por isso mesmo que não estão com elle*; que desperdiçam unicamente, porque não recolhem com elle, e que por conseguinte *não ha duvida que hão de perecer eternamente, se não conservam a fé catholica inviolavel e integralmente*. Que ouçam o que diz S. Jeronymo, o qual em tempo de um scisma deploravel, que scindia a Igreja em tres partidos, conta que fiel a seus principios, quando se empenhavam em o attrahir a tal ou tal partido, não cessava de exclamar: *Estou com todo aquelle que adhere á cadeira de Pedro*. Seria inepecia prevalecer-se algum e tranquillisar-se por ter sido regenerado pelas aguas do baptismo.

S. Agostinho responder lhe-ia então: *Um sarmento separado da videira conserva ainda a mesma forma; mas de que lhe serve esta forma, se não vive já da raiz?*

D'esta fonte envenenada do indifferentismo decorre

esta maxima absurda e erronea, ou antes este deleixo, que é mister assegurar e garantir seja a quem fôr a *liberdade de consciencia*. O que franqueia o caminho a este primeiro erro é a liberdade de opiniões plena e sem limites que se alastra para desgraça da sociedade religiosa e civil, com o reforço da opinião de certos moderados de que a religião ha de auferir vantagens d'isso. Mas já dizia S. Agostinho: *haverá para a alma morte mais deploravel, do que a liberdade do erro?* De feito, quando se tirou toda a especie de freio capaz de conter os homens nas sendas do verdadeiro, sua natureza propensa ao mal abysma-se no precipicio; e nós declaramol-o, é realmente abrir os *poços do abysmo*, d'onde S. João viu sahir uma fumarada que obscureceu o sol, e bandos de gafanhotos que assolaram a terra.

D'ahi a revolta dos espiritos, a mais profunda corrupção da juventude, o desprezo espalhado entre o povo de tudo o que ha de sagrado, das leis, das cousas as mais respeitaveis, n'uma palavra, o flagello o mais mortal da sociedade, pois que a experiencia de todos os tempos tem mostrado que os Estados os mais floresentes por suas riquezas, poder e gloria, tem perecido pelo só e deploravel effeito da liberdade immoderada de opiniões, da licença dos discursos e do amor das innovações.

A esta fonte deve referir-se a liberdade funesta, que não é possivel detestar assaz e tomal-a bastantemente em horror, a liberdade de imprensa, que publica toda a sorte de escriptos, liberdade que aliás alguns ousam com tanto clamor solicitar e estabelecer. Nós soltamos um grito de horror, veneraveis Irmãos, ao considerar de que monstruosas doutrinas, ou melhor, de que prodigios de erros estamos acabrunhados, como se diffundem ao longe e por toda a parte, com o auxilio de um sem numero de livros e de escriptos pouco volumosos, mas grandes em malicia, e d'onde vemos com lagrimas sahir a mal-

dição que cobre a face da terra. E ainda no entanto ha quem, oh! dor! se deixe arrastar a este ponto de impudencia, que sustente porfiadamente que este cumulo de erros, vomitado por esta fonte, é sufficientemente compensado por alguns livros, que em meio d'este desenfreamento de necedades vêem a luz publica para defesa da religião e da verdade. Por certo, que é mau e defeso em todo o rigor do direito fazer um mal certo e maior, na esperança de que d'ahi ha de resultar algum bem.

Um homem sensato dirá que se deve deixar espalhar livremente o veneno, vendel-o e expol-o publicamente, ou mesmo ingeril-o, porque ha contra elle um tal antidoto, que aquelles que o tomarem conseguem algumas vezes escapar da morte?

« A disciplina da Egreja contra o flagello dos maus livros foi mui differente desde os dias apostolicos, em que muitos d'estes livros foram publicamente queimados. Basta percorrer as leis a tal respeito estatuidas pelo quinto concilio de Latrão, e a constituição posterior de Leão x, nosso predecessor de feliz memoria, no intuito *de impedir que aquillo que foi sabiamente inventado para augmento da fé e propagação das sciencias uteis não se converta em sentido contrario, e não acarrete prejuizo á salvação das almas.*

D'este assumpto occuparam-se com notavel cuidado os Padres do concilio de Trento, os quaes affrontaram tão grande mal, lançando contra elle o decreto sobre o *index* que devia fazer-se dos livros que contivessem má doutrina.

É necessario combater com força, diz o nosso predecessor Clemente xiii, de feliz memoria, em suas cartas encyclicas sobre a proscipção dos livros perigosos, *é necessario combater com força, tão de rijo quanto a cousa o pede, e trabalhar o possivel por exterminar esta peste mortal; porque nunca se estancará a torrente do erro, se-*

não entregando ás chammas os vehiculos criminosos da depravação.

Em face d'esta constante sollicitude, com que a Sancta Sé se tem esforçado em todos os tempos por condemnar os livros suspeitos e prejudiciaes, e de arrancar-os das mãos dos fieis, vê-se quanto é falsa, temeraria, injuriosa para a mesma Sancta Sé, e fecunda em males a douctrina d'aquelles, que não só repellem a censura dos livros como um jugo, mas tem chegado a tal ponto de malignidade, que a proclamam opposta aos principios da rectidão e da equidade, e que ousam recusar á Igreja o direito de a ordenar e de a exercer.

Como nos tem vindo ao conhecimento que certos escriptos disseminados entre o povo, propagam douctrinas, que concernem á fidelidade e á submissão devida aos principes, e inflammam por toda a parte os fachos da revolta, forçoso se torna impedir com o maior cuidado que os povos assim embelecados não se deixem arrastar para fóra da linha do dever. Que todos considerem que consoante ao dizer do Apostolo *não ha poder que não venha de Deus; que os que existem foram por Deus estabelecidos; que d'est'arte aquelle que resiste ao poder resiste á ordem de Deus, e que aquelles que resistem chamam sobre si sua propria condemnação.* D'onde se conclue que as leis divinas e humanas reclamam contra aquelles que por tramas vergonhosos de revolta e sedição, forcejam por abalar a fidelidade devida aos principes, e de os precipitar de seus thronos.

Assim é sabido que os primeiros christãos para afastarem de si um labéo tão deshonoroso, não cessaram, ainda mesmo em meio das perseguições, de servir os imperadores, como era do seu dever, e de trabalhar para salvação do imperio, não só por sua fidelidade em fazerem com promptidão e cuidado o que lhes era prescripto, com tanto que não fosse de encontro a sua reli-

glão, mas por sua coragem, e derramando o proprio sangue nos combates.

Os soldados christãos, diz Santo Agostinho, serviam um imperador infiel; mas logo que se tratasse da causa de Jesus Christo, só reconheciam aquelle que está nos ceos. Distinguiam o Senhor eterno do senhor temporal, e não obstante estavam sujeitos pelo Senhor eterno ao senhor temporal. Era isto o que tinha deante dos olhos o invicto martyr Mauricio, chefe da legião Thebana, quando, como refere S. Eucherio, respondeu ao imperador: Somos soldados vossos, principe, mas tambem servos de Deus, nós o confessamos espontaneamente. . . E agora mesmo o perigo em que estamos de perder a vida não nos impelle á revolta; temos armas e não resistimos, porque antes queremos morrer do que dar a morte. Esta fidelidade dos antigos christãos resalta com novo brilho, quando se advertir com Tertulliano, *que os christãos por esse tempo já dispunham de numero e de força, se tivessem querido mostrar-se inimigos declarados. Nós somos d'hontem, e já enchemos vossas cidades, vossas ilhas, fortes, municipios, assembleias, campos, tribus, decurias, palacios, o senado, o Forum. Como não teriamos sido proprios e promptos para fazer a guerra, embora com forças deseguaes, nós que nos deixamos degollar tão corajosamente, se nossa religião não nos obrigasse antes a morrer do que a dar a morte? Se nossa grande multidão se separasse de vós, retirando-se para qualquer parte remota do orbe, a perda de tantos cidadãos de todas as classes teria enchido de confusão vosso poder, o qual ficaria punido pelo simples facto de semelhante abandono. Sem duvida, terieis ficado espantados de vossa solidão. . . terieis procurado de balde a quem mandar; restar-vos-hiam mais inimigos, do que cidadãos, agora porem tendes menos inimigos por causa da multidão dos christãos.*

«Estes bellos exemplos de submissão inviolavel aos principes, consequencia logica dos preceitos da religião christã, condemnam a detestavel insolencia e a mali-

gnidade d'aquelles, que de todo em todo inflammados no ardor immoderado de uma liberdade audaciosa, só tem em vista sacudir e subverter todos os direitos das potestades, para soccolor de liberdade presentear em os povos com o dom funesto da escravidão. Foi esta a mira das culpaveis utopias e de todos os projectos dos Vaudezes, dos Beguardos, dos Wiclefitas, e de outros filhos de Belial, opprobrio do genero humano, e que a Sancta Sé fulminou tantas vezes e tão justamente com seus anathemas. E' tambem sem duvida no mesmo intuito, que esses impostores aspiram a felicitar-se com Luthero de *serem livres de todos*, e que para o conseguirem mais facilmente e mais depressa, forjam audaciosamente criminosas emprezas.

«Nada mais auspicioso para a religião e para a sociedade, do que os votos que formam aquelles, que desajam a separação da Igreja e do Estado, e que haja quebra no mutuo accordo entre o sacerdocio e o imperio, porque é certo que se os partidarios de uma liberdade effrene temem este accordo é porque é favoravel e salutar aos interesses da religião e da auctoridade civil.

«A tantas causas de amargura, que nos affigem e constringem com a mais viva dor á vista do perigo commum, vem junctar-se as preoccupações de certas associações e reuniões estabelecidas, onde se faz causa commum com gente de todas as falsas religiões, e nas quaes debaixo de apparencias de respeito pela verdadeira religião, mas no fundo pelo desejo real de innovações, e para excitar por toda a parte motins, se preconiza toda a casta de liberdades, arman-se perturbacões contra o bem da Igreja e do Estado, e arruina-se a auctoridade a mais sagrada.

«E' com dor sem duvida, mas tambem com muita confiança n'Aquelle, que impera aos ventos e traz a bonança, que vos escrevemos todas estas cousas, venera-

veis Irmãos, afim de que sobraçando o escudo da fé, vos esforceis para pelejar os combates do Senhor. E' a vós principalmente que compete oppor-vos como antemural contra toda a altura, a que se eleve a soberba da sciencia contra Deus. Floreai a espada do Espirito, que é a palavra de Deus; e que aquelles que tem fome de justiça recebam de vós o pão d'esta palavra. Chamados a ser operarios diligentes na vinha do Senhor, trabalhai junctos para desarraigar do campo que vos está confiado toda a raiz amarga, para suffocar todo o germen viciado, e fazer medrar a semente abençoada das virtudes; abraçando em vossa affeição paternal todos aquelles que se consagram ao estudo das sciencias ecclesiasticas e ás questões philosophicas, premunindo-os por vossas exhortações a não fiarem imprudentemente das forças de seu proprio espirito, que desgarrando-se da senda da verdade os arremessaria á voragem dos impios. Que tenham bem presente que Deus é o *guia da sapiencia* e o *reformador dos sabios*, e que não é possivel conhecermos a Deus sem Deus que pelo seu Verbo ensina aos homens a conhecel-o. E' proprio de um orgulhoso, ou antes de um insensato querer apreciar á luz fusca das humanas cogitações os mysterios da fé, que ultrapassam todo o sentimento, e fiar-se de propria razão, que é fraca e debil pela condição de nossa natureza.

De resto, que os principes, nossos caros filhos em Jesus Christo, favoreçam estes votos para salvação da Igreja e do Estado, com todo o seu poder e auctoridade, considerando que os receberam não só para governo d'este mundo, mas particularmente para defesa da religião. Que pensem seriamente que tudo o que tende á salvação da Igreja se converte em fiel de seu poder e tranquillidade. Que se persuadam de que a causa da religião deve ser-lhes mais chara do que a do throno, e que muito lhes importa, digamol-o com o

pontifice S. Leão, *que a coroa da fé seja enlaçada pelas mãos de Deus em seu diadema*. Collocados como pais e tutores dos povos, grangear-lhes-hão para muito tempo uma paz e um repouso verdadeiros e prosperos, se puzerem todo o seu cuidado em manter intactas a religião e a piedade para com Deus, que traz escripto sobre o femur: *Rei dos reis, e Senhor dos senhores*.

Mas afim de que tudo isto chegue felizmente, ergamos os olhos e as mãos para a bemaventurada Virgem Maria, para aquella que só á sua parte tem destruido todas as heresias, e que forma o nosso maior objecto de confiança e até todo o fundamento de nossa esperança. Que em meio das necessidades imminentes da grey do Senhor, implore por seu valimento um exito favoravel a nossos esforços, vistas e actos. Pedimos instantemente e por humildes supplicas a Pedro, principe dos apostolos, e a Paulo, seu collega no apostolado, que vos impeçam com inabalavel firmeza de que ponhais outro fundamento além d'aquelle, que está posto.

Na doce esperança de que o Auctor e Consummador de nossa fé, Jesus Christo, nos ha de consolar em meio das tribulações que nos salteiam de todas as partes, Nós damos-vos affectuosamente a vós, veneraveis Irmãos, e ás ovelhas confiadas a vosso cuidado, a benção apostolica, penhor dos soccorros celestes.

Encyclica de Nosso Sanctissimo Padre o Papa Gregorio XVI, Condemnando as «Palavras d'um Crente», do sr. de La Mennais, 24 de junho de 1834.

«Sentiramos uma alegria especial ao recebermos os nobres testemunhos de fé, obediencia e religião, que por toda a parte despertou a nossa carta encyclica de 15 d'agosto de 1832, na qual expuzemos a toda a grey catholica, como era do nosso dever, a doutrina sã e a unica a seguir no tocante a pontos, que n'ella se acham

desenvolvidos. Nossa alegria augmentou ainda pelas declarações que mandaram imprimir alguns d'aquelles que tinham approvado as opiniões erroneas e os conselhos que deploramos, e de que se mostravam fautores e defensores.

Sabiamos, é verdade, que o mal, longe de ser destruido, era pelo contrario fomentado contra a cousa sagrada e civil, o que presagiavam sem contradita impudentes libellos, espalhados entre o povo, e certas machinações tenebrosas, as quaes foram por isso mesmo reprovadas por nossas cartas do mez de outubro, dirigidas a nosso veneravel irmão o bispo de Rennes. Mas em meio de nossa anciedade e viva solicitude, foi-nos certamente gratissimo ver aquelle que era a causa principal da nossa amargura, reconhecer em termos formaes, pela declaração que nos endereçara a 11 de dezembro precedente, que elle adheria *pura e simplesmente* á doutrina contida em nossa encyclica e que nada escreveria nem approvaria em contrario. Abrimos logo as entranhas de nossa caridade paternal a este filho, que, tocado de nossos avisos, nos trazia a confiança de que daria cada vez provas mais brilhantes de sua perfeita submissão a nossa sentença.

« Mas, o que pareceria incrível, aquelle que acolheramos com bondade tão affectuosa, esquecendo nossa indulgencia, bem depresssa abandonou sua resolução e a boa esperança que nutriamos de colher os fructos de nosso ensino desvaneceram-se depois que tivemos conhecimento de uma obra na lingua franceza, com o titulo de *Palavras de um crente*: esta obra espalhada por toda a parte, de pequeno formato, é verdade, mas enorme de perversidade, foi mandada para o prelo por aquelle mesmo auctor, sob a capa do anonymo, desembugada porem pelas folhas publicas.

« Ficamos tomados de horror, veneraveis irmãos, á primeira vista d'olhos que lhe lançamos e deplorando a

obcecção do auctor, comprehendemos aonde vai abysmar-se a sciencia que não é segundo Deus, mas conforme com as maximas do mundo. Com effeito, contra a palavra solemnemente dada em sua declaração, o auctor, debaixo do rebuço capcioso das expressões e das imagens, empenha-se tristemente em atacar e destruir a doutrina catholica que nós tínhamos exposto em nossa carta alludida, em virtude da auctoridade confiada a nossa humildade, quer no tocante á submissão devida ás potestades, quer para affastar para longe do povo o flagello contagioso do indifferentismo, e para pôr um freio á licença desordenada das opiniões e das palavras; quer finalmente para condemnar a liberdade illimitada de consciencia e a terrivel conspiração dos sectarios de toda a falsa religião contra a causa sagrada e publica.

«Nosso espirito recusa-se a percorrer essas passagens, nas quaes o auctor faz esforços para quebrar os laços da fidelidade e da submissão aos principes, sacudindo por toda a parte o facho da revolta, afim de provocar a subversão da ordem publica, o desprezo dos magistrados, a infracção das leis, e de destruir todos os elementos da auctoridade espiritual e civil. D'ahi, em ficção nova e impia, e pela arma aleivosa da calumnia, representa o poder dos principes como contrario á lei de Deus, e mesmo como *obra de peccado*, como o *poder de Satanaz*, e estampa as mesmas notas de infamia sobre os membros do clero e os principes, por causa de uma alliança de crimes e de esforços, que elle sonha ter-se feito contra o direito dos povos. Não contente de tamanho ousio, exalta desmedidamente a liberdade illimitada de opiniões, de palavras e de consciencia; apetece toda a sorte de prosperidades ás milicias que devem combater para conquistal-a, diz, *sobre a tyrannia*, e convoca em cego furor as assembleias e associações de todos os povos do mundo, e pelos esforços multiplices que envida para trazer á practica projectos tão

criminosos, força-nos a reconhecer que n'esta parte calçou aos pés nossos avisos e nossas sentenças.

« Córamos de rememorar aqui tudo o que essa obra de impiedade e de audacia contem capaz de perturbar as cousas divinas e humanas; mas o que sobremodo excita nossa indignação, e o que a religião não pode tolerar, é que o auctor se sirva dos preceitos sagrados para sustentar tantos erros, e exaltal-os deante dos imprudentes; e que para desligar os povos das leis da obediencia, como se fôra um inspirado, um enviado de Deus, depois de ter começado sua obra pela invocação ao nome santissimo da Augusta Trindade, empregue por toda ella as sagradas Escripturas, e torça com tanta destreza, como audacia palavras que são palavras de Deus, no intuito de instillar nos espiritos suas funestas extravagancias, afim de mais seguramente, como dizia S. Bernardo, *derramar as trevas em lugar da luz, e em vez do mel ou antes no proprio mel, dar a beber a peçonha, forjando um novo evangelho para os povos, e pondo outro fundamento differente d'aquelle que está posto.*

Ora aquelle que nos constituiu sentinella vigilante de Israel, prohibe-nos guardar silencio sobre este golpe vibrado na sã doutrina, e impõe-nos a obrigação de prevenir contra o erro aquelles que Jesus Christo, o auctor e consummador da fé, tem confiado á nossa solitudine.

Por taes considerações, depois de termos ouvido alguns de nossos veneraveis irmãos os cardeaes da sancta Egreja romana, de motu proprio e sciencia certa, e em virtude do poder apostolico, reprovamos, condemnamos, queremos e decretamos que se tenha sempre como reprovado e condemnado o mencionado livro que dá pelo titulo de *Palavras de um Crente*, no qual por um abuso impio da palavra de Deus, os povos são excitados a romperem todos os laços da ordem publica, a destruir as duas auctoridades, a suscitar, fomentar, corroborar as sedições, os tumultos, as revoltas nos impe-

rios, livro, por consequencia que contem proposições respectivamente falsas, calumniosas, temerarias, promotoras da anarchia, contrarias á palavra de Deus, impias, escandalosas, erroneas, já condemnadas, sobretudo na pessoa dos Vaudezes, Wiclefitas, Hussitas e outros hereges d'este genero.

« Agora, veneraveis Irmãos, a vós pertence secundar com todos os vossos esforços nossos presentes mandamentos, reclamados imperiosamente pela salvação e segurança da cousa sagrada e civil, com receio de que este livro, espalhando-se secretamente para minar e destruir, não venha a ser tanto mais pernicioso, quanto mais favorece o amor desregrado das innovações culposas, semelhante a essas doenças contagiosas que deram os estragos e a assolção ao longe entre os povos. E' uma obrigação que vos impende, a de insistir na manutenção da sã douctrina em ponto tão importante, desvelar a astucia dos innovadores, de empregar mais vigilancia na guarda do rebanho christão, vigiar sobre que o estudo da religião, a piedade das acções, a paz publica, floresçam e vão sempre em augmento; é isto o que temos o direito de esperar confiadamente da vossa fé, de vossa provada adhesão ao bem commum, afim de que com o soccorro do Pai das luzes nos felicitemos (falamos pela bocca de S. Cypriano) de *que o erro tenha sido comprehendido e refutado, de que tenha sido reprimido, porque foi reconhecido e desmascarado.*

De resto, devemos sobremodo deplorar ao ver onde se precipitam os desvarios da razão humana, logo que esta se entrega ao espirito de novidade, e que contra o preceito do Apostolo se busca *ser mais sabio do que se ha mister*, e que fiando-se muito nas proprias forças, se persuade encontrar a verdade fóra da Egreja catholica, na qual se depara isenta da mais leve mancha; d'onde vem o chamar-se, como na realidade é, *columna e firmamento da verdade.* Comprehendeis sem duvida,

veneraveis Irmãos, que queremos fallar tambem d'esse perigoso systema philosophico recentemente excogitado, e que deve reprovar-se, por cujo effeito, desvanecidos com um desejo immoderado e effrene de novidades, não buscam a verdade, onde realmente se encontra, e pondo de lado as tradições sanctas e apostolicas, admittem douctrinas vãs, futeis, incertas e não approvadas pela Egreja, e sobre as quaes homens frivolos julgam falsamente que a verdade se estriba e sustenta.

« Ao escrevermos estas linhas em virtude do cargo e da solicitude que do alto nos impende, de conhecer julgar e guardar a sã douctrina, nosso coração geme da ferida dolorosa que n'elle abriu o erro de nosso filho, e na profunda afficção que o domina não lhe resta outra consolação que a esperança de o ver reentrar nas veredas da justiça. Levantemos portanto nossos olhos e nossas mãos para Aquelle que é o guia da sabedoria e o reformador dos sabios, e enderecemos-lhe ferventes supplicas para que, dando a nosso filho um coração docil e uma alma generosa, que lhe faça ouvir a voz de um pai terno e afficto, se apresse a dar a alegria á Egreja, a vossa ordem, á Sancta Sé, e a nossa humildade. Quanto a nós, veremos como um dia fausto aquelle, em que nos for dado apertar contra nosso paternal seio esse filho voltando em si mesmo; e nutrimos uma grande confiança de que, a seu exemplo, aquelles que puderem ter sido induzidos a erro por sua auctoridade, tornarão ás vias da resipiscencia, de sorte que em todos haja no interesse da causa publica e sagrada unanimidade de douctrinas, accordo de resoluções e união de acções e de projectos. Pedimos-vos com instancia e esperamos de vossa solicitude pastoral, que unireis vossos votos e vossas preces ás nossas para obter esta graça do Senhor. Finalmente, implorando para o complemento d'esta obra o socorro divino, concedemos-vos affectuosamente á vós e a vossas

ovelhas a benção apostolica, que d'elle é feliz presagio.»

As dezoito proposições, propostas á assignatura dos Hermesios

JANEIRO DE 1837

«I. Creio e confesso que é um erro condemnavel procurar estabelecer a *duvida positiva* como base de toda a investigação theologica, porque é uma via tenebrosa, conduzindo a toda a casta de erros, e que se aparta da estrada real, seguida pela tradição e por todos os Sanctos Padres, na exposição e defesa das verdades da fé.

«II. Creio e confesso que é uma tentativa condemnavel esforçar-se em rejeitar a graça da fé, na qual nascemos por misericórdia de Deus; de a rejeitar, digo, no fim, partindo da *duvida positiva*, e com os soccorros da razão só, de procurar a fé, de tal sorte que se possa totalmente rejeitar, se a razão não encontrar a fé ou a necessidade d'ella.

«III. Creio e confesso que a fé é um *dom de Deus*, e uma luz, pela qual *esclarecido* o homem dá um *acceso firme* e uma adhesão plena ás cousas que foram divinamente reveladas e a Igreja propõe a nossa crença.

«IV. Rejeito totalmente e condemno este erro, que estabelece que a razão é a *regra principal* e o *unico meio* que o homem possui de chegar ao conhecimento das verdades sobrenaturaes.

«V. Creio e confesso que é uma opinião erronea a que concede á razão humana uma auctoridade soberana para ensinar e julgar das cousas da fé; mas que ao contrario d'isso é a fé a *porta da salvação*, sem a qual ninguém n'esta vida pode encontrar a Deus, nem invocá-lo, servil-o, agradar-lhe, e que é característico da fé reduzir a intelligencia á *servidão pela obediencia ao Christo.*»

«VI. Pelo que respeita á natureza da fé e á regra das cousas de crença, as sanctas Escripturas, a revelação e o ensinamento da Igreja, os motivos de credibilidade, as razões que de ordinario se empregam para *demonstrar e confirmar* a existencia de Deus, sua essencia, sanctidade, justiça, liberdade, e o fim que se propõe em suas obras, que os theologos chamam *ad extra*, a necessidade e a *distribuição de sua graça*, a retribuição das recompensas e a applicação das penas, o estado de nossos primeiros pais, o peccado original e as forças do homem decahido, comprometto-me a nada sustentar e transmittir senão o que a Igreja tem e ensina.

«VII. Creio e confesso que todos os homens, pelo facto de serem gerados de Adão, nascem debaixo do jugo do peccado original, comprehendendo a *offensa e a pena do peccado*; e que este peccado, que é uno em a origem, e transmittido a todos pela geração e não por imitação, se torna proprio de cada um, e que além d'este peccado original, unida a elle, e provindo d'elle, a concupiscencia, effeito do peccado e inclinando ao peccado, tem passado a todos os homens.

«VIII. Pelo que toca á conceição da Bemaventurada Virgem Maria, mãe de Deus conformar-me-hei com o que está estabelecido pelo decreto *Sanctissimus* do papa Gregorio xv, de 1622, e pela bulla *Sollicitudo* de Alexandre vii que permittem ensinar em publico e em particular, que a Virgem Maria foi concebida sem macula original; e que prohibem sob pena de excommunição *ipso facto* sustentar o sentimento contrario, i é, *ensinar ou pretender*, em publico ou em particular, que a bemaventurada Virgem Maria foi concebida com o peccado original; além d'isso, sustentarei o que a Igreja sustenta, a saber, que a bemaventurada Virgem Maria foi isenta, durante todo o tempo de sua vida, de todo o peccado, mesmo venial, e prometto nunca ensinar em publico ou em particular cousa alguma que tísne a per-

petua virgindade da mesma bemaventurada Virgem Maria, que ao contrario o Christo Senhor nascera sem diminuição alguma de sua maternal virgindade, e que Jesus Christo sahiu do seio materno sem desluzimento algum de sua maternal virgindade, o que se effectuou pela virtude do Espirito Sancto, o qual assistiu á concepção do Filho e ao parto da mãe, para lhe dar a fecundidade, e conservar-lhe uma perpetua virgindade.

«IX. Creio e confesso que sem a inspiração proveniente do Espirito Santo em sua assistencia, o homem não pode crer, esperar e amar ou arrepende-se como carece para que a graça de sua justificação lhe seja conferida. Creio igualmente e confesso que a graça divina é dada por Jesus Christo, tambem afim de que o homem possa mais *facilmente* viver conforme a justiça e merecer a vida eterna, como se, pelo livre arbitrio e sem a graça, pudesse conseguir uma e outra cousa, ainda que gravado com a molestia e a difficuldade.

«X. Creio e confesso que cada um recebe a graça consoante a medida que o Espirito Santo reparte a cada um, *como quer*, e segundo a propria disposição e cooperação de cada um; e que a prece não só prepara o espirito para receber os dons de Deus, mas é meio recommendado pelo Christo Senhor, para que Deus seja movido a conceder-nos o que pedimos, contanto que não seja opposto a nossa salvação.

«XI. Creio e confesso que somos justificados pela *justiça de Deus*, a nós inherente, a qual é sobre nós entornada pelos meritos de Jesus Christo.

«XII. Condemno e anathematizo, como grande erro, toda a pessoa que diz que os homens são justificados, ou só pela imputação dos meritos de Jesus Christo ou só pela remissão dos peccados, excluindo a graça e a charidade, que o Espirito Sancto derrama em nossos corações e que lhes é inherente, ou ainda, que a

graça que nos justifica não é outra cousa do que o favor de Deus.

«XIII. Creio e confesso que a predestinação é um mysterio digno de nossa admiração e de nossa veneração, e que é preciso crer pia e devotamente, e não penetrar muito curiosamente com a razão, e sobre o qual se não deve disputar senão com circunspecção, e deante de pessoas de idade madura. E igualmente creio e confesso que os bemaventurados devem sua salvação á misericordia de Deus, e que por conseguinte as boas obras que fizeram sobre a terra, pela graça de Deus e pelos meritos de Jesus Christo, de quem são membros vivos, não são de tal modo dons de Deus, que se não possam tambem apellidar meritos proprios; e outrossim que os reprobos não podem accusar ninguem, senão a si proprios, de sua perdição.

«XIV. Creio e confesso que Deus fez todas as cousas para *si mesmo* e o impio tambem para o dia mau, e que a causa final de nossa justificação é a gloria de Christo e a vida eterna.

«XV. Creio e confesso que consoante o espirito da Egreja, a satisfação é não só como um reparo para uma vida nova e como um remedio para nossa fraqueza, mas ainda como punição e pena pelos peccados preteritos.

«XVI. Creio e confesso que Deus pune os maus com penas eternas, segundo a justiça que se chama vindicativa, *por causa da malicia intrinseca do peccado*.

«XVII. Declaro e prometto querer observar no sentido o mais estricto o decreto do concilio de Trento que tem por fim reprimir a muito grande petulancia de certos espiritos, o qual está concebido n'estes termos:

«Que ninguem fiando do proprio juizo commetta a temeridade de aplicar a Escriptura Sancta a seu sentido particular, nem dar-lhe interpretações ou contrarias ás que lhe dá ou tem dado a sancta madre Egreja,

a quem compete julgar qual o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das sanctas Escripturas, ou oppostas ao sentimento unanime dos Padres, ainda que taes interpretações nunca houvessem de ver a luz da publicidade.»

«XVIII. Prometto a meu arcebispo respeito e obediencia, sem restricção mental alguma, em todas as cousas que se *referem á doutrina e á disciplina*; e confesso que nem posso, nem devo apellar do juizo do meu arcebispo, para qualquer outro, segundo a ordem hierarchica catholica, a não ser para o papa, chefe de toda a Egreja. Confesso que o pontifice romano tem o primado de ordem e de jurisdicção sobre toda a Egreja; que é successor de S. Pedro, principe dos apostolos, o verdadeiro vigario de Christo, o chefe de toda a Egreja, o centro da unidade, o pastor dos pastores, o pai e o *douctor* de todos os fieis de Christo, e terei sempre em meu espirito e o provarei por minhas palavras e obras que foi a elle na pessoa de Pedro que Christo deu pleno poder de apascentar os cordeiros e as ovelhas, de dirigir e de governar a Egreja universal; e em especial faço profissão e prometto que quero obedecer aos decretos do Soberano Pontifice nas *cousas de fé e de costumes*.

**Ultima declaração assignada por M. Bautain
e seus educandos a 8 de setembro de 1840**

A M. Bautain e seus educandos pareceu poderem collocar-se em face do seu bispo em uma posição que lhes permittisse praticar todo o bem, que por sua sciencia e zelo eram chamados a fazer; intenderam-se com o novo coadjuctor de Strasburgo, Mgr. Rass, que lhes propoz a seguinte declaração, que assignaram;

«Desejando submeter-nos á doutrina que nos foi proposta por Mgr. o Bispo, nós abaixo assignados, de-

claremos adherir sem restricção alguma ás proposições seguintes:

« I. O raciocinio pode provar com certeza a existencia de Deus e a infinidade de suas perfeições. A fé, dom do ceo, suppõe a revelação: não pode pois ser convenientemente allegada contra um atheu em prova da existencia de Deus.

« II. A divindade da revelação mosaica prova-se com certeza pela tradição oral e escripta da synanoga e do christianismo.

« III. A prova, tirada dos milagres de Jesus Christo, sensível e tocante pelas testemunhas oculares, não tem, perdido sua força, nem seu esplendor em face das gerações subseqüentes. Encontramos esta prova em toda a certeza na authenticidade do Novo Testamento, na tradição oral e escripta de todos os christãos, e é por esta dupla tradição que devemos demonstral-a contra a incerteza que a rejeita, e contra aquelles que sem a admittirem ainda a desejam.

« IV. Não se está pois no direito de esperar de um incredulo que admitta a resurreição de Nosso divino Salvador, antes de lhe ter offerecido provas certas, e estas provas são deduzidas pelo raciocinio.

« V. Sobre estas questões diversas a razão precede a fé e deve a ella conduzir-nos.

« VI. Por fraca e obscura que se haja tornado a razão pelo peccado original, possui bastante luz e força para nos levar com certeza á existencia de Deus, á revelação feita aos judeus por Moysés, e aos christãos por nosso adoravel Homem-Deus. »

Proposições que a Sagrada Congregação do Index condemnou nos Tractados de Theologia e de Logica do professor Ubahgs. 28 de junho de 1840.

«I. Que nós não poderíamos chegar ao conhecimento de nenhuma verdade externa metaphysica, ou que tenha por objecto qualquer verdade que não caia debaixo da alçada dos sentidos, se não fossemos instruidos por outrein, e em ultima analyse pela divina revelação.» Ora esta doutrina é inadmissivel, pois que as verdades internas e mathematicas podendo ser conhecidas pelo raciocinio, como o proprio auctor o confessa, por esse facto já nos é possivel o conhecimento das verdades externas, ao menos sempre que estas verdades estão ligadas a verdades internas, ou que estas ultimas não teriam nenhuma razão de ser, se ao mesmo tempo se não suppuzesse alguma verdade externa.

«II. Que rigorosamente falando, as verdades externas metaphysicas não são susceptiveis de demonstração.» O auctor pelo contrario teria devido considerar que as verdades externas estão algumas vezes ligadas ás internas como a causa ao effeito, e por consequencia susceptiveis de demonstração, graças a este nexo, pelo genero de argumento, chamado á *posteriori*, cuja certeza não é menor do que aquella que se obtem pela demonstração á *priori*.

«III. Que a existencia de Deus é absolutamente indemonstravel; nós negamos que se possa demonstrar que Deus existe.» Esta doutrina estranha decorre logicamente das opiniões já indicadas do auctor.

«IV. Que as provas da existencia de Deus se reduzem a uma certa fé, ou são fundadas n'esta fé, pela qual antes acreditamos, do que vemos; ou melhor, que é uma persuasão natural em nós que uma tal ideia, que de Deus formamos, é fiel, ainda que não possamos ter

d'ella evidencia puramente interna». Estas palavras parecem significar que a existencia de Deus é para nós um objecto de crença antes, do que de demonstração, o que está muito longe da verdade.

«V. O auctor reduz ao senso commum todas as provas das verdades externas metaphysicas: douctrina inadmissivel, pois que ha verdades externas que se demonstram á posteriori por meio das verdades internas, sem que haja necessidade de consultar o senso commum. E' assim que tendo a consciencia de nossa existencia, nós inferimos a existencia de uma causa, da qual recebemos a existencia, i é, que deduzimos esta verdade externa d'essa outra verdade que é interna, sem fazer interferir o senso commum.

«Eis ahi as principaes proposições contidas no supramencionado livro, que nos parece deverem ser corrigidas. Em consequencia a sagrada Congregação advertiu o reverendo Auctor de que cuidasse de emendar o livro em alguma nova edição, e de no entrementes abster-se de enunciar taes opiniões em suas licções escolasticas.

VII. Decreto de Sua Santidade Gregorio XVI condemnando o livro de Francisco Porti, intitulado — «Cartas sobre a direcção dos estudos». 5 d'agosto de 1843.

«Entre as maiores e mais crueis calamidades da religião catholica, que n'estes tempos de perturbação e tempestade deploramos, a principal é sem contradicção a multidão de livros pestilenciaes, que semelhantes a *gafanhotos*, *sahidos do poço do abysmo*, inundam quasi toda a vinha do Senhor, para a devastar, e que são qual taça cheia de abominações, que viu João nas mãos da grande *prostituta*, fartando de toda a sorte de peçonha todos os que a levam aos labios. Tal é por certo o

libello que tem por titulo: *Cartas sobre a direcção dos estudos*, publicado sob o nome de Francisco Forti, com a marca typographica: *Genebra*, 1843, obra de volume assaz reduzido, mas pela variedade das materias de que tracta, e pela multidão de erros que accumula, digna de se pôr ao par das de grosso volume, reduzida a poucas folhas com toda a arte e toda a sorte de malicia dos mestres da iniquidade, afim de que a sua forma portatil e a modicidade do preço, favorecendo-lhe a diffusão, possa dar-lhe entrada em toda a parte, e envenenar todo o estudo, corromper a juventude de todas as condições, e arruinar a religião, se tanto lhe fosse possível.

O auctor respigou nos mais astuciosos inimigos da fé e da moral christã, que cita e louva, suas maximas erroneas e preversas: enfeixando-as por meio de sophismas contra a doutrina catholica, contra a moral christã, de sorte que se pode affirmar que condensou em um simples libello os principaes erros e extravagancias de todos os que o precederam. Eis porque se lhe pode applicar o que escrevia S. Leão a Toribio (Epist. xv) do dogma dos Priscillianistas: «Não ha incoherencia, vomitada por algum impio, que não tenha logar n'este *libello*,» o auctor fez uma especie de amalgama de quanto ha de immundo nas opiniões depravadas, de tal maneira que elle bebeu á sua parte tudo o que os outros apenas provaram. E para amostra de que assim é bastará notar entre outras, as proposições seguintes, sustentadas n'esta obra:

«O auctor affirmar que é impossivel responder victoriosamente aos argumentos dos philosophos scepticos. — A proposito da cosmogonia mosaica instilla tambem o scepticismo. Dá relevo a perigosas duvidas sobre a natureza e faculdades d'alma. Em sua opinião não se devem julgar as virtudes e os vicios senão aferindo-os pela felicidade do genero humano, e pela conservação

da ordem da natureza na sociedade civil. — E por conseguinte sem attenção alguma para com a lei divina e a moralidade religiosa das acções — Mais: leva a impiedade a ponto de considerar como absurdo e immoral *todo o principio dogmatico*, proprio para servir de freio ás paixões humanas, e tem a audacia, desembuçando-se despejadamente, de pedir ao poder politico a impunidade da mais effrene e da mais vergonhosa de todas as paixões. Queria que o estado de natureza fosse o estado de guerra, como o dos brutos. Alem d'isso, agradece a Luthero e ao protestantismo a reforma philosophica e a reforma politica, como um beneficio para a sociedade, asseverando que essas pretendidas reformas volveram melhor a condição dos povos de quasi todas as nações.

E' portanto liquido que a religião d'este auctor differencia essencialmente da religião revelada e que não passa de uma religião politica, que o poder politico de cada Estado pode e deve determinar, reger e reformar a seu talante, tal qual como se pratica nos estados protestantes.

Quanto á religião catholica, increpa a Egreja pela multidão de seus dogmas e de seus preceitos moraes, que limitam a liberdade de pensar; e propõe um systema, em virtude do qual os governos, em cujos estados está em vigor, poderão reduzi-la e tornal-a util á sociedade conforme os politicos o entendam. Diz em seguida que seria util á sociedade aquella religião que tivesse poucos dogmas e exercicios mais simples, e que *substituísse o coração* (assim se exprime) *ás pretensões da metaphysica*, i é, como resulta do contraste, uma religião que substituísse os movimentos e affeições do coração aos preceitos moraes da religião christã. Pelo que toca aos delictos contra a religião, o auctor insinua que se deve curar mais de manter a tolerancia, do que de proteger o dogma.

«E' portanto manifesto que o escopo e as maximas

do auctor tendem a reformar, ou para melhor dizer, a subverter totalmente a religião catholica, seguindo os principios dos protestantes. Os principios postos e estabelecidos por elle como a regra dos legisladores e dos que governam, visam, quanto á religião, a obter directamente: 1.º que o clero seja exposto á desconfiança e ao escarneo dos povos, e a auctoridade ecclesiastica á inveja; 2.º que se apartem de um só golpe, ou a pouco e pouco da Sé apostolica, centro da unidade catholica, os corações dos fieis; 3.º que toda a jurisdição ecclesiastica no foro externo e sobre todas as acções exteriores seja abolida; 4.º que o poder politico possa regular e mudar a seu talante as instituições ecclesiasticas e até mesmo os elementos da instrucção religiosa, discutir a doutrina da Igreja catholica, submettel-a a seu proprio juizo, e impedir a sua propagação; 5.º que o governo da Igreja pertence só ao governo civil, ou que pelo menos lhe é inteiramente subordinado; em summa todas estas maximas tendem a volver a Igreja escrava dos governos.

«Nós pois, pesando com attenção tudo isto, com as lagrimas nos olhos e aos pés do crucifixo, considerando de que immensos perigos seria para as almas a leitura d'este libello pestilencial, depois de ter ouvido o parecer de nossos irmãos os cardeaes da sancta Igreja romana, inquisidores geraes de toda a republica christã, de motu proprio, e sciencia *certa*, depois de madura reflexão e na plenitude de nosso poder apostolico, por nossas letras presentes, com as clausulas ordinarias e as penas comminadas no *index* dos livros prohibidos, condemnamos, reprovamos, e prohibimos o supramencionado libello, em qualquer logar e lingua em que tenha sido, ou (o que Deus não permita) haja de ser impresso, seja qual for ou possa ser a edição ou traducção, como contendo doutrinas ou asserções:

Induzindo ao scepticismo e á incredulidade, escan-

dalosas contra os bons costumes, impias, respectivamente falsas, temerarias, capciosas, erroneas, sabendo a hereticas, suspeitas de heresia, injuriosas e calumniosas para com o sagrado ministerio ecclesiastico, derogatorias dos direitos divinos da Egreja, subversivas da fé e da divina constituição da Egreja, favoraveis ao protestantismo, seismaticas. »

Carta Encyclica de nosso sanctissimo Padre o Papa Pio IX, «a todos os patriarchas, primazes, arcebispos e bispos. Enumeração dos erros inventados contra a revelação». 9 de novembro de 1846.

«Nenhum de vós ignora, veneraveis Irmãos, que n'este seculo deploravel, se faz uma guerra atroz e encarniçada ao catholicismo por homens que, ligados entre si em sociedade criminosa, repellindo as sãs douctrinas, e cerrando os ouvidos á voz da verdade, produzem á luz publica opiniões as mais funestas, e envidam todos os seus esforços para as disseminar e fazer triumphar. Somos tomados de horror e alanceados da mais viva dor, quando reflectimos em tão monstruosos erros, em tantos meios de prejudicar, em tantos artificios e culpaveis manobras, de que se servem os inimigos da verdade e da luz, tão habeis na arte de enganar, para suffocar nos espiritos todo o sentimento de piedade, justiça e honestidade, para corromper os costumes, postergar todos os direitos divinos e humanos, concutir a religião catholica e a sociedade civil, e até arruinal-as se possivel fosse.

Vós o sabeis, veneraveis Irmãos, estes implacaveis inimigos do nome christão, arrebatados por um cego furor de impiedade, tem chegado a este grau inaudito de temeridade, que *abrindo a bocca em blasphemias contra Deus*, não córam de ensinar publicamente que os augustos mysterios de nossa sancta religião são erros e in-

venções dos homens, que a doutrina da Igreja catholica é opposta ao bem e aos interesses da sociedade, de sorte que não se arreceiam de renegar o proprio Christo e Deus. E para melhor seduzir os povos e para illaquear no erro os espiritos inexperientes e sem sciencia, affectam serem os unicos que conhecem as vias da felicidade; arrogam-se o titulo de philosophos, como se a philosophia, cujo escopo é a investigação das verdades naturaes, devesse rejeitar o que o mesmo Deus, auctor supremo da natureza, se dignou por um insigne beneficio de sua misericordia ensinar aos homens para os conduzir pelo caminho da ventura perfeita e da salvação.

É violando assim todas as regras do raciocinio, que não cessam de appellar para o poder, para a superioridade da *razão humana*, que revoltam contra a *fé sancta de Christo*, que tem a audacia de pretender ser opposta á razão humana. Nada por certo poderia imaginar-se de mais insensato, de mais impio, e contrario á *propria razão*; porque ainda que a Fé *seja superior á razão*, não pode nunca entre ellas haver opposição alguma, contradicção real, porque ambas procedem do mesmo Deus fonte unica e immutavel da eterna verdade: e assim prestam-se um mutuo auxilio, de modo que a *recta razão* demonstra, protege e defende a verdade da Fé, e que a fé libertando a razão do jugo de todos os erros, a esclarece e fortifica pelo *conhecimento das cousas divinas*.

E' com a mesma perfidia, veneraveis Irmãos, que estes inimigos da *revelação divina*, exaltando sem medida o *progresso humano*, quereriam por um attentado temerario e sacrilego, introduzil-o na propria religião catholica, como se esta religião fosse obra não de Deus, mas dos homens, ou uma *invenção philosophica* susceptivel de aperfeiçoamentos humanos. Os auctores d'estes miseraveis delirios merecem a exprobração que Tertuliano dirigia aos philosophos do seu tempo, que pre-

tendiam dar ao mundo um *christianismo estoico, platonico e dialectico*. Sendo certo que nossa religião sanctissima não foi inventada pela razão humana, mas que foi o mesmo Deus que a deu a conhecer aos homens em sua infinita clemencia, comprehende-se sem difficuldade que esta religião tira toda a sua força da auctoridade do proprio Deus que *a revelou*, e que não pode ser nem diminuida, nem desfigurada pela *razão do homem*.

E' verdade que a razão humana para não ser enganada, deve examinar cuidadosamente o *facto da revelação divina*, afim de se assegurar de que Deus fallou, e afim de que sua submissão á palavra divina seja *razoavel*, como o ensina com profunda sabedoria o Apostolo. Quem ignora, com effeito, ou pode ignorar que a palavra de Deus merece fé inteira, e que nada ha mais conforme á razão, do que esta acquiescencia e esta submissão inabalavel ás revelações de um Deus que não pode enganar-se, nem enganar?

Como são admiraveis, como são numerosas e brilhantes as provas que devem convencer completamente a *razão humana* de que a religião de Christo é divina, e de que todas as *nossas crenças tem sua primeira raiz no Senhor dos céos*, de sorte que nada ha mais certo do que nossa fé, nada mais digno de nossa confiança, nada mais sancto e que repouse em principios mais solidos!

Ella é, de feito, essa fé, verdadeira mestra da vida, guia seguro nos caminhos da salvação, victoriosa de todos os vicios, mãe e alma nutriz das virtudes, confirmada pelo nascimento, vida, morte, resurreição, sabedoria, prodigios e predicções de seu divino auctor e consummador Jesus Christo; fulgindo de todas as partes com a luz de uma doutrina superior, rica dos thesouros dos bens celestes, illustrada com os oraculos de tantos prophetas, pelo brilho de tantos milagres, pela constancia de tantos martyres, com a gloria de tantos

sanctos; levando a toda a parte as leis salutaes de Christo, e adquirindo sempre novas forças no meio das mais crueis perseguições, está disseminada por todo o universo, desde o nascente ao occidente, armada com o seu balsão, a cruz; conculcando os idolos, dissipando as trevas dos erros, triumphando de inimigos de toda a especie, tem diffundido as luzes do divino conhecimento por entre todos os povos, as nações as mais barbaras, as mais differentes de character, costumes e leis; tem nas submettido ao doce jugo de Christo, dado a todas a paz, e cumulado de bens. Estes successos denunciam por tal modo o dedo da sabedoria e do poder divino, que não ha espirito que não possa facilmente comprehender que a fé christã é obra de Deus. Por isso a *razão humana*, convencida por tantas provas evidentes de que Deus é o *auctor da Fé*, não deve elevar-se mais alto, mas não se atendo ás difficuldades e repellindo toda a duvida, força é que se submetta á Fé, persuadida de que esta nada propõe á crença e á practica dos homens que não venha de Deus.

Vê-se tambem por isto quanto é grande o erro d'aquelles que, *abusando da razão*, e tractando os *oraculos divinos* de obra de homens, ousam explical-os a seu grado, e interpretal-os temerariamente, quando o proprio Deus estabeleceu uma *auctoridade viva* para ensinar e manter o verdadeiro e legitimo sentido de sua *celeste revelação*, e para terminar por um juizo infallivel todas as controversias em materia de fé e de costumes, afim de que os fieis não andem em roda, impellidos por todo o vento de douctrina, arrastados aos laços do erro pela preversidade dos homens. Ora esta auctoridade viva e infallivel só existe na Igreja que o Christo Senhor edificou em Pedro, chefe, principe e pastor de toda a Igreja, e á qual prometteu uma fé indefectivel; Igreja que sempre tem tido pontifices legitimos, succedendo-se ininterruptamente desde Pedro

em sua cathedra, como herdeiros e defensores de sua doutrina, de sua dignidade, honra e poder. « E porque onde está Pedro, ahí está a Igreja, e porque Pedro falla sempre pelo pontifice romano, pois que vive sempre em seus successores, julga por elles, e offerece a verdade da fé áquelles que a procuram, é necessario onvir os divinos oraculos no sentido, que sempre lhes deu e dá esta cadeira romana do bemaventurado Pedro, a qual, mãe e mestra de todas as igrejas, tem sempre conservado pura e inviolavel a fé recebida do Christo Senhor, e a tem ensinado aos fieis, offerecendo a todos o caminho da salvação e o ensino de uma verdade isenta de corrupção.

Ali está essa Igreja principal, d'onde sahe a unidade do sacerdocio, ali essa metropole da piedade, na qual se encontra a plena e perfeita solidez da religião christã, na qual tem sempre subsistido em sua força o primado da cadeira apostolica, á qual em razão de sua preeminencia, toda a Igreja, i é, os fieis, em qualquer parte onde se encontrem, devem recorrer, e com a qual todo aquelle que se recusa a recolher, espalha. » (S. Cypriano, Epist. LV, ad *Corn. Pont.*)

Nós pois, a quem um impenetravel juizo de Deus collocou sobre esta cadeira da verdade, fazemos vivas instancias ao Senhor e a vossa eminente piedade, veneraveis Irmãos, para que trabalheis com todo o ardor do zelo em premunir e exhortar os fieis confiados a vossos cuidados, afim de que, firmes n'estes principios, se não deixem enganar e induzir em erro por homens que entregues a paixões detestaveis, e soccolor de favorecer o *progresso humano*, põem tudo em obra para destruir a fé, submettel-a assim como a divina palavra por uma inversão impia, á *razão*, e não temem ultrajar assim a Deus que, em sua infinita bondade se dignou, por esta celestial religião, franquear aos homens a porta da felicidade e da salvação.

São-vos de sobra conhecidos, veneráveis Irmãos, os outros monstruosos erros e os artificios, pelos quaes os filhos d'este seculo fazem guerra tão encarniçada á divina auctoridade da Egreja, a suas leis, forcejando por calcar aos pés os direitos do poder, quer ecclesiastico, quer civil. Tal é o escopo dos criminosos manejos contra esta sé de Pedro, sobre a qual o Christo bemdito estabeleceu o fundamento inexpugnavel de sua Egreja. Tal é o alvo a que miram essas sociedades secretas, vomitadas do seio das trevas para ruina da religião e dos estados, seitas já muitas vezes feridas do anathema dos pontifices romanos, nossos predecessores, em suas letras apostolicas, as quaes, pela plenitude de nosso poder apostolico confirmamos, para que sejam observadas com grande cuidado. Tal é o fim d'essas insidiosas *seitas biblicas* que, renovando o velho artificio dos hereges não cessam de espalhar com avultadissimas despezas grande numero de exemplares das sanctas Escripturas, traduzidas contra as respeitaveis regras da Egreja, em todas as linguas vulgares, e tantas vezes explicadas em mau sentido. Estes livros são offerecidos a toda a sorte de pessoas gratuitamente, afim de que todos, rejeitando a divina tradição, a douctrina dos Padres e a auctoridade da Egreja catholica, entendam os *divinos oraculos* a sabor de *seu juizo particular*, lhes prevertam o sentido, e caiam assim nos maiores erros. Gregorio XVI, de gloriosa mentoria ao qual succedemos apezar de nossa indignidade, seguindo n'isto o exemplo de seus predecessores. reprovou estas sociedades por suas *letras apostolicas*, e Nós queremos tambem que ellas sejam condemnadas.

«Tal é o intuito d'esse espantoso systema de indiferença por toda a religião, systema absolutamente contrario ás luzes da propria razão, e graças ao qual os apóstolos do erro, apagando toda a distincção entre virtude e vicio, verdade e erro, honestidade e torpeza,

pretendem que é possível obter a salvação eterna em qualquer religião, seja qual for, como se pudesse nunca dar-se accordo entre justiça e iniquidade, luz e trevas, entre Christo e Belial.

«Tal a mira d'essa infame conjuração contra o sagrado celibato dos clérigos, a qual oh! dor! encontra favor em alguns ecclesiasticos que, miseravelmente esquecidos de sua propria dignidade, cedem covardemente ao attractivo da voluptuosidade.

Tal o objectivo alvejado por *essa preversa maneira de ensinar sobretudo as sciencias philosophicas*, a qual enreda deploravelmente uma juventude inexperiente, a corrompe, e lhe deita o fel do dragão na copa de Babilonia.

Tal é tambem o da execravel doutrina, chamada do communismo, doutrina em diametral opposição com o proprio direito natural, e que não poderia traduzir-se em factos sem que os direitos, os interesses, as propriedades de todos, e a propria sociedade humana fossem totalmente destruidas.

«Tal é o fim dos manejos profundamente tenebrosos d'aquelles que, occultando a rapacidade do lobo debaixo da pelle de ovelhas, se insinuam destramente nos espiritos, os seduzem pelas exterioridades de uma piedade mais refinada, de uma virtude mais severa, os illaqueiam docemente, os matam na sombra, affastam os homens de toda a practica religiosa, degollam e fazem em postas as ovelhas do Senhor.

E' a esse alvo, que tende, para não falar de uma multidão de outras cousas que vos são assaz conhecidas, é a esse alvo que tende essa alluvião temivel de livros e de libellos que de todas as partes surgem para ensinar o mal; livros habilmente escriptos, replêtos de impostura e de artificio, e que espalhados por toda a parte com grandes despezas, para ruina do povo christão, disseminam doutrinas funestas, pervertem os espiritos

e os corações, sobretudo dos igncrantes, e causam á religião um mal immenso.

Em meio d'este diluvio geral de erros e d'esta licença desenfreada nos pensamentos, nos discursos, nos escriptos, os costumes perdem-se, a sanctíssima religião é desprezada, a magestade do culto divino desconhecida, o poder d'esta sé apostolica vivamente disputado, a auctoridade da Igreja atacada e reduzida a uma vergonhosa escravidão, os direitos dos bispos espesinhados, a sanctidade matrimonial violada, todos os poderes sacudidos; estes males e tantos outros que pesam sobre a sociedade christã e civil, obrigam-nos, veneraveis Irmãos, a confundir nossas lagrimas com as vossas. »

Breve de S. S. Pio IX, dirigido a Mgr. o Arcebispo de Colonia, condemnando novamente o Hermesianismo, e recommendando que se cure não deslisem erros philosophicos nos cursos de theologia. 25 de julho de 1847.

« Foi com grande surpresa que ha pouco soubemos, veneravel Irmão, que em tua diocese alguns partidarios da *doutrina de Hermés*, abusando indignamente da carta encyclica que dirigimos, com data de 9 de novembro do anno proximo preterito, a todos os nossos veneraveis Irmãos os Bispos, e desnaturando temerariamente o sentido de nossas palavras no que concerne á *razão humana e á revelação divina* por uma interpretação falsa e absurda, tem levado a impudencia ao ponto de pretenderem que a doutrina de Hermés fora sancionada, e approvada por Nós, e não córam de publicar em seus escriptos, de derramar por entre o povo essa invenção monstruosa de sua phantasia, no intuito de enganar mais facilmente as pessoas incautas e inexperientes. Por essa razão, preocupado com a salvação dos fieis, e animado do desejo de reprimir a conducta fraudu-

lenta e os esforços dos partidarios de Hermés, endereçamos-te sem demora a presente carta, pela qual não só confirmamos todos os actos reportados e prudentes de nosso predecessor Gregorio xvi, de gloriosa memoria, contra os livros de Hermés, e particularmente sua carta apostolica dada a 25 de setembro de 1835 debaixo do anel do peccador e que começa por estas palavras: *Dum acerbissimus*; assim como o decreto explicativo que por sua ordem publicou a 7 de janeiro de 1836 a congregação do Index, mas ainda registamos e condemnamos de novo, em virtude de nosso poder apostolico, as *obras do dicto Hermés*, que n'elle se acham indicadas, por toda a parte, e em qualquer lingua e edição, que appareçam.

« Nós te encarregamos de publicar esta carta, afim de que todos conheçam e evitem sollicitamente a philauçia d'estes partidarios de Hermés. Veneravel Irmão, appellamos por dever de nosso apostolado para tua fidelidade e vigilancia bem provada, e incumbimos-te de advertir com os maiores esforços e a mais viva sollicitude os professores, sobretudo das sciencias superiores, de que ensinem uma douçtrina pura e sã, isenta não só dos erros de Hermés, mas dos perigos de qualquer outra opinião erronea, e de que combatam com o mais ardente zelo os erros que surgem em nossos dias, e que emanam de uma falsa philosophia, pois podem deslizar nos cursos de theologia. Não cessamos, por outra parte, de pedir ardentemente e na humildade de nosso coração, ao Pai das luzes e das misericordias, para que illumine com sua divina graça aquelles que vivem na ignorancia e no erro, e de os chamar ás veredas da salvação.

« Persuadido, veneravel Irmão, de que corresponderás da maneira a mais completa a nossa sollicitude, aproveitamos com grande prazer esta occasião de te exprimir e confirmar de novo a benevolencia particu-

lar que temos por ti; queremos que a prova d'ella seja a benção apostolica que damos com o mais entranhado amor de nosso coração a ti, veneravel Irmão, e a todos os fieis, ecclesiasticos ou leigos, a que presides, e desejamos-te toda a sorte de prosperidades. »

**Encyclica a todos os Cardeacs, Arcebispos e Bispos
de França, de nosso Sancto Padre o Papa Pio IX.
21 de março de 1853.**

Em meio das multiplices angustias que nos salteiam de todos os lados no cuidado de todas as egrejas que nos está confiado, apezar da nossa indignidade, por um designio impenetravel da divina Providencia, e n'estes tempos tão difficeis, em que o numero tão consideravel d'aquelles de quem o Apostolo diz: « Já não toleram a sã douctrina, mas vão-se atraz de uma turba de mestres segundo se lhes antoja; apartam os ouvidos da verdade, e seguem seductores para sua propria perdição, cahindo no erro, e fazendo n'elle cahir os outros. »

Sentimos a mais viva alegria, quando voltamos os olhos e o espirito para essa nação franceza, por tantos titulos illustre, e que tem gloriosamente bem merecido de nós. E' com soberana consolação para nosso coração paternal, que vemos n'esta nação, por graça de Deus, a religião catholica e sua douctrina salutar crescerem dia a dia, florescer e dominar, e com que solicitude e com que zelo, vós, nossos caros Filhos e veneraveis Irmãos, chamados a compartilhar nossos cuidados, forcejais por bem preencher vosso ministerio, e vigiar pela segurança e salvação do caro rebanho que vos está confiado. Esta consolação é singularmente augmentada pelas cartas tão respeitosas que nos escreveis e que nos patenteiam com que piedade filial, amor e vehemencia vos gloriaes de serdes dedicados a Nós e a esta cadeira de S. Pedro, centro da verdade catholica e da

unidade, cabeça, mãe e mestra de todas as igrejas, á qual toda a obediencia e toda a honra são devidas, á qual em razão de seu primado, força é que toda a Igreja se una, toda a Igreja, i é, todos os fieis espalhados sobre a face da terra.

Não sentimos menor satisfação ao saber que, tendo sempre presentes vossas graves funcções episcopaes e vossos deveres, envidaes toda a vigilancia e cuidados pastoraes, afim de que os padres de vossas dioceses, trilhando cada dia mais dignamente as vias da sua vocação, dêem ao povo os exemplos de todas as virtudes e cumpram exactamente os deveres de seu ministerio, a fim de que os fieis que vos estão confiados, nutridos mais abundantemente das palavras da fé e confirmados pela copia das graças, cresçam na sciencia de Deus e se roborisem na vereda que conduz á vida, e afim de que os infelizes que erram tornem a entrar no caminho da salvação.

Sabemos, e é ainda para nosso coração um suave prazer, com que ardor, acolhendo nossos desejos e conselhos, vos applicaes á reunião de Concilios provinciaes, no intuito de guardar intacto e puro em vossas dioceses o deposito da fé, e no de transmittir a sancta doutrina, de augmentar a honra do culto divino, de fortificar a instituição e a disciplina do clero, de promover e affirmar por toda a parte, por um feliz progresso, a honestidade dos costumes, a virtude, a religião, a piedade.

Experimentamos tambem uma viva alegria ao vermos que em um grande numero de dioceses, onde circumstancias particulares não põem obstaculo, a lithurgia da Igreja romana tem sido restabelecida, consoante os nossos desejos, graças a vosso zelo ardente. Este restabelecimento foi-nos tanto mais grato, quanto que nós sabiamos que em muitas dioceses de França, por causa da vicissitude dos tempos, se não observava o que nosso sancto predecessor Pio v tinha prescripto com pruden-

cia e sabedoria, em suas cartas apostolicas de 7 dos Idos de julho de 1568, que começam: *Quod á nobis postulat.*

Mas rememorando todas estas cousas, para grande ventura nossa e justo encomio de vossa ordem, Filhos carissimos e veneraveis Irmãos, não podemos todavia dissimular a grande tristeza e a pena que nos acabou-nha n'este momento, ao vermos as discussões que o antigo inimigo se esforça por despertar entre vós, para abalar e enfraquecer a concordia dos vossos espiritos. Eis porque no desempenho de nosso ministerio apostolico, com essa funda caridade que nos liga a vós e a esse povo fiel, vos escrevemos estas lettras nas quaes nos dirigimos a vós, Filhos carissimos e veneraveis Irmãos, e ao mesmo tempo vos advertimos, exhortamos e supplicamos, que affasteis com a virtude que vos distingue e que dissipeis inteiramente todas as dissensões que esse antigo inimigo forceja por despertar, aproximando-vos, unindo-vos nos vinculos da caridade, unanimes nos sentimentos, esforçando-vos com toda a humildade e doçura em guardar em todas as cousas a unidade do espirito no vinculo da paz. Por esta sabedoria mostrareis que cada um de vós sabe quanto a concordia sacerdotal e fiel dos espiritos, das vontades e dos sentimentos, é necessaria e contribue para a prosperidade da Egreja e para a salvação eterna dos homens.

E se em algum tempo devestes manter entre vós esta concordia dos espiritos e das vontades, é hoje sobretudo que pelas boas disposições de nosso carissimo Filho em Jesus Christo, Napoleão, imperador dos Franceztes, e pelos cuidados de seu governo, a Egreja catholica frue em vosso paiz uma paz, uma tranquillidade, uma decidida protecção.

Um tão feliz estado de cousas n'este imperio e a condição dos tempos devem excitar-vos mais vivamente á união no mesmo espirito de conducta, nos mesmos processos, no intuito de que a divina religião de Jesus Chris-

to, sua doutrina, a pureza dos costumes, e a piedade possam, em toda a França, lançar fundas raizes, e no de que se procure cada dia mais a perfeita e pura educação da juventude, de sorte a suspender e aniquilar essas tentativas hostis que já se manifestam, pelos manejos dos que foram e são inimigos constantes da Igreja de Jesus Christo.

Eis ahi porque, carissimos Filhos e veneraveis Irmãos, rogamos cada vez mais e com toda a possível insistencia que na causa da Igreja, na defesa da sua liberdade, e no desempenho de todos os outros deveres do vosso munus episcopal, nada tenhais tanto a peito como patentear entre vós uma união perfeita e estar unidos nos mesmos pensamentos e em eguaes sentimentos, consultando-nos com toda a confiança a Nós e a esta Sé Apostolica, em questões de qualquer especie que possam surgir, afim de atalhar a toda a causa de dissentimento.

E antes e acima de tudo, comprehendei a que ponto uma boa direcção do clero interessa a prosperidade da religião e da sociedade, de modo que não cesseis, em união de espirito perfeita, de dar a negocio de tanta monta vossos cuidados e reflexões. Continuai, como tendes feito, a não poupar cousa alguma, para que os educandos sejam com cedo formados em vossos seminarios na virtude, na piedade, no espirito ecclesiastico, para que crescendo em humildade sem a qual não podemos agradar a Deus, sejam profundamente instruidos e com tanta vigilancia nas letras e nas sciencias as mais severas, sobretudo das sciencias sagradas, que possam sem se exporem a perigo de erro, não só aprender a verdadeira elegancia de linguagem, e de estylo, a verdadeira eloquencia quer nas obras tão repletas de sabedoria dos Sanctos Padres, quer nos mais celebres auctores pagãos purificados de todo o vicio, ainda e sobremodo adquirir a sciencia perfeita e solida das dou-

trinas theologicas, da historia ecclesiastica e dos sagrados canones, haurida nos auctores approvados pela Sancta Sé. D'est'arte esse illustre clero de França, onde florescem tantos homens distinctos por seu talento, piedade clerical e sua respeitosa obediencia á Sé Apostolica, abundará cada vez mais em obreiros corajosos e habéis, que exornados de todas as virtudes, fortificados pelo subsidio de uma sciencia salutar, poderão no decurso dos annos ajudar-vos a cultivar a vinha do Senhor, responder aos contradictores, e não só vigorisar os fieis de França em nossa religião sanctissima, mas propagar esta religião em sanctas expedições a paizes longinquos e infieis, como o tem feito até aqui, para grande gloria do seu nome, bem da religião e salvação das almas.

Estais, como Nós, penetrados de dor á vista de tantos livros, libellos, brochuras, jornaes empeçonhados que sem cessar espalha por toda a parte e com furor o inimigo de Deus e dos homens, para corromper os costumes, subverter os fundamentos da fé, e arruinar todos os dogmas de nossa sancta religião; não deixeis pois, charissimos Filhos e veneraveis Irmãos, de empregar toda a vossa solicitude e vigilancia pastoral para apartar, com o mais vivo zelo, o rebanho confiado a vossos cuidados d'estes pastos pestilenciaes, não deixeis nunca de o instruir, e defender contra essa alluvião de erros por avisos e escriptos opportunos e salutaes.

E' aqui ensejo proprio trazer-vos á lembrança os avisos e os conselhos, pelos quaes ha quatro annos excitavamos ardentemente os bispos a nada desprezar do que contribuisse para mover os homens, eminentes pelo talento e sã doutrina, a publicar escriptos apropriados a esclarecer os espiritos e a espancar as trevas dos erros que se propagam. Eis porque forcejando por apartar os fieis commettidos a vossa solicitude do veneno mortal dos maus livros e dos maus jornaes, deveis tambem, Nós vol-o pedimos com instancia, favorecer com

toda a vossa benevolencia e predilecção os homens, que, animados do espirito catholico, versados nas lettras e nas sciencias, consagram suas vigalias a escrever e a publicar livros e jornaes para que a douctrina catholica se propague e seja defendida, para que os veneraveis direitos da Santa Sé e seus ensinamentos surtam toda a sua força, para que as opiniões e sentimentos contrarios a esta Sancta Sé e a sua auctoridade se desvanecam, para que o obscurantismo do erro vá a repelões, e as intelligencias sejam inundadas da doce luz da verdade.

Vossa charidade e solitudine episcopal deverão portanto espertar o ardor d'esses escriptores catholicos, animados do bom espirito, afim de que continuem a defender a causa da verdade catholica com um cuidado attento e com saber; e se em seus escriptos acontecer cahirem em alguma falta, deveis advertil-os com palavras paternaes e com prudencia.

De resto, vossa sabedoria não ignora que os mais encarniçados inimigos da religião catholica tem sempre assestado, ainda que em vão, suas mais formidaveis baterias contra esta Cadeira do bemaventurado Principe dos Apostolos, sabendo muito bem que a propria religião não poderá nunca nem tombar, nem oscillar, em quanto ficar de pé esta Cadeira fundada sobre pedra, *da qual não poderão triumphar as soberbas portas do inferno*, e na qual subsiste inteira e perfeita a *solidez da religião christã*. Eis porque, charissimos Filhos e veneraveis Irmãos, vos exigimos com todo o nosso poder, consoante á grandeza de vossa fé na Egreja e ao ardor de vossa piedade por esta cathedra de Pedro, que não cesseis de aplicar com um só coração e em um só espirito todos os vossos cuidados, vigilancia e trabalhos a este assumpto, de sorte que as populações fieis da França, evitando os erros e os laços que lhes armam homens perfidos, se gloriem de adherir firmemente e

constantemente a esta Sé Apostolica por um amor e uma dedicação cada dia mais filial, e obedecer-lhe, como é justo, com o maior respeito. Em todo o ardor de vossa vigilancia pastoral, não desprezeis occasião alguma de, por palavras e escriptos, recommendar muito o amor e a veneração dos fieis por esta Sancta Sé, afim de que recebam e cumpram com a mais perfeita obediencia tudo o que esta Sancta Sé ensina, estabelece e decreta.

Aproveitamos o ensejo para vos significar a grande dor que experimentámos, quando entre tantos maus escriptos ultimamente publicados em França, nos chegou em lingua franceza a memoria impressa em Paris e intitulada: *Sobre a presente situação da Igreja Gallicana, pelo que respeita ao direito consuetudinario*, cujo auctor está em diametral opposição com aquillo que tanto vos recommendamos e encarecemos tão ardentemente. Já enviámos essa memoria á nossa Congregação do Index para que a reprove e condemne.

Antes de terminar esta carta, charissimos Filhos e veneraveis Irmãos, de novo vos exprimimos quanto desejamos que rejiteis para bem longe todas essas discussões e controversias que, bem vêdes, perturbam a paz, magoam a charidade, fornecem aos inimigos da Igreja armas, com as quaes a combatem e atormentam.

Tende pois sobretudo a peito guardar a paz entre vós e mantel-a, reflectindo maduramente que desempenhais um munus em nome d'Aquelle, que não é Deus de dissensões, mas de paz, que nunca deixou de recommendar e de prescrever a seus discipulos a paz, e de collocar acima de tudo.

E na verdade Christo, como todos vós o sabeis, fez consistir todos os dons e recompensas de sua promessa na conservação da paz. Se somos herdeiros de Christo, permaneçamos na paz de Christo; se somos filhos de Deus, devemos ser pacificos.

Os filhos de Deus devem ser pacíficos, doces de coração, simples em suas palavras, unidos em affecto, finalmente conjugados entre si pelos vinculos da concordia.

O conhecimento e a segurança que temos de vossa virtude, religião e piedade não nos permitem duvidar que vós, caríssimos Filhos e veneráveis Irmãos, não acquiesçais de todo o coração a estes avisos paternaes, a estes desejos e vontades que vos manifestamos; de que não queiraes destruir pela raiz todos os germens de dissensão, e pôr assim o cumulo a nossa alegria, supportando-vos uns aos outros em caridade e paciencia, unidos e trabalhando de accordo na fé do Evangelho, continuando com um zelo sempre mais vivo a fazer sentinella junto do rebanho que vos está confiado, desempenhando cuidadosamente todas as funcções do vosso pesado munus, até á consummação dos sanctos na edificação do corpo de Christo. Estai bem persuadidos de que nada ha mais grato a nosso coração, do que fazer tudo aquillo que soubermos pode contribuir para vossa vantagem e para a dos fieis. Todavia na humildade de nosso coração pedimos a Deus e lhe requeremos que entorne sobre vós com favor a abundancia das graças celestes, que abençoe vosso trabalho e vossos cuidados pastoraes, afim de que os fieis, confiados a vossa vigilancia, caminhem cada vez mais gratos a Deus em todas as cousas, justificando-se cada dia em toda a sorte de boas obras. Em presagio d'essa divina protecção e em testemunho da ardente caridade, com que vos abraçamos em o Senhor, vos damos com amor e do fundo do coração, a benção apostolica a vós, nossos caros Filhos e veneráveis Irmãos, a todo o clero e aos fieis leigos de vossa diocese.

Proposições condemnando o racionalismo, approvadas pelo decreto da Congregação do Index em data de 16 de junho de 1855.

«I. Ainda que a Fé seja superior á Razão, não pode nunca entre ellas existir nenhuma opposição, nenhuma contradicção, pois que ambas procedem da mesma fonte immutavel da verdade, do Deus Optimo e Grande, e assim ellas se prestam um mutuo auxilio (*Encyclica* de Pio IX de 9 de novembro de 1845).

«II. O raciocinio pode provar com certeza a existencia de Deus, a espiritualidade d'alma, a liberdade do homem. A Fé é posterior á Revelação; não se pode pois convenientemente allegar-a para provar a existencia de Deus contra o atheu, para provar a espiritualidade e a immortalidade d'alma racional contra um sectario do naturalismo e do fatalismo (Proposição assignada pelo sr. Boutain, a 8 de setembro de 1860).

«III. O uso da razão precede a fé, e a ella conduz o homem pelo soccorro da revelação e da graça (Proposição assignada pelo sr. Bautain a 8 de setembro de 1860).

«IV. O methodo empregado por S. Thomaz, S. Boaventura e outros escolasticos depois d'elles, não conduz ao racionalismo, não tem sido causa de que nas escolas contemporaneas, a philosophia tenha ido dar no racionalismo e no pantheismo. Por consequencia não é permittido censurar a estes douctores e mestres o emprego d'esse methodo, sobretudo em face da approvação, ou pelo menos do silencio da Egreja (Proposição contraria a diversas proposições do sr. Bonnety em seus *Annaes de Philosophia christã*. Este sabio publicista não hesitou um instante em submetter-se. «Adhiro da melhor vontade, disse elle, d'alma e coração ás supradictas proposições. Pariz, 12 de julho de 1855.»)

As quize proposições formuladas pelo sr. abbade Branchereau, para expor o ontologismo, e reprovadas em Roma em 1862.

« I. Ha no pensamento duas cousas que devem essencialmente distinguir-se: o sujeito pensante e o objecto pensado.

« II. O objecto pensado é tambem duplo, o ser simplesmente e o ser segundo alguma cousa.

« III. Pelo ser simplesmente comprehendemos o Ser real, concreto e infinitamente perfeito, e por consequencia essencialmente distincto do ser em geral, o qual não passa de uma abstracção do espirito; n'uma palavra o ser simplesmente é Deus.

« IV. O ser simplesmente é necessariamente existente; mas os seres segundo alguma cousa podem ser concebidos, quer no estado de existencia, quer no estado de mera possibilidade.

« V. Os seres segundo alguma cousa, considerados no estado de possibilidade, são alguma cousa de eterno e necessario; mas no estado de existencia são alguma cousa de temporal e de contingente.

« VI. A realidade eterna e necessaria dos seres como possiveis, não existindo em si, deve estar contida no ser necessario, i é, em Deus. Esta realidade chama-se essencia metaphysica.

« VII. As essencias não podem pois ser outra cousa senão as ideias divinas, ou archetypos, segundo a forma das quaes Deus produz todas as cousas.

« VIII. As essencias metaphysicas que podem ser actuadas em um numero infinito de individuos, constituem a realidade objectiva das ideias universaes.

« IX. A actuação das essencias tem logar pela creação, em virtude da qual Deus faz passar qualquer ser da possibilidade á existencia, não communicando-lhe

o seu ser, mas tirando-o do nada segundo a forma do archetypo contido em si proprio,

« X. Por consequencia as cousas creadas não podem de modo algum ser chamadas Deus, nem terem em si qualquer cousa do Ser divino.

« XI. As realidades, em quanto affectam intelligivelmente o espirito, são chamadas ideias; eis porque as ideias relativamente ao nosso intellecto são alguma cousa de objectivo; mas a operação, pela qual nós as aprehendemos é o que constitue a percepção ideal.

« XII. Desde o primeiro momento de sua existencia, o espirito goza da percepção ideal, não reflexa, mas directa.

« XIII. Em o numero das verdades intelligiveis, que nós aprehendemos idealmente, deve incluir-se Deus, cujo conhecimento intellectivo, posto ser essencialmente distincto da intuição dos bemaventurados, não tem por termo uma imagem representativa, mas o proprio Deus.

« XIV. Nós aprehendemos no intellecto divino as essencias metaphysicas das cousas, que são por nós conhecidas; mas sua actualidade é-nos conhecida pelo conceito de seu poder creador, que pertence a Deus.

« XV. Nós não aprehendemos idealmente as cousas creadas nem em Deus, nem em si mesmas; eis aqui como tem logar este conhecimento: 1.º conhecemos nossa alma pelo senso intimo ou pela consciencia; 2.º e as cousas creadas, distinctas d'alma, por um juizo invencivel, fundado na veracidade de Deus, pelo qual juizo affirmamos que uma essencia foi actuada pela creação.»

Lettras Apostolicas de S. S. Pio IX a Mgr. o Arcebispo de Colonia, indicando os principaes erros que se encontram nos escriptos do abbade Gunther. 15 de junho de 1857.

E com grande alegria que temos visto teu zelo e solicitude pastoral pela defesa da fé catholica, que tão conhecidos nos são, manifestar-se ainda na carta que nos endereçaste a 16 d'abril proximo passado, a proposito do decreto pontifical sancionado por nossa auctoridade e publicado por nossa Congregação do Index, a 8 de janeiro d'este anno, que proscreeve as obras do nosso caro filho o abbade Gunther.

« Fiel aos deveres de nosso ministerio apostolico, nada desprezando, nem recuando deante de algum trabalho, para que o deposito da fé que nos foi divinamente confiado seja inviolavelmente guardado em sua integridade, desde que tivemos conhecimento por muitos de nossos veneraveis Irmãos, os bispos dos mais distinctos da Allemanha, de que havia nas obras de Gunther bastantes cousas, na sua opinião d'elles, perigosas para a pureza da fé e da verdade catholica, ordenámos logo á alludida Congregação que procedesse segundo as regras estabelecidas ao exame e discussão seria e aprofundada das obras d'aquelle auctor, e que nos submettesse tudo o que a tal respeito houvesse decidido. Conformando-se com nossas ordens, a Congregação envidou todos os seus esforços para corresponder exactamente e com consciencia, em negocio tão grave e momentoso, á nossa expectativa. Nada omittiu do que pudesse fazer-lhe conhecer e apreciar por um escrupuloso exame a douctrina de Gunther, e chegou assim a capacitar-se de que os livros d'esse auctor contem muitas coisas totalmente dignas de serem reprovadas e condemnadas como contrarias á douctrina da Egreja catholica. Em

seguida, tendo Nós pensado tudo maduramente, a mesma Congregação publicou com a sanção de nossa auctoridade suprema, o *decreto* que já conheceis, e pelo qual as obras de Gunther são prohibidas e interdictas.

« Este decreto, assim revestido da sanção da nossa auctoridade e publicado por nossas ordens, deveria bastar para que a questão se julgasse completamente decidida, e para que todos aquelles que se glorificam do nome de catholicos comprehendessem que lhe devem uma inteira obediencia, e que d'or'avante a ninguem é permittido ter como pura a doutrina contida nos livros de Gunther, sustentar, defender esta doutrina, ler e reter estes livros, a não ser que obtenha licença para isso. Ninguem podia julgar-se dispensado d'este dever de obediencia debaixo do pretexto de que no decreto nenhuma proposição em particular se encontra notada, ou que nenhuma censura certa e determinada ahi se enuncia. O decreto tem força e toda, e ninguem póde julgar permittido affastar-se, seja no que fôr, d'aquillo que por nós foi sancionado.

Mas illudem-se miseravelmente aquelles que affectam ver a causa d'esta generalidade da prohibição no facto supposto de que a Congregação não encontrara nas obras de Gunther nenhuma proposição, ou opinião que, tomada em separado, merecesse censura.

Nós tivemos a dor de vos assegurar que n'essas obras domina largamente o *systema do racionalismo*, systema tão pernicioso e tantas vezes condemnado por esta Sé apostolica, que entre outras cousas se encontram muitas que se affastam singularmente da fé catholica, e de toda a explicação orthodoxa sobre a *unidade da substancia divina em tres pessoas distinctas e eternas*; que não se encontra n'esse livro mais exactidão no que elle ensina *dcerca do mysterio do Verbo incarnado e da unidade da Pessoa divina do Verbo em duas naturezas divina e humana*; que taes livros offendem o dogma e a

douctrina catholica sobre o *homem*, que é composto de corpo e alma, de tal sorte que a alma racional é por si mesma immediatamente a verdadeira forma do corpo; que formulam ensinamentos diametralmente oppositos á douctrina catholica sobre a *suprema liberdade de Deus plenamente isento de qualquer necessidade na criação*; e finalmente, o que acima de tudo merece ser reprovado e condemnado, é que nos escriptos de Gunther se attribue temerariamente o *direito de ensino á razão humana e á philosophia*, que nas cousas da religião não devem dominar, mas estar inteiramente na dependencia, abalando d'est'arte aquillo que deve ficar sempre inabalavel quer pelo que toca á distincção entre a sciencia e a fé, quer sobre a perpetua immutabilidade da fé, que é sempre uma, sempre a mesma, em quanto que *a philosophia e as sciencias humanas não estão nem sempre d'accordo consigo mesmas, nem ao abrigo das numerosas variantes do erro*. Acrescente-se que n'estes livros não se guarda sempre o devido respeito pelos sanctos Padres, embora os canones dos concilios sejam em tal assumpto muito expressos, e esses luminares da Egreja o mereçam por todos os titulos e aparecem ahi tambem *para com as escholas catholicas d'esses ultrajes*, que nosso predecessor Pio VI, de illustre memoria, solemnemente condemnou. Não preteriremos a nota de que nos livros de Gunther é violada sobremaneira a *forma sã da linguagem*, como se fosse permittido não ter em conta as palavras do apostolo S. Paulo (II Tim. 1, 13): *Guarda a forma das boas palavras que de mim ouviste na fé e na caridade de Jesus Christo*, ou d'aquellas, pelas quaes Agostinho nos dá este importante aviso: « Em nossa linguagem devemos conformar-nos a uma regra certa, com receio de que a licença das palavras não dê causa a uma opinião impia sobre as mesmas cousas que as palavras significam. »

Por tudo o que precede bem vês, caro Filho, com

que cuidado e zelo tu e teus veneraveis Irmãos os bispos, teus suffraganeos, deveis trabalhar para que desappareçam de vossas dioceses as *Obras de Gunther*, e com que sollicitude deveis aplicar-vos a impedir que a doutrina contida n'estes livros, doutrina já condemnada, não seja d'ora em diante sustentada e transmittida por alguém, nem no ensino, quer da philosophia, quer da theologia.

Todavia se julgámos e julgamos dignas de serem condemnadas as *Obras de Gunther*, não podemos dispensar-nos de vos dizer que o proprio auctor, nosso charissimo filho o padre Antonio Gunther, nos proporcionou occasião de intensa alegria pela carta cheia de respeito que nos dirigiu a 10 de fevereiro ultimo, onde, tornando seu nome para sempre digno de louvores, protesta nos termos os mais energicos que acima de tudo timbra em obedecer a nossa auctoridade Suprema e á d'esta Sé apostolica, e que por conseguinte se submete humildemente ao decreto promulgado sobre suas obras.

Carta Encyclica do nosso sanctissimo Padre o Papa Pio IX a todos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos. 8 de dezembro de 1854.

«...Sabeis muito bem, veneraveis Irmãos, que hoje não faltam homens que, applicando á sociedade civil o impio e absurdo principio do *Naturalismo*, como elles dizem, ousam ensinar que «a perfeição dos governos e o progresso civil exigem imperiosamente que a sociedade humana seja constituida e governada, sem fazer mais caso da religião do que se ella não existisse, ou pelo menos sem fazer distincção entre a verdadeira religião e as falsas.» Demais, contrariamente á doutrina da Escriptura, da Igreja e dos sanctos Padres, não receiam affirmar que o melhor governo é aquelle em que se não reconhece ao poder a obrigação de reprimir, pela san-

ção penal, os violadores da religião catholica, a não ser quando o pede a tranquillidade publica. »

Em consequencia d'esta ideia absolutamente falsa do governo social, não hesitam em favorecer a opinião erronea, a mais fatal á Igreja catholica, á salvação das almas, e que nosso predecessor de feliz memoria, Gregorio XVI, qualificava de *delirio*, a saber, «que a liberdade de consciencia e de cultos é um direito proprio a cada homem; que deve ser proclamado e assignado em todo o Estado bem constituido; e que os cidadãos tem direito á plena liberdade de manifestar altamente e publicamente suas opiniões, sejam quaes forem, pela palavra, ou pela imprensa, ou de qualquer outra sorte, sem que a auctoridade eclesiastica ou civil possa limital-a. »

Ora sustentando estas affirmações temerarias, não pensam, não consideram que apregoam uma *liberdade de perdição*, e que se for sempre permitido ás opiniões humanas entrar em conflicto, não faltará quem ouse resistir á verdade e pôr sua confiança na algaravia da sapiencia humana; mas a fé e a sabedoria christã sabem pelos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Christo quanto lhes importa fugir d'esta vaidade nociva.

E porque onde a religião não tem entrada na sociedade civil, e a doutrina e a auctoridade da revelação divina são rejeitadas, logo a verdadeira noção da justiça e do direito humano se obscurece e se oblitera, e a força bruta toma o logar da justiça e do verdadeiro direito, vê-se claramente porque certos homens, não mettendo em conta os principios os mais incontestados da sã razão, ousam publicar que a vontade do povo, manifestada pelo que chamam opinião publica ou qualquer coisa, constitue a lei suprema, independente de todo o direito divino e humano; e que na ordem politica os factos consummados, por isso mesmo que o são, tem o valor do direito. »

« Mas quem não vê, quem não palpa que uma sociedade subtrahida ás leis da religião e da verdadeira justiça não pode ter outro fim do que amontoar riquezas, e outra lei, em todos os seus actos, do que o indomavel desejo de satisfazer suas paixões e de procurar gozos? Eis ahi porque os homens d'esse character perseguem com odio concentrado as ordens religiosas, sem metter em conta os serviços immensos por ellas prestados á religião, á sociedade e ás lettras; porque investem contra ellas, dizendo que não tem razão legitima de existir, volvendo-se d'este modo o echo dos hereges. De facto, como o ensinava com tanta auctoridade Pio VI, nosso predecessor, de feliz memoria: « A abolição das ordens religiosas offende o estado que faz profissão publica de seguir os conselhos evangelicos; offende um theor de vida recommendado pela Egreja, como conforme á douctrina dos apóstolos; ultraja emfim os illustres fundadores de ordens, aos quaes veneramos sobre nossos altares, e que as estabeleceram por inspiração de Deus.»

« Vão mais longe, e em sua impiedade pronunciam que é mister tirar aos cidadãos e á Egreja a faculdade de dar publicamente a esmola, e « abolir a lei que, em certos dias feriados, prohibe as obras servis para vacar ao culto divino.»

Tudo isto sob o falso pretexto de que esta faculdade e esta lei estão em opposição com os principios da verdadeira economia politica.

Não contentes de banir a religião da sociedade, querem excluila da familia. Ensinando e professando o funesto erro do *communismo* e do *socialismo*, affirmam que a sociedade domestica ou a familia tira toda a sua razão de ser do direito civil; e portanto que, da lei civil decorrem e dependem todos os direitos dos pais sobre os filhos, sobretudo o direito de instrucção e educação.» Para estes homens de mentira, o escopo princi-

pal d'estas maximas impias e d'estas machinações, é subtrahir completamente á salutar douctrina e influencia da Egreja a instrucção e a educação da juventude, afim de polluir e depravar pelos mais perniciosos erros e por toda a casta de vicios a alma tenra e flexivel dos jovens.

Com effeito todos aquelles que teem emprehendido subverter a ordem religiosa e a ordem social, e escarnecer todas as leis divinas e humanas, tem sempre conspirado em seus conselhos, actividade e esforços para illudir e depravar sobretudo a imprevidente mocidade, como atraz deixámos dito, porque assentam toda a sua esperanza na corrupção das noveis gerações.

Eis porque o clero regular e secular, apezar dos mais eloquentes testemunhos, prestados pela historia a seus immensos serviços na ordem religiosa, civil e litteraria, é da sua parte objecto das mais atrozes perseguições; e eis porque dizem que «o clero sendo inimigo das luzes, da civilisação e do progresso, forçoso é que perca a direcção da juventude.»

«Ha outros que reiterando os erros funestos e tantas vezes condemnados dos innovadores, tem a insigne impudencia de dizer que a suprema auctoridade, dada á Egreja e a esta Sé apostolica por Nosso Senhor Jesus Christo, está sujeita á auctoridade civil, e de negar todos os direitos d'esta mesma Egreja e d'esta mesma Sé na ordem exterior. N'este supposto não córam de affirmar «que as leis da Egreja não obrigam em consciencia, a não ser que sejam promulgadas pelo poder civil, que os actos e decretos dos Pontifices romanos, attinentes á religião e á Egreja, carecem da sancção e da approvação ou pelo menos do assentimento do poder civil, que as constituições apostolicas que condemnam as sociedades secretas, exijam ou não o juramento de guardar segredo, fulminando o anathema contra seus adeptos e fautores, não tem força alguma nos paizes,

onde o governo civil tolera esta especie de aggregações ; que a excommunhão, fulminada pelo concilio de Trento e pelos Pontifices romanos contra os invasores e usurpadores d'os direitos e propriedades da Igreja, repousa sobre uma confusão da ordem ecclesiastica e da ordem civil e politica, e só tem em vista interesses mudanos; que a Igreja não tem o direito de reprimir por penas temporaes os violadores de suas leis; que é conforme aos principios da theologia e ao direito publico conferir e manter ao governo civil a propriedade dos bens possuidos pela Igreja, pelas congregações religiosas e por outros logares pios.»

«Não se envergonham de proclamar alta e publicamente os principios dos hereges, origem de mil erros e funestas maximas. Reputam com effeito que o poder ecclesiastico não é de direito divino distincto e independente do poder civil, e que esta distincção e independencia não podem existir sem que a Igreja invada e usurpe os direitos essenciaes do poder civil.»

«Não podemos igualmente fazer preterição da audacia d'aquelles que, não supportando a sã douctrina, pretendem que quanto aos juizos da Sancta Sé e a seus decretos, visando ao bem geral da Igreja, seus direitos e disciplina, desde que não respeitam ao dogma e aos costumes, dizem se pode não se conformar e submeter a elles sem peccado, e sem detrimento algum para a profissão de catholicismo.

Quanto uma tal asserção é contraria ao dogma catholico da auctoridade plena, conferida pelo proprio Nosso Senhor Jesus Christo ao Pontifice romano de apascentar, reger e governar a Igreja universal, não ha ninguem que o não veja claramente, e que o não comprehenda.

Portanto no meio d'esta preversidade de opiniões depravadas, Nós, compenetrado do nosso munus apostolico, e cheio de solicitude por nossa sancta Religião,

pela sã doutrina, pela salvação das almas que nos foi confiada lá do Alto, e pelo bem da propria sociedade humana, entendemos dever levantar de novo nossa voz. Em conclusão, todas e cada uma das más opiniões e doutrinas assignaladas por sua vez nas presentes Lettras, Nós as reprovamos por Nossa auctoridade Apostolica, as proscrevemos, condemnamos, e queremos e ordenamos que todos os filhos da Egreja catholica as tenham por inteiramente reformadas, proscriptas e condemnadas.

Além d'isso sabeis, veneraveis Irmãos, que no dia de hoje os inimigos de toda a verdade e de toda a justiça, e os adversarios encarniçados da nossa sancta religião, por meio de livros envenenados, de brochuras e de jornaes espalhados aos quatro cantos do mundo, enganam os povos, mentem impudentemente, e disseminam toda a especie de doutrinas impias. Não ignorais tambem que em nossa epocha os ha tambem, que impellidos e excitados pelo espirito de Satan, tem chegado a tal grau de iniquidade, que negam o dominador, Jesus Christo Senhor nosso, e que não temem de arremetter com o mais criminoso desvergonhamento contra sua divindade.

Chegados aqui, não podemos regatear-vos, veneraveis Irmãos, os maiores e merecidos louvores pelo valor, com que tendes levantado a voz contra uma tal iniquidade.

Razão porque, nas presentes Lettras, ainda mais uma vez Nos dirigimos a vós com amor, a vós que chamados a partilhar nossa solitudine, nos sois, em meio de tão grandes magoas, objecto de consolação, de alegria e de estímulo por vossa religiosidade, piedade, e por esse amor e essa fé, essa dedicação admiraveis, com que vos esforçaes por cumprir viril e cuidadosamente o encargo tão grave de vosso ministerio episcopal, em união intima e cordeal comnosco e com esta Sé Apos-

tolica. Com effeito, esperamos do vosso excellente zelo pastoral, que empunhando a espada do espirito, que é a palavra de Deus, e fortificados na graça de Nosso Senhor Jesus Christo, vos empenheis cada dia mais em proceder de modo que, redobrando de cuidados, os fieis, confiados á vossa guarda, «se abstenham dos maus pastos que Jesus Christo não cultiva, porque não foram plantados por seu Pai.» Não cesseis pois de inculcar a esses mesmos fieis que toda a verdadeira felicidade tem sua origem em nossa augusta religião, em sua doutrina e observancia, e que é feliz o povo, do qual Deus é o Senhor.

Ensinai «que os reinos repousam sobre o fundamento da fé, e que nada ha tão mortal, e que mais nos exponha a quedas e perigos, do que acreditar que nos basta o livre arbitrio que ao nascer recebemos, sem precisarmos de pedir a Deus outra cousa, i é, se esquecidos de nosso Auctor, ousassemos renegar seu poder para nos ostentarmos livres». Não deixeis de ensinar tambem «que o poder real não é unicamente conferido para governo d'este mundo, mas acima de tudo para protecção da Igreja, e que nada pode ser mais vantajoso e glorioso para os chefes dos estados e os reis, do que conformarem-se a estas palavras que nosso mui sabio e corajoso predecessor S. Felix escrevia ao imperador Zenon, a saber, que deixasse a Igreja catholica governar-se por suas proprias leis, e que não permittisse a ninguem pôr obstaculos a sua liberdade... E' certo, effectivamente, que lhe importa, todas as vezes que se tracta dos interesses de Deus, seguir cuidadosamente a ordem prescripta e subordinar e não antepor a vontade regia á dos poderes de Christo»...

Syllabus ou Resumo dos principaes erros do nosso tempo, assignalados nas Allocuções Consistoriaes, Encyclicas e outras Lettras Apostolicas de N. S. P. o Papa Pio IX.

§ I.—*Pantheismo, Naturalismo e racionalismo absoluto*

«I. Não existe nenhum Ser divino, supremo, perfeito em sua sabedoria e providencia, distincto da universalidade das cousas; Deus e a natureza das cousas são identicos, e por conseguinte sujeitos a mudanças; Deus, portanto realisa-se no homem e no mundo, todos os seres são Deus, e tem a propria substancia de Deus. Deus é d'est'arte uma e mesma cousa com o mundo, e por isso, o espirito com a materia, a necessidade com a liberdade, o verdadeiro com o falso, o bem com o mal e o justo com o injusto.

«II. Deve rejeitar-se toda a acção de Deus sobre os homens e sobre o mundo.

«III. A razão humana, considerada sem nexo algum com Deus, é o unico arbitro do verdadeiro e do falso, do bem e do mal; ella é a unica lei de si propria; basta por suas forças naturaes para promover o bem dos homens e dos povos.

«IV. Todas as verdades da religião decorrem de uma força nativa da razão humana; d'onde se segue que a razão é regra soberana, pela qual o homem pode e deve adquirir o conhecimento de todas as verdades de qualquer especie.

«V. A revelação divina é imperfeita, e por conseguinte sujeita a um progresso continuo e indefinido, correspondente ao desenvolvimento da razão humana.

«VI. A fé de Christo está em opposição com a razão humana, e a revelação divina não só não presta para nada, mas é prejudicial á perfeição do homem.

«VII. As prophcias e os milagres referidos nas sanctas Escripturas são ficções poeticas, e os mysterios da fé christã resultado de locubrações philosophicas: nos livros dos dois Testamentos estão contidas invenções mythicas, e o proprio Jesus Christo é um mytho.

§ II.— *Racionalismo moderado*

«VIII. Como a razão humana é equivalente á propria religião, as sciencias theologicas devem ser tractadas como as sciencias philosophicas.

«IX. Todos os dogmas da religião christã sem distincção são objecto da sciencia natural ou philosophia; e a razão humana, possuindo apenas uma cultura historica, pode, guiada por seus principios e suas forças naturaes, chegar a um verdadeiro conhecimento de todos os dogmas, ainda os mais occultos, com tanto que esses dogmas hajam sido propostos á razão como objecto.

«X. Visto ser uma cousa o philosopho, e outra cousa a philosophia, aquelle tem o direito e o dever de submetter-se a uma auctoridade, cuja realidade elle proprio se demonstrou; mas a philosophia não pode, nem deve submetter-se a nenhuma auctoridade.

«XI. A Egreja não só não deve incommodar a philosophia, mas deve tolerar seus erros, e abandonar-lhe o cuidado de se corrigir a si mesma.

«XII. Os decretos da Sé Apostolica e das Congregações romanas obstam ao livre progresso da sciencia.

«XIII. O methodo e os principios, empregados pelos antigos douctores escolaticos na cultura da theologia, não estão em relação com as necessidades do nosso tempo e os progressos da sciencia.

«XIV. Deve estudar-se philosophia sem ter em conta a divina revelação.

§ III *Indifferentismo, Latitudinarismo*

« XV. E' licito a todo o homem abraçar e professar a religião que julgar verdadeira segundo as luzes da razão.

« XVI. Os homens podem encontrar o caminho da salvação eterna, e alcançar esta salvação eterna no culto seja de que religião for.

« XVII. Pelo menos deve esperar-se que se salvem todos aquelles que não vivem no seio da verdadeira Igreja de Christo.

« XVIII. O protestantismo não passa de ser uma variante da verdadeira religião christã, variante, em que se pode ser agradável a Deus tão bem como na Igreja catholica.

§ IV.—*Erros relativos á Igreja e a seus direitos*

XIX. A Igreja não é uma sociedade verdadeira e perfeita, plenamente livre; não goza dos direitos proprios e constantes, que lhe conferiu seu divino fundador, mas é ao poder civil que pertence definir quaes os direitos da Igreja e os limites, dentro dos quaes os pode exercitar.

« XX. O poder ecclesiastico não deve exercer sua auctoridade sem permissão e assenso do governo civil.

« XXI. A Igreja não tem o poder de definir dogmaticamente que a religião da Igreja catholica é a unica verdadeira religião.

« XXII. A obrigação que concerne aos mestres e escriptores catholicos limita-se ás cousas definidas pelo juizo infallivel da Igreja, como os dogmas de fé que devem ser acreditados por todos.

« XXIII. Os soberanos Pontifices e os concilios ecumenicos tem ultrapassado os limites do seu poder;

tem usurpado os direitos dos principes, e tem até erado nas definições relativas á fé e aos costumes.

«XXIV. A Igreja não tem o direito de empregar a força; não tem nenhum poder temporal directo ou indirecto.

«XXV. Afóra o poder inherente ao episcopado, ha um poder que foi concedido expressa ou tacitamente pela auctoridade civil, revogavel por conseguinte por essa mesma auctoridade civil.

«XXVI. A Igreja não tem o poder natural e legitimo de adquirir e de possuir.

«XXVI. Os ministros sagrados da Igreja e o Pontifice Romano devem ser excluidos de toda a gestão e posse de cousas temporaes.

«XXVIII. Não é permittido aos Bispos publicar as proprias Lettras apostolicas sem permissão do governo.

«XXIX. Os favores concedidos pelo Pontifice Romano devem ser reputados nullos, se não forem solicitados pelo governo civil.

«XXX. A immuniidade da Igreja e das pessoas ecclesiasticas tira sua origem do direito civil.

«XXXI. O foro ecclesiastico para os processos temporaes dos clerigos, quer no civil, quer no criminal, deve de todo desaparecer, mesmo sem consultar a Sé Apostolica, e nem dar importancia a suas reclamações.

«XXXII. A immuniidade pessoal, em virtude da qual os clerigos são isentos da milicia, pode ser abrogada sem nenhuma violação da equidade e do direito natural. O progresso civil exige esta abrogação sobre tudo em uma sociedade constituida segunda os normas de uma legislação liberal.

«XXXIII. Não pertence por direito proprio e innato á jurisdicção ecclesiastica dirigir o ensino das verdades theologicas.

«XXXIV. A douctrina d'aquelles que compa-

ram o Pontifice romano a um principe livre e exercitando seu poder na Igreja universal, é uma doutrina que tem prevalecido na idade media.

«XXXV. Nada obsta a que por um decreto de um concilio geral, ou pela acção dos povos, o soberano pontifice seja transferido de Bispo romano e da cidade de Roma para um outro Bispo e para uma outra cidade.

«XXXVI. A definição de um concilio nacional não admitte outra discussão, e a administração civil pode tractar todo o negocio n'estes limites.

«XXXVII. Podem instituir-se igrejas nacionaes subtrahidas á auctoridade do Pontifice Romano, e totalmente separadas d'elle.

«XXXVIII. Muitos actos arbitarios da parte dos Pontifices Romanos tem sido causa da divisão da Igreja em oriental e occidental.

§ V. — *Erros referentes á sociedade civil, considerada quer em si mesma, quer em suas relações com a Igreja.*

«XXXIX. O Estado, como origem e fonte de todos os direitos, goza de um direito que não está circumscripção por limite algum.

«XL. A doutrina da Igreja catholica é opposta ao bem e aos interesses da sociedade humana.

«XLI. A potestade civil, ainda quando exercitada por um principe infiel, possui um poder indirecto negativo sobre as cousas sagradas. Tem por consequencia não só o direito que se chama de *exequatur*, mas o chamado como de abuso.

«XLII. Em caso de conflicto legal entre os dois poderes, o direito civil prevalece.

XLIII. A potestade leiga tem o poder de cassar, declarar e annullar as convenções solemnes (*Concordatas*) concluidas com a Sé Apostolica, relativamente ao uso

dos direitos que pertencem á immuniidade ecclesiastica, sem o consentimento d'esta Sé e contra suas reclamações.

«XLIV. A auctoridade civil pode intrometter-se nas cousas que pertencem á religião, aos costumes e ao regimen espirital. D'onde se segue que pode julgar das instrucções que os pastores da Egreja publicam em seu munus, para regra das consciencias; pode até decidir em materia de sacramentos e sobre as disposições necessarias para os receber.

XLV. Toda a direcção das escolas publicas, nas quaes a juventude de um estado christão é educada, se exceptuarmos em uma certa medida os seminarios episcopaes, pode e deve ser attribuida á auctoridade civil, e isto de tal maneira que não seja reconhecido a nenhuma outra auctoridade o direito de interferir na disciplina das escolas, no regimen dos estudos, na collação dos graus, na escolha e approvação dos professores,

«XLVI. Mais ainda, nos proprios seminarios dos clerigos o methodo a seguir nos estudos está sujeito á auctoridade civil.

«XLVII. A boa constituição da auctoridade civil exige que as escolas populares, abertas para todos os filhos do povo, e geralmente que as instituições publicas, destinadas ás letras, a uma instrucção superior e a uma educação mais elevada da juventude, sejam forras de toda a auctoridade da Egreja, de toda a influencia moderadora e de toda a ingerencia da sua parte, que estejam plenamente submettidas á vontade da auctoridade civil e politica, consoante o desejo dos governantes e o nivel das opiniões geraes do tempo.

«XLVIII. Os catholicos podem approvar um systema de educação fóra da fé catholica e da auctoridade da Egreja, e que não tenha por fim, ou pelo menos fim principal, senão o conhecimento das cousas puramente naturaes e a vida social sobre a terra.

« XLIX. A auctoridade secular pode impedir os Bispos e os fieis de communicarem livremente entre si e com o Pontifice Romano.

« L. A auctoridade secular tem por si mesma o direito de apresentação dos Bispos, e pode exigir d'estes que tomem o governo de suas dioceses, antes de haverm recebido da Sancta Sé a instituição canonica e as lettras apostolicas.

« LI. Mais, o poder secular tem o direito de prohibir aos Bispos o exercicio do ministerio pastoral, e não é obrigado a obedecer ao Pontifice Romano no que concerne á instituição dos bispados e dos Bispos.

« LII. O governo pode, por direito proprio, mudar a idade prescripta para a profissão religiosa, tanto das mulheres, como dos homens, e obrigar as communidades religiosas a não admittirem ninguem aos votos solemnes sem sua auctorisação.

« LIII. Devem ser abrogadas as leis que protegem a existencia das familias religiosas, seus direitos e funcções; mais, a potestade civil pode dar o seu apoio a todos aquelles que quizerem deixar o estado religioso que tinham abraçado, e infringir seus votos solemnes; pode tambem supprimir completamente essas mesmas communidades religiosas, assim como as egrejas collegias e os beneficios simples, mesmo pelo direito de padroado, attribuir e submetter seus bens e rendas á administração e á vontade da auctoridade civil.

« LIV. Os reis e os principes, não só são isentos da jurisdicção da Egreja, mas são superiores á Egreja, quando se tracta de dirimir questões de jurisdicção.

« LV. A Egreja deve ser separada do Estado, e o Estado da Egreja.

§ VI. — *Erros concernentes á moral natural e christã*

« LVI. As leis moraes não tem necessidade da sancção divina e não é absolutamete necessario que as

leis humanas se conformem com o direito natural, ou recebam de Deus o poder de obrigar.

« LVII. A sciencia das cousas philosophicas e mo-
raes, da mesma sorte que as leis civis, pode e deve ser
subtrahida á auctoridade divina e ecclesiastica.

« LVIII. Não é necessario reconhecer outras for-
ças alem das que residem na matéria, e todo o systema
de moral, toda a honestidade deve consistir em accu-
mular e augmentar suas riquezas por todos os meios, e
em satisfazer as paixões.

« LIX. O direito consiste no facto material; todos
os deveres do homem são uma palavra vazia de sentido,
e todos os factos humanos tem força de direito.

« LX. A auctoridade não é mais do que a somma
do numero e das forças materiaes.

« LXI. Uma injustiça de facto, coroada de successo,
não prejudica de modo algum a sanctidade do direito.

« LXII. Deve proclamar-se e observar-se o prin-
cipio de *não intervenção*.

« LXIII. E' permittido recusar a obediencia aos
principes legitimos, e mesmo revoltar-se contra elles.

« LXIV. A violação de um juramento, por mais
sancto que seja, e toda a acção criminosa e vergonhosa
não só não deve censurar-se, mas é completamente per-
mittida e digna dos maiores elogios, quando é inspirada
pelo amor da patria.

§ VII. — *Erros concernentes ao casamento christão*

« LXV. Não pode estabelecer-se por argumento
algun que Christo haja elevado o matrimonio á digni-
dade de sacramento.

« LXVI. O sacramento do matrimonio não passa
de um accessorio do contracto, que pode separar-se
d'elle, e o proprio sacramento apenas consiste na ben-
ção nupcial.

« LXVII. Por direito natural o vinculo do matrimonio não é indissolúvel, e em diferentes casos o divorcio propriamente dicto pode ser sancionado pela auctoridade civil.

« LXVIII. A Igreja não tem o poder de estabelecer impedimentos dirimentes do matrimonio; este poder pertence á auctoridade secular, pela qual os impedimentos existentes podem ser levantados.

« LXIX. A Igreja, no decurso dos seculos, introduziu impedimentos dirimentes não por direito próprio, mas usando do direito que pediu prestado ao poder civil.

« LXX. Os canones do concilio de Trento que pronunciam anathema contra aquelles que ousam negar o poder que a Igreja tem de oppor impedimentos dirimentes, não são dogmaticos, ou devem entender-se d'este poder prestado.

« LXXI. A forma prescripta pelo concilio de Trento não obriga sob pena de nullidade, quando a lei civil estabelece uma outra forma a seguir, e quer que por meio d'esta forma o casamento seja valido.

« LXXII. Bonifacio VIII foi o primeiro a declarar que o voto de castidade, pronunciado na ordenação, torna o casamento nullo.

« LXXIII. Por força do contracto puramente civil, pode existir um verdadeiro matrimonio entre christãos; é falso ou que o contracto de casamento entre christãos seja sempre um sacramento, ou que este contracto seja nullo fóra do sacramento.

« LXXIV. As causas matrimoniaes e os esponsaes, por sua propria natureza, pertencem á jurisdicção civil

§ VIII. — *Erros sobre o principado civil do Pontífice Romano*

« LXXV. Os filhos da Igreja christã e catholica disputam entre si sobre a compatibilidade da realza temporal com o poder espiritual.

« LXXVI. A abrogação da soberania civil, de que a Sancta Sé está de posse contribuiria, e muito, para a liberdade e felicidade da Igreja.

§ IX. — *Erros que se referem ao liberalismo moderno*

« LXXVIII. Em nosso tempo cessou de ser util que a religião catholica seja considerada como a unica religião do Estado, com exclusão do todos os outros cultos.

« LXXVIII. Assim é com razão que em alguns paizes catholicos a lei providenciou que os estrangeiros, domiciliados, gozem do exercicio publico de seus cultos particulares.

« LXXIX. É falso que a liberdade civil de todos os cultos, e que o pleno poder deixado a todos de manifestar aberta, publicamente, todos os seus pensamentos e opiniões lancem mais facilmente os povos na corrupção de costumes e de espirito, e propaguem a peste do *Indifferentismo*.

« LXXX. O Pontífice Romano pode e deve reconciliar-se e transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna. »

Decretos do Concilio do Vaticano

Constituição dogmatica sobre a fé catholica. 20 d'abril de 1870

CAPITULO I. — *Do Creador de todas as cousas*

A Santa Egreja catholica, apostolica e romana crê e professa, que ha um só Deus verdadeiro e vivo, creador e senhor do céo e da terra, omnipotente, eterno, immenso, incomprehensivel, infinito, em intelligencia, vontade e em toda a perfeição. Este Deus sendo um poder espiritual, um, singular, inteiramente simples e immutavel, deve ser proclamado em si e em sua essencia distincto do mundo, infinitamente feliz em si mesmo e por si mesmo, e elevado de um modo ineffavel acima de tudo o que não é elle, que existe ou pode conceber-se.

« E' por sua bondade e sua virtude omnipotente, não para augmentar sua felicidade, ou adquirir outra nova, mas para manifestar sua perfeição pelos bens que procura a suas creaturas, que este unico Deus verdadeiro, pelo conselho o mais livre formou do nada todos os seres no principio dos tempos, as duas sortes de creaturas espiritual e corporal, a saber, os anjos e o mundo, e em seguida os homens, cuja natureza espiritual e corporea participa de toda a criação.

« E tudo o que Deus formou, mantem-no e governa-o por sua Providencia, que attinge com vigor de uma extremidade á outra, e dispõe tudo com doçura; porque tudo é sem veio e descoberto a seus olhos, até mesmo as acções futuras e livres das creaturas.

CAPITULO II. — *Da Revelação*

« A mesma sancta madre Egreja tem e ensina que, pelas cousas creadas, a luz natural da razão pode co-

nhecer com certeza Deus, principio e fim de todas as cousas: porque as perfeições invisíveis de Deus tornaram-se visíveis depois da criação do mundo pelo conhecimento que suas obras nos dão d'elle; que no entanto aprouve a sua sabedoria e a sua bondade revelar ao genero humano, por uma via sobrenatural, a si proprio e os decretos eternos de sua vontade. E' o que diz o Apostolo por estas palavras: « Deus que outr'ora fallara a nossos pais de diversos modos e em diversas occasiões pelos prophetas, nos falou n'estes ultimos tempos por seu Filho. »

« Quanto áquellas cousas divinas que por si mesmas não são accessíveis a nossa razão, é certamente á divina revelação que devemos, no estado presente da humanidade, podermos todos facilmente conhecê-las com uma certeza inabalavel e sem mistura de erro. Todavia, isto não é razão para affirmar que a Revelação é necessaria de necessidade absoluta, mas é necessaria porque Deus, em sua infinita bondade, destinou o homem a um fim sobrenatural, quer dizer, á participação dos bens divinos que ultrapassam absolutamente o alcance da intelligencia humana; porque nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem o coração do homem experimentou o que Deus tem preparado para aquelles que o amam.

« Ora esta Revelação sobrenatural, consoante a fé da Igreja universal, foi declarada pelo sancto concilio de Trento, estar contida nos livros e nas tradições não escriptas que os Apostolos receberam da bocca do proprio Jesus Christo, ou que os mesmos Apostolos, por inspiração do Espirito Santo, transmittiram como de mão em mão, e tem chegado até nós.

Estes livros do Antigo e Novo Testamento em sua integridade, com todas as suas partes, taes como são reconhecidos pelo decreto do mesmo Concilio, e taes como se lêem na antiga edição da Vulgata latina, devem ser accites como sagrados e canonicos. E a Igreja

tem-nos por sagrados e canonicos, não porque fructos de uma concepção puramente humana, os tivesse approvedo no decurso dos tempos por sua auctoridade, nem mesmo sómente porque encerram a Revelação sem erro algum, mas porque, escriptos sob a inspiração do Espirito Sancto, tem Deus por auctor, e como taes foram confiados á Egreja.

E porque certos homens expõem em mau sentido as cousas que o sancto Concilio de Trento, para refrear os espiritos petulantes, tem sãmente decretado sobre a interpretação das divinas Escripturas, nós, renovando o mesmo decreto, declaramos que seu pensamento é que nas cousas de fé e de costumes, que dizem respeito á edificação da douctrina christã, se deve ter por verdadeiro sentido da sancta Escriptura aquelle que temido e tem a sancta madre Egreja, a quem pertence julgar do verdadeiro sentido e interpretação das sanctas Escripturas; e que portanto não é permittido a ninguem interpretar a sancta Escriptura contrariamente a este sentido, nem tão pouco contra o sentir unanime dos Padres.

CAPITULO III. — *Da Fé*

Pois que o homem depende totalmente de Deus como seu criador e senhor, e pois que a razão criada está inteiramente sujeita á verdade increada, somos obrigados a dar pela fé a Deus que revela o pleno assenso de nossa intelligencia e de nossa vontade. E esta fé que é para os homens o começo da salvação, a Egreja catholica professa que é uma virtude sobrenatural, pela qual, inspirando Deus, e ajudados de sua graça acreditamos ser verdadeiro o que nos revela, não por causa de que a luz natural de nossa razão nos descubra a verdade intima das cousas, mas por causa da auctoridade do proprio Deus, auctor da revelação, que

não pode enganar-se, nem enganar; porque, conforme o testemunho do Apostolo, a fé é a substancia (ou o fundamento) das cousas que devemos esperar, e o argumento (ou a convicção) d'aquellas que não vemos.

Todavia, para que a submissão de nossa fé estivesse em perfeita conformidade com a razão, Deus quiz junctar aos soccorros interiores do Espirito Sancto os argumentos exteriores (ou as provas extrinsecas) da revelação, a saber, os factos divinos, e mórmente os milagres e as prophcias que, mostrando evidentemente a omnipotencia e a sciencia infinita de Deus, são os signaes da divina revelação, signaes riquissimos e apropriados a todas as intelligencias. Eis porque Moysés e os prophetas, e principalmente Nosso Senhor Jesus Christo, fizeram grande numero de milagres os mais manifestos e prophcias; e dos Apostolos lemos: «Elles, partindo, prégarão por toda a parte, cooperando o Senhor com elles, e confirmando sua palavra com milagres, de que era acompanhada.» E ainda: «Nós possuimos os oraculos dos prophetas, cuja certeza está ainda melhor estabelecida, sobre os quaes fareis bem fixando os olhares, como sobre um pharol que brilha em logar escuro.»

Mas, posto que o assentimento á fé não seja um movimento cego d'alma, ninguem comtudo pode adherir, como lhe importa para a salvação, á palavra do Evangelho, se não for esclarecido e movido pelo Espirito Sancto, que nos faz encontrar doçura em consentir e crer na verdade.

D'este modo a fé, considerada em si mesma, e ainda quando não opere pela caridade, é um dom de Deus, e o seu acto é uma obra que pertence á salvação, acto pelo qual o homem presta a Deus uma obediencia livre, consentindo e cooperando com sua graça, á qual poderia resistir.

Ora pela lei divina e catholica devemos crer tudo

o que está contido na palavra escripta e tradicional de Deus, e que a Igreja, quer por um juizo solemne, quer por seu magisterio ou ensino ordinario e universal, propõe a nossa fé como divinamente revelado.

E como sem fé é impossivel agradar a Deus, e chegar a ser contado em o numero de seus filhos, ninguem sem ella pode ser justificado, e ninguem, a não ser que persevere até ao fim na fé, obterá a vida eterna; nem pode satisfazer á obrigação de abraçar a verdadeira fé, como tambem de perseverar constantemente. Deus por seu Filho unico instituiu a Igreja, e a assignalou na frente com notas visiveis de tal instituição, afim de que todos possam reconhecer n'ella a guarda e a dispenseira da divina palavra.

E, de feito, só á Igreja catholica é que pertencem todos estes caracteres tão numerosos e tão admiraveis, que a divina Providencia dispoz para tornar evidente a credibilidade da fé christã.

Ha mais: a Igreja, graças á sua prodigiosa propagação, a sua sanctidade incomparavel, a sua fecundidade uberrima para toda a sorte de bens, graças a sua unidade catholica e a sua invencivel estabilidade, a Igreja é por si mesma um grande e perpetuo motivo de credibilidade e um irrefragavel testemunho de sua divina missão.

D'onde resulta que ella é como o estandarte levantado entre as nações, e que convida a vir abrigar-se em suas pregas aquelles que ainda não creram, e que certifica e assegura seus filhos de que a fé que professam repousa sobre o fundamento o mais seguro. A este testemunho acresce ainda o socorro efficaz do poder do alto. O Deus optimo, com effeito, excita e ajuda por sua graça aquelles que estão no erro, para que possam chegar ao conhecimento da verdade; quanto áquelles que transferiu da morada das trevas para sua admiravel luz, confirma-os por sua graça n'essa mesma luz,

para que perserverem: não abandonando nunca senão aquelles que o abandonam. Não ha pois paridade alguma com aquelles que, conduzidos por opiniões humanas, seguem uma falsa religião. Aquelles de facto que sob o magisterio da Igreja conhecem a fé, não podem nunca ter motivo justo de mudar ou de por em duvida esta fé. Sendo isto assim, dêmos graças a Deus Pai, que nos fez dignos de partilhar em sua luz a sorte dos sanctos; não tenhamos em pouca monta uma salvação de tal alcance; mas com os olhos fixos em Jesus, auctor e consummador de nossa fé, sejamos inabalaveis na confissão de nossa esperança».

CAPITULO IV. — *Da Fé e da Razão*

O consentimento perpetuo da Igreja catholica sempre teve e tem que ha duas ordens de conhecimentos, e que estas duas ordens são distinctas, não só por seu principio, mas tambem por seu objecto, por seu principio, porque em uma é pela luz natural de nossa razão, e em outra pela fé divina, que conhecemos.

Por seu objecto porque, independentemente do que pode attingir a razão natural, mysterios occultos em Deus são propostos a nossa crença, e estes mysterios não podem ser conhecidos a não ser que Deus se digne revelar-nol-os. Eis porque o Apostolo, que assegura que Deus fora conhecido dos Gentios por suas obras, quando disserta sobre a graça e a verdade que Jesus Christo nos trouxe, exclama: Nós prérgamos a sabedoria de Deus com seus mysterios, que tinham estado occultos, que Deus predestinara, preparara antes de todos os seculos para nossa gloria, que nenhum dos principes d'este mundo conheceu, mas que Deus nos revelou por seu Espirito Sancto; porque o Espirito penetra tudo, até as mesmas profundezas de Deus. E o Filho unico de Deus dá a seu Pai este testemunho de que occultou es-

tes mysterios aos sabios e aos prudentes, e que os revelou aos pequeninos.

« Mas a razão, é verdade, illuminada pela fé, quando investiga com assiduidade, moderação e piedade, adquire com o auxilio de Deus uma certa intelligencia dos mysterios, e esta intelligencia é muito fructifera.

A razão adquire esta intelligencia quer pela analogia com as cousas que naturalmente conhece, quer pelo vinculo que tem os mysterios entre si e com o fim ultimo do homem; contudo não é capaz nunca de os ver como as verdades que constituem seu objecto proprio. Porque os divinos mysterios excedem por tal forma a intelligencia creada que ainda depois de nos terem sido revelados, e de os havermos recebido pela fé, ficam não obstante encobertos com o véo da fé, e como envolvidos em nuvem, em quanto peregrinamos n'esta vida, longe do Senhor; porque nós caminhamos para elle pela fé e não o vemos a descoberto.

Se bem que a fé é superior á razão, não pode nunca haver entre ellas desaccordo, verdadeira opposição. Porque é o mesmo Deus o que revela os mysterios e infunde a fé, e que dá ao espirito do homem a luz da razão. Ora Deus não pode negar-se a si mesmo, e o verdadeiro não pode contradizer o verdadeiro. As vãs apparencias de uma tal contradicção vem sobretudo ou de que os dogmas da fé não tem sido comprehendidos e expostos no sentido da Igreja, ou de que falsas opiniões são tomadas por conclusões da razão. Nós definimos pois que toda a asserção contraria á verdade conhecida pela fé é absolutamente falsa. A Igreja que recebeu com a missão apostolica de ensinar a ordem de guardar o deposito da fé, tem tambem a missão e o direito divino de proscreever toda a falsa sciencia, para que ninguem seja enganado pela philosophia e por vãs subtilizas. Razão porque, quanto a essas opiniões conhecidas como contrarias á doutrina da fé, sobretudo se

foram reprovadas pela Igreja, não só é prohibido a todos os fieis sustental-as como conclusões legitimas da sciencia, mas são absolutamente obrigados a tel-as como outros tantos erros, que afivelam a mascara traiçoeira da verdade.

« Não só a fé e a razão não podem nunca entrar em conflicto, mas dão-se mutuo auxilio, pois a recta razão demonstra os fundamentos da fé, e esclarecida por sua luz cultiva a sciencia das cousas divinas. Quanto á fé, liberta e preserva a razão de erros, e fornece-lhe amplos conhecimentos. Tão longe está a Igreja de se oppor á cultura das artes e das sciencias, que pelo contrario auxilia essa cultura e a promove de mil maneiras.

Nem ella ignora, nem despreza as vantagens que os homens auferem das sciencias e das artes; pois até confessa que, assim como essas grandes cousas vem de Deus, que é o Senhor das sciencias, da mesma sorte devem ellas, se forem tractadas como convem, conduzir-nos a Deus, com o soccorro da sua graça. A religião não impede certamente que essas sciencias empreguem dentro de seu dominio principios e methodos que lhes são proprios; mas reconhecendo esta legitima liberdade, emprega a sua vigilancia e põe-se em guarda para que as sciencias, em sua opposição á doutrina revelada, não abracem erros, ou que ultrapassando suas fronteiras, não se lancem, para causar perturbação, no terreno da fé.

Porque de feito não é semelhante a uma descoberta philosophica susceptivel de receber os aperfeigoamentos do espirito humano, a doutrina da fé revelada por Deus e a nós proposta, mas é um deposito divino confiado á esposa de Jesus Christo, para que o guarde e o proclame com infallibilidade.

D'onde se deduz que deve manter-se sempre para os dogmas o sentido que uma vez definiu nossa sancta ma-

dre Igreja, e nunca sob a falsa côr de melhor os entender, se deve afastar d'este sentido.

Cresçam pois e progridam magnifica e rapidamente, com o andar dos seculos e das edades, a intelligencia, a sciencia, a sabedoria de cada um e de todos, as de um só homem, como as de toda a Igreja, com tanto que seja sómente na ordem estabelecida, i é, na unidade de dogma, de sentimento e de sentido.»

Canones

I. — *De Deus Creador de todas as cousas*

« 1.º Se alguém negar um Deus verdadeiro, creador e senhor das cousas visiveis e invisiveis, seja anathematisado.

2.º Se alguém não tiver vergonha de affirmar que fóra da materia não existe nada, seja anathematisado.

3.º Se alguém disser que não ha mais do que uma e mesma substancia ou essencia de Deus e de todas as cousas, seja anathematisado.

4.º Se alguém disser que as cousas finitas, tanto corporaes como espirituaes, ou as espirituaes só, são emanações da substancia divina;

«Ou que a divina essencia por suas manifestações ou evoluções vem a ser todas as cousas;

«Ou enfim que Deus é o ser universal ou indefinido que, por sua determinação, constitue a universalidade das cousas distinctas em generos, especies e individuos, seja anathematisado.

5.º Se alguém confessar que o mundo e todas as cousas que estão no mundo, tanto as espirituaes, como as materiaes, não foram, quanto a toda a sua substancia, produzidas por Deus;

«Ou disser que Deus creou, não por uma vontade

isenta de toda a necessidade, mas que creou tão necessariamente, como necessariamente se ama a si mesmo;

«Ou negar que o mundo foi creado para gloria de Deus, seja anathematisado.

II. — *Da Revelação*

1.º Se alguém disser que a luz natural de nossa razão não pode conhecer com certeza por aquillo que foi feito, um só e verdadeiro Deus, nosso creador e senhor, seja anathematisado.

2.º Se alguém disser que não pode, ou não é conveniente, que o homem seja insfruido pela divina revelação sobre Deus e o culto a dar-lhe, seja anathematisado.

3.º Se alguém disser que o homem não pode ser elevado divinamente a um conhecimento e a uma perfeição que se avantajam a toda a natureza, mas que pode e deve por si mesmo chegar enfim, por um progresso continuo, á posse completa do verdadeiro e do bem, seja anathematisado.

4.º Se alguém não receber como sagrados e canonicos os livros da Sancta Escripura em sua integridade e com todas as suas partes, taes como o concilio de Trento os inseriu em seu catalogo, ou negar que estes mesmos livros hajam sido inspirados por Deus, seja anathematisado.

III. — *Da Fé*

1.º Se alguém disser que a razão humana é de tal modo independente, que Deus não pode exigir d'ella a fé, seja anathematisado.

2.º Se alguém disser que a fé divina não é distincta da sciencia natural sobre Deus e sobre as cousas da moral, e que por consequencia a fé divina não requer que

uma verdade revelada seja admittida por causa da auctoridade de Deus que revela, seja anathematisado.

3.º Se alguém disser que a divina revelação não pode volver-se crível por signaes exteriores, e que portanto a experiencia interior de cada um ou a inspiração privada devem sós conduzir o homem á fé, seja anathematisado.

4.º Se alguém disser que nenhum milagre poderia ter logar, e que portanto todas as historias de milagres que nos contam, mesmo na sancta Escriptura devem ser lançadas no cadoz das fabulas e dos mythos, ou que os milagres não podem nunca ser conhecidos com certeza, e que não podem provar solidamente a divina origem da religião christã, seja anathematisado.

5.º Se alguém disser que o assenso á fé christã não é livre, mas que é produzido necessariamente por argumentos da razão humana (por argumentos puramente humanos) ou que a graça de Deus não é necessaria senão para a fé viva que opera pela caridade, seja anathematisado.

6.º Se alguém disser que a condição dos fieis é identica á d'aquelles que ainda não chegaram á unica fé verdadeira, de sorte que os catholicos podem ter um justo motivo de suspender seu assentimento para pôr em duvida a fé que sob o magisterio da Igreja já abraçaram, até que hajam encontrado uma demonstração scientifica da credibilidade e da verdade de sua fé, seja anathematisado.

IV.— *Da Fé e da Razão*

«1.º Se alguém disser que a fé divina não contem verdadeiros mysterios, mysterios propriamente dictos mas que todos os dogmas da fé podem, com o auxilio de uma razão exercitada, ser comprehendidos e de-

monstrados pelos principios naturaes, seja anathematizado.

«2.º Se alguém disser que as sciencias humanas devem ser tratadas com uma tal liberdade, que suas asserções, mau grado de sua opposição á doutrina revelada, podem ser mantidas como verdadeiras, e que a Igreja não tem o direito de as condemnar, seja anathematizado.

«3.º Se alguém disser que em attenção aos progressos das sciencias, pode acontecer que seja preciso dar algumas vezes aos dogmas, propostos pela Igreja, um sentido differente d'aquelle que a Igreja lhes tem dado, seja anathematizado.

Primeira Constituição dogmatica sobre a Igreja. 18 de julho de 1870

CAPITULO I— *Da instituição do Primado Apostolico na pessoa do bemaventurado Pedro*

«Nós ensinamos pois e declaramos, conformemente aos testemunhos do Evangelho, que o primado de jurisdicção sobre toda a Igreja de Deus foi immediata e directamente promettido e conferido por Nosso Senhor Jesus Christo ao bemaventurado Pedro. Foi de facto só a Simão, a quem elle disse: « tu te chamarás Cephias » e depois de ter feito esta confissão: « Tu és Christo, filho de Deus vivo, » foi só a Simão que o Senhor dirigiu estas palavras: « Tu és bemaventurado, Simão, filho de João, porque não foi nem a carne nem o sangue que t'o revelou, mas sim meu Pai que está nos ceos; e eu digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não hão de prevalecer contra ella, » e: « Eu te darei as chaves do Reino dos ceos, e tudo o que tu ligares sobre a terra

será ligado no céu, e tudo o que tu desligares sobre a terra será desligado no ceo.»

Foi também só a Simão Pedro que Jesus, depois de sua resurreição, conferiu a jurisdição de pastor supremo e de juiz para todo o seu rebanho, dizendo-lhe: « Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas.» A esta doutrina tão manifesta das sanctas Escripturas, tal como tem sempre sido comprehendida pela Egreja catholica, são absolutamente contrarias as opiniões d'aquelles, que desnaturando a forma de governo, estabelecida em sua Egreja pelo Christo Nosso Senhor, negam que Pedro haja sido investido por Christo em um verdadeiro e proprio primado de jurisdição acima dos Apostolos, quer separados, quer reunidos; ou que affirmam que este mesmo primado não foi immediato ou directamente conferido ao bemaventurado Pedro, mas á Egreja, e que por esta lhe é transmittido o primado como a ministro d'esta mesma Egreja.

Se por conseguinte alguém disser que o bemaventurado apostolo Pedro não fôra constituido por Christo Nosso Senhor principe dos apostolos e chefe visivel de toda a Egreja militante; ou que o mesmo Pedro não recebeu directamente e immediatamente de Christo Nosso Senhor senão um primado de honra, e não de verdadeira e propria jurisdição, seja anathematisado.

CAPITULO II — *Da Perpetuidade do Primado de Pedro nos Pontifices Romanos*

« É necessario que aquillo que o Principe dos Pastores e o Pastor Supremo das ovelhas, Nosso Senhor Jesus Christo, estabeleceu na pessoa do bemaventurado Pedro para salvação perpetua e o bem permanente da Egreja, subsista constantemente por elle também na Egreja que, fundada sobre pedra, deve ficar estavel até ao fim dos seculos. Não é duvidoso para ninguem, longe

d'isso, é um facto notorio em todos os seculos, que até nosso tempo e sempre, o sancto e bemaventurado Pedro, principe dos apostolos, columna da fé e fundamento da Egreja catholica, que recebeu de Nosso Senhor Jesus Christo, Salvador e Redemptor do genero humano, as chaves do reino, vive, reina e julga em seus successores os bispos da Sancta Sé romana, estabelecida por elle e consagrada com seu sangue. Eis porque cada um dos successores de Pedro n'esta Cadeira possui, em virtude da instituição do proprio Jesus Christo, o primado de Pedro sobre a Egreja universal. A economia da verdade permanece pois, e o bemaventurado Pedro guardando sempre a solidez da pedra que recebeu, não largou o encargo do governo da Egreja. Por esta razão tem sido necessario que todas as egrejas, i é, a universalidade dos fieis espalhados por toda a terra, estivessem em união com a Egreja romana, a fim de que unidos, como os membros á cabeça. n'esta Sancta Sé, d'onde promanam todos os direitos da veneravel communitade, não formassem senão um só e mesmo corpo.

Se portanto alguém disser que não é por instituição de Jesus Christo ou de direito divino, que o Bemaventurado Pedro tem successores perpetuos no primado sobre toda a Egreja; ou que o Pontifice Romano não é o successor do bemaventurado Pedro no mesmo primado, seja anathematisado.

CAPITULO III — *Da Natureza e do Character do Primado do Pontifice Romano.*

«Motivo porque, apoiados nos testemunhos manifestos das sanctas Escripturas e firmemente atidos aos decretos formaes e certos, tanto de nossos predecessores, os Pontifices Romanos, como dos Concilios geraes, nós renovamos a definição do concilio ecumenico de Florença, em virtude do qual todos os fieis de Christo são

obrigados a crer que a Santa Sé Apostolica e o Pontifice Romano tem o primado sobre todo o mundo, que o mesmo Pontifice Romano é o successor do bemaventurado Pedro, principe dos Apostolos, o verdadeiro vigario de Jesus Christo, o chefe de toda a Egreja, o pai e o douctor de todos os christãos, e que a elle foi confiado por Nosso Senhor Jesus Christo, na pessoa do bemaventurado Pedro, o pleno poder de apascentar, reger e governar a Egreja universal, assim como rezam as actas dos concilios ecumenicos e os santos canones.

Nós ensinamos pois e declaramos que a Egreja romana, por instituição divina, tem o principado de poder ordinario sobre todas as outras egrejas, e que este poder de jurisdicção do Pontifice Romano, verdadeiramente episcopal, é immediato; que os pastores e os feis, cada um e todos, qualquer que seja sua cathedra e seu rito, lhe estão sujeitos pelo dever de subordinação hierarchica e de uma verdadeira obediencia, não só nas cousas concernentes á fé e aos costumes, mas tambem nas que respeitam á disciplina e ao governo da Egreja espalhada por todo o universo; de sorte que guardando a unidade quer de communhão, quer de profissão de uma mesma fé com o Pontifice Romano, a Egreja de Christo é um só rebanho debaixo de um só pastor supremo. Tal é a doutrina da verdade catholica, da qual ninguem pode desviar-se sem perda da fé e da salvação.

Mas bem longe de que este poder do Soberano Pontifice seja prejudicial ao poder ordinario e immediato de jurisdicção episcopal, no qual os bispos que, estabelecidos pelo Espirito Sancto, succederam aos Apostolos, apascentam e regem, como verdadeiros pastores cada um o rebanho particular confiado á sua guarda, este ultimo poder é proclamado, confirmado e corroborado pelo supremo e universal pastor, segundo a palavra de S. Gregorio Magno:» Minha honra é a

honra da Igreja universal. Minha honra é a força sólida de meus irmãos. Eu sou realmente honrado, quando se não recusa a cada um a honra que é lhe é devida.»

D'este poder supremo do Pontífice Romano de apascentar a Igreja universal, resulta para elle o direito de communicar livremente no exercicio de seu cargo com os pastores e os rebanhos de toda a Igreja, afim de poderem ser instruidos e dirigidos por elle nas vias da salvação. Eis porque condemnamos e reprovamos as maximas d'aquelles que dizem que esta communicação do chefe supremo com os pastores e os rebanhos póde ser legitimamente impedida, ou que a fazem depender do poder secular, pretendendo que as cousas estabelecidas pela Sé Apostolica ou em virtude de sua auctoridade não tem força e auctoridade, senão forem confirmadas pelo beneplacito do poder secular.

E como o Pontífice Romano pelo direito divino do primado apostolico, é proposto para a Igreja universal, ensinamos tambem e declaramos que elle é o juiz supremo dos fieis, e que se pode recorrer a seu tribunal em todas as causas que são da competencia ecclesiastica; que ao contrario os julgamentos da Sé Apostolica, acima da qual não ha auctoridade, não podem ser reformados por ninguem, e que a ninguem é permitido julgar seus juizos. Extraviam-se pois do recto caminho da verdade aquelles que affirmam que é permitido apellar dos juizos dos Soberanos Pontífices para o Concilio ecumenico, como para uma auctoridade superior ao Pontífice Romano.

Se por conseguinte alguem disser que o Pontífice Romano não tem o cargo de inspecção e de direcção e o pleno poder de jurisdicção sobre a Igreja universal, não só nas cousas que concernem á fé e aos costumes, mas tambem nas que pertencem á disciplina e ao governo da Igreja espalhada em todo o universo; ou que tem sómente a parte principal e não toda a pleni-

tude d'este poder supremo; ou que este poder que lhe pertence não é ordinario e immediato, quer sobre todas a egrejas, e sobre cada uma, quer sobre todos os pastores e sobre todos os fieis e sobre cada um d'elles, seja anathematisado.»

CAPITULO IV — *Do Magisterio infallivel
do Soberano Pontifice*

« Esta Sancta Sé sempre teve, a tradição constante da Egreja o prova, e os proprios Concilios ecumenicos, sobremodo aquelles, em que o Oriente se reunia ao Occidente na união da fé e da charidade, tem declarado que o poder supremo no magisterio está comprehendido no primado apostolico que o Pontifice Romano possui sobre a Egreja universal, em sua qualidade de successor de S. Pedro, principe dos Apostolos. É assim que os Padres do quarto Concilio de Constantinopla, marchando sobre as pégadas de seus predecessores, emitiram esta solemne profissão de fé: « A salvação está sobretudo em guardar a regra da verdadeira fé. E a palavra de Nosso Senhor Jesus Christo dizendo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, não pode ser vã, os factos o tem verificado; porque na Sé Apostolica a religião tem sido sempre conservada sem mancha, e a sã doutrina sempre ensinada. Desejando pois não nos separarmos em cousa alguma da sua fé e doutrina, esperamos merecer estar na mesma communhão que préga a Sé Apostolica, em quem se encontra a inteira e verdadeira solidez da religião christã. » Com a approvação do segundo Concilio de Lyão, os Gregos professaram que « a sancta Egreja Romana tem o soberano e pleno primado e principado sobre a Egreja catholica universal; principado que ella reconhece em toda a verdade e humildade ter recebido com a plenitude do poder do mesmo Senhor, na pes-

soa do bemaventurado Pedro, príncipe ou chefe dos Apostolos, do qual o pontífice romano é o successor; e da mesma maneira que ella é obrigada mais do que todas as outras a defender a verdade da fé, da mesma sorte quando se levantam questões relativas á fé, taes questões devem ser definidas por seu juizo.» Emfim o concilio de Florença definiu «que o Pontífice Romano é o verdadeiro Vigario de Christo, a cabeça de toda a Igreja, o pai e o douctor de todos os christãos; e que a elle, na pessoa do bemaventurado Pedro, foi entregue por nosso Senhor Jesus Christo o pleno poder de apascentar, conduzir e governar a Igreja universal.»

« Para preencher os deveres d'este encargo pastoral, nossos predecessores trabalharam sempre com ardor em propagar a doutrina salutar de Christo entre todos os povos da terra, e vigiaram com egual solicitude em a conservar pura e sem alteração alguma em toda a parte, onde foi recebida. Razão, porque os bispos de todo o universo, quer dispersos, quer reunidos em Synodo, consoante o antigo costume das igrejas e a forma da pristina regra, tem sempre tido o cuidado de assignalar e participar a esta Sé Apostolica os perigos que se apresentavam sobretudo nas cousas da fé, afim de que os prejuizos que esta tivesse soffrido encontrassem soberano remedio, onde a fé não póde achar desfallecimentos. Por sua parte, os Pontífices Romanos, segundo lh'o aconselhava a condição dos tempos e das cousas, ora convocando concilios ecumenicos, ora consultando a Igreja dispersa pelo orbe, ora em synodos particulares, ora por outros meios que a Providencia lhes proporcionava, definiram que era preciso manter tudo aquillo que com a ajuda de Deus, tinham reconhecido conforme ás Sanctas Escripturas e ás tradições apostolicas. O Espirito Sancto não foi de feito prometido aos successores de Pedro para que proclamassem uma doutrina nova, mas para que com sua assistencia

guardassem sanctamente e expuzessem fielmente as revelações transmittidas pelos Apostolos, i é, o deposito da fé. Todos os vaneraveis Padres tem abraçado, e todos os sanctos douctores orthodoxos tem venerado e seguido sua douctrina apostolica, sabendo perfeitamente que esta Sé de Pedro permanece sempre isenta de erro, segundo esta promessa divina do Senhor nosso Salvador, feita ao principe de seus discipulos: «Eu pedi por ti, para que tua fé não desfalleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.»

« Este dom da verdade e da fé que não fallece, foi por consequente concedido a Pedro e a seus successores n'esta cadeira, afim de que exercitassem seu cargo unicamente para salvação de todos; afim de que todo o rebanho de Christo, por elles retirado do pasto envenenado do erro, fosse nutrido da celeste douctrina; afim de que extincta toda a causa de scisma, a Egreja fosse conservada integra em sua unidade, e que firme e apoiada em seu fundamento se mantivesse inabalavel contra as portas do inferno. Ora n'esta epocha, em que se carece, como nunca, da salutar efficacia do munus apostolico, e em que ha tantos homens apostados a rebaixar-lhe a auctoridade, pensamos que é de todo em todo necessario affirmar solemnemente a prerogativa que o Filho unico de Deus se dignou accrescentar ao supremo officio pastoral.

Eis porque, atendo-nos fielmente á tradição que remonta aos primordios da fé christã, para gloria do Deus Nosso Salvador, para exaltação da religião catholica, e salvação dos povos christãos, ensinamos e definimos, *sacro approbante Concilio*, que é um dogma divinamente revelado:

Que o Pontifice Romano, quando fala *ex cathedra*, i é, quando desempenhando o munus de pastor e de douctor de todos os christãos, em virtude de sua suprema auctoridade apostolica, define que uma douctrina

sobre a fé ou os costumes deve ser crida pela Igreja universal, goza plenamente, pela assistencia divina que lhe foi promettida na pessoa do bemaventurado Pedro, d'essa infallibilidade que o divino Redemptor quiz dispensar a sua Igreja nas definições pertinentes á fé e aos costumes; e por conseguinte, que taes definições do Pontifice Romano são irreformaveis por si mesmas, e não em virtude do consentimento da Igreja.

Que se alguém, o que Deus não permita, tiver a temeridade de contradizer a nossa definição, seja anathematisado.

A este codigo verdadeiramente divino de definições dogmaticas permitta-se-me ajunctar as regras que o fundador da Companhia de Jesus, Santo Ignacio, traça aos religiosos de sua ordem, para os pôr ao abrigo das novidades do tempo e assegural-os de que estão em união de fé e de sentimento com a sancta Igreja de Jesus Christo. Fizeram o objecto de minha admiração no tempo de minha juventude religiosa; uma longa experiencia me tem convencido cada vez mais de sua sabedoria e de sua opportunidade sempre crescente.

Regras de Fé Orthodoxa

« *Primeira regra.* — Estar sempre prompto a obedecer de alma e coração, pondo de parte toda a maneira de ver particular, á verdadeira esposa de Jesus Christo, a nossa sancta mãe, a nossa mestra infallivel e orthodoxa, a *Igreja catholica*, cuja auctoridade se exerce sobre nós pela hierarchia de seus pastores.

« *Segunda regra.* — Approvar a confissão dos peccados, tal como se practica na Igreja, a recepção da sagrada Eucharistia uma vez no anno, e melhor ainda to-

dos os oito dias, ou ao menos todos os mezes com a devida preparação,

« *Terceira regra.* — Recommendar aos fieis a assis-tencia frequente e piedosa ao sancto sacrificio da missa, aos cantos ecclesiasticos, ao officio divino e em geral ás preces e devoções que se practicam a prazo fixo, quer em publico nos templos, quer em particular.

« *Quarta regra.* — Ter grande estima pelo estado re-legioso, e dar ao celibato ou á virgindade a preferencia sobre o estado conjugal.

« *Quinta regra.* — Approvar os votos religiosos de castidade, pobreza e obediencia perpetua, assim como todas as outras obras de perfeição e de supererogação.

Notemos de passagem que nunca devemos empe-nhar-nos por voto a tomar um estado, que houvesse de ser impedimento para outro mais perfeito, por exemplo o casamento; porque o voto é necessariamente um compromisso para a perfeição, a promessa de um bem melhor, diz a theologia.

« *Sexta regra.* — Approvar a veneração e invocação dos sanctos; o culto das reliquias, as procissões, as pe-regrinações de devoção, as indulgencias, os jubileus, o uso de accender os cirios ou alampadas em volta dos altares, e outras practicas d'este genero uteis á piedade.

« *Setima regra.* — Approvar as abstinencias e os je-juns não só de preceito, como na quaresma, nas quatro temporas, nas vigalias, mas tambem os jejuns da sexta feira é do sabbado que são de pura devoção... como tambem as mortificações ou penitencias voluntarias não só interiores, mas ainda exteriores.

« *Oitava regra.* — Approvar a magnificencia na cons-trução e ornamentação das egrejas, e as sanctas ima-gens que honramos justamente por causa dos objectos que representam.

« *Nona regra.* — Longe de censurar de qualquer ma-neira os preceitos da Igreja, defendel-os a todo o

transe, por todas as razões que o estudo pode fornecer-nos contra aquelles que os atacam.

« *Decima regra.* — Appicar-se a achar bons os decretos, estatutos, tradições, ordenanças, ritos e usos de nossos pais na fé ou de nossos superiores. Quanto a sua conducta, muito embora se não encontre por toda a parte aquella integridade de conducta que seria desejavel, no entanto ha mais desordem e escandalo, do que utilidade real, em falar contra elles nas conversações privadas ou nos discursos publicos.

Estas sortes de investidas não fazem senão azedar os povos e levantar-os contra seus principes e seus pastores; é mister pois abster-se d'estas diatribes, e não incriminar na presença de seus subditos os superiores ausentes: antes se dirija em particular qualquer reparo áquelles que tem nas mãos a auctoridade necessaria para remediar o mal, em boa hora.

« *Undecima regra.* — Ter em grande estima o ensino dos padres e dos theologos. Aquelles, como S. Jeronymo, S. Agostinho, S. Gregorio, trabalharam para formar corações christãos; estes, na carreira aberta por S. Thomaz, S. Boaventura etc., e seguida por tantos doctores antigos e modernos, tiveram em mira guarecer os espiritos dos erros do tempo, e esclarecel-os com noções exactas e dogmas bem definidos. Vindo depois dos Padres, tiveram como elles para se instruir as sanctas Escripturas e os escriptos da antiguidade, alem d'isso as ordenanças e definições conciliares, os regulamentos e constituições da sancta Egreja, e o espirito de Deus tem-nos poderosamente ajudado a tirar proveito de todos estes recursos para dirigir os fieis nas vias da salvação.

« *Duodecima regra.* — Evitar toda a comparação de homens vivos, seja qual fôr seu merito, com os sanctos. Por exemplo evitar dizer: Fulano é mais sabio do

que S. Agostinho: Eis ahí um outro S. Francisco: Aquelle é tão zeloso e tão eloquente como S. Paulo.

«*Decima terceira regra.* — Para não ter com a Egreja de Jesus Christo senão um mesmo espirito, uma só alma, é mister depositar n'ella toda a confiança e de nós desconfiar até dizer que o que se nos affirmava verdadeiro é falso, se for definido que assim era, porque é necessario crer sem hesitar que o espirito de Nosso Senhor Jesus Christo é o espirito de sua esposa, e que o Deus que outrora se dignou dar o decalago é o mesmo Deus que hoje inspira e dirige a Egreja.

«*Decima quarta regra.* — Apezar de ser muito verdadeiro que ninguem se salva, se não for predestinado, presiso se torna no entanto falar mui reportadamente sobre esta materia com receio de que concedendo demasiado á graça, não pareça que se nega o livre arbitrio e o merito das boas obras; ou ao contrario dando muito ao livre arbitrio, se enfraqueça o poder e a efficacia da graça.

«*Decima quinta regra.* — Pela mesma razão é mister falar poucas vezes da predestinação, e se o ensejo o pedir, ha de fazer-se de tal modo que o povo não possa dizer: se minha sorte eterna está fixa, quer faça bem ou mal, só me ha acontecer o que Deus tiver decretado.

O que muitas vezes conduz ao abandono das boas obras e de todos os meios da salvação.

«*Decima sexta regra.* — Muitas vezes tambem acontece que á força de exaltar o merito da fé, sem acrescentar distincção ou explicação alguma, se fornece ao povo um pretexto de relaxar-se sobre a pratica das boas obras, as quaes não obstante precedem a fé ou marcham apoz d'ella, quando é animada pela charidade.

«*Decima setima regra.* — E' mister não exaltar tanto a graça divina, que os ouvintes venham a crer que não são livres; mas deve falar-se d'ella como o exigem a.

maior gloria de Deus e os tempos, em que vivemos, com receio de prejudicar a liberdade e a efficacia das boas obras.

« *Decima oitava regra.* — Posto que seja mui louvavel e util servir a Deus pelo motivo da charidade pura, preciso se torna ainda assim inculcar muito o temor de Deus, e não só o temor filial, mas o temor servil que é muito util e necessario ao homem para se levantar promptamente do peccado. Uma vez sahido do estado e forro já do affecto ao peccado mortal, pode fallar-se-lhe d'esse temor filial, verdadeiramente digno de Deus, que dá e conserva a união do puro amor.»

ADVERTENCIA AO LEITOR

Dos tres indices annunciados no principio d'este primeiro Tomo, só o 3.º — *Dos auctores citados e para consultar* — é que pode tomar logar aqui. Os dois outros — *Analytico por nomes de auctores; Analytico por ordem de materias*, exigindo uma paginação differente na traducção d'aquella que tem no original, só no fim do ultimo Tomo é que podem ser publicados.

ADVERTENCIA DO LEITOR

Este libro contém informações de grande interesse para todos os que se interessam por estes estudos e para todos os que se interessam por estes estudos. O que se segue é uma exposição dos pontos principais de cada uma das partes do tratado de forma que o leitor possa ter uma visão geral do assunto tratado e assim poder estudar mais profundamente cada uma das partes do tratado de acordo com o seu interesse.

INDICE

DOS AUCTORES CITADOS E PARA CONSULTAR

- AMYOT (P.^o). *Memorias concernentes aos chinezes.*
- AGASSIZ (L.). *Da Especie e da classificaçãõ em Zoologia.*
Germer-Baillièrre.
- ARAGO (Francisco). *Obras.* 16 vol.
- ARCHIAC (D'). *Introducçãõ ao estudo da Paleontologia stratigraphica.*
- ATTICUS. *Cartas d' Atticus ou considerações sobre a religiãõ catholica e o Protestantismo por um Inglez protestante.*
Paris, na redacçãõ do *Memorial catholico.*
- AGOSTINHO (S.). *Obras Completas.*
- AZEVEDO Manuel. *De Sanctissimi Domini nostri Benedicti Papae XIV, olim Prosperi Card. de Lambertinis, etc., doctrina de Servorum Dei beatificatione et de Beatorum canonizatione in synopsim redacta.* 2 vol.
- BABBAGE (Cl.). *The Ninth Bridgewater Treatise.* London,
John Murray, Albermade Street.
- BAILLY. *Tractado de Astronomia indiana e oriental.*

- BALFOUR-STEWART. *A conservação da energia.*
- BARONIO. *Annaes da Igreja.*
- BARRUEL (P.^o). *Helviannas ou Cartas Provinciaes.*
- BARTHÉLEMY. *Erros e mentiras historicas.*
- BASTIAT. *O Socialismo.*
- BAUDRAND (P.^o). *Obras completas.* 2 vol. in-4, Migne.
- BAUDRAND (P.^o). *Diccionario das Missões.* 2 vol. in-4, Migne.
- BAUDRAND (P.^o). *Diccionario da Hagiographia.* 2 vol. in-4, Migne.
- BELGRAND. *A Bacia parisiense nas edades prehistoricas.*
- BELLUCI. *Ricerche d'antropologia preistorica nella valle Vibrata nei Abruzzi Terra mari.* (*Archivos d'Antropologia e d'Ethnologia.*) Bolonha, Capellini.
- BENEDEN (M.-P.-J. Van.). *Os Comensaes e os Parasitas no reino animal.*
- BENNUZZI (Isidoro). *A Divina Revelação e a Geologia.* Parma, 1869.
- BERGIER. *Diccionario de Theologia.*
- BERNAYS (Alberto). *The science of home life.*
- BERTHELOT. *Synthese chymica.* Paris, Germer-Bailliére.
- BERNSTEIN. *Os Sentidos.* Paris, Germer-Bailliére.
- BERTRAND (abbade). *Diccionario das Religiões.*
- BEUDANT. *Geologia.*
- BIOT. *Miscellanea Scientifica.*
- BLASEMA. *O Som e a musica.* Paris, Germer-Bailliére.
- BONNETTY. *Manual das obras e Instituições religiosas e caritativas de Paris.* Poussielgue.
- BONNETTY. *Relações dos Romanos e dos Judeus,* 4 vol. in-8.^o
- BONNETTY. *Annaes de philosophia christã.*
- BOSSUET. *Obras.*
- BOUCHER DE PERTHES. *Antiguidades celticas.*
- BOUILLIER (Francisco). *Do Prazer e da Dor.* Paris, Germer-Bailliére.
- BOURLOT. *Historia do Homem prehistorico.*
- BOUTILLIS (Luiz). *Exposto summario e metho dico dos prin*

- cipios geraes da geologia*. Rouen, impr. de Leão Deshays e Comp.^a
- BROCA. *Estudo sobre o hybridismo animal e humano*.
- BROUGHAM (Henrique, lord). *Tracts mathematical*. Richard Griffin, London and Glasgow.
- BUCHNER (Luiz). *O Homem segundo a sciencia*.
- BURMEISTER. *Historia da Creação*.
- CALMET (Dom). *Diccionario da Biblia*. 4 vol. in-4.º, Migne.
- CALMET (Dom). *Diccionario das Harmonias da Razão e da Fé*. 1 vol. in-4.º, Migne.
- CARO (E.). *O Materialismo e a Sciencia*. Paris, Hachette.
- CAUCHY. *Sete Licções de physica geral*.
- CAUSSETTE (P.º). *O Bom Senso da Fé*. 2 vol., Paris, Victor Palmé.
- CHABAS. *Estudo sobre a antiguidade historica segundo as fontes egypcias e os monumentos reputados historicos*.
- CHATEAUBRIAND. *Obras*.
- CHEVALIER. *Diccionario das alterações e falsificações*.
- CHEVALIER (abbade). *Narrativas evangelicas. Exame critico da ordem chronologia e synoptica dos factos*. Paris, Martin e Audier, rua do Cherche-Midi, 87.
- CHEZEAU (João P. L.). *Notas a Daniel*. Segunda parte astronomica. Lausanne, 1777.
- CHOGER (abbade). *A Genese do Globo terrestre segundo as tradições antigas e as descobertas da Sciencia moderna*. Paris, Lethielleux.
- CONSTANTIN JAMES. *Do Darwinismo ou o homem-simio*. Paris, Plon.
- COMTE (Augusto). *Philosophia positiva*.
- CORNELIO A LAPIDE. *Commentarios á Santa Escriptura*. 2 vol.
- CORNOLDI (abbade). *Estudo sobre o estado sobrenatural*. Rouen, Fleury, editor.
- COYTEUX. *Estudos sobre a physiologia*. Masson.

- CUVIER. *Discussão sobre as revoluções do globo.*
- DALLY. *Do logar do homem em a natureza.*
- DANIEL (P.^o). *Os Estudos classicos na sociedade christã.* Paris, Douniol.
- DARRAS. *Historia da Egreja.*
- DARWIN. *A descendência do homem e a Selecção natural.*
- DAUBRÉE. *Informação sobre os progressos da geologia experimental.*
- DESCHAMPS (M.-H.). *Estudos das raças humanas.* Paris, Leibes e Cormelin.
- DES CLOISEAUX. *Manual de Mineralogia.* 2 vol. Paris, Dunod.
- DESDOITS. *O Homem e a Creação ou theoria das causas finaes no universo.* Paris, Jacques Lecoffre.
- DESDOITS. *Saraus de Montlhery.* 3.^a edição.
- DOISY. *Diccionario de economia charitativa.* 4 vol. in-4 Paris, Migne.
- DOUBLET (abbade). *Os Psalmos.*
- DRAPER. *A Sciencia e a Religião.*
- DRAPER. *Os conflictos da Sciencia e da Religião.* Paris, Germer-Baillièrè.
- DU BOIS REYMOND. *Os limites da phylosophia natural.*
- DUCLLOT. *Sancta Biblia vingada.* 3 vol. in-8, Paris e Lyão, Pelagaud.
- DUMONT. (L.-A.). *Hœckel e a theoria da evolução na Alemanha.*
- DUPONT. (E.). *O Homem durante as edades da pedra.*
- EISENLOHR. *Discurso de Ramsès a seu povo.*
- ELIAS MERIE. *A Queda original e a responsabilidade humana.*
- EMERY. *Obras completas.* Migne.
- ENVIEU (abbade FAVRE D'). *As origens da terra e do homem.* Paris, Périssè.
- EVANS (Jonh). *The ancient stone implement.*
- FAIVRE (Ernesto). *A Variabilidade das especies e seus limites.* Genebra, Boilleu.

- FELIX (P.^o). *Conferencias de Nossa Senhora de Paris.*
- FELLER (DE). *Biographia universal.*
- FEUERBACH. *Liberdade de pensar.*
- FLOURENS. *Longevidade da vida.*
- FLOURENS. *Ontologia natural.*
- FIGUIER (Luiz). *Exposição e historia das principaes descobertas scientificas e modernas.* 4. vol., Victor Masson.
- FIGUIER. *As raças humanas.* Hachette.
- FOLYE. *Do Principe e do Fim do mundo.*
- FURCHS. *Os Vulcões e os Tremores de terra.* Paris, Germer-Bailliére.
- GAINET (abbade). *Accordo da Biblia e da geologia.*
- GAINET (abbade). *A Biblia sem a Biblia.*
- GAUBIL (P.^o). *Historia da Astronomia chinesa.*
- GAUME (Mgr). *Obras.*
- GAVARET. *Os phenomenos physicos da vida. L' Uomo preistorico.*
- GLAIRE. (abbade). *Livros Sanctos vingados.*
- GODWIN. (C.-W.) *Cosmogonia de Moysés.*
- GOGUET (Presidente). *Da Origem das Leis, das Artes, das Sciencias, e de seus progressos entre os povos antigos.*
- GORINI (abbade). *A defeza da Egreja contra os erros historicos dos Srs. Guizot, Agostinho e Amadeu Thierry, Michelet, Ampere, Quinet, Fauriel, etc.* 3 vol. in-8, Lyão, Girard e Jossierand, 1859.
- GUANOFF. *Discurso sobre o estudo fundamental das linguas.*
- GOUGENOT DES MOUSSEAUX. *Os Medius e os meios da magia, etc.* Plon.
- GOUGENOT DES MOUSSEAUX. *A Magia no XIX^o seculo.* Paris, Henrique Plon.
- GUÉRIN (abbade). *Astronomia indiana.* Impressa com auctorisação do rei, imprensa real, 1827.
- GUIZOT. *Meditações sobre o estado actual da Religião christã.* 2 vol. Paris, Michel Levy.

- HAMY. *Estudos sobre Paleontologia.*
- HENDERSON (Reu. U.). *An Essay on the Identity of the scene of man's Creation, Fall, and Redemption.* London, Thomas Richardson and son.
- HEW (Osvald). *Mundo primitivo.*
- HIRN. *Consequencias philosophicas e metaphysicas da thermodynamica.*
- HOCHSTETTER. *Archivos de anthropologia.*
- HECKEL. *Historia da Creação nova.*
- HUMBERT. *Vista das Cordilheiras.*
- HUXLEY. *Logar do homem em a natureza.*
- INSTITUTO DOS JESUITAS. *Ragionamento.*
- JAMES FERGUSSON. *Os Monumentos megalithicos.* Paris, Haton.
- JANET (Paulo). *As causas finaes.* Germer-Bailliére.
- JERONYMO (S.). *Obras diversas.* Migne.
- JOSEPHO. *Antiguidades judaicas.*
- JULIANO (Felix). *Viagem ao paiz de Babel ou exploração atravez da Sciencia das linguas. Estudo de Philologia comparada.* Paris, Plon, editor.
- JURIEU. *Apologia pela Reforma da fé.* 38.^a edição.
- KEAST (Lord Jonh). *The Peninsula of Sinai.* The leisure hour, anno de 1870.
- LAMBERT (abbade). *O diluvio mosaico.* Victor Palmé.
- LAMBERTO CAPPANERA. *Elettricità e Magnetismo di Fleming Jenkin.* Firenze col tipi de M. Cellini.
- LAPLACE. *Exposição do systema do mundo.*
- LAVELEYE (E. DE). *Das Formas do governo.* Paris, Germer-Bailliére.
- LAURENCE. *Scientific Researches.*
- LECKI. *Historia do Racionalismo.*
- LECONTE (abbade). *O Darwinismo e a origem do homem.*
- LEHIR (abbade). *Estudos biblicos. O Livro de Job.* Paris, Jouby e Ro.
- LE HON. *O homem fossil na Europa, sua industria, seus costumes, suas obras d'arte.* Bruxellas, 1868.

- LENOIR (abbade). *Diccionario dos Direitos da razão na fé.*
- L'ÉPINOIS (HENRIQUE DE). *A Questão de Galileia, os factos e suas consequencias.* Paris, Victor Palmé.
- LEROUGE (abbade). *As Testemunhas do Senhor.* Paris, Waille, rua Cassette.
- LESUEUR. *Chronologia dos reis do Egypto.*
- LEVERRIER. *Harmonica dos mundos.*
- LITTRÉ. *Philosophia positiva.*
- LLYOD. *Papers of physical science.*
- LUBBOCK (Jonh). *Prehistoric times.*
- LUPUS (abbade). *O Tradicionalismo e o Racionalismo examinados no ponto de vista da philosophia e da doutrina christã.*
- LUYS. *O Cerebro e suas funcções.* Paris, Germer-Bailliére.
- LYELL (Charlos). *As evidencias geologicas da antiguidade do homem.*
- MAC-CARTHY (P.^o). *Sermões.* 4 vol. Paris e Lyão, Pelagaud e C.^a.
- MAISTRE (J. DE). *Obras.*
- MALTHUS. *A População.*
- MAREY. *A Machina animal.* Paris, Germer-Bailliére.
- MAREY. *Do Movimento das funcções da vida.*
- MARIN DE CARRAMBAIS (E.). *Estudos sobre as Origens no ponto de vista comparativo do estado actual da Sciencia e da narração cosmogonica de Moysés.*
- MARTIN (Aimé). *Educação das mulheres.*
- MARTIN (H.). *As Sciencias e a Philosophia.*
- MARTIN (H.). *Ensaio de critica religiosa.*
- MARTIN (H.). *A vida futura segundo a Fé e segundo a Razão.* Paris, Dezobry.
- MARTIGNY. *Antiguidades christãs.*
- MAUDREY. *O Crime e a Loucura.* Paris, Germer-Bailliére.
- MAUPIED (abbade). *O Diluvio mosaico.*
- MAURY (Alfredo). *A Terra e o Homem.*
- MEIGNAN (Mgr.). *O Mundo e o Homem primitivo.*
- MERZ. *Thesaurus biblicus, hoc est Dicta, sententiae, et exem-*

- plu ex SS. Bibliis collecta, etc. Venetiis, Nicolaus Pezzano,*
1 vol. in-4.º
- MERZ. *Summa aurea de Beatæ Mariæ Virginis laudibus.*
12 vol. in-4.º, Migne.
- MEUNIER STANISLAS. *Geologia dos arredores de Paris.* J.
B., Baillièrre.
- MIVART (St-Georges). *Genesis of Species.* In-18.º, Macmil-
lan e C.ª, 1871.
- MOLESCHOTT. *Curso de Philosophia,* professado em Tu-
rin.
- MOLESCHOTT. *A Circulação da vida.*
- MONSABRÉ (P.º). *Exposição do dogma catholico. Conferen-
cias de N. Senhora de Paris.* 5 vol. Eduardo Balten-
weck, Paris.
- MOTAIS (abbade). *Sulomão e c Ecclesiastes.*
- MORTILLET. *Passeios ao museu de S. Germano. Materiaes
para servir á historia do homem.*
- MULLER (J.). *Physiologia do homem.*
- MULLER (J.). *Das causas da coloração da pelle e das diffe-
renças na forma do craneo no ponto de vista da unidade
do genero humano.*
- NAPOLEÃO I.º. *Memorial de Santa Helena.*
- NICOLAS. *A Razão e o Evangelho seguida de Considera-
ções sobre as Universidades catholicas.* Paris, Poussièl-
gue.
- NICOLAS. *Estudos phylosophicos sobre o Chistianismo.* 4
vol.
- NICOLAS. *A Arte de crer.* 2 vol.
- NICOLAS. *A Virgem Maria e o plano divino.* 4 vol.
- OBRY (J.-B.-P.). *Do Berço da especie humana segundo os
Indios, os Perças e os Hebreus.* Amiens, viuva Hersent,
1858.
- ONIMUS. *Da Theoria dinamica do calor nas sciencias bio-
logicas,* 1866.
- OSBURN (W.). *Historia monumental do Egypto.*

- PAPLORE (abbade). *Manual das Obras e Instituições religiosas e caritativas*, 1877, Paris, imp. nacional.
- PASCAL (P.). *Conferencias de Marselha*. Quaresma, 1878.
- PASSY (Frederico). *Os Principios da população*.
- PERNY (P.^o Paulo). *Appendice ao Diccionario francez. Livros Chinezes da lingua mandarina falada*. Paris, 1872.
- PERRONE (P.^o). *Prælectiones theologicæ*. 2 vol. in-4.^o, Paris, Migne.
- PETTIGREN. *A Locomoção nos animaes.*
- PLAGE CH. (abbade). *Jesus Christo, sua divindade, seu character, sua obra e seu coração*. (Conferencias). Paris, Durand e Pedone-Lauriel.
- PIANCIANI (GIOVAN-BATTISTA). *Cosmogonia naturale comparata col Genesi*.
- PIAZZI SMYTH. *On the Antiquity of intellectual man from a practical and astronomical point of view*. Edimbourg, Edmonston and Douglas, 1868, peq. in-18.
- PIAZZI SMYTH. *Life and work at the great Pyramid, during the months of january, february, mars hand april*. 1868, 3 vol. in-8.
- POCHON (abbade). *Origem dos fosseis ou dos continentes ou nova theoria da terra*.
- PONTÉCOULANT (conde). *Theoria analytica do systema do mundo*.
- POUCHET. *Pluralidade das raças humanas*.
- PRESSY (Mgr.) *Obras completas*. 2 vol. in-4, Migne.
- QUATREFAGES (de). *Charlos Darwin e seus precursores francezes*.
- QUATREFAGES (de). *Unidade da especie humana*.
- QUATREFAGES (de). *Os Polynesios e suas migrações successivas*.
- QUÉTELET (Ad.). *Antropometria ou medida das differentes faculdades*. Bruxellas Muquardt, etc.
- RARA (abbade). *Razão e Revelação*. Douai, imprensa catholica de L. Dechriste.
- RAZY (E). *O Livro da Charidade*. Roger e Chernoviz.

- RELATORIOS. *Academia das sciencias de Paris.*
- RELATORIOS. *Associação Britannica, etc.*
- RELATORIOS. *Sociedades sabias estrangeiras.*
- REÜSCH. *Biblia da natureza.*
- ROBIN. *Anatomia microscopica.*
- ROHRBACHER. *Historia da Egreja.*
- ROSSEW SAINT-HILARE. *Historia da Hespanha.*
- ROSSI (Miguel de). *Revista de um opusculo do architecto espiritista Aubert. Roma e as inundações do Tibre no duplo ponto de vista historico e geologico.*
- ROUGÉ (de). *Noticia summaria sobre os monumentos do Egypto.*
- ROUEMONT (de). *A Edade de bronze ou os Semitas no Occidente.* Germer-Bailliére.
- SANSÃO (André). *Zootechnia.*
- SAUVAGE. *Os Peixes fosseis.*
- SCHUTZENBERGER. *A Fermentação.*
- SCHUTZENBERGER. *As Fermentações.* Paris, Germer-Bailliére.
- SCHMIDT. *Descendencia e Darwinismo.*
- SCHMIDT. *Relação entre a Escripura sancta e a Geologia.*
- SCHEBEL. *Da Universalidade do diluio.* Pascal Duprat, Paris.
- SECCHI (P.^o). *Unidade das forças physicas.*
- SECONDO FRANCO (P.^o). *Risposte popolari alle Obbiezioni piu communi contra la Religione.* Roma, col tipi della Civiltà Cattolica.
- SERRES (Marcel de) *Cosmogonia de Moysés.*
- SIMONIN. *A Vida subterranea.*
- SORIGNET. (abbade). *A Cosmogonia da Biblia em face das Sciencias aperfeioadas, ou a Revelação primitiva demonstrada pelo accordo seguido dos factos cosmogonicos com os principios da Sciencia geral.*
- SOUTHALL (C. James). *A Origem recente do Homem posta em evidencia pela Geologia e a Sciencia moderna da archeologia prehistorica.* Gr. in-8, Philadelphia, J. B.

Lippincott e Comp.^a, London, Trubner e Comp.^a, anno de 1875.

SPENCER (Herbert). *Os Primeiros principios.*

SPENCER (Herbert). *Principios de psychologia.*

STUART MILL. *Augusto Comte e o positivismo.*

STUG. *Geologia e Biblia.*

TAIT ET BALFOUR-STEWART. *The Unseen Universe, or physical speculation on a futur state.* (O Universo invisivel, ou especulação physica sobre um estado futuro.)

TERTULLIANO. *Obras diversas.* Migne.

THEREZA (SANTA). *Obras completas.* 2 vol. in-4.

TRÉMAUX. *Origem do homem e dos outros seres.*

TRESTRAM (H.-B.). *The Natural History of Bible.*

TRIMMES JOSHUA. *Geologia practica e Mineralogia.*

TURQUAIS (abbade). *Magnificencias da Eucharistia.* Paris, Hevert, Vermot successor.

TYNDALL. *Discursos diversos.* O Som. O Calor. As geleiras e as transformações da agua.

VALROGER (P.^o de). *A Edade do mundo e o homem segundo a Biblia e a Egreja*

VALROGER (P.^o de). *Da Chronologia biblica. Tempos primitivos, na Revista das questões historicas.*

VATEL. *Estudos sobre a America e sua população pelo antigo continente.*

VEZIAN. *Prodromos de Geologia.*

VIGOUROUX (abbade). *A Biblia e as modernas descobertas no Egypto e na Assyria.* 2 vol. Paris, Berche e Tralin.

VOLNEY. *Viagem.*

VOGEL. *A Photographia e a chymica da luz.* Paris, Germer-Bailliére.

VOGT (Karl). *Cartas physiologicas.*

WALWORTH. *Ensaio e discursos sobre a authenticidade e veracidade das narrações Liblicas.*

WATERKEYN (H.-B.). *A Sciencia e a Fé sobre a obra da Creação ou Theorias geologicas e cosmogonicas, compara-*

das com a doutrina dos Padres da Igreja sobre a obra dos seis dias.

WHERVELL (William). *Historia das sciencias inductivas desde os tempos os mais recuados até nossos dias.* 3 vol.

WISEMAN (cardeal.) *Discurso sobre as relações entre a Sciencia e a Religião.* 2 vol.

WITHENEY. *Vida da linguagem.*

ZELLER. *Um Imperador, e um Papa na idade media.*

ZOLLMANN (Th.). *Biblia e Natureza. Harmonia da Sciencia e da Fé.*

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO I

Dedicatoria	v
Breve do Sancto Padre Leão XIII	XI
Prologo	XVII

LIVRO I

DA FÉ

Capitulo I. O symbolo da fé, dogmas, moral e preces	3
Capitulo II. A fé é necessaria	19
Capitulo III. A fé é rara	31
Capitulo IV. Causas communs ou geraes da perda da fé. <i>O espirito pagão.</i>	49
Capitulo V. Causas communs e geraes da perda da fé. <i>O espirito revolucionario</i>	103
Capitulo VI. Causas individuaes da perda da fé. <i>O peccado a sangue frio.</i> <i>Violação da lei do Domingo.</i>	115
<i>Sanctificação do Domingo</i>	131
<i>Venda por pesos falsos ou medida falsa, alteração ou falsificação das substancias alimentarias, medicas e commerciaes.</i>	157
<i>Esquecimento das leis da abstinencia e do jejum</i>	162
<i>Lucros illicitos, realisados pelos criados á custa dos amos</i>	163
<i>Violação das leis que devem presidir á união do homem e da mulher</i>	170
Capitulo VII. A Fé subjectiva, a adhesão da intelligencia ás luzes da revelação é eminentemente razoavel	184

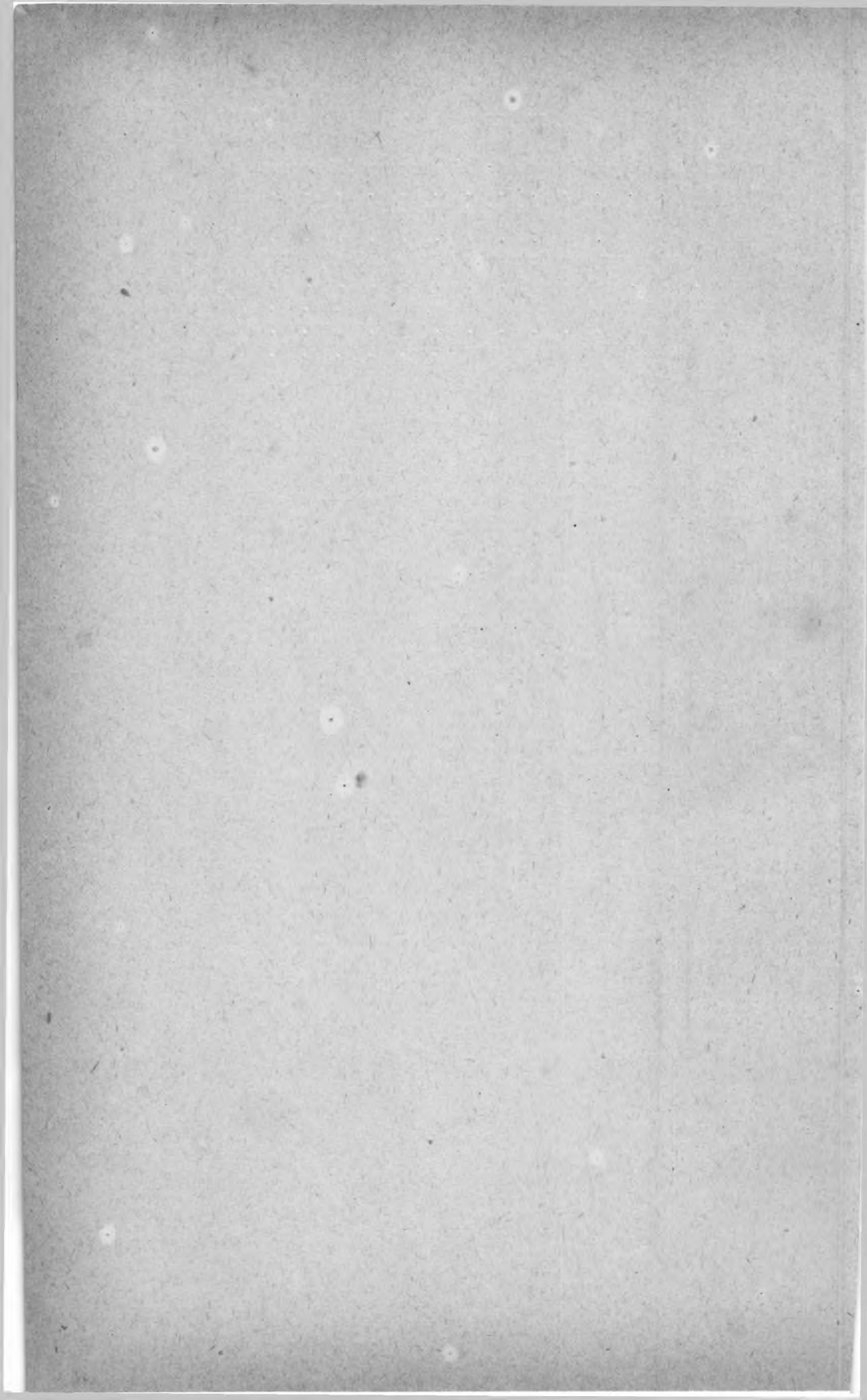
APPENDICE A

Os classicos pagãos e os Auctores christãos	1
Da funesta influencia dos escriptos de Homero sobre o espirito dos jovens, segundo Platão, dialogo extrahido do segundo livro da Republica	27

APPENDICE B

Principaes decisões dogmaticas da Sancta Sé sob a forma de: Breves, Encyclicas, Constituições Apostolicas, Decretos dos Concilios ou das Congregações Romanas, desde 1789 até hoje	35
Breve de Pio vi condemnando a Constituição civil do Clero	36
Encyclica de Gregorio xvi.	46
Outra do mesmo Papa, condemnando as «Palavras de um Crente» de La Mennais	60
As deoito proposições, propostas á assignatura dos Hermesios	65
Ultima declaração assignada pelo sr. Bautain	60
Proposições condemnadas pela Congregação do Index nos tractados de Ubaghs	72
Decreto de S. Sanctidade Gregorio xvi, condemnando o livro de Francisco Porti «Cartas sobre a direcção dos Estudos»	73
Encyclica do Sancto Padre Pio ix, enumerando os erros inventados contra a revelação	77
Breve do mesmo Papa, condemnando o Hermesianismo	84
Outra Encyclica do mesmo Papa	86
Proposições condemnando o racionalismo	94
Quinze proposições do abbade de Branchereau, expondo o ontologismo, e condemnadas em Roma	95
Letras apostolicas de S. Sanctidade Pio ix, indicando os principaes erros do abbade Gunther	97
Outra Encyclica do Papa Pio ix	100
Syllabus	107
Decretos do Concilio do Vaticano	117
Capitulo i. <i>Do Creator de todas as cousas</i>	117
Capitulo ii. <i>Da Revelação</i>	117
Capitulo iii. <i>Da Fé</i>	119
Capitulo iv. <i>Da Fé e da Razão</i>	122
Canones	125
Primeira Constituição Dogmatica sobre a Egreja	128

Capitulo i. <i>Da instituição do Primado Apostolicò na pessoa do bemaventurado Pedro</i>	128
Capitulo ii. <i>Da perpetuidade do Primado de Pedro nos Pontífices Romanos</i>	129
Capitulo iii. <i>Da Natureza e do Character do Primado do Pontífice Romano</i>	130
Capitulo iv. <i>Do Magisterio infallivel do Soberano Pontífice</i>	133
Regras de Fé Orthodoxa	136
Indice dos Auctores citados e para consultar	143



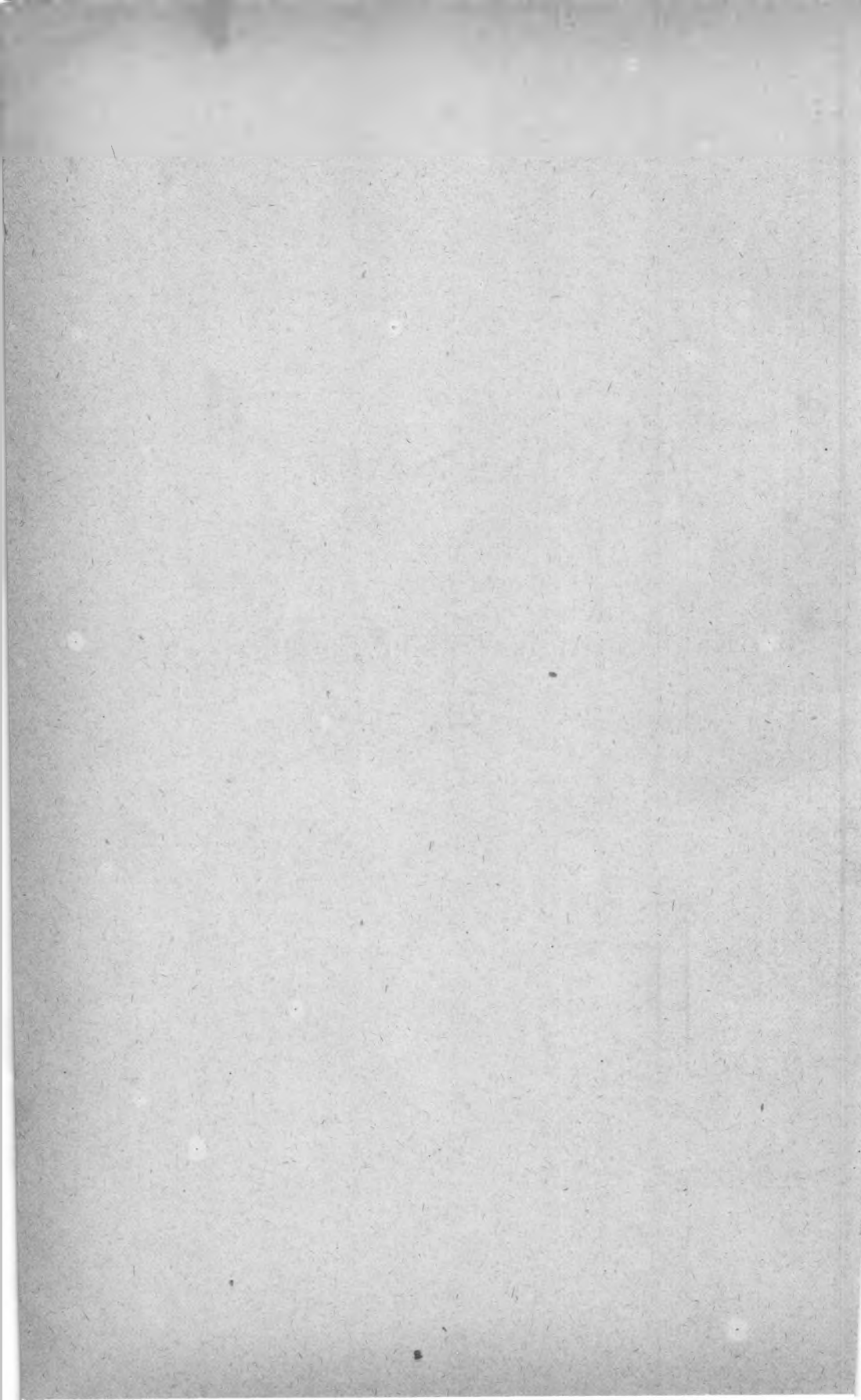
ERRATAS

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LE	LEIA-SE
40	35	titulo	tributo
41	13	extraordinario	extraordinario
41	25	archiepiscopal	archiepiscopal
43	4	expirito	espirito
43	32	pois,	pois
44	1	justo,	justo
46	26	o	e
52	17	o	e
58	24	curiosa	curioso
61	34	Faltaste	Faltastes
70	19	lhe	lhes
72	26	E	E'
79	13	immortalidade	immutabilidade
89	23	rigorosa	vigorosa
90	16	E	E'
90	32	França	França
94	20	retrogradar	retrogradar
111	32	á Egreja	a Egreja
120	36	que	que tendo
121	18	as	os
128	32	em	sem
140	21	E	E'
161	23	ladraões	ladroes
172	24	da	de
202	4	foi	fui
209	19	gorioso	glorioso

APPENDICE

7	7	nottavelmente	notavelmente
7	32	Lucas	Eneas
53	4	que que	que
70	25	por M.	pelo sr.
70	27	A M.	Ao sr.
93	6	duvidar	duvidar de
127	19	seja,	seja
133	11	tem	e tem

Digne se o illustrado leitor desculpar estas, e supprir as outras.



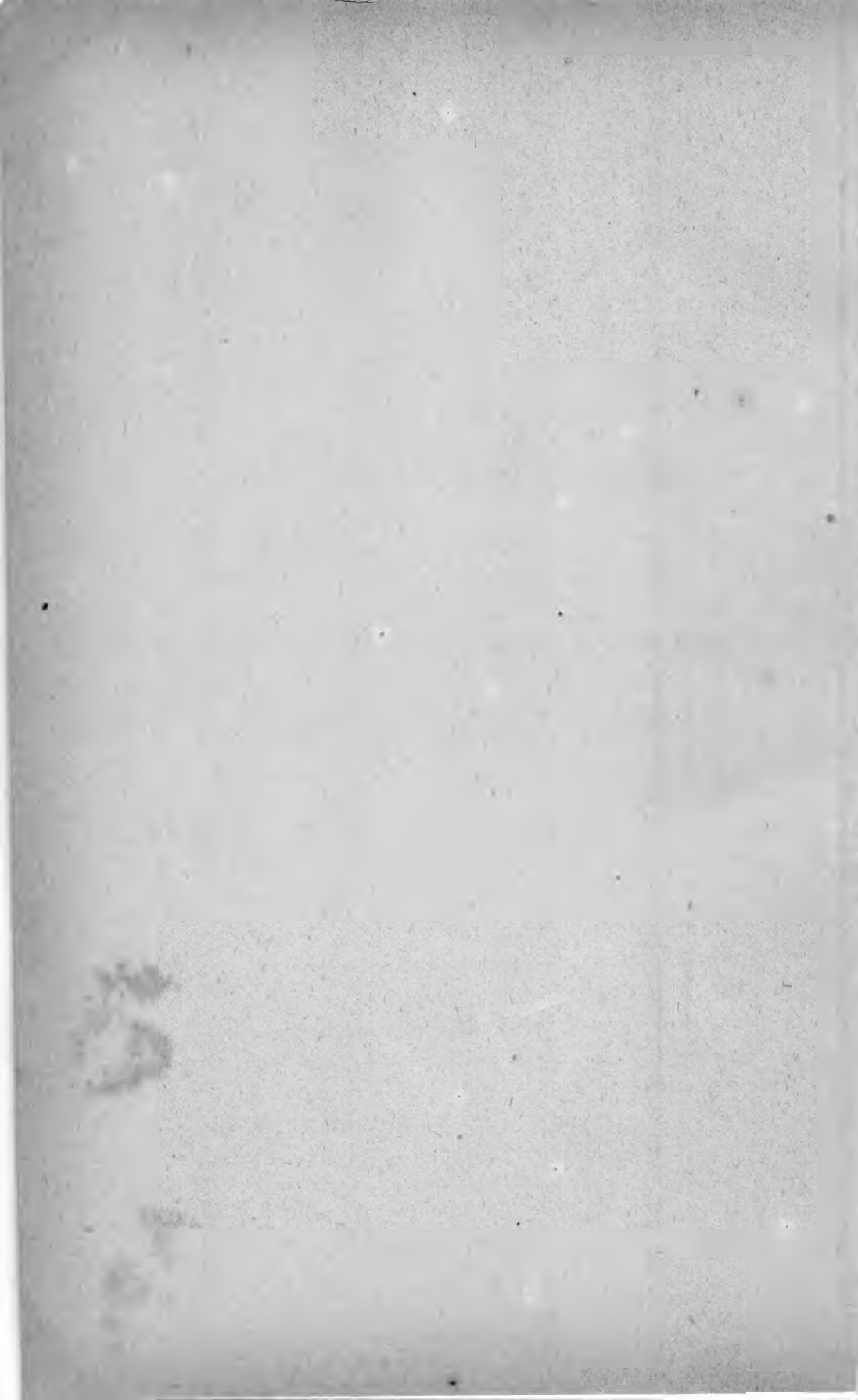
PROVISÃO

DO

EM.^{MO} E REV.^{MO} SNR.

D. AMERICO, CARDEAL-BISPO DO PORTO

CONCEDIDA A ESTA IMPORTANTE OBRA



D. Americo, Cardeal Presbytero da Santa, Egreja de Roma, Ferrreira dos Santos Silva, do titulo dos SS. Quatro Coroados, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Porto etc.

Aos que esta Nossa Provizão virem Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador.

Fazemos saber que por parte de Antonio Dourado, Editor n'esta cidade do Porto, Nos foi representado, que propondo-se publicar a obra intitulada = Os Esplendores da Fé = do Reverendo Conego Moigno, vertida em portuguez pelo Reverendo Francisco Manoel Vaz; e desejando que ella fosse adquirida e lida com toda a confiança pelos Fieis, Nos pedia lhe concedessemos Nossa auctorização e approvação. Attendendo Nós a esta petição; considerando que o auctor da mencionada obra a faz preceder de uma Carta Pontificia, em que o Santo Padre Leão XIII a louva tanto pela proficiencia com que está laborada, como principalmente pelo momentoso fim a que se dirige, qual o de conciliar no homem os dogmas da Fé com os dictames da Razão, e mostrar-lhe a harmonia da verdade entre a Revelação e a Sciencia; devendo Nós, pois, abstermo-Nos de emitir juizo sugeito a erro perante outro o mais auctorizado e sempre certo em assumpto de doutrina, limitamo-Nos, como Nos cumpre, a dar conhecimento da citada obra aos Fieis d'esta diocese, e muito especialmente ao

seu illustrado clero, recommendando-a a uns e a outros para com a leitura d'ella tornar mais e mais firme a sua adhesão ás verdades da nossa Religião, vendo quanto com ellas são em tudo conformes as outras da ordem natural.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso signal e sello aos 5 de Setembro de 1889.

Americo, Cardeal Bispo do Porto.

Registada no Livro competente. Porto e Paço
Episcopal 5 de Setembro de 1889.

Joaquim de Carvalho Moreira Pinto